

Yorubá - Raizes de um Povo

O início das nossas crenças.

Conteúdo

1 Mitologia	1
1.1 Mitologia iorubá	1
1.1.1 Mito da criação	1
1.1.2 Principais orixás	1
1.1.3 No Brasil	2
1.1.4 Referências	2
1.1.5 Bibliografia	2
1.1.6 Ver também	2
1.1.7 Ligações externas	3
2 Exu(Bará)	4
2.1 Exu (orixá)	4
2.1.1 História	4
2.1.2 Brasil	5
2.1.3 Arquétipos	5
2.1.4 Algumas Considerações	5
2.1.5 Tipo de Exus	6
2.1.6 Cuba	6
2.1.7 Haiti	7
2.1.8 Arte	7
2.1.9 Referências	8
2.1.10 Leitura adicional	8
2.1.11 Ligações externas	8
2.2 Oxalá no Batuque	8
2.2.1 História	9
2.2.2 Crenças	10
2.2.3 Orixás	10
2.2.4 Templos	17
2.2.5 Rituais	18
2.2.6 Egun	18
2.2.7 Sacerdócio	19
2.2.8 Outra definição	19
2.2.9 Referências	19

2.2.10	Bibliografia	20	
2.2.11	Ligações externas	20	
2.3	Exu de Umbanda	20	
2.3.1	História	21	
2.3.2	Fontes	24	
2.3.3	Referências	25	
3	Ogum		26
3.1	Ogum	26	
3.1.1	Etimologia	26	
3.1.2	Família	26	
3.1.3	Arquétipo	26	
3.1.4	Aspecto	27	
3.1.5	Diferentes mitologias	27	
3.1.6	Ver também	28	
3.1.7	Referências	28	
3.1.8	Bibliografia	28	
3.1.9	Ligações externas	28	
3.2	Oxalá no Batuque	28	
3.2.1	História	28	
3.2.2	Crenças	29	
3.2.3	Orixás	30	
3.2.4	Templos	37	
3.2.5	Rituais	37	
3.2.6	Egun	38	
3.2.7	Sacerdócio	38	
3.2.8	Outra definição	39	
3.2.9	Referências	39	
3.2.10	Bibliografia	39	
3.2.11	Ligações externas	39	
3.3	Ogum na Umbanda	39	
3.3.1	Características	39	
3.3.2	Referências	40	
3.3.3	Bibliografia	40	
4	Iansã(Oyá)		41
4.1	Oyá	41	
4.1.1	Brasil	41	
4.1.2	Arquétipo	41	
4.1.3	Cuba	42	
4.1.4	Haiti	42	
4.1.5	Referências	42	

4.1.6	Ligações externas	42
4.2	Oxalá no Batuque	42
4.2.1	História	42
4.2.2	Crenças	43
4.2.3	Orixás	43
4.2.4	Templos	51
4.2.5	Rituais	51
4.2.6	Egun	52
4.2.7	Sacerdócio	52
4.2.8	Outra definição	52
4.2.9	Referências	53
4.2.10	Bibliografia	53
4.2.11	Ligações externas	53
4.3	Yansan na Umbanda	53
4.3.1	Mitologia	53
4.3.2	Ver também	54
4.3.3	Notas e referências	54
5	Xangô	55
5.1	Xangô	55
5.1.1	Etimologia	55
5.1.2	África	55
5.1.3	Origem	55
5.1.4	Xangô criador de Culto a Egungun	55
5.1.5	Brasil	56
5.1.6	Cuba	58
5.1.7	Referências	58
5.1.8	Ver também	58
5.1.9	Ligações externas	59
5.2	Oxalá no Batuque	59
5.2.1	História	59
5.2.2	Crenças	60
5.2.3	Orixás	60
5.2.4	Templos	67
5.2.5	Rituais	68
5.2.6	Egun	68
5.2.7	Sacerdócio	69
5.2.8	Outra definição	69
5.2.9	Referências	69
5.2.10	Bibliografia	70
5.2.11	Ligações externas	70
5.3	Xangô na Umbanda	70

5.3.1	História	70
5.3.2	Notas e referências	70

6 Oxossi(Odé)

71

6.1	Oxóssi	71
6.1.1	Etimologia	71
6.1.2	África	71
6.1.3	Brasil	72
6.1.4	Arquétipo	72
6.1.5	Qualidades de Oxóssi	74
6.1.6	Sete folhas mais usadas para Oxóssi	74
6.1.7	Sincretismo	74
6.1.8	Referências	74
6.1.9	Ver também	74
6.1.10	Ligações externas	75
6.2	Oxalá no Batuque	77
6.2.1	História	77
6.2.2	Crenças	78
6.2.3	Orixás	78
6.2.4	Templos	85
6.2.5	Rituais	86
6.2.6	Egun	86
6.2.7	Sacerdócio	87
6.2.8	Outra definição	87
6.2.9	Referências	87
6.2.10	Bibliografia	88
6.2.11	Ligações externas	88
6.3	Oxossi na Umbanda	88
6.3.1	Ritos, símbolos e oferendas	88
6.3.2	Bibliografia	88

7 Ossanha

89

7.1	Osanyin	89
7.1.1	Descrição	89
7.1.2	Brasil	89
7.1.3	Arquétipo	90
7.1.4	Referências	90
7.1.5	Ver também	91
7.1.6	Ligações externas	91
7.2	Oxalá no Batuque	91
7.2.1	História	91
7.2.2	Crenças	92

7.2.3	Orixás	93
7.2.4	Templos	100
7.2.5	Rituais	100
7.2.6	Egun	101
7.2.7	Sacerdócio	10 1
7.2.8	Outra definição	102
7.2.9	Referências	10 2
7.2.10	Bibliografia	10 2
7.2.11	Ligações externas	10 2

8 Obá

103

8.1	Obá	103
8.1.1	Lenda	103
8.1.2	Referências	10 4
8.1.3	Ligações externas	10 4
8.2	Oxalá no Batuque	104
8.2.1	História	10 5
8.2.2	Crenças	10 6
8.2.3	Orixás	106
8.2.4	Templos	113
8.2.5	Rituais	114
8.2.6	Egun	114
8.2.7	Sacerdócio	11 5
8.2.8	Outra definição	11 5
8.2.9	Referências	11 5
8.2.10	Bibliografia	11 6
8.2.11	Ligações externas	11 6

9 Xapanã

117

9.1	Xapanã	117
9.1.1	Um Itan de Xapanã	117
9.1.2	Respeito e Submissão!	117
9.1.3	Arquétipo	118
9.1.4	Ligações externas	11 8
9.2	Omolu	118
9.2.1	Etimologia	11 8
9.2.2	Mitologia	118
9.2.3	Características rituais	119
9.2.4	África	119
9.2.5	Brasil	120
9.2.6	Arquétipo	120
9.2.7	América Latina	120

9.2.8	<i>Santería</i>	120
9.2.9	Parentesco com outros Orixás	121
9.2.10	Atributos	121
9.2.11	Bibliografia	122
9.2.12	Ver também	122
9.2.13	Referências	122
9.2.14	Ligações externas	123
9.3	Oxalá no Batuque	123
9.3.1	História	123
9.3.2	Crenças	124
9.3.3	Orixás	124
9.3.4	Templos	132
9.3.5	Rituais	132
9.3.6	Egun	133
9.3.7	Sacerdócio	133
9.3.8	Outra definição	133
9.3.9	Referências	134
9.3.10	Bibliografia	134
9.3.11	Ligações externas	134
9.4	Omolu na Umbanda	134
9.5	Omolu	135
9.5.1	Etimologia	135
9.5.2	Mitologia	135
9.5.3	Características rituais	136
9.5.4	África	136
9.5.5	Brasil	137
9.5.6	Arquétipo	137
9.5.7	América Latina	137
9.5.8	<i>Santería</i>	137
9.5.9	Parentesco com outros Orixás	138
9.5.10	Atributos	138
9.5.11	Bibliografia	139
9.5.12	Ver também	139
9.5.13	Referências	139
9.5.14	Ligações externas	140
9.6	Omolu na Umbanda	140

10 Ibeji

141

10.1	Ibeji	141
10.1.1	Etimologia	141
10.1.2	África	141
10.1.3	Brasil	142

10.1.4	Ver também	14 3
10.1.5	Referências	14 3
10.1.6	Ligações externas	14 3
10.2	Oxalá no Batuque	143
10.2.1	História	14 4
10.2.2	Crenças	14 5
10.2.3	Orixás	145
10.2.4	Templos	152
10.2.5	Rituais	153
10.2.6	Egun	153
10.2.7	Sacerdócio	15 4
10.2.8	Outra definição	154
10.2.9	Referências	15 4
10.2.10	Bibliografia	15 5
10.2.11	Ligações externas	15 5
10.3	Crianças na Umbanda	155
10.3.1	História	15 5
10.3.2	Referências	15 5
11	Oxum	156
11.1	Oxum	156
11.1.1	Etimologia	15 6
11.1.2	África	156
11.1.3	Grande desavença	156
11.1.4	Brasil	157
11.1.5	Arquétipo	157
11.1.6	Qualidades de Oxum	157
11.1.7	Cuba	158
11.1.8	Haiti	159
11.1.9	Notas	159
11.1.10	Ver também	159
11.1.11	Ligações externas	15 9
11.2	Oxalá no Batuque	159
11.2.1	História	15 9
11.2.2	Crenças	16 0
11.2.3	Orixás	160
11.2.4	Templos	168
11.2.5	Rituais	168
11.2.6	Egun	169
11.2.7	Sacerdócio	16 9
11.2.8	Outra definição	169
11.2.9	Referências	17 0

11.2.10 Bibliografia	17 0	
11.2.11 Ligações externas	17 0	
11.3 Oxum na Umbanda	17 0	
12 Iemanjá		171
12.1 Iemanjá	171	
12.1.1 Nome e Epítetos	171	
12.1.2 Mito	172	
12.1.3 Culto	181	
12.1.4 Representações	184	
12.1.5 Influências	18 7	
12.1.6 Iemanjá no Novo Mundo	188	
12.1.7 Festas	18 8	
12.1.8 Angola	189	
12.1.9 Uruguai	189	
12.1.10 Cuba	190	
12.1.11 Ver também	19 0	
12.1.12 Notas	190	
12.1.13 Referências	19 0	
12.1.14 Bibliografia	19 4	
12.1.15 Ligações externas	19 5	
12.2 Oxalá no Batuque	195	
12.2.1 História	19 5	
12.2.2 Crenças	19 6	
12.2.3 Orixás	196	
12.2.4 Templos	203	
12.2.5 Rituais	204	
12.2.6 Egun	205	
12.2.7 Sacerdócio	20 5	
12.2.8 Outra definição	205	
12.2.9 Referências	20 5	
12.2.10 Bibliografia	20 6	
12.2.11 Ligações externas	20 6	
12.3 Iemanjá na Umbanda	20 6	
12.3.1 Comemorações no Brasil	206	
12.3.2 Histórias e Lendas	207	
12.3.3 Linha e Falanges	207	
12.3.4 Informações Litúrgicas	207	
12.3.5 Referências	20 7	
13 Nanã		208
13.1 Nanã Buruku	208	

13.1.1	Etimologia	208
13.1.2	África	208
13.1.3	Brasil	208
13.1.4	Características psicológicas dos filhos de santo de Nanã	209
13.1.5	Qualidades de Nanã	209
13.1.6	Características de Nanã	209
13.1.7	As lendas de Nanã	210
13.1.8	Mãe Cleusa Millet	210
13.1.9	Referências	210
13.1.10	Ver também	210
13.1.11	Outras leituras	210
13.1.12	Ligações externas	210
13.2	Nanã na Umbanda	210
14	Oxalá	211
14.1	Oxalá	211
14.1.1	Oxalá na Umbanda	211
14.1.2	Etimologia	211
14.1.3	Arquétipo	211
14.1.4	Lenda: Oxalá e o saco da criação	211
14.1.5	Lenda: A viagem de Oxalufan	212
14.1.6	África	212
14.1.7	Brasil	213
14.1.8	Referências	213
14.1.9	Ver também	213
14.1.10	Ligações externas	213
14.2	Oxalá no Batuque	213
14.2.1	História	213
14.2.2	Crenças	214
14.2.3	Orixás	215
14.2.4	Templos	222
14.2.5	Rituais	222
14.2.6	Egun	223
14.2.7	Sacerdócio	223
14.2.8	Outra definição	224
14.2.9	Referências	224
14.2.10	Bibliografia	224
14.2.11	Ligações externas	224
14.3	Oxalá na Umbanda	224
14.3.1	Descrição	224
14.3.2	Sincretismo	225

15 Orixas que não são cultuados na Nação.**226**

15.1 Logunedé	226
15.1.1 Descrição	226
15.1.2 Bibliografia	227
15.1.3 Ligações externas	227
15.2 Ayrà	227
15.2.1 História	227
15.2.2 Referências	228
15.3 Oxumarê	228
15.3.1 Etimologia	228
15.3.2 Òsùmàrè na África	228
15.3.3 Oxumarê no Brasil	229
15.3.4 Arquétipo	229
15.3.5 Duas fases de Oxumarê	230
15.3.6 Referências	230
15.3.7 Ligações externas	230
15.3.8 Referências	230
15.4 Yewá	230
15.4.1 Brasil	230
15.4.2 Arquétipo	231
15.4.3 Elementos que rege	231
15.4.4 Cuba	231
15.4.5 Referências	231
15.4.6 Ligações externas	231
15.5 Axabó	231
15.5.1 Referências	232
15.6 Iroko	232
15.6.1 História	232
15.6.2 Citações de pesquisadores	233
15.6.3 Referências	233
15.7 Egungun	233
15.7.1 África	233
15.7.2 Brasil	234
15.7.3 Referências	235
15.7.4 Bibliografia	235
15.7.5 Ligações externas	235
15.8 Iyami-Ajé	235
15.8.1 História	236
15.8.2 Iyami Agbá	236
15.8.3 Ver também	236
15.8.4 Bibliografia	236

15.8.5	Referências	23 6
15.8.6	Ligações externas	23 6
15.9	Onilé	236
15.9.1	Culto a Onilé	23 7
15.9.2	Mitologia	237
15.9.3	Referências bibliográficas	23 8
15.10	Ifá	238
15.10.1	Origens	238
15.10.2	Métodos utilizados	238
15.10.3	Oráculo	24 0
15.10.4	Odu	240
15.10.5	Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade	240
15.10.6	Na África	240
15.10.7	Na Bahia	241
15.10.8	Referências	24 1
15.10.9	Ligações externas	24 1
15.11	Orunmila	241
15.11.1	Bibliografia	24 2
15.11.2	Referências	24 2
15.11.3	Páginas externas	242
15.12	Oduduwa	242
15.12.1	África	242
15.12.2	Brasil	244
15.12.3	Referências	24 4
15.12.4	Ligações externas	24 4
15.13	Oranyan	244
15.13.1	História	24 4
15.13.2	Ligações externas	24 4
15.13.3	Referências	24 5
15.14	Baiani	245
15.14.1	Referências	24 5
15.14.2	Ligações externas	24 5
15.15	Dadá Ajaká	245
15.15.1	História	24 5
15.15.2	Ligações externas	24 5
15.16	Olokun	246
15.16.1	África	246
15.16.2	Brasil	246
15.16.3	Referências	24 6
15.16.4	Ligações externas	24 6
15.16.5	Haiti	246

15.17 Olossa	246
15.18 Oxalufan	246
15.18.1 África	247
15.18.2 Arquétipo	247
15.18.3 Referências	247
15.18.4 Bibliografia	247
15.18.5 Ver também	247
15.18.6 Ligações externas	247
15.19 Oxaguian	247
15.19.1 África	247
15.19.2 Brasil	248
15.19.3 Características	249
15.19.4 Arquétipo dos filhos de Oxaguian	249
15.19.5 Batalha dos Atoris	250
15.19.6 O Castelo de Ogum	250
15.19.7 Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguian	250
15.19.8 Referências	251
15.19.9 Ver também	251
15.19.10 Ligações externas	251
15.20 Orixá Okô	251
15.20.1 História	251
15.20.2 Referências	252
16 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças	253
16.1 Texto	253
16.2 Imagens	257
16.3 Licença	263

Capítulo 1

Mitologia

1.1 Mitologia iorubá

A **mitologia dos iorubás** engloba toda a visão de mundo e as religiões dos iorubás, tanto na África (principalmente na Nigéria e na República do Benim) quanto no Novo Mundo, onde influenciou ou deu nascimento a várias religiões, tais como a *santería* em Cuba e o candomblé e a umbanda no Brasil. A mitologia iorubá é definida por Itans de Ifá.



Representação de Elegua na Venezuela feita em concreto.

1.1.1 Mito da criação

Na mitologia iorubá, o deus supremo **Ọlorum**, chamado também de **Olodumare**. Não aceita oferendas pois tudo o que existe pode ser ofertado já lhe pertence na qualidade de criador de tudo o que existe em todos os nove espaços do Orun.

Há algumas variantes do mito da criação iorubá, mas, de uma forma geral, há três principais raízes mitológicas, que ainda diferenciam-se em detalhes, mas que mantêm uma linha central!^{[1][2]}

Em algumas, Obàtálá é o criador, não só do mundo, como também da humanidade, criando simultaneamente, no *òrun* (mundo espiritual) e no *ayé* (mundo material).

Em outras, Ọduduwà cria o mundo após Obàtálá falhar na sua missão por haver embriagado com o emu (vinho de palma), restando, a ele, o poder da criação da humanidade no *òrun* e no *ayé*.

Em outra variante, esta mais recente, é Ọrúnmilà (a divindade do oráculo Ifá) o criador da Terra, enquanto Obàtálá é o responsável pela criação da humanidade em ambos os níveis.

1.1.2 Principais orixás

Na mitologia iorubá, **Olodumare**, também chamado de **Olorum**, é o Deus supremo do povo **Iorubá**, que criou as divindades, chamadas de **orixás** no Brasil e *irunmole* na Nigéria, para representar todos os seus domínios aqui na terra, mas que não são considerados deuses e sim ancestrais divinizados após a morte.

Orixás

- **Exu**, orixá guardião dos templos, casas, cidades e das pessoas, mensageiro divino dos oráculos.
- **Ogum**, orixá do ferro, guerra, e tecnologia.
- **Oxóssi**, orixá da caça e da fartura.
- **Logunedé**, orixá jovem da caça e da pesca, filho de Oxóssi e de Oxum.
- **Xangô**, orixá da pedreira, protetor da justiça.
- **Ayrà**, usa cores brancas, tem profundas ligações com Oxalá.
- **Xapanã** (Obaluaiyê/Omolú), Orixá das doenças epidêmicas e pragas, como também da saúde e da re-vigoração.

- Oxumarê, orixá da “chuva” e do arco-íris.
- Ossaim, orixá das ervas medicinais e seus segredos curativos.
- Oyá ou Iansã, orixá feminino dos ventos, relâmpagos, tempestade, trovão e do Rio Niger
- Oxum, orixá feminino dos rios, cachoeira, do ouro, amor e fertilidade e particularmente do **Osun** em Osogbo.
- ~~Iemanjá ou Yemanjá, orixá feminino dos mares, mãe de todos os Orixás de srcem yorubana.~~
- Nanã, orixá feminino das águas das chuvas, dos pântanos, da lama e da morte, mãe de Obaluaiyê, Iroko, Oxumarê e Ewá, orixás de srcem daomeana.
- Yewá orixá feminino do rio Yewa, senhora da vidência, a virgem caçadora.
- Obá, orixá feminino do **Oba**, uma das esposas de Xangô juntamente com Oxum e Iansã.
- Axabó, orixá feminino da família de Xangô
- Ibeji, orixás gêmeos, protetor das crianças.
- Iroko, orixá da árvore sagrada (conhecida como gameleira branca no Brasil).
- Egungun, ancestral cultuado após a morte em Casas separadas dos Orixás.
- Iyami-Ajé, é a sacralização da figura materna.
- Onilé, orixá relacionado ao culto da terra.
- Orixá **Nlá (Oxalá)** ou **Obatalá**, o mais respeitado Orixá. Pai de todos os Orixás e dos seres humanos.
- Ifá ou **Orunmila-Ifá**, orixá da **Adivinhação** e do destino.
- **Odudua**, orixá também tido como criador do mundo, pai de **Oranian** e dos **yorubas**.
- **Oranian**, orixá filho mais novo de **Odudua**.
- **Baiani**, orixá também chamado **Dadá Ajaká**.
- **Olokun**, orixá divindade do mar.
- **Olossá**, orixá dos lagos e lagoas
- **Oxalufon**, orixá velho e sábio, que tem ligação com oxalá.
- **Oxaguian**, orixá jovem e guerreiro, que também tem ligação com oxalá.
- Orixá **Oko**, orixá da agricultura.

1.1.3 No Brasil

Os iorubás deixaram uma presença importante no Brasil, e particularmente muito significativa no estado brasileiro da Bahia:

No Brasil, já foi elaborado um organograma contemplando os principais orixás conhecidos no Brasil, e mostrando algumas de suas principais características, em “Mitologia dos Orixás” (PRANDI, 2007), “Contos e Lendas Afro-brasileiros”, “A Criação do Mundo” (PRANDI, 2007) e “Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros” (CACCIATORE, 1988)^[5]

1.1.4 Referências

- [1] Obatala e Oduduwa a Gênese Yoruba
- [2] Mito da criação-Ilê-Ifé A Origem do Mundo
- [3] http://www.novaera.blog.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=6:candomble&id=17:presenca-dos-iorubas-no-conjunto-de-influencias-africanas-no-brasil&Itemid=2
- [4] http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi13/Topoi%2013_artigo%201.pdf
- [5] http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_19990/artigo_sobre_religiosidade_africana_e_afro-brasileira:_identidade_e_srcinalidade
- Mãe Stella de Oxóssi na Academia de Letras da Bahia

1.1.5 Bibliografia

- BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil – contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971
- CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977
- LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-Brasileiro. São Paulo: Selo Negro, 2006
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- Contos e lendas afro-brasileiros – a criação do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- SILVA, W. W. da Matta e (Yapacani). Umbanda do Brasil. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969

1.1.6 Ver também

- Língua iorubá

1.1.7 Ligações externas

-
- [Traditional Yoruba Religion](#)(em inglês)
- [Monotheism in Traditional Yoruba Religion](#) (em inglês)
- [Olodumare](#) (em inglês)
- [Encarta Africana](#)(em inglês)
- [Orixás](#) (em português)
- [Folhas Yorúbà](#)(em português)
- [Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorùbá,de Odùduwà a Sàngó](#) (em português)
- [Mitos Yorùbá](#)(em português)

Capítulo 2

Exu(Bará)

2.1 Exu (orixá)

Exu é um orixá africano, também conhecido como **Esu**, **Eshu**, **Bará**, **Ibarabo**, **Legbá**, **Elegbara**, **Eleggua**, **Akésan**, **Igèlù**, **Yangí**, **Ōnan**, **Lállú**, **Tiriri**, **Ijèlú**. Algumas cidades onde se cultua o Exu são: **Ondo**, **Ilesa**, **Ijebu**, **Abeokuta**, **Ekiti** e **Lagos**.

2.1.1 História

Dia: Segunda-feira

Cores: Preto (ou, a fusão das cores primárias) e vermelho.

Símbolos: Ogô de forma fálica, falo erecto.

Elementos: Terra e fogo.

Domínios: Sexo, magia, união, poder, e transformação.

Exu é o orixá da comunicação, da paciência, da ordem da disciplina. É o guardião das aldeias, cidades, casas e do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano. A palavra **Èsù**, em iorubá, significa 'esfera', e, na verdade, Exu é o orixá do movimento. Ele é quem deve receber as oferendas em primeiro lugar a fim de assegurar que tudo corra bem e de garantir que sua função de mensageiro entre o **Orun** (o mundo espiritual) e o **Aiye** (o mundo material) seja plenamente realizada.

Na África na época da colonização europeia o Exu foi sincretizado erroneamente com o diabo cristão pelos colonizadores, devido ao seu estilo irreverente, brincalhão e à forma como é representado no culto africano. Por ser provocador, indecente, astucioso e sensual, é comumente confundido com a figura de Satanás, o que é um equívoco,

daí a esta denominação. **Èsù**, em iorubá, possui uma personificação do mal.

Mesmo porque, nessa religião, não existem diabos ou entidades encarregadas única e exclusivamente de coisas ruins, como ocorre no cristianismo, segundo o qual tudo o que acontece de errado é culpa de um único ser que foi expulso por Deus. Na mitologia yoruba, porém, assim como no candomblé, cada uma das entidades (Orixás) tem sua porção positiva e negativa assim como o próprio ser humano.

De caráter irascível, Exu se satisfaz em provocar disputas e trazer calamidades para as pessoas que estão em falta com ele. No entanto, como tudo no universo possui um modo geral dois lados, positivo e negativo, Exu também funciona de forma positiva quando é bem tratado. Daí ser Exu considerado o mais humano dos orixás, pois o seu caráter lembra o do ser humano, que é, de um modo geral, mutante em suas ações e atitudes.

Conta-se na Nigéria que Exu teria sido um dos companheiros de **Oduduà** quando da sua chegada a **Ifé** e chamava-se **Èsù Obasin**. Mais tarde, tornou-se um dos assistentes de **Orunmilá** e ainda rei de **Ketu**, sob o nome de **Èsù Alákétú**. A palavra **elegbara** significa “aquele que é possuidor do poder” (*agbara*) e está ligada à figura de Exu.

Um dos cargos de Exu na Nigéria, mais precisamente no **Oyo**, é o de **agbará**, ou seja, o mais próximo ao que se chama “chefe de uma missão”, pois este cargo tem como objetivo supervisionar as atividades do mercado do rei. Exu praticamente não possui **wós** (ou quizilas) e aceita quase tudo o que lhe oferecem.

Os yorubas cultuam Exu em um pedaço de pedra porosa chamada **Yangi**, ou fazem um montículo grotescamente modelado na forma humana com olhos, nariz e boca feita de búzios. Ou ainda representam Exu em uma estatueta enfeitada com fileiras de búzios tendo em suas mãos pequenas cabaças onde ele, Exu, carrega diversos pós de elementais da terra usados de forma bem precisa em seus trabalhos.

Exu tem a capacidade de ser o mais sutil e astuto de todos os orixás. E quando as pessoas estão em falta com ele, simplesmente provoca mal entendidos e discussões entre elas e prepara-lhes inúmeras armadilhas. Diz um oriki que: “Exu é capaz de carregar o óleo que comprou no mercado numa simples peneira sem que este óleo se derrame”.

E assim é Exu, o orixá que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. **Èsù Alákétú** possui essa denominação quando Exu, por meio de uma artimanha, conseguiu ser o rei da região, tornando-se um dos reis de **Ketu**. Sendo que as comunidades dessa nação no Brasil o reverenciam também com este nome. Todos os assentamentos de Exu possuem elementos ligados às suas atividades.

múltiplas que o fazem estar em todos os lugares: a terra, pó, a poeira vinda dos lugares onde ele atuará. Ali estão depositados como elemento de força diante dos pedidos.

2.1.2 Brasil



Escultura de Exu na Praça dos Orixás, em Brasília, no Brasil

No Brasil, no candomblé, Exu é um dos mais importantes orixás e sempre é o primeiro a receber as oferendas, as cantigas e as rezas: é saudado antes de todos os orixás, antes de qualquer cerimônia ou evento. O Exu orixá não incorpora em ninguém para dar consultas como fazem os exus de umbanda eles são assentados na entrada das casas de candomblé como guardiões, e em toda casa

de candomblé há um quarto para Exu, sempre separado dos outros orixás, onde ficam todos os assentamentos dos exus da casa e dos filhos de santo que tenham Exu assentado.

É astucioso, vaidoso, culto e dono de grande sabedoria, grande conhecedor da natureza humana e dos assuntos mundanos daí a assimilação com o diabo pelos primeiros missionários que, assustados, dele fizeram o símbolo da maldade e do ódio. Porém "... nem completamente mau, nem completamente bom ...", na visão de Pierre Verger no texto de sua autoria "Iniciação" - contido no documentário "Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia", Exu reage favoravelmente quando tratado convenientemente, identificado no jogo domerindilogun pelo odu okaran.

Exu recebe diversos nomes, de acordo com a função que exerce ou com suas qualidades: Elegbá ou Elegbará, Bará

ou Ibejá, que chegou Agbôn Omara, o Aressimadudu (jêlo o que existe), Ibarabo, Yangi, Baraketu (guardião das porteiras), Lonan (guardião dos caminhos), Iná (reverenciado na cerimônia dopadê).

A segunda-feira é o dia da semana consagrado a Exu. Suas cores são o vermelho e o preto; seu símbolo é o ogô (bastão com cabaças que representa o falo); suas contas e cores são o preto e o vermelho; as oferendas são bodes e galos, pretos de preferência, e aguardente, acompanhado de comidas feitas no azeite de dendê. Aconselha-se nunca



Sacrifício para Exu no candomblé do Ile Ase Ijino Ilu Orassi

lhe oferecer certo tipo de azeite, o Adí, por ser extraído do caroço e não da polpa do dendê e portar a violência e a cólera. Sua saudação é "Larôye!" que significa o bem falante e comunicador.

Consiste o padê em um prato de farofa amarela, acaçá, azeite-de-dendê e umaquartinha de água ou cachaça, que são "arriados" para Exu.

Na nação de angola ou candomblé de Angola, Exu recebe o nome de Aluvaiá, Pambu Njila e Legbá, no candomblé jeje.

Não deve ser confundido com a entidade Exu de Um-

basaca. Cada um de por bando são entidades de paisuais, retornaram à terra para cumprir essa missão junto ao seus seguidores. Essas entidades são confundidas com esu ou exu do candomblé devido à proximidade que Exu tem com os homens. Entretanto, não são considerados orixás como o Exu, e sim entidades espirituais em evolução. Não se deve confundi-los com quiumbas - conhecedores das vontades de homens e mulheres no plano terrestre, onde viveram em épocas diferentes, com os mesmos problemas, desejos e sonhos.

2.1.3 Arquétipos

Seus filhos são sensuais, dominadores e inteligentes. Gostam da vida cercada de barulho, muitas pessoas e romances de todo tipo. Adoram festas e não se prendem a ninguém, são muito impulsivos. Mas se amam alguém, dão sua vida se for preciso, sem pensar em nada. Gostam de ajudar e trabalhar, mas podem se tornar vingativos e extremamente cruéis.

2.1.4 Algumas Considerações

[1] "Sobre o *Orixá Exu*, além de suas atribuições mais conhecidas, embrenhamo-nos em uma de suas mais complexas e poderosas qualidades – como *O Guardião do Ase* – que, recebendo a réplica desta força neutra de *Olódi-*

maré (Fáládé, 1998, p. 494)^[2], coloca-a à disposição de todos, seja para os homens ou para o *Orixá*, confirmando que *Èyú* de mal ..., nada tem ..., mas ao contrário, apenas age com justiça.

Suas ações para com os seres humanos são altamente benéficas, auxiliaadoras e produtivas para aqueles que fazem uso adequado de seu livre-arbítrio e que, com retidão, se portam de maneira condigna para com os princípios e padrões morais e religiosos, seja em relação a si mesmo, seja em relação ao meio ambiente em que vive.

Recordando uma frase citada: "(...) Isto acontece por que algumas pessoas erroneamente possuem a convicção que Eṣu é o opositor Satanás (Fáládé, 1998, p. 493)^[3] e que, além disso, o que faz com que os sacerdotes sejam bons ou maus não é o simples fato de administrar *orixás*, e sim a forma que deliberadamente usam este *orixá*, podemos dizer que isto é uma questão humana de caráter, e nada tem a ver com o poder divino do *Orixá*. O que podemos dizer de *Èyú*, que recebeu e administra a cópia do próprio *Orixá* de *Olódumare*? *Èyú* é igualmente neutro como o próprio *Orixá*, por isso é o guardião do *Orixá*.

Como *Odùrà*, ele recebe, como *Èlégbára*, faz acontecer, e como *Òjìṣé*, conduz o retorno. Tudo isso é "*Èyú* – *Olódumare*" assim determinou." (Abimbola, 1975, p. 3)^[4] Será que ele é tão terrível e mau quanto querem dele fazer? Como ele pode ser tão temível se é tão neutro como o *Orixá*? Quando narramos o *Odù Iwori-Ofun* (Bascom, 1969, pp. 310-311)^[5], vimos que simplesmente

Èyú cumpriu seus desígnios de forma imparcial. As explicações aqui realizada efetivamente enaltecem *Èyú*, porém, cabe tecer algumas considerações sobre a absurda questão, mesmo por sincretismo, de que *Orixá Èyú* seja o diabo das religiões cristãs e/ou o mal absoluto tratado pelas religiões ocidentais, que diferem totalmente dos conceitos da religião dos *Orixás* (*Orixáismo*) (Barretti P^o, 2010)^[6], praticada na chamada *Yorubalandé* nas descendentes da diáspora.

Que fique registrado que a religião dos *Orixás*, praticada em qualquer parte do mundo, independentemente do nome regional adotado, respeita, mas não reconhece a Bíblia como uma de suas diretrizes sagradas, tampouco o Alcorão e a Torá. Para os *Orixáístas*, tratam-se apenas de livros religiosos, assim como tantos outros.

O *Orixáismo* oriundo da tradição oral, portanto ágrafa, apesar de já contar com muitos escritos, reconhece ape-

nas a "oralidade" dos *Ìṣàṇ-Odù*, os *Ìṣàṇ-Mímó-Òṣò* (histórias sagradas dos *Orixás*) como o único "livro ou fala sagrada" a serem adotadas e que também reconhece os ditames do corpo "literário" do oráculo de *Ifá*, os *Odù Ifá*, cujo governo pertence à divindade *Òrúnmìlà*, portador de imensa sabedoria e conhecido como "*Ibikẹjì Olódumare*" – a segunda pessoa de *Olódumare*".

Conceitos religiosos europeus e asiáticos não faziam parte das tradições *yorubá* antes das colonizações, nem das religiões dela descendentes na diáspora, tampouco

antes dos senhores de escravos imporem aos africanos o catolicismo, entre outras religiões.

As formas deturpadas, aculturadas e sincréticas que impuseram e continuam a se impor à religião, nos dias de hoje, foram e ainda o são, os maus frutos decorrentes do processo da escravatura nas Américas e das colonizações europeias impostas a povos africanos. (Conferir em: "Os Clérigos Nativos *Yorubá*".)

Conceitos cristãos como os de alma, céu, inferno e purgatório encontraram terreno fértil para se propagar nas já contaminadas tradições *yorubá* e de suas descendentes,

seja por missionários, seja por agentes governamentais e seja por autores pertencentes a outras culturas e/ou crenças que registraram as tradições, os costumes e religião dos *yorubá*, escritos e interpretados pela ótica do colonizador e/ou opressor. E o pior, os registros decorrentes dessas interpretações (que até hoje continuam) criaram "falsas" tradições, que se tornaram "verdades literárias inquestionáveis" e vitimam a religião *yorubá* até hoje. (Conferir em: *Dos Yorubá ao Candomblé Ketu* – Os Autores)

Um fato muito importante e que deveria ser totalmente condenável é que sempre que se estuda ou se faz pesquisa no campo das religiões comparadas, os parâmetros e os referenciais são sempre os do cristianismo, islamismo e outras religiões aplicados à religião tradicional dos *yorubá*. A recíproca, infelizmente, nunca é verdadeira, pois, se assim o fosse, teríamos inúmeras e novas variáveis a serem avaliadas, para o bem da religião tradicional *yorubá* e de suas descendentes." (Barretti P^o, 2010, pp. 132-133)^[7]

2.1.5 Tipo de Exus

- Exu na Umbanda
- Bará no Batuque
- Exu no Xambá...

2.1.6 Cuba

Em Cuba, é chamado de Elegua, Elegguá ou Eleggua. É uma das deidades da religião ioruba. Na *santería*, é sincretizado com o Santo Niño de Atocha ou com Santo Antônio de Pádua. É o porteiro de todos os caminhos, da montanha e da savana, é o primeiro dos quatro guerreiros junto a Oggun, Osun e Oshosi.

Tem 201 caminhos, suas cores são o vermelho e o preto e seus números são 3 e 7. É o comunicador e Ifá lhe deu quatro búzios para falar com ele. Ele está presente no início da vida e na hora da morte.



Assentamento de Elegguá.



Veve de Papa Legba

2.1.7 Haiti

No vodun haitiano é chamado de Papa Legba e Legbá Petró, *Maitre Carrefour* (“dono da encruzilhada”). É o intermediário entre oloa e a humanidade. Ele está em uma encruzilhada espiritual e dá (ou nega) permissão para falar com os espíritos de Guinee, e acredita-se que fale todos os idiomas humanos. Ele é sempre o primeiro e o último espírito invocado em qualquer cerimônia.

Na República Dominicana, é cultuado como Vodun Legba, e, em Trinidad e Tobago como Eshu.^[8]



Exu, por Carybé.

2.1.8 Arte

Carybé com sua vasta obra diversificada que abrange pinturas, desenhos, ilustrações, esboços, esculturas, gravuras, cerâmicas e murais sobre o Candomblé e os Orixás,



Orixá da sexualidade segurando o seu Ogô, por:Santero

representou Exu de várias formas de pintura e no Mural dos Orixás que se encontra no Museu Afro-Brasileiro de Salvador.^[9]

Os principais livros que tratam do tema arte popular, pintura, escultura e artesanato no Nordeste do Brasil enfatizam a importância da escultura no Recôncavo baiano com a atuação de alguns artistas cachoeiranos.^[10]

2.1.9 Referências

- [1] Texto extraído de Aulo Barretti Filho: “Considerações Finais” pp. 132-133 em “Oṣóṣì e Èṣù, os Òrìṣà Alákétu”. In: *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*. Aulo Barretti Filho (org.), pp. 75-139. São Paulo, Edusp, 2010.
- [2] Fáládé, Fásínà. *Ifá: the key to it's understanding*, Lynwood, Àrà Ifá Pub., 1997.
- [3] *idem* nota 2
- [4] Abimbola, Wande. *Ifá, an exposition of Ifá Literary Corpus*. Ibadan, Oxford Uni Press, 1976.
- [5] Bascom, William. *Ifa Divination*. Indiana, Indiana Univ. Press, 1969.
- [6] Barretti Filho, Aulo. *Òrìṣàismo* In: *Artigos & Textos*, Internet, 2012.
- [7] Barretti Filho, Aulo. “Oṣóṣì e Èṣù, os Òrìṣà Alákétu”. In: *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*. Aulo Barretti Filho (org.), pp. 75-139. São Paulo, Edusp, 2010.
- [8] Nei Lopes, Enciclopédia brasileira da diáspora africana

[9] Artes do axé. O sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé

[10] Escultura religiosa afro-brasileira em Cachoeira, Bahia Suzane Pinho Pêpe (UFRB)

- African intellectual heritage Por Molefi K. Asante, Abu Shardow Abarry Publicado por Temple University Press, 1996 ISBN 1-56639-403-1
- Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos e na antiga costa dos escravos na África Por Pierre Verger Publicado por EdUSP, 1999 ISBN 85-314-0475-4
- Africa Por Phyllis Martin, Patrick O'Meara Publicado por Indiana University Press, 1995 ISBN 0-253-20984-6
- Elegua-Eshu em Cuba

2.1.10 Leitura adicional

Para maior conhecimento sobre esta divindade, recomendam-se os livros:

- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia - rito nagô*. SP: Companhia das Letras.
- BENISTE, José. *As águas de Oxalá*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BENISTE, José. *Orun-Aiyê* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Salvador: Corrupio.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de *Leopardo dos olhos de fogo*. escritos sobre a religião dos orixás VI, Volume 6

2.1.11 Ligações externas

- Lenda de Exu Interpretada
- Orixá Exu
- Exu
- Essú
- Essú

2.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

2.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de origem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai

Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogum, Enio Gonçalves de Ogum, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Velede de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.
- *Jêje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otília de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe Jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.
- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Dirly de Xangô, Pai Enio de Oxum, Mãe Mestre e pai Kaminu de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina (Cabinda)* parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas raízes entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho

2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

2.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é co-

modo, o chamam a verdade o Pajé do qual se trata de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram origem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

2.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás,

onde o Bará é o primeiro e se homenageia antes de qual-quer outro, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oiá-Iansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirá e Xanguín (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando “O possuidor do poder”. Corpo em Yorubá é “ara” mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desfrutando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de “dentro do templo”, como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá “dito” masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repete^[4].

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação ao outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabeça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo

- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelu)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedabúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olobedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de *Oxum*, *Iemanjá* e *Oxalá*. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bárá* e *Oyá*.

Na Nação *Nagô* são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjã*, *Meje*, *Oniree* e *Soroke*.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardiã da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardiã da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardiã da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardiã dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo *axé* das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *faca* de Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, “*Ogunhê*”, é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, umrevólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e acaça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjolá, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)

- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comum entre os batuqueiros a se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são

a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina*

(Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangô

Sangô (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganju* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganju de Ibeje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangô Aganju Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangô Aganju* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de *orixá Ybeji* especificamente quando o *elegun* = (yawo) que é do *orisá Sangô Aganju* tem alguma ligação *orisá Orisá Ybeji* ou vice-versa, E *Sangô Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda, Estas são as qualidades de *Xangô* nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação *é kao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Eguns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a

confirmação das obrigações que estão sendo realizadas, oxiá na justiça e das essências, suas ferramentas são machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas Xango Ibeje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile

- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibeji (yoruba), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantis.

Seu assentamento é feito em "cultos" (orixás feita em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje, consiste em uma mesa (toalha e readanoção) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das *aves* que foram sacrificadas aos Ibêjes, *doces* de toda qualidade, *brinquedos* e *balas*.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qua-

lidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epanjá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epanjá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epanjá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre

os orixás do Batuque, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como

o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá, senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus

aprontamentos. Obá sempre foi um paxá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte,

apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixa.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Oba-que
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas

nos rituais dos Orixás. Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).

- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder decura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orummalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afrocatólico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sānpōnná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão sncinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos

com os deuses dos bós. *Xapanã* e *Obaluayê* significam teceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nágos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e ativo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das lín-

guas, Oxum é a deusa da riqueza e da beleza. Seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos

a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta **Iemanjá** grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epanjá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epanjá Ibeje* a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agha Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iyáomf*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanjá de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinheiros. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas

em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champanhê, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina*(Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nagô inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo (ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

2.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. E o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos segundo os exemplos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixa, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

2.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e scinais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá*, já que, estas duas provem de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no

máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participam dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Nodiadafestaosalãoéfeitadocomascoresdosorixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

2.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

2.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

2.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado [10]

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

2.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/07/2014). «A entronização do Alafio e sua sobrevivência na Kambinda». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

2.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

2.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalexorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

2.3 Exu de Umbanda



João Caveira

Exus de Umbanda, de acordo com o que apregoam a Umbanda e o Candomblé, são espíritos de diversos níveis de luz que podem ou não incorporar nos médiuns

de Umbanda, Jurema, Omolokô, Candomblé de Caboclo, entre outras religiões afro-brasileiras.

Nos Candomblés puros, de nação, como Jeje Mahi, Keto, Angola, Ijexá e Nagô, normalmente não há incorporação de espíritos, apenas manifestação de Orixás, que são entidades de altíssimo poder, representantes das forças da natureza, e que ocupam o topo da hierarquia espiritual dentro dos cultos de srcem africana. A grande diferença do Orixá para a simples entidade espiritual ou catiço reside no fato de que esses últimos foram pessoas comuns, que viveram na Terra e no momento ocupam a condição

de, desencarnados. Amanhã ou depois podem estar de volta à matéria, conforme os desígnios de Deus. O Orixá é representante de uma força da natureza e não está sujeito a esse ciclo de reencarnações. É um espírito maior.

Nos Candomblés de Caboclo, no entanto, que não deixa de ser um tipo de Umbanda, podem ser encontradas casas que adotem a incorporação de Exus, Pomba-Giras, Caboclos, Boiadeiros, Marinheiros e outras entidades espirituais.

Todavia, o Orixá Exu, cultuado somente nas nações de Candomblé, é considerado uma divindade. Domina os Filhos de Santo que o carregam em seus oris, mas esse domínio difere em muito daquele incorporação que ocorre na Umbanda, onde se manifesta para dar consultas. O Exu de Umbanda é uma entidade, o espírito de alguém que nasceu e morreu, portanto pertence ao chamado *povo de rua* ou catiço^[1].



Exu Tata Caveira

Exu é denominação genérica.

Pode haver o masculino, chamado simplesmente de Exu,

e também o elemento do gênero feminino, chamado de Exu Mulher, Pomba Gira, Pombogira, Pombajira ou Bombogira, que são corruptelas do vocábulo yorubá *Pambu Njila*, que simplesmente significa Exu. Ela é uma entidade que pertenceu, em sua última existência, ao gênero feminino, e que por inúmeras razões foi agregada a uma das muitas linhas de Exus Mulheres e veio trabalhar na Umbanda, assim como ocorre com os Exus masculinos. É, portanto, a personificação feminina de Exu, por isso se reveste de forma autônoma. Alguns centros uniformizam a roupa dos médiuns; todos, por exemplo, vestem branco²¹.

religiões afro-brasileiras. Quando incorporam, os Exus masculinos costumam se caracterizar com capas, cartolas e bengalas. As Pomba Giras vestem saias rodadas, usam brincos, pulseiras, perfumes e rosas. Mas, não é obrigatório que os médiuns se utilizem dessas vestimentas para a incorporação. Cada terreiro trabalha de forma autônoma. Alguns centros uniformizam a roupa dos médiuns; todos, por exemplo, vestem branco²¹.

2.3.1 História

Exu, que entre outras coisas é o Mensageiro dos Orixás no Candomblé, tem origem na religião africana, de modo que apenas em um período posterior, na fase do sincretismo, foi reinterpretado e até marginalizado nos cultos afro-brasileiros, notadamente na Umbanda. Aliás, pela

influência Católica na colonização e formação política e social do Brasil, Exu foi associado com o demônio mesmo antes da fundação da Umbanda. Nessa religião, entretanto, essa figura foi complementada como entidade maligna. Exu se tornou, para quem ignora as características e os fundamentos das religiões afro-brasileiras, o representante do demônio, do perigo e da imoralidade. Por isso, parece que os primeiros umbandistas o associaram com africanos e escravos rebeldes. Exu foi, portanto, segregado da Umbanda, e se tornou o legislador da Quimbanda, do submundo¹³¹. Mas muitos centros que não praticam a Quimbanda permitem a incorporação de Exus. Muitos deles nem mesmo usam bebidas alcoólicas e nem fazem quaisquer apologias a vícios. Nem todos são risinhos e brincalhões. Muitos são sérios e exigem atitudes corretas de seus médiuns e de seus consulentes.

Outra interpretação umbandista coloca Exu na ordem evolucionista de precedência, conforme o modelo karde-

cista. Ele é reduzido a um espírito menos evoluído, que todavia tem potencial para evoluir e se tornar um espírito bom. o que nem sempre parece ser verdade, pois há muitos Exus altamente evoluídos. Alguns umbandistas distinguem entre Exu pagão e Exu batizado, que se submeteu à doutrinação e encontrou o caminho certo da escada da evolução. Em verdade, existem três patamares básicos onde se pode posicionar um Exu: o primeiro é o nível de zombeteiro, no qual o Exu ainda não se conscientizou de que deve buscar a luz. É o Exu pagão. Quer apenas bebidas alcoólicas e brincadeiras. Mas, ao final

desse ciclo, enxerga que não vai evoluir enquanto permanecer realizando tais proezas. E passa ao nível de Exu de linha, trabalhando sob a supervisão de entidades que o fiscalizam e determinam tarefas a serem cumpridas na espiritualidade. Ao final desse ciclo, é um Exu Batizado ou Coroadado. O terceiro nível é o de Exu Bará ou servidor de um Orixá. Ao atingir esse nível, pode o Exu deixar de incorporar em médiuns e permanecer apenas realizando tarefas na espiritualidade, sob as ordens diretas de seu Orixá Regente. Essa distinção reflete algo do caráter original ambivalente de Exu, apesar do rito de passagem do

~~Não é a mesma coisa, pois a distinção pagão e batizado é apenas~~ batizado como uma expressão e aculturação e domesticação do mal, do perigo e da imoralidade.

Há ainda outra interpretação que considera os Exus como entidades espirituais com a mesma evolução das demais entidades, como caboclos e pretos-velhos, apenas posicionado em uma linha de trabalho diferente e estigmatizada muitas vezes até mesmo pelos próprios espiritualistas. Não existe, portanto, a noção de que eles são pouco evoluídos ou que se dedicam à prática da magia negra. Exus evoluem, sim, mas dentro de sua linha, como qualquer outra entidade. Por isso, existem os pouco evoluídos e os que estão evoluindo, os que atingiram o nível de Exu batizado e já trabalham dentro de uma linha que exige correção e boa conduta, e os Exus Barás ou servidores de um Orixá.

Há quem creia que os Exus são entidades (espíritos) que só fazem o bem e outros que creem que podem também ser neutros ou maus. Dividem-se, de acordo com uma hierarquia espiritual, em falanges, sub-falanges, grupos e sub-grupos. Observa-se que, não raro, alguns terreiros de Umbanda, e mesmo de Candomblé, não orientam seus médiuns quanto à natureza dessas entidades, o que é um erro muito grave. Muitos confundem Exu com um obsessivo ou com um espírito de baixa evolução espiritual e moral, quando isso não é verdade. Essas entidades não devem ser confundidas com os chamados obsessores. Ao contrário, ficam sob o seu controle os espíritos mais atrasados na evolução, que são por eles orientados para que consigam evoluir através de trabalhos espirituais feitos para o bem.

O poder de se comunicar confere a ele também o oposto, a possibilidade de desligar e comprometer qualquer comunicação. Se possibilita a construção, Exu também

~~permite a destruição. Esse poder foi traduzido mitologicamente no rito de habitar as encruzilhadas e caminhos,~~ em suma, as passagens. Portanto, os diferentes e vários cruzamentos entre caminhos e rotas lhe faz o senhor das entradas e saídas. É o dono dos caminhos, o que abre e fecha o acesso do ser humano às fortunas e à felicidade.

Há algumas diferenças na maneira de conceber o Exu no Candomblé e na Umbanda. No primeiro, é como os demais Orixás, uma personalização de fenômenos e energias naturais. O Candomblé considera que as divindades



Exu Meia-Noite

des, ou seja, os Orixás, entram em transe nos médiuns,

injetados em corpos ou aparelhos, mas não há consultas, apenas se manifestam nas festas devidamente caracterizados e paramentados. Já na Umbanda, o Exu é uma entidade que normalmente incorpora e promove consultas incorporado em seu médium, como outras entidades, tais quais, os caboclos, pretos-velhos, crianças, os falangeiros de orixás, também denominados mensageiros, e outras várias entidades.

A Umbanda considera os Exus como entidades que buscam, através da caridade, a evolução espiritual. Em síntese, o grande agente mágico do equilíbrio universal. Também é o guardião dos trabalhos de magia, pela qual opera com as forças do astral. E também são considerados “policiais”, “sentinelas”, “seguranças” que agem pela Lei, no submundo do “crime” organizado e principalmente policiando seu médium no seu dia a dia. As falanges de Exus sempre estão nas zonas consideradas infernais, embora delas não façam parte. Com efeito, rea-

lizam os seus trabalhos de guarda em todas as partes onde são necessários. Certos Exus guardam entradas de hospitais, necrotérios e cemitérios para impedir que kiumbas, espíritos sem evolução, de natureza vampíresca e zombeteira, se alimentem do duplo etéreo dos que estão à beira da morte ou daqueles que desencarnaram recentemente. A força vital permanece nos corpos sem vida e não deve ser sugada para alimentar almas que desejam praticar o mal. Esses espíritos devem ser impedidos de qualquer maneira. Participam também do resgate de almas localizadas em zonas inferiores, os chamados umbrais.

O plano astral também é morada de miríades de espíritos que perseveraram no mal. Alguns deles estabelecem uma prática na espiritualidade de obsidiar desencarnados e até encarnados. O trabalho dos Exus é não permitir que consigam influenciar espíritos e pessoas vivas a ponto de elastecer seus tentáculos e criar verdadeiras frentes de maldade espiritual e material. Esse combate é árduo e permanente. Os Exus chefes de falange, geralmente Coroados ou Barás de Orixá, podem ser equiparados a verdadeiros generais que promovem vigília e combate, além do comando de inúmeras falanges.



Exu do Lodo

Mesmo os chamados chefes também obedecem à severa hierarquia dos comandos do astral.

Os Exus obedecem, ainda, a uma divisão maior, que os aponta como Exus da estrada, da encruzilhada, do cemitério, da beira do mar e das cidades.

Esses espíritos se utilizam de energias mais “densas” ou materiais. Nota-se que essas entidades podem realizar trabalhos benignos, como curas, orientação em todos os

estados da vida pessoal dos indivíduos para prática transitória, podendo este, uma vez redimidas suas dívidas perante a *Lei Divina*, reencarnar, resgatar o restante de seus carma e seguir escalas mais elevadas de evolução.

Os trabalhos malignos não são acordos efetuados com os Exus, mas sim com Kiumbas, que agem nas sombras e não estão sob a orientação de nenhum guia, mas que podem se fazer passar por um, atuando em terreiros que não praticam os fundamentos básicos da Umbanda, que são a existência de um Deus único, crença em entidades es-

pirituais em evolução, Orixás que formam a hierarquia espiritual, guias mensageiros, na existência da alma, na prática da mediunidade sob forma de desenvolvimento espiritual do médium, além da caridade gratuita a quem necessita. O objetivo é sempre proporcionar vibrações positivas através da fé, amor e respeito ao próximo. Alguns centros ditos de Umbanda se servem apenas para ganho pessoal do seu pai-de-santo ou sacerdote. Reuniões em que há a incorporação de exus, por exemplo, não pode haver nenhum tipo de cobrança ao visitante, seja de dinheiro ou de qualquer outra natureza.

Os Exus infelizmente são confundidos com os kiumbas, que são espíritos trevosos ou obsessores que se encontram desajustados perante a Lei Divina. São responsáveis pelos mais variados distúrbios morais e mentais nas pessoas, desde pequenas confusões, até as mais duras e tristes obsessões. Comparados ao Diabo dos Católicos, são espíritos que se comprazem na prática do mal, apenas por sentirem prazer ou vingança, calcados no ódio doentio. Aguardam, portanto, que a Lei os recupere da melhor maneira. Vivem no baixo astral, onde as vibrações energéticas são pesadas. Trata-se de uma enorme egrégora formada pelos maus pensamentos e oriundos dos espíritos encarnados e desencarnados. Sentimentos baixos, tais quais, paixões desenfreadas, ódios, rancores, raivas, vinganças, sensualidade exagerada e vícios de toda a estirpe alimentam essa faixa vibracional da qual os kiumbas se comprazem, já que se sentem mais fortalecidos com a energia negativa que por eles é absorvida.

O verdadeiro Exu é uma entidade guardiã empenhada em uma missão maior, por isso não faz mal a ninguém. Seu objetivo é auxiliar as pessoas com fé e respeito. Alguns exus foram, quando reencarnados, pessoas importantes, como políticos, médicos, advogados, industriais, mas também trabalhadores, pessoas comuns, padres, escravos, saltimbancos que cometeram alguma falha e escolheram ou foram escolhidos para assumir essa roupagem espiritual com o fim de redimirem seus erros pretéritos. Outros são espíritos mais evoluídos que optaram por orientar os seus médiuns. Em seus trabalhos de magia, o exu corta demandas, desfaz trabalhos malignos, feiticeiros e magia negra, efetuados por espíritos sem evolução. Ajudam a limpar ambientes, retirando os obsessores e os encaminhando para à luz ou para que possam cumprir suas penas no astral inferior.

Uma verdadeira casa de caridade é sempre reconhecida

pela gratuidade dos serviços prestados a quem procura ajuda em um terreno de Umbanda.

Alguns espíritos, que usam indevidamente o nome de Exu, procuram realizar trabalhos de magia dirigida contra os encarnados. Na realidade, quem está agindo é um espírito atrasado. É justamente contra as influências malféficas, o pensamento doentio desses feiticeiros improvisados, que entra em ação o verdadeiro exu, atraindo os obsessores ainda ignorantes e procurando trazê-los para suas falanges que trabalham visando à própria evolução.



Exu Tranca-Ruas

O chamado *Exu pagão* é tido como aquele sem luz, sem conhecimento e pouca evolução, ainda não pronto para despertar à caridade.

Já o *exu batizado* é uma alma já sensibilizada pelo bem que já evoluiu e trabalha para o próximo, dentro do reino da Quimbanda, por ser uma força ajustável ao meio podendo intervir como um policial que penetra nos reinos da marginalidade para fins de resgate e limpeza.

Não se deve, entretanto, confundir um verdadeiro Exu com espíritos zombeteiros, mistificadores, obsessores ou perturbadores, que recebem ou deveriam receber a denominação de kiumbas e que, não raro, mistificam e iludem os presentes, se passando por *guias*.

Para evitar essa confusão, não se concede aos chamados *exus pagãos* a denominação de *exu*, classificando-os apenas como *kiumbas*. E reserva-se para os ditos *exus batizados* e *coroados* a denominação de *exu*.

Os exus mais evoluídos são chamados de Exus coroados

denominação de Exu ou REU. Exus Batizados, Exus Coroados, Exus das Almas, Tranca Rua da Praia, Tranca Rua do Luar, Tranca Rua do Embaré, Exu Tiriri de Umbanda, Exu Tiriri Lonan, Exu Caveira, João Caveira e Tatá Caveira, Exu do Lodo, Exu das Sete Encruzilhadas, Exu Pimenta, Exu Porteira, Exu Calunga, entre outros. As Pombas Giras mais conhecidas são Maria Padilha, Maria Molambo, Pomba Gira Rainha, Rosa Caveira, Sete Saias e Pomba Gira Cigana.

A evolução é uma regra constante no Universo. A Cri-

ação Divina nunca cessa. Não ficou restrita - e nem poderia - ao *Fiat Genesíaco* relatado na Bíblia. A Criação ainda prossegue, juntamente com a evolução espiritual de cada um, nesse caminho que as criaturas trilham na direção de seu Criador. Por isso, os Exus também evoluem. Muitas entidades dessa linha, outrora presentes nos terreiros, hoje já não são mais encontradas ou se encontram em um processo de gradativo desaparecimento. O primeiro caso que salta aos olhos é o do Exu Seu Sete, Rei da Lira, famoso nos anos 70 do século XX por participar de programas de televisão nos quais fez quase todos

os programas e os programas e os programas e os programas ali simplesmente incorporaram. Dizem que até dona Cyla Médice, primeira dama do Brasil, recebeu uma entidade diante do televisor e ao lado do Presidente da República. Seu Sete da Lira não tem sido visto em terreiros há pelo menos uns 40 anos. O mesmo ocorre com o Exu Aleijadinho, que há décadas não é localizado em qualquer casa de Santo. A mesma sorte seguem o Exu Toquinho, o Exu Campina e o Exu Correnteza, há muito desaparecidos dos terreiros. Tranca Rua do Omulu das Vinte e Sete Magias também é outra linhagem praticamente extinta nas casas de umbanda, assim como a da Pomba Gira das Sete Costras.

O que pode ter ocorrido com tais entidades?

Evoluíram.

Ou os membros de suas inúmeras falanges tornaram-se

Barás e não mais regressaram aos terreiros, ou reapareceram para acertar eventuais débitos na Terra e depois regressar à espiritualidade para prosseguir com sua evolução, sob a forma de Exu ou de outra entidade..

Assim deve caminhar a vida, inclusive a dos Exus...

2.3.2 Fontes

- ALMEIDA, Ronaldo R. M. de. *A universalização do reino de deus*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, nº 44: 12-23, março 1996.
- AUGRAS, Monique. De Yjá Mi a Pomba Gira: transformações e símbolos da libido. In: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org), *Meu sinal está no teu corpo*, pp. 14-36. São Paulo, Edicon e Edusp, 1989.
- BAUDIN, R. P. *Fétichisme et féticheux*. Lyon, Séminaire des Missions Africaines - Bureau de Missions Catholiques, 1884.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1978.
- BITTENCOURT, José Maria. *No reino dos Exus*. 5a. ed. Rio de Janeiro, Pallas, 1989.
- BOUCHE, Pierre. *La Côte des Esclaves et le Dahomey*. Paris, 1885.
- BOWEN, Thomas Jefferson. *Adventures and Missionary Labors in Several Countries in the Interior of Africa*. Charleston, Southern Baptist Publication Society, 1857. Reedição: Londres, Cass, 1968.
- BURTON, Richard. *Abeokuta and Camaroons: An Exploration*. 2 vols. Londres, Tinsley Brothers, 1863.
- BANDEIRA, Armando Cavalcanti. *O que é a Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1973.
- CARNIHILO, Edson. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1954. 2ª ed.
- DUNCAN, John. *Travels in West Africa*. 2 vols. Londres, Richard Bentley, 1847.
- FERREIRA, Gilberto Antonio de Exu. Exu, a pedra primordial da teologia iorubá. In: Cléo Martins e Raul Lody (orgs), *Faraimará: o caçador traz alegria*, pp. 15-23. Rio de Janeiro, Pallas, 2000.
- FONTENELLE, Aluizio. *Exu*. Rio de Janeiro, Espiritualista, s.d.
- FREITAS, João de. *Exu na Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 1970.
- MAGGIE, Ivonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo, Edusp, 1996.
- OMOLUBÁ, Babalorixá. *Maria Molambo na sombra e na luz*. 5a. ed. Rio de Janeiro, Pallas, 1990.
- ORTIZ, Renato. *A Consciência Fragmentada: Ensaios de Cultura Popular e Religião*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1980.
- POMMEGORGE, Pruneau de. *Description de Nigritie*. Amsterdam, 1789.
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1991.
- _____. Pombagira e as faces inconhecidas do Brasil. In: idem, *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*, pp. 139-64. São Paulo, Hucitec, 1996.
- _____. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: Carlos Caroso e Jefferson Baccalar (orgs), *Faces da tradição afro-brasileira*, pp. 93-112. Rio de Janeiro, Pallas, 1999.

- _____. *Um sopro do Espírito: a reação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo, Edusp, 1997.
- _____. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Salvador, Reis & Comp., 1900. Reedição: São Paulo, Civilização Brasileira, 1935.
- _____. *Exu, o mensageiro*. São Paulo, Editora Ubu, 1976.
- SOARES, Mariza de Carvalho. Guerra santa no país do sincretismo. In: *Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil*, pp. 75-104. Rio de Janeiro, Cadernos do Iser 23, 1990.
- TRINDADE, Liana. *Exu, poder e perigo*. São Paulo, Ícone, 1985.
- VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. 5ª ed. Salvador, Corrupio, 1997.
- _____. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, do original de 1957. São Paulo, Edusp, 1999.

2.3.3 Referências

- [1] As ressignificações de Exu
- [2] Exu, o mensageiro
- [3] Exus e pombagiras: o masculino e o feminino nos pontos cantados na Umbanda

Capítulo 3

Ogum

3.1 Ogum

 **Nota:** Para a subdivisão da Nigéria, veja Ogum.

Ogum ou **Ogulé**^[1] (em iorubá: **Ògún**) é, na mitologia iorubá, o orixá ferreiro^[2] senhor do ferro, da guerra, da agricultura e da tecnologia. O próprio Ogum forjava suas ferramentas, tanto para a caça, como para a agricultura e para a guerra. Na África seu culto é restrito aos homens, e existiam templos em Ondo, Ekiti e Oyo. Era o filho mais velho de Oduduwa, o fundador de Ifé, identificado no jogo do merindilogun pelos odus etaogunda odi e obeogunda, representado materialmente e imaterial no candomblé através do assentamento sagrado denominado *igba ogun*.

Ogum é considerado o principal orixá a descer do *Orun* (o céu) para o *Aiye* (a Terra) após a criação, um dos semideuses visando a uma futura vida humana. Em comemoração a tal acontecimento, um de seus vários nomes é *Oriki* ou *Osin Imole*, que significa o “primeiro orixá a vir para a Terra”. Ogum foi provavelmente a primeira divindade cultuada pelos povos yorubá da África Ocidental. Acredita-se que ele tenha *wo ile sun*, que significa “afundar na terra e não morrer”, em um lugar chamado 'Ire-Ekiti'.

É também chamado de **Ògún**, **Ogoun**, **Gu**, **Ogun** e **Og-gún**. Sua primeira aparição na mitologia foi como um caçador chamado *Tobe Ode*^[3]

3.1.1 Etimologia

“Ogum” é um termo procedente da língua iorubá.^[1]

3.1.2 Família

É filho de Oduduwa e Yemu. Ogum é o filho mais velho de Oduduwa, o herói civilizador que fundou a cidade de Ifé. Quando Oduduwa esteve temporariamente cego, Ogum tornou-se seu regente em Ifé. Ogum é um orixá importantíssimo na África e no Brasil. Sua origem, de acordo com a história, data de eras remotas. Ogum é o



Assentamento de Ogum no candomblé

último Igbá imolé. Os Igbá Imolé eram os duzentos orixás da direita que foram destruídos por Olodumaré após terem agido mal. A Ogum, o único Igbá Imolé que restou, coube conduzir os Irun Imole, os outros quatrocentos orixás da esquerda.

Foi Ogum quem ensinou aos homens com forjar o ferro e o aço. Ele tem um molho de sete instrumentos de ferro: alavanca, machado, pá, enxada, picareta, espada e faca, com as quais ajuda o homem a vencer a natureza.

O guerreiro

Era um guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. Dessas expedições, ele trazia sempre um rico espólio e numerosos escravos. Guerreou contra a cidade de Ará e a destruiu. Saqueou e devastou muitos outros

estados e apossou-se da cidade de Irê, matou o rei, aí instalou seu próprio filho no trono e regressou gloriOSO, usando ele mesmo o título de Onîré, “Rei de Irê”. Tem semelhança com o vodum Gu.

3.1.3 Arquétipo

De acordo com Pierre Verger, o arquétipo de Ogum é o das pessoas fortes, aguerridas e impulsivas, incapazes de perdoar as ofensas de que foram vítimas.^[4] Das pessoas

que perseguem energeticamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente.^[4] Daquelas que, nos momentos difíceis, triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda a esperança.^[4] Das que possuem humor mutável, passando de furiosos acessos de raiva ao mais tranqüilo dos comportamentos.^[4] Finalmente, é o arquétipo das pessoas impetuosas e arrogantes, daquelas que se arriscam a melindrar os outros por uma certa falta de discrição quando lhe prestam serviços, mas que, devido à sinceridade e franqueza de suas intenções, tornam-se difíceis de serem odiadas.^[4]



Ogum no ritual do sacrifício no candomblé do Ile Ase Ife Ilu Oraxi

Cuba

Em Cuba, na *santería* e na *palo mayombe*, é chamado de São Pedro, São Paulo, São João Batista, São Miguel Arcanjo e São Rafael Arcanjo

Dentro dessas crenças, Ogum é dono dos montes junto com Oshosi e dos caminhos junto com Elegua. Representa o solitário hostil que vaga pelos caminhos. É um dos quatro orixás guerreiros. Suas cores são o verde e o preto. Ogum é considerado o Orixá dos ferreiros, das guerras, da tecnologia é violento e interessante.

Na mitologia Fon Gu é o deus da guerra e patrono da deidade dos *ferreiros* e dos artesãos. Ele foi enviado à Terra para torná-la um local agradável para as pessoas viverem, e ele ainda não terminou sua tarefa.

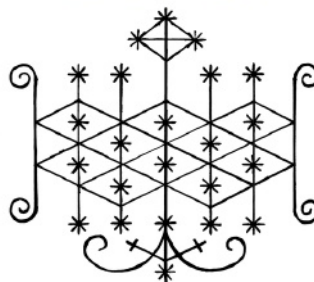
Haiti

No Haiti, Ogoun é um lwa cultuado no vodun haitiano

3.1.4 Aspecto

Representa o solitário hostil que vaga pelos caminhos. Suas cores são o azul e branco ou branco e vermelho.

No candomblé, Ogum é o orixá ferreiro, dono de todos os caminhos e encruzilhadas junto com Exu. Suas cores são o azul-cobalto e o verde. Na umbanda, sua cor é o vermelho.



Símbolo do Vodun Ogoun

3.1.5 Diferentes mitologias

Tradicionalmente um guerreiro, Ogum é visto como uma poderosa divindade dos trabalhos em metal e senhor da guerra, semelhante à Ares na mitologia grega e Ganesha na mitologia hindu. É poderoso e triunfal, mas também

exibe a raiva e destrutividade do guerreiro cuja força e violência pode virar contra a comunidade que ele serve. Dá força através da profecia e magia, e é procurado para ajudar as pessoas a obter mais um governo que dê resposta às suas necessidades.

Candomblé

 Ver artigo principal: Candomblé

A maioria dos africanos que foram levados como escravos para o Haiti eram da Costa da Guiné da África ocidental, e seus descendentes são os primeiros praticantes de *vodou* (aqueles africanos trazidos ao sul dos Estados Unidos eram primeiramente do reino de Congo). A sobrevivência do sistema da crença no novo mundo é notável, embora as tradições mudem com o tempo. Uma das maiores diferenças, entretanto, entre o vodun africano e o haitiano é que os africanos transplantados do Haiti foram obrigados a disfarçar o seu *wa*, ou espíritos, como santos católicos romanos deste país, como Santiago Maior, num processo chamado *síntese*.

Outras características

Seus “filhos” aqui na Terra são pessoas fortes, que lutam na vida, são pessoas guerreiras que não descansam por nada, sempre ativas, combatem tudo. São verdadeiros peões. São pessoas corajosas, sem medo de se arriscar. São sérias e perseverantes.

3.1.6 Ver também

- Ogum na Umbanda
- Ogum no Batuque
- Ogum no Xambá

3.1.7 Referências

- [1] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 217.
- [2] LODY, Raul Giovanni da Motta; *Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras*, Pallas Editora, 2003 ISBN85-347-0187-3, 9788534701877
- [3] OSWALD, Hans-Peter, *Voodoo: Der Zauber Haïtis*, BoD – Books on Demand, 2008 ISBN 3-8370-5904-9, 9783837059045
- [4] Verger, Pierre . *Orixás, deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, p. 95. Salvador: Corrupio, 2002.

3.1.8 Bibliografia

- *Este artigo foi inicialmente traduzido do artigo da Wikipédia em inglês, cujo título é «Ogoun», especificamente desta versão.*
- *Africa's Ogum: old world and new* . ISBN 0-253-30282-X.
- VERGER, Pierre Fatumbi e Carybé (ilustrador). *Lendas africanas dos orixás*. São Paulo: Corrupio Edições e Promoções Culturais Ltda, 1992, 3ª edição.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 6ª edição.
- GLEASON, J.. *Orisha: the gods of Yorubaland*. New York: Atheneum, 1971.
- COURLANDER, H.. *Tales of yoruba gods and heroes*. New York: Crown, 1973.
- BRINTON, D. G.. *Myths of the new world*. Philadelphia, 1896.

3.1.9 Ligações externas

- Orixás (em português)
- Informações sobre o Orixá Ogum(em português)
- Orixá Ogum (em português)
- Oggun (em espanhol)
- Sacerdote de Ogum na África(em inglês)
- Tudo sobre Ogum Yorubá em Cuba(em espanhol)

3.2 Oxalá no Batuque



Nota: Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

3.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srcem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje da Daomé, hoje

~~Região Kumbi, não se encontra na região da Nigéria~~

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de

uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguêla do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyô* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguêla de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.
- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogum, Enio Gonçalves de Ogum, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.
- *Jéje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina. Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otília de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe Jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.
- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genecy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miuá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas srcem entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

3.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram srcem nas Religiões tradicionais afri-

canas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos de origem masculina e ímpar.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

3.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo o Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os

terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá). Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Ojá-Iansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirã e Xanguin (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando “O possuidor do poder”. Corpo em Yorubá é “ara” mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desatracando caminhos e abrindo portas ou trancando e fe-

chando, dependendo do momento e do cumprimento das obrigações.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de “dentro do templo”, como Lanã, Adagbe e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virili-

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá “dito” masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetem.^[1]

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação aos outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabaça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelu)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moeda búzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardiã da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardiã da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardiã da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardiã dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do " *obe*" (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo *axé* das facas. Por ser dono das armas, é invocado

para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (*Cabinda*), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Aditolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (*Cabinda*), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olo-bede*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ôgúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, "*Ogunhê*", é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as via-

gens, os caminhos, e acaça. Na Nação de *Kambina* (*Cabinda*), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (*Cabinda*) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Divida à tração de Ojá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram, pois se acusaram por se depararem em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse *ákú* (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Ojá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos

ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comumente os batuqueiros ao se perceberem uma forte ventania, diz se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganjú de Ibêje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangô Aganjú Ybeji*, na

realidade, é uma qualidade de *Sangô Aganjú* que tem seu Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá *Sangô Aganjú* tem alguma ligação orisá Orisá Ybeji ou vice-versa. E *Sangô Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô e Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *Kao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá, é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibêjes, sendo também um dos regentes dos Egúns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas.

Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas Xango Ibêje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibêji

Ibêji (yorubá), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje consistem numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem

pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Tem uma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]

- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como

o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as

lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião tam-

hípnica, não se Obá, não se prefiu usar o colírio para sabes.

Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixa.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem

a este itôn (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas

que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois

tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão srecinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que acon-

teceram no passado, onde, o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jeje, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males

dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de refigiação que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres

grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e ativo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente de seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos

do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocá*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da “lomba”. Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epandá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epandá Ibeje*: a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades:

- *Oxum Agba Ita*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.

- *Oxum Iyáomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanda de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. *Iemanjá* no *Batuque*, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilã;
3. Boci - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogum Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilã;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;

5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pombo. Suas comidas são canjica, branca no dendê, arroz com mel, manjar, champagne, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios

- Saudação: Epãô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá e no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.

- Ofeñda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo(ebi), sol, cajuado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.
- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

3.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Rio Grande do Sul e Porto Alegre. É o Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres

em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que também procuram seguir a maneira de cultuar os orixás, e a construção dos templos seguem exemplos dos seus sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao axexê do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

3.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e locais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do ijexá já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato de iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Seus rituais não existem em autonomia e a prática de tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como

galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá “dono da casa” e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir

deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Não há festa aos orixás sem a presença dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bancas contendo todo tipo de culinária dos Orixás, como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens.

Os filhos orixás. Após as obrigações, os iniciados vão ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

3.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diversas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

3.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios, e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele

que lhe passou os ensinamentos.

3.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Per-nambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um

termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

3.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/072014). «A entronização do Alafin e sua sobrevivência na Kambina». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X

- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da Nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

[10]

[11]

3.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B.Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

3.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

3.3 Ogum na Umbanda

Ogum é um dos principais orixás cultuado na Umbanda, sincretizado com São Jorge e Santo Antonio na Bahia. Seu dia é o 23 de abril!^[1]

3.3.1 Características

LogumouOlogum(*olo*= senhor, *gum*= guerra, ou seja, o senhordaguerraouguerreiro)éumadivindadedacultura Iorubá, região onde localiza-se hoje a Nigéria. Nos domínios de Abeokuta, seu culto era essencialmente agrário,



Ogun Megê

caminhoneiros e todos os guerreiros

- Santo correspondente na Igreja Católica São Jorge no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul; Santo Antônio na Bahia.
- Cores predominantes das guias: Vermelho ou azul escuro na Umbanda, sendo que na Umbanda do Rio Grandedo Sul muitos terreiros utilizam o verde, vermelho e branco. Entretanto as cores são determinadas pelo guia e conforme o reino em que trabalham e para qual Orixá.

3.3.2 Referências

- [1] Cossard, Giselle. *Omindarewá, Awô, O mistério dos Orixás*. Editora Pallas.
- [2] BENISTE, José. *Orun Aiyê: o encontro de dois mundos*. Rio de Janeiro: madras. 2006.

3.3.3 Bibliografia

- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

como ainda o é, é a divindade do ferro, quem produz as ferramentas necessárias ao cultivo.^[1] Nesta Região, poucos são os que dominam a arte de fundir e moldar o ferro de forma manual. Por isso, todos que dominam esta técnica são considerados protegidos de Ogun.

Na África a organização teológica funciona de modo diferente à forma como se desenvolve a religiosidade afro no Brasil. Lá, as pessoas acreditam que a divindade Iorubá é um ancestral comum aos moradores da tribo, cidade, ou etnia e não como uma divindade, como o é no Brasil.^[1] No caso, grande parte das pessoas que praticam as religiões “tradicionais” da região de Obéocutá, acreditam que Ogun seria seu ancestral divinizado. Quanto ao mito, Ogun é lembrado como conquistador e caçador, como quem sempre defendeu os seus e sempre proveu de alimentos sua tribo. Contudo, no Brasil seu mito muda de aspecto, devido a lógica da escravidão os africanos acabam por exaltar outros aspectos desta divindade, de forma a contemplar seus anseios, buscando se livrar dos

castigos de seus senhores na divindade. Orixá guerreiro, general destemido e estratégico, é aquele que veio para ser o vencedor das grandes batalhas, o desbravador que busca a evolução. Defensor dos desamparados, segundo a lenda, Ogun andava pelo mundo comprando a causa dos indefesos, sempre muito justo e benevolente. Ele era o ferreiro dos orixás, senhor das armas e dono das estradas. Irreverente, pois é um orixá valente, traz na espada tudo o que busca.

É considerado protetor dos policiais, ferreiros, escultores,

Capítulo 4

Iansã(Oyá)

4.1 Oyá

 **Nota:** Para outros significados, veja Oyá (desambiguação).

Na Mitologia Yoruba o nome **Oyá** (**também conhe-**



Oyá candomblé.

cidocomo Oiá ou Iansã) provém do rio de mesmo nome na Nigéria, onde seu culto é realizado, atualmente chamado de rio Níger. É uma divindade das águas como Oxum e Iemanjá, mas também é relacionada ao elemento ar, sendo uma das divindades que ao lado de Ayrá e Orixá Afefê controla os ventos. É conhecida também como Iansã.

Costuma ser reverenciada antes de Xangô, como o vento personificado que precede a tempestade. Assim como a Orixá Obá, Oyá também está relacionada ao culto dos mortos, onde recebeu de Xangô a incumbência de guiá-

lhas, um dos seus atributos é a de conduzir as almas. Para a espécie de *erukerê* especial chamado de *Eruexim* com o qual estaria protegida dos *Eguns*. Oyá é a terceira deusa de temperamento mais agressivo, sendo que a primeira é Opará e Obá é a segunda.

O nome Iansã trata-se de um título que Oyá recebeu de Xangô que faz referência ao entardecer. Iansã quer dizer *A mãe do céu rosado* ou *A mãe do entardecer*. Era como ele a chamava pois dizia que ela era radiante como o entardecer.

Os africanos costumam saudá-la antes das tempestades pedindo a ela que apazigue Xangô o Orixá dos trovões, raios e tempestades pedindo clemência.

4.1.1 Brasil

Os devotos costumam lhe oferecer sua comida favorita, o **àkàrà** (acarajê), ekuru e abará.

No candomblé a cor utilizada para representá-la é o marrom, ainda que seja mais identificada com a corosa. No Brasil houve uma grande distorção com relação as suas regências e srcens.

Inhansã ou Oiá, como é também chamada no Brasil, é uma divindade da Mitologia Yoruba associada aos ventos

e às águas, sendo mulher de Xangô, o senhor dos raios e tempestades.

É saudada como “Iya mesan lorun”, título referente à incumbência recebida como guia dos mortos. **Iansã** é associada a sensualidade, dos Orixás femininos é uma das mais guerreiras e imponentes.

4.1.2 Arquétipo

Suas filhas, ou mulheres que tenham Iansã próximo de si (como madrinha por exemplo ou “mãe”) na Terra, são mulheres sensuais, ousadas, falam o que pensam e sofrem muito, seja por qualquer motivo, especialmente no amor. São mulheres que batalham, trabalham incansavelmente, são guerreiras, lutam como peões. Geralmente essas mulheres cuidam de tudo sozinha, até dos filhos.

Cultura afro-brasileira

Em Salvador, *Oyá* ou *Iansã* é sincretizada com Santa Bárbara que é madrinha do Corpo de Bombeiros e padroeira dos mercados. É homenageada no dia 4 de dezembro na Festa de Santa Bárbara da Igreja Católica. É um grande evento sincrético, composto de missa, procissão feita por católicos e praticantes do Candomblé,^[1] além das festas nos terreiros, o caruru de Iansã, samba de rodapé e apresentação de grupos de capoeira e maculelê.

O filme *O Pagador de Promessas*, um drama escrito e dirigido por Anselmo Duarte e baseado em história de Dias Gomes, foi filmado inteiramente na porta da Igreja de Santa Bárbara em Salvador, Bahia^[2]



Quarta do Corpo de Bombeiros Militar do Estado da Bahia, Salvador, Bahia.

- Iansã na Umbanda
- Oyá no Batuque
- Oyá no Xambá

4.1.3 Cuba

Oya

católicas: Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Anunciação e Santa Teresa

4.1.4 Haiti

4.1.5 Referências

[1] A Bahia de Santa Bárbara

[2] Preconceito e intolerância religiosa no filme *O Pagador de Promessas*

4.1.6 Ligações externas

- Fundação Pierre Verger
- Culto aos Orixás

4.2 Oxalá no Batuque

Nota: Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde

se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

4.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833

e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de origem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da

escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum, Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emilia de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe "Pequena" de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum,

Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju,

~~Yelô Oxum, João Pinho Gonçalves de Ogum, Chô Nijá~~
Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jéje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de

~~Oxalá, pai de Oxalá, pai de Oxalá, pai de Oxalá, pai de Oxalá~~
de yansa, mãe nirlite de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miúá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai

Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas srcem entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

4.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram srcem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como xanteria e o vodu.

4.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oíá-lansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xa-

panã), Zina, Zambirá e Xanguín (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando “O possuidor do poder”. Corpo em Yorubá é “ara” mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a

denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desfrancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá

Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de “dentro do templo”, como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá “dito” masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetem.^[1]

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este

Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação aos outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabeça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelú)

- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedabúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardião da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardião da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardião da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardião dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com atã.

Por ser o dono do “obe” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo axé das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de faca de Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Eguns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra

demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olo-bedé*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação *Nagô* são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ôgúnjã*, *Meje Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, "*Ogunhê*", é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosantos católicos.

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo,

a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrôte (para Ogum Avagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e a caça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia fio-de-contas é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem.

Quando chegaram ao mar, Ogum pediu para Xangô ir à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comum entre os batuqueiros ao se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está "abanando a saia". Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a "dona do teto" e da panela, portanto para

os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Agandju de Ibeji* (criança) com Cosme e Damião. *Sangô Aganjú Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangô Aganjú* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá *Ybeji* especificamente quando o *elegun* = (yawo) que é do orixá *Sangô Aganjú* tem alguma ligação orixá *Orisá Ybeji* ou vice-versa. E *Sangô Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de *Xangô* nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô e Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] e seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *kao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá, é dedicado a *Xangô*, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Egúns no Batuque. Durante a Balança, a presença de *Xangô* é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a *Xangô*, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são

tratados com apó, mas *Xangô Ibeje* também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, *Xangô* teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ìbẹ̀jì (yorubá), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje consistem numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade,

brinquedos e balas.

Geralmente, *Xangô* e *Oxum* ocupam seus filhos de santo para prestigiar. *Yemanjá* e *Oxalá* também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto *Xangô Agandju Ibêje*, quanto *Oxum Epaná Ibêje*, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que to-

daques a justiça, em todos as circunstâncias em que as coisas pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (*Xangô Agandju Ibêje*). Sábado (*Oxum Epaná Ibêje*)
- Número: 6 para *Xangô Agandju Ibêje* e 8 para *Oxum Epaná Ibêje* (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas),

aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó

é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itôns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas

seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-

versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feituas.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos,

que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixá.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a

eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalê. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira⁹¹

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão sncinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande

guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa "águas". Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos

seus rituais, dominância e preponderância por todos os aspectos em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epanlá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epanlá Ibeje*: a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades:

- *Oxum Agba Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iydomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanlá de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Ba-nuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinheiros. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomí - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomí - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champanhe, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oiô, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo (ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

4.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. É o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos *terreiros* são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos e seguem de cultos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despaçadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao axexê do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

4.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e locais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jê tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do ijexá já que, estas duas provem de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no

máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Nodiadafestaosalãoenfeitadocomascorososorixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

4.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

4.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou ialorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais.

Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios, e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

4.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afrogaúcha, já que está presente quase que apenas no estado

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

4.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff. (01/072014). «A entronização do Alafique e sua sobrevivência na Kambinda». Revista Olorun ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

[10]

[11]

4.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B.Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, intepretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

4.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e ialorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

4.3 Yansan na Umbanda

Iansã

lente, tem um tempo mais lento, e um tempo mais rápido. Ela é va-

4.3.1 Mitologia

Oyá, a deusa do Rio Níger,^[1] é representada com um alfange e uma cauda de animal nas mãos, e com um chifre de búfalo na cintura. Na mitologia iorubá Xangô casou-se com três de suas irmãs, deusas de rios: Oyá, Oxum (deusa do rio Osun) e Obá (deusa do rio Obá).^[1] Nas lendas provenientes do candomblé, Iansã foi mulher de Ogum e depois de Xangô, seu verdadeiro amor. Xangô roubou-a de Ogum.

O nome Iansã é um título que Oyá recebeu de Xangô. Esse título faz referência ao entardecer, Iansã pode ser traduzido como “a mãe do céu rosado” ou “a mãe do entardecer”. Ao contrário do que muitos pensam, Iansã não

quer dizer que Oyá é da nação Xangô, a chamada de Iansã como o céu rosado é por isso que o rosa é sua cor por excelência.

Na liturgia da umbanda, Iansã é senhora dos eguns, os espíritos dos mortos, menos cultuados no candomblé. Na umbanda, a guia de Iansã é de cor laranja (coral) e, no candomblé, é vermelha, mas podendo ser utilizado a guia de cor vermelha na umbanda. No candomblé, também é chamada de Oyá. Seu dia da semana é quarta-feira e sua saudação é *Eparrei*

Mitologia iorubá

Obatalá, deus dos céus, e Odudua, deusa da terra^[Nota 1] se casaram, e tiveram dois filhos: Aganjue Iemanjá. Aganju e Iemanjá se casaram, e tiveram um filho, Orungan. Orungan se apaixonou pela própria mãe e, aproveitando a ausência do pai, com ela se deitou num momento sagrado. Desta união, nasceram quinze orixás ou santos, entre os quais Xangô e Oyá.^[1] Donde foram atribuídos a tais que cada qual teria uma determinada função.

4.3.2 Ver também

- Pontos cantados
- Oriki de Iansã

4.3.3 Notas e referências

Notas

- [1] Assim como na mitologia grega, temos o casamento do Céu (Urano) com a Terra (Gaia).

Referências

- [1] A. B. Ellis, *Yoruba-Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa* (1894), Chapter II, *Chief Gods* [em linha]

Capítulo 5

Xangô

5.1 Xangô

👉 **Nota:** Se procura o álbum da banda Santana, veja Shango (álbum).

👉 **Nota:** Se procura a obra de Jô Soares, veja O Xangô de Baker Street

Xangô, **Shango**, **Sango** ou, na Bahia, **Badé**,^[3] é o orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo. Foi rei na cidade de Oyo, identificado no jogo domerindilogun pelos odus obará e ejilaxe bora e representado material e imaterialmente no candomblé através do assentamento sagrado denominado *igba xango*. Pierre Verger dá, como resultado de suas pesquisas, que Shango ou Xangô, como todos os outros *imolê* (orixás e eboras), pode ser descrito sob dois aspectos: histórico e divino.

5.1.1 Etimologia

“Xangô” é um termo procedente da língua iorubá^[3]

5.1.2 África

Como personagem histórico, Xangô teria sido o quarto Aláafin Oyó, “Rei de Oyo”, filho de Oranian e Torosi, a filha de Elempe, rei dos tapás, aquele que havia firmado uma aliança com Oranian. Xangô teve três divindades como esposas: Oyá, Oxum e Obá.

Xangô é o orixá dos raios, trovões, grandes cargas elétricas e do fogo. É viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Por esse motivo, a morte pelo raio é considerada infamante. Da mesma forma, uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de xangô. Xangô é o Orixá do Poder, ele é a representação máxima do poder de Olorum.

- Sacerdote de Sango - Magba
- Sacerdotisa de Sango - Iya Magbá
- Atabaque de Sango - Ilu batá



Escultura em madeira: Orixá do Trovão da Nigéria. Obra executada por Lamidi Olonade Fakeye (1928–2009).

- Toque favorito - Alujá
- Fruto favorito - Orogbo
- Bichos - Akunko, Agutan, Ajapá
- Comida - Amalá

Ao se manifestar nos Candomblés, não deve faltar em sua vestimenta uma espécie de saia, com cores variadas e fortes, que representam as vestes dos Eguns.

5.1.3 Origem

5.1.4 Xangô criador de Culto a Egungun

Xangô é o fundador do culto aos Eguns, somente ele tem o poder de controlá-los, como diz um trecho de um Itá:

5.1.5 Brasil



Xangô por Carybé.

Xangô foi o quarto (ou o terceiro)²¹ rei lendário de Oyo, na Nigéria, tornado orixá de caráter violento e vingativo, cuja manifestação são o fogo, o Sol, os raios, as tempestades e os trovões. Filho de Oranian, teve várias

esposas, sendo as mais conhecidas: Oíá, Oxum e Obá. Xangô é viril e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Sua ferramenta é o Oxê: machado de dois gumes.

Enquanto Oxóssi é considerado o rei da nação de Queto, Xangô é considerado o rei de todo o povo iorubá. Orixá do fogo, dos raios e das tempestades, Xangô foi um grande rei que unificou todo um povo. Foi ele quem criou o culto de Egungun. Muitos orixás possuem relação com os Egunguns mas ele é o único que, verdadeiramente, exerce poder sobre os mortos Egungun. Xangô é a roupa

da morte. **Axó Iku:** por este motivo, não deve faltar nos Egbos de Iku e Eguri, o vermelho lhe pertencendo. Ao se manifestar nos candomblés, não deve faltar, em sua vestimenta, uma espécie de saieta de tiras chamada banté, com cores variadas e fortes, que representam as vestes dos eguns.

Xangô era forte, valente, destemido e justo. Era temido, e ao mesmo tempo adorado. Comportou-se em algumas vezes como tirano, devido a sua ânsia de poder, chegando até mesmo a destituir seu próprio irmão, para satisfazer seu desejo. Filho de Yamasse (Torosi) e de Oraniã, foi o regente mais poderoso do povo yorubá. Ele também tem uma ligação muito forte com as árvores e a natureza, vindo daí os objetos que ele mais apreciava, o pilão e a gamela; o pilão de Xangô deve ter duas bocas, que representam a livre passagem entre os mundos, sendo Xangô um ancestral (Egungun). Da natureza, ele conseguiu profundos conhecimentos e poderes de feiticeira, que somente eram usados quando necessário. Tem também uma forte ligação com Oxumaré, considerado por ele como seu fiel escudeiro.



Assentamentos de Xangô e Obá no candomblé

Xangô é cultuado no Brasil sob 12 qualidades. Vale salientar que muitos seguem cegamente as ditas qualidades de Xangô da Bahia, e não é bem assim: por exemplo, Airá é um outro orixá que não se dá com Xangô. Reza a lenda que Airá era muito próximo de Xangô, e quando Oxalufã, em visita ao reino de Xangô, foi erroneamente confundido com um ladrão, teve suas pernas quebradas e foi preso. Uma vez Xangô percebendo o engano, man-

dou que o tirassem da prisão, o limpassem e dessem a ele vestimentas condizentes com a grandiosidade de Oxalufã, porém Oxalufã estava viajando e teria ainda outros lugares para ir.

Por ser muito velho e agora com as pernas tendo sido quebradas, a locomoção havia sido afetada, fazendo que Oxalufã andasse curvado e muito vagarosamente. Xangô, então, mandou que Ayrá levasse Oxalufã nas costas até a próxima cidade. Ayrá, percebendo ali a sua grande oportunidade, durante o caminho se voltou contra Xangô, falando a Oxalufã que Xangô sabia que ele estava preso,

acabando por ganhar a confiança de Oxalufã, que o tomou para si; razão pela qual Ayrá usa branco, mas não é um fum-fum. Xangô, que não suporta traições, se irritou com a atitude de Ayrá, cortando relações com ele. Desde então, eles jamais devem ser cultuados juntos ou mantidos na mesma casa.

Xangô costuma ser sincretizado com São Jerônimo, Santa Bárbara e São Miguel Arcanjo^[3]

As Qualidades de Xangô

As qualidades de Xangô são estas:

- **Afonjá** - Afonjá o *balé* (governante) da cidade de Ilorin. Afonjá era também Are-Ona-Kaka-n-fo, quer dizer líder do exército do império. Segundo a história de Oyo, no início do século dezenove, Oyó

era governada pelo rei Aolé, ele possuía aliados que eram espécies de Generais, que lhe davam todo o tipo de apoio mantendo assim o poder absoluto sobre o Reino de Olorun e os reinos anexados. Mas um dia um desses generais resolveu se rebelar contra Oyo e se unir com os inimigos, esse general se chamava Afonjá que era conhecido como Kakanfo de Ilorin. Declarou-se independente de Oyo. Com isso o Rei de Oyo Aolé se envenenou para não ver o desmembramento do Império. Afonjá traiu o Império Iorubá, mas, quando, os rebeldes assumiram o poder, Afonjá foi decapitado em 1.823 pelo seu novo aliado. Este alegou que, se um homem traiu seu antigo rei, ele voltaria a trair tantos outros.

- **Obá Kossô** - Título que Xangô recebe ao fundar a cidade de Kossô nos arredores de Oyo, tornando-se seu Rei. Título dado também a Aganju, irmão gêmeo de Xangô, quando de sua chegada em Oyo foi aclamado como o Rei. Não se Enfreio, Obá Kossô.

- **Obá Lubê** - Título de Xangô que faz referência a todo o seu poder e riqueza, pode ser traduzido como Senhor Abastado.

- **Obá Irù ou Barù** - Título dado a Xangô logo após chegar ao apogeu do império, quando cria o culto de Egungun, é aclamado como a forma humana do Orixá primordial Jakutá sobre a terra, senhor dos

raios, tempestades, do Soledofogo em todas as suas formas. Ele acaba por destruir a capital do Reino numa crise de cólera e depois arrependido, se suicida, adentrando na terra.

- **Obá Ajaká** - Também intitulado Bayaniym, "O pai me escolheu", que faz referência a ele por ser o filho mais velho de Oraniã, e ter por direito que assumir o trono, irmão mais velho de Xangô.

- **Obá Aganjù** - Aganju representa tudo que é explosivo, que não tem controle, ele é a personificação dos Vulcões.

- **Obá Orungã** - Filho de Aganju Solá e Iemanjá, Orungan é dono da atmosfera é o ar que respiramos, dono da camada que protege a Terra. Ver mais abaixo.

- **Obá Ogodô** - Muito falado também, é apenas o que se diz sobre Xangô, pois, Ogodô é o verbo bocejar. Então, quando está trovejando, o que se diz é que Xangô está bocejando. Dai Xangô Ogodô, é apenas um título de Xangô.

- **Obá Jakutá** - Jakutá, é a representação da justiça e da ira de Olorun, misticamente Xangô foi iniciado para este Orixá sendo considerado como a forma divina primordial do mesmo. Ele foi enviado em sua forma divina por Olorun para estabelecer a ordem e

substituir Olorun e Oxalufã como a divindade suprema. É o próprio Xangô.

Elementos do culto

- Saudação: *Kawó-Kabiesilé* (saudação é a forma com que os orixás são reverenciados);
- Cores: Vermelho e Branco ou Vermelho e Marrom ou Marrom e Preto ou Marrom e Branco ou somente Marrom ou vermelho. *As cores representam os Orixás, e podem variar segundo a linha religiosa;*
- Dia da Semana: Quarta-Feira;
- Elementos: Fogo, Vulcões, Tempestades, Sol, Trovões, Terremotos, Raios, criador do Culto de Egungun, senhor dos mortos, desertos e formações rochosas;
- Elemento Livro: os livros representam Xangô porque este orixá está ligado as questões da razão, do conhecimento e do intelecto. Bem como a justiça e o direito;
- Ferramenta: Oxê, machado duplo de dois cortes laterais feito e esculpido em madeira ou metal;
- Pedra: meteorito;

- Domínios: Justiça, Poder Estatal, Questões Jurídicas, Pedreiras;
- Oferendas: Amalá, cágado, carneiro, e algumas vezes cabrito. Gosta de Orobô, mas recusa Obi (noz de cola), ao contrário dos demais Orixás;
- Dança: Alujá, a roda de Xangô. São vários toques que falam de suas conquistas, seus feitos, suas mulheres e seu poder e domínio como Orixá.
- Animais associados a Xangô: Tartaruga, Falcão, Águia, Carneiro e Leão.

5.1.6 Cuba

Changó (em português, Xangô) é uma das deidades da religião iorubá. Na *santería*, sincretiza com Santo Antônio.

Resumo

Changó é um dos mais populares orixás do panteão iorubá. É considerado orixá dos trovões, dos raios, da justiça, da virilidade, da dança e do fogo. Foi, em seu tempo, um rei tirano, guerreiro e bruxo, que, por equívoco, destruiu sua casa e a sua esposa e filhos e logo se converteu em orixá.

Orixá da justiça, da dança, da força viril, dos trovões, dos raios e do fogo, dono dos tambores Batá, Wemileres, Ilú

Batá o Bembés, da festa e da música; representa a necessidade e a alegria de viver, a intensidade da vida, a beleza masculina, a paixão, a inteligência e as riquezas.

O Orisha

Changó é chamado Yakutá (o lançador de pedras) e Obakosso (rei de Kosso). Foi o quarto Rey de Oyo e também o primeiro awô, trocou o ashe (axé) da adivinhação com Orunmila pelo da dança, é dono também dos tambores Batá, Wemileres, Ilú Batá o Bembés.

Família

Foi esposo de Obbá, Oyá y Oshún. Foi filho de Obbatala e Aggayu Solá, mas em outros caminhos se registra como de Obbatalá Ibaibo e Yembó ou de Obbatalá e

Oddu, mas em todos os caminhos considera-se criado por Oyá e Dada. É irmão de Orunmilô, Oggún, Oshô, Elegguá e Oshosi

Oferendas

As oferendas a Changó incluem amalá, feito a base de farinha de milho, leite e quimbombó (quiabo), bananas verdes, banana índio, otí (água ardente), vinho tinto, milho tostado, cevada, alpiste, etc. Imola-se carneiros, galos, codornas, tartarugas, galinha de guiné, pombas, etc

Pataki (Itan) de Changó

Furioso com os seus descendentes ao saber que Oggún havia querido ter relações com sua própria mãe Obatalá ordenou executar a todos os varões. Quando nasceu Changó, Elegguá (seu irmão) levou-o escondido para sua irmã mais velha, Dadá, para que o criasse. Em pouco tempo, nasceu Orula, o outro irmão. Elegguá, também temeroso da ira de Obatalá, o enterrou ao pé de uma árvore e lhe levava comida todos os dias. O tempo passou e, um belo dia, Obatalá caiu enfermo. Elegguá buscou

rápido a Changó para que o curasse. Logo que o grande médico Changó curou seu pai, Elegguá aproveitou a ocasião para implorar de Obatalá o perdão de Orula. Obatalá cedeu e concedeu o perdão. Changó, cheio de alegria, cortou a árvore e, dela, entalhou um belo tabuleiro e junto com ele, deu, a seu irmão Orunmila, o dom da adivinhação. Desde então, Orunmila diz: "*Maferefum* (benção) *Elegguá, maferefum Changó, Elegbara* Também pela mesma razão a ékuele (moeda usada na Guiné Equatorial) de Orunmila leva, na soldadura, um fragmento do colar de Changó (branco e vermelho) por uma ponta. Desde então, Orunmila é o adivinhador do futuro como intérprete do oráculo de Ifá, dono do tabuleiro e conselheiro dos homens.

5.1.7 Referências

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. S/A. 1979. p. 44.
 - [2] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. S/A. 1979. p. 42.
 - [3] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 795.
- Cantiga de Xangô 14 - Oba Sarewa
 - Reginaldo Prandi - Mitologia dos Orixás. Companhia das Letras.
 - Gisele Cossard - Awô, O mistério dos Orixás. Editora Pallas.
 - VERGER, Pierre Fatumbi, *Orixás* 6.ed., Corrupio, 2009.

5.1.8 Ver também

- Quebra de Xangô
- Xangô na Umbanda
- Xangô no Batuque
- Xangô no Xambá

5.1.9 Ligações externas

- (es) Santeria.fr :: Todo sobre Shango
- Sango
- Culto aos Orixás
- Shango

5.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

5.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srceem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da

escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai

Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menício Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.

- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô,

Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó

de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evans de Xangô Aiam Exé, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jêje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otília de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlite de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de

Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genecy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miúá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cam-

bina. Devido à similaridade, pode-se considerar a possibilidade da nação Cambina ter suas raízes entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

5.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de

Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque. Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram raízes nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

5.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se completam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oiá-lansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto

de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirá e Xanguin (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em Yorubá é "ara" mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a

denominação do orixá Exu no Batuque, religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desfrutando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá

Bará, hoje já assiste nos trabalhos aprontados de Orixá templo", como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá "dito" masculino e o Padrinho de re-

ligião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetem.^[1]

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação aos outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabaça de

Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelu)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moeda búzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardião da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardião da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardião da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardião dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo axé das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adjolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olobedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, “*Ogunhê*”, é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico.

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo,

seu corte para Ogum Avagã, imbuído de Olorum, os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e a caça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira

e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas

pois, um apásta: num ombro bôzúrgueu o segússan. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado

também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comum entre os batuqueiros ao se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível per-

turbacão causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganju* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganju de Ibeje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangó Aganjú Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangó Aganjú* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá *Sangó Aganjú* tem alguma ligação orisá Orisá Ybeji ou vice-versa. E *Sangó Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amálá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação *Ekao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Egúns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas Xango Ibeje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve

adjuntos na Nação de *Oxambô* (Cabinda),

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibeji (yoruba), *Ibêjeu Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêjeconsistenumamesa(toalhaarreadanochão)naqual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de

quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)

- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))

- Cor: Todas as cores, menos o preto

- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itôns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otim. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otim. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê); outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))⁸¹
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otin* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itôns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com

a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante

suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens

participando das rezas dentro de seu templo. Mas devido algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixá.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itôn (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua

importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavação de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira.

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão socrinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “rotpagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrimdo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubetei e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa

de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epandá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epandá Ibeje*: a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agba Ilir*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iyáomf*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanda de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojã (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomi - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilã;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilã;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;

7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champagne, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior qualidade de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feiticeiro e a poeira poeira e suas águas, a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais res-

peitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência oجو de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá e no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nagô inhame para os Ajagunãs.

- Ferramentas: jóias em prata, caramujo (ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.
- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

5.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. O maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande

do Sul. No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que também procuram seguir a maneira de cultuar os orixás, e a construção dos templos seguem exemplos dos seus sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa

dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao axexê do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

5.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e singulares e embora tenha alguma semelhança com o Xangô de Pernambuco, é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do ijexá, já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá “dono da casa” e dos filhos que ainda não possuem seu próprio tem-

plo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão

há uma obrigação de matar cabritos e as crianças presentes com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos animais, que se vem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

No dia da festa são enfeitados com as cores dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

5.2.6 Egum

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diversas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

5.2.8 Outra definição

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai, Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

5.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

5.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/072014). «A entronização do Alaafin e sua sobrevivência na Kambina». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto

Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul

- [7] JAKUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAKUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]
- [10]
- [11]

5.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luíza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

5.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalexorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

5.3 Xangô na Umbanda

Xangô é o orixá da justiça e da sabedoria. É sincretizado com São Jerônimo, São Pedro, São João Batista, representa a justiça e tem as pedreiras como símbolo natural. Possui um machado de duas faces que simboliza tanto a proteção quanto a punição a seus filhos quando cometem injustiças. Outro símbolo é a estrela de 6 pontas que é em si o poder equilibrador do universo.

5.3.1 História

Quando Deus criou os Estados exteriores da criação, o primeiro foi o vazio (Exu), o segundo estado foi o espaço em si mesmo (Oxalá) e o terceiro Estado da criação exterior foi o equilíbrio de tudo e de todos (Xangô). Como em Olorum, não se pode dizer quem foi o primeiro a ser exteriorizado, os umbandistas preferem amá-los e ponto final.

Tudo trata-se de ângulos de visões religiosas, pois o poder de Olorum que equilibra todo o universo que faz par com

o estado purificador (Kali-yê), é chamado de Xangô na religião umbandista, ou seja, na Umbanda não se adora como um deus com características humanas, mas sim como o poder equilibrador de Olorum manifestado em seu exterior.

- Cor: marrom e vermelho
- Saudação: Kao-kabecile

Segue abaixo indicações de livros que abordam os Orixás na Umbanda como os poderes exteriorizados de Olorum e não como deuses cruéis e sanguinários e as vezes bondosos com quem lhes servem corretamente. Tais livros ensinam como cultuá-los amando-os e sabendo que os poderes de Olorum estão a disposição de toda a humanidade necessitada de luz, pois manifestam-se verticalmente e horizontalmente nos três lados da criação (Lado Divino, Lado Natural e Lado espiritual).

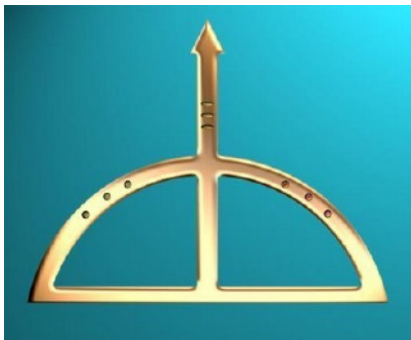
5.3.2 Notas e referências

- Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada - Rubens Saraceni;
- O Código de Umbanda Sagrada - Rubens Saraceni.

Capítulo 6

Oxossi(Odé)

6.1 Oxóssi



Ofá (arco e flecha), o símbolo de Oxóssi

Oxóssi (no candomblé) ou **oxósse** (no omolocô) é o orixá da caça, florestas, dos animais, da fartura, do sustento. Está nas refeições, pois é quem provê o alimento. É a ligeireza, a astúcia, a sabedoria, o jeito ardiloso para capturar a caça. É um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas. É o caçador de axé, aquele que busca as coisas boas para um ilé, aquele que caça as boas influências e as energias positivas.

O que encontramos no dia a dia no almoço, no jantar, enfim, em todas as refeições, pois é ele quem provê o alimento. Na África antiga, Oxóssi era considerado o guardião dos caçadores, pois cabia a eles trazer o sustento para a tribo. Hoje, Oxóssi é quem protege aquelas pessoas

que o Oxóssi também está trabalhando para trazer ósus. Ele está presente no ato da pintura de um quadro; na confecção de uma escultura; na composição de uma música; nos passos de uma dança; nas misturas de cores; na escrita de um poema, de um romance de uma crônica. Está na arte em um modo geral, desde o canto dos pássaros, da cigarra, ao canto do homem.

Oxóssi também rege o revoar dos pássaros, a evolução das pequenas aves. Oxóssi é a vontade de cantar, de escrever, de pintar, de esculpir, de dançar, de plantar, de

colher, de caçar, de viver com dinamismo e otimismo. Oxóssi é a divindade da cultura, passando para seus filhos grandes talentos artísticos, seja no canto, na criação de livros, pinturas etc.

Curiosamente, Oxóssi também é a comodidade, a vontade de admirar, de contemplar. Oxóssi é um pouco de preguiça, a vontade de nada fazer, senão pensar e, quem sabe, criar.

Em seu lado negativo, pode estar presente também na falta de alimento; no pouco plantio; no apodrecimento de frutas, legumes e verduras; e até mesmo na arte mal acabada, inacabada ou de mau gosto. O elemento de Oxóssi é a terra e a liberdade de expressão, a liberdade para viver da maneira que somos. Sua saudação é “okê arô” ou, simplesmente, “okê”^[3]

6.1.1 Etimologia

O nome Oxóssi vem do termoiorubá *oxóssí* ou *òsò wássí*, que significa “o guardião é popular”, “caçador ou guardião popular”, “feiticeiro da esquerda” ou “feiticeiro”, pois Oxóssi é um grande e apto feiticeiro, tendo aprendido a lidar com as magias das folhas, dos animais e da natureza após ter descoberto os segredos das *Iyámi - Osódórngá* e após ter matado um dos pássaros das *Eleyés* e ter livrado o povo de *Ketu* do feitiço, razão pela qual se tornou o rei e soberano de *Ketu*.

Também é chamado de *Odé*, que vem do termoiorubá *odé*, que significa “caçador”, um adjetivo, devido ao fato de Oxóssi ser o guardião dos caçadores que caçam para obter seu sustento e o de sua família.

6.1.2 África

Pierre Verger, em seu livro *Orixás*, diz que o culto de Oxóssi foi praticamente extinto na região de *Ketu*, na *Iorubalândia*, uma vez que a maioria de seus sacerdotes foi escravizada, tendo sido enviados à força para o Novo Mundo ou mortos. Aqueles que permaneceram em *Ketu* deixaram de cultuá-lo por não se lembrarem mais como realizar os ritos apropriados ou por passarem a cultuar outras divindades.



*Assentos de Oxóssi e Ossain no terreiro de candomblé Ile Asefijino
Ilu Orossi, em Salvador*

6.1.3 Brasil

Durante a diáspora negra, muitos escravos que cultuavam Oxóssi não sobreviveram aos rigores do tráfico negreiro e do cativeiro, mas, ainda assim, o culto foi preservado no Brasil e em Cuba pelos sacerdotes sobreviventes e Oxóssi se transformou, no Brasil, num dos orixás mais populares, tanto no candomblé, onde se tornou o rei da nação Ketu, quanto na umbanda, onde é patrono da linha dos caboclos, uma das mais ativas da religião.

Seu *habitar* é a floresta, sendo simbolizado pela cor verde na umbanda, e recebendo a cor azul clara no candomblé, mas podendo usar, também, a cor prateada nesse último. Sendo assim, roupas, guias e contas costumam ser con-

fecionadas de Oxóssi e também de outras guias e entidades que reforcem a floresta, tais como penas e sementes.

Seus instrumentos de culto são o ofá (arco e flecha), lanças, facas e demais objetos de caça. É um caçador tão habilidoso que costuma ser homenageado com o epíteto “o caçador de uma flecha só”, pois atinge o seu alvo no primeiro e único disparo tamanha a precisão. Conta a lenda que um pássaro maligno ameaçava a aldeia e Oxóssi era caçador, como outros. Ele só tinha uma flecha para matar o pássaro e não podia errar. Todos os outros já haviam

errado o alvo. Ele não errou, e salvou a aldeia. Daí o epíteto “o caçador de uma flecha só”.

Come tudo quanto é caça e o dia a ele consagrado é quinta-feira.

Oxossi Ibualama (ou **Odé Ibo**) é uma das maiores qualidades de Oxóssi (é a qualidade do Oxóssi de Mãe Stella de Oxóssi), marido de Oxum Ipondá e pai de Logunedé. Como os demais Oxóssis, é caçador, rei de Ketu e usa ofá (arco e flecha), mas se veste de couro, com chapéu e chicote.

Um Oxóssi azul, Otin, usa capanga e lança. Vive no mato a caçar. Come toda espécie de caça, mas gosta muito de búfalo.

Oxóssi é a expansão dos limites, do seu campo de ação, enquanto a caça é uma metáfora para o conhecimento, a expansão maior da vida. Ao atingir o conhecimento, Oxóssi acerta o seu alvo. Por este motivo, é um dos Orixás ligados ao campo do ensino, da cultura, da arte. Nas antigas tribos africanas, cabia ao caçador, que era quem penetrava o mundo “de fora”, a mata, trazer tanto a caça quanto as folhas medicinais. Além, eram os caçadores que localizavam os locais para onde a tribo poderia futuramente mudar-se, ou fazer uma roça. Assim, o orixá da caça extensivamente é responsável pela transmissão de conhecimento, pelas descobertas. O caçador descobre o novo local, mas são os outros membros da tribo que instalam a tribo neste mesmo novo local. Assim, Oxóssi representa a busca pelo conhecimento puro: a ciência, a filosofia. Enquanto cabe a Ogum a transformação deste conhecimento em técnica.

Apesar de ser possível fazer preces e oferendas a Oxóssi para os mais diversas facetas da vida, pelas características de expansão e fartura desse orixá, os fiéis costumam solicitar o seu auxílio para solucionar problemas no trabalho e desemprego. Afinal, a busca pelo pão de cada dia, a alimentação da tribo, costumeiramente cabe aos caçadores.

Por suas ligações com a floresta, pede-se a cura para determinadas doenças e, por seu perfil guerreiro, proteção espiritual e material. É o senhor da inteligência, do conhecimento, da sabedoria e da curiosidade. Dizem os mais antigos que Oxóssi é o único orixá que conhece o segredo do mundo fora os Funfun e Onilé, pois quebrou todos os tabus do mundo. Por isso, nada passa despercebido por Oxóssi.

6.1.4 Arquétipo

Seus filhos são alegres e joviais, muito falantes, nervosos e inseguros, embora não transmitam essas emoções, pelo contrário, sua companhia é agradável e estimulante.

Em alguns momentos, são agressivos e francos a ponto de serem grosseiros, porém, a simpatia que ele irradia faz com que sempre esteja rodeado por um grupo ativo

e dinâmico. Místicos e intuitivos, são dotados de notável rapidez mental, gostam de ouvir conselhos e orientações, mas esquecem tudo na hora de agir, tornando-se, então, precipitados, sem lógica e, por vezes, indecisos: acompanhá-los não é fácil.

Tem muitos amigos, mas não gosta de intimidade excessiva. É amável e acolhedor, mas reserva-se bastante. Deixa-se levar por elogios, o que lhe traz alguns dissabores na vida. Fala e escreve muito bem, excelente coordenador de atividades, distribui bem as tarefas de cada um, só que para ele nunca sobra nada para fazer embora pa-

reca ser o mais ativo de todos. É inventivo, e srncinal em setis planos, é astuto e sagaz, mas também é impaciente com os lentos, com os calmos e reflexivos, deixando para trás aqueles que não acompanham seu ritmo ativo. Movimento e mudanças são uma constante para ele, suas ideias mudam quando menos se espera, nada está estabelecido, sujeito a experimentar novas sensações e emoções, pois para ele tudo é possível de sofrer alterações.

Aprecia discussões pelo prazer de vencer intelectualmente ideias opostas as suas, é afetuoso, generoso e sensível, mas atitudes apaixonadas e ardentes não fazem parte deste arquétipo, ele se interessa mais pelos aspectos intelectuais em suas relações. A monotonia entedia o filho de Oxóssi, que precisa sempre ser estimulado, esses estímulos são trazidos pelas inovações e mudanças, assim ele consegue manter-se interessado e produzir. Como é um pensador independente tem dificuldade em aceitar opiniões diferentes das suas, trabalhar em equipe é desgastante se tiver que enfrentar conflitos constantes.

Estão sempre prontos para ajudar, porém não toleram que abusem de sua ajuda ou tirem proveito dele. Muito sentimentais, os filhos de Oxóssi precisam do conforto do amor, mas quando se envolve e percebe que sua liberdade fica comprometida recua assustado, mas quando bem harmonizado intelectualmente, e sentindo-se livre mantém-se num relacionamento estável. Provavelmente, quem inventou o casamento em casas separadas foi um filho de Oxóssi. Entretanto são muito românticos.

Sua personalidade independente exige que ele tenha um canto só seu onde nada e ninguém o perturbe, ali ele se reequilibra e recupera seu delicado sistema nervoso, ele é como o mercúrio: ele desliza, é difícil mantê-lo estável, quando é comprimido foge e se divide, só pode ser controlado, nunca pressionado. É atraído pela beleza, pelo otimismo, pela inteligência e pelo bom humor. Aprecia que seu companheiro tenha interesses diversos dos seus, sente-se então enriquecido pelas experiências que lhe são relatadas, os desafios em conjunto o fascinam, já uma pessoa rígida com poucos objetivos pessoais o entedia. A vida familiar pode ser uma boa base para o filho de Oxóssi, desde que seja estimulado em suas ideias e tenha livre expressão o convívio com a família será revigorante para ele.

Os assuntos secretos, o ocultismo e o esoterismo o atraem, um relacionamento cármico será possível para

ele, pois está aberto a reconhecê-lo em todos os níveis, tirando dele o aprendizado necessário. A vida amorosa não tem para ele a mesma importância que para os filhos de outros orixás. Porém, são voltados para o lado sexual, sentindo grande necessidade de um companheiro (a).

O filho de Oxóssi tem aptidões múltiplas, gosta do estímulo mental constante e procura sempre novidade no que faz, essas características norteiam sua vida profissional. Quando tem um projeto em andamento, sua atividade redobra e é capaz de gastar muita energia para desenvolvê-lo. O esgotamento que a dedicação intensa ao trabalho

provoca é capaz de afetar seu sistema nervoso sensível. O filho deste Orixá precisa aprender que para construir uma carreira bem sucedida é preciso que ele seja prático no seu idealismo, essa realidade é, às vezes um pouco difícil de ser encarada por ele. O perfeccionismo, a minuciosidade e a imaginação que põe em seu trabalho faz com que seja o melhor em sua especialidade. Responsabilidades monótonas e burocráticas deprimem o seu espírito, ele está melhor situado em um trabalho onde puder traçar planejamentos e realizar mudanças. Toma decisões rapidamente e é bom para enfrentar crises, mas distraído com pequenos detalhes.

O filho de Oxóssi é pouco conservador, possui múltiplos interesses, não analisa qualquer assunto por um tempo maior, sua atuação seria, partindo do interesse que algo lhe provoca, observar, emitir um conceito próprio e ir adiante, atrás de novidade. Não consegue se deter tempo

suficiente para conhecer profundamente algum assunto, mas conhece um pouco de tudo. Gosta de companhia, faz parte do seu temperamento alegre. As crianças o adoram, dá bastante liberdade e as estimula a variar as suas atividades, embora seja falho no lado disciplinar. Não é ciumento e não quer ser alvo de ciúmes nem quer que sua liberdade seja tolhida por causa dele, alguns filhos de Oxóssi com problemas emocionais e profissionais passam por períodos de depressão, pode ser vítima de tramas traiçoeiras e pode ter atos e palavras mal interpretados.

A filha de Oxóssi é uma intelectual, embora administre bem o seu lar passa pouco tempo dentro dele, prefere o ambiente profissional ou a vida em sociedade. O homem que se casa com essa mulher casa com muitas mulheres diferentes ao mesmo tempo, pode surpreender sempre é criativa divertida, curiosa por qualquer novidade, fiel e dedicada, variar é seu ponto forte a parte física de uma relação é a que menos interessa a mulher de Oxóssi ela

se aproxima de alguém que a atraia mental e espiritualmente. Gosta de discutir, é muito temperamental é petulante e fala para ferir quando está brigando. Como mãe, é maravilhosa. Ensinará aos filhos a independência, será imaginativa e amorosa e organizará para eles muitas atividades estimulantes. A traição não está na natureza da filha de Oxóssi ela jamais sacrificaria lar e filhos por uma aventura.

6.1.5 Qualidades de Oxóssi

- Koifé
- Otin
- Òdèarólé
- Akeran
- Ajayipapo
- Danadana
- Apáòka
- Kare
- Irinlè (Inlé)
- Ibualamo
- Isambu
- Onisewe
- Inkulé
- Infamí
- Oreluéré
- Etetú
- Edjá
- Omínòn
- Obèrùnjá
- Wawá
- Wale
- Ibo
- Mutalambô.

6.1.6 Sete folhas mais usadas para Oxóssi

- Ewê odé
- Akoko
- Odé akoxu
- Etítaré
- Iteté
- Igbá ajá
- Bujê

6.1.7 Sincretismo

No Brasil, é sincretizado com São Sebastião no Rio de Janeiro e com São Jorge na Bahia. Em Salvador, no dia de *Corpus Christi*, é realizada uma missa chamada de “missa de Oxóssi”, com a participação das ialorixás do candomblé da Casa Branca do Engenho Velho da Federação.

Cuba

Oxossi (ou Odé) é um orixá da *santería* cubana. Representa o caçador infalível. Odé é uma das deidades da religião ioruba. Na *santería*, é sincretizado com São Alberto Magno e São Norberto. Particularmente em Santiago de Cuba é “Santiago Arcanjo”.

O Orixá

É considerado mago ou bruxo. Faz parte dos orixás guerreiros. Suas cores são o azul e o coral.

Família

Filho de Obatalá e Yembá. Irmão de Xangô, Ogum, Elegua. Esposo de Oxum, com quem teve o filho Logunedé.

Oferendas e danças

Sacrificam-se, em homenagem ao orixá, pombas, cabritos, galos, codornas, frangos, veados, galinhas-d'angola, cutias etc.

Haiti

6.1.8 Referências

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979. p. 9.
- [2] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979. p. 26.
- [3] FERREIRA, A. B. H. *Uma dicçãoário da língua portuguesa*. 1986. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 1 229.

6.1.9 Ver também

- Oxossi na Umbanda
- Odé no Batuque
- Odé no Xambá

6.1.10 Ligações externas

-
- Òsódòsì Ode òkè àrò
- Fundação Pierre Verger
- Colégio de Umbanda
- Terreiro do Gantois saúda o orixá da caça
- *"Òsódòsì e Èsù, os Òrìsà Aláékétu".*



*Ibualama, Inlè ou Erinlè - escultura de Carybé em madeira
(Museu Afro-Brasileiro em Salvador, no Brasil)*



Mãe Stella de Oxóssi



*Terreiro de umbanda em Mesquita, no Rio de Janeiro, intitulado
"Tenda espírita Oxóssi caçador"*

6.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

6.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srcecm africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Ássis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá,

Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha

Mãe Oxalá, Pai Cibrú, Mãe Oxum, Mãe Oxá, Mãe Bará, Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyó, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.
- *dáde* — Mãe Custódio de Xangô, Príncipe Custódio Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otília de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinicius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlite de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.
- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miuá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Cor-

rea (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas raízes entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como

no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

6.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador

nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram raízes nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como santería e o vodu.

6.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto.

Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oíá-lansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirá e Xanguín (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em Yorubá é "ara" mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual es-

tará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, des-trancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de "dentro do templo", como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Ba-

Batuque, o orixá Bará também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repete^[4]

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tor-

nar o soberano em relação ao outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabaça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelu)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moeda, búzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardião da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardião da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardião da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardião dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo axé das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *fucade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente

Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Eguns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olobedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adiolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje,

é verde e branco, e o Onã de Iansã para Ogum Avagã). Ogum seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, “*Ogunhê*”, é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e açaça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas

- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjólá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia,

em Xangô, lançou a lei de Jeje, sua antiga Ogun, sentiu-se com, ber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. Orixá dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifesta-

ção de uma entidade feminina, que o muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comumente os batuqueiros a se perceberem uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e

nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é

sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganju*, o mais jovem com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganju de Jeje* (criança) com Cosme e Damião. Sangó Aganju Ybeji, na realidade é uma qualidade de Sangó Aganju que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) quê é do orisá Sangó Aganju tem alguma ligação orisá Orisá Ybeji ou vice-versa, E Sangó Kamuká quê especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *kaio kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no

círculo principal das nações de Ijesa e Jeje, Xangô é o

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Eguns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas.

Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são

tratados com epô, mas Xangô Ibeje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibêji (yoruba), *Ibêjeou Ibêji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje, consiste numamesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de

outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido

mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjunto é Otin. Mas Odé também pode fazer adjunto com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz

uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Bатуке no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feituas.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Bатуке, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito

fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus.

Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Bатуке, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra

toda tenacidade deste (a) orixá. Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Bатуке do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Bатуке é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Bатуке. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suaservas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é

muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, depen-

dendo da Nação que o cultua. Xapanã, vem de Sanponná (Fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão sncinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guer-

ras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso, nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrimdo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubetei e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de

crescimento de seus filhos. Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa **Iemanjá**

de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epanlá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epanlá Ibeje* a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agba Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iyáomf*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanlá de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, **Orixá** que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas

em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogum Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, chaminado, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência oجو de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina*(Cabinda) Domingo para Orumiláia , ou Oxalá VelhoQuarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* /Cabinda)eIjexáenoNagôamarelocomverdepara Orumiláia .
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo(ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no*Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

6.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira doUruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. E o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custodio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos seguem de exemplos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixa, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

6.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e locais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá*, já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participam dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

No dia da festa o salão é enfeitado com os cores dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

6.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

6.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

6.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado [10]

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

6.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/07/2014). «A entronização do Alafio e sua sobrevivência na Kambinda». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

Capítulo 7

Ossanha

7.1 Osanyin



Orixá Osanyin, no candomblé do Ile Ase Ijino Ilu Orossi

Osanyin, Ossaniyn, Ossain,^[4] **Ossanhe** ou **Ossanha,**^[5] conforme as religiões africanas é o orixá das folhas sagradas, ervas medicinais e litúrgicas, identificado no jogodo merindilogun pelo oduiká e representado material e imaterialmente pela cultura je-nagô, através do assentamento sagrado denominado *igba ossain*. Sua importância é primordial. Nenhuma cerimônia pode ser realizada sem sua interferência. O seu sacerdote é o Babá Olosayin.

7.1.1 Descrição

É o detentor do axé (força, poder, vitalidade), de que nem mesmo os Orixás podem privar-se. Esse axé encontra-se em folhas e ervas específicas. O nome dessas folhas e o seu emprego é a parte mais secreta do ritual do culto dos orixás, voduns e inquices.

O símbolo de Osanyin é uma haste de ferro de cuja extremidade superior partem sete pontas dirigidas para o alto. A do centro é encimada pela imagem de um pássaro.

Osanyin é o companheiro constante de Ifá. É representado por uma sineta de ferro forjado, terminada por uma haste pontuda enfiada em uma grande semente. A haste é fincada no chão, ao lado do osun (o *asen* dos fon) do *babalawo*. Por sua presença, Osanyin traz a influência



Ferramenta de Osanyin

7.1.2 Brasil

No Brasil, é conhecido com os seguintes nomes: **Ossaniyn, Ossaim, Ossãe, Ossain** (como se escreve habitualmente), ou (como é chamado na umbanda) **Ossanha**, que é o orixá das ervas. No candomblé Jeje é chamado de *Agué*: é o Vodun da caça e das florestas e conhece



Osanyin - escultura de Curybé em madeira, em exposição no Museu Afro-Brasileiro em Salvador, na Bahia, no Brasil

os segredos das folhas. No candomblé bantu é chamado de Katendê, Senhor das *insabas* (folhas). Ossaniyn, Oxumarê, Obaluayê e Yewa são filhos de Nanã com Oxalá.

Comanda as folhas medicinais e litúrgicas, chamadas de folha sagrada que são utilizadas numa mistura especial chamada de abô. Muitas vezes, é representado com uma única perna. Cada orixá tem a sua folha, mas só Ossaim detém seus segredos. E sem as folhas e seus segredos não há axé, portanto sem ele nenhuma cerimônia é possível.

- Ferramenta: sua ferramenta tem uma haste central com um pássaro na ponta, do meio dessa haste saem sete pontas, chamada de Opere ou Avivi.
- Cores: Verde, branco, e todas as variações de verde dependendo da nação.
- Fio-de-contas verde, branco, verde rajado de branco ou branco rajado de verde.
- Animais: Bode e galo, entre outros.
- Saudação: *Ewê Assáo Eruéje*

Itan de Osanyin

Osanyin recebeu de Olodumare o segredo das folhas. Ossaniyn sabia que algumas delas traziam a calma ou o vigor. Outras, a sorte, a glória, as honras ou ainda, a miséria, as doenças e os acidentes. Os outros orixás não tinham poder sobre nenhuma planta. Eles dependiam de Ossaniyn para manter sua saúde ou para o sucesso de suas iniciativas.

Xangô, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e impetuoso, irritado por esta desvantagem, usou de um ardil para tentar usurpar Osanyin a propriedade das folhas. Falou dos planos à sua esposa Iansã, explicou-lhe que, em certos dias, Osanyin pendurava, num galho de Iroko, uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas. Desencadeie uma tempestade bem forte num desses dias, disse-lhe Xangô. Iansã aceitou a missão com muito gosto.

O vento soprou a grandes rajadas, levando o telhado das casas, arrancando árvores, quebrando tudo por onde passava e, o fim desejado, soltando a cabaça do galho onde estava pendurada. A cabaça rolou para longe e todas as folhas voaram.

Os orixás se apoderaram de todas. Cada um tornou-se dono de algumas delas, mas Osanyin permaneceu “senhor/senhora do segredo” de suas virtudes e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação. E assim, continuou a reinar sobre as plantas como senhor absoluto, graças ao poder (axé) que possui sobre elas.

7.1.3 Arquétipo

É difícil encontrar um filho/filha de Ossaim. Seus filhos(as) são pessoas engraçadas, risonhas, alegres e obs-

curiosos. Querem que se evite a fúria. Podem salvar os vivos. Sabem conquistar as pessoas e adoram aventuras amorosas. São pacientes quando amam e fazem de tudo para a relação durar. Trabalham demais para conseguir estabilidade e independência.

7.1.4 Referências

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos S/A. 1979. p. 38.



Detalhe de Osanyin por Carybé.

- [2] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 236.
- [3] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos S/A. 1979. p. 38.
- [4] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos S/A. 1979. p. 38.
- [5] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 236.

7.1.5 Ver também

- Ossaim no Batuque
- Folhas sagradas
- Sassayin
- Agué
- katendê
- Lista de plantas medicinais
- Fitoterapia

7.1.6 Ligações externas

- A ritualística do culto aos orixás: caminhos para uma outra consciência ambiental
- Osanyin Orixás

7.2 Oxalá no Batuque

Nota: Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

7.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primei-

ros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srcem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje ddDaomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batu-

que foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela

do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.

- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.
- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma

Feijó de Xangô, Baba Eyanisé de Xangô Alafin Exé, João Cunha de Xangô Djakuta, Velosa de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jéje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe Jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.
- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô,

Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miua, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao

enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas raízes entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

7.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de

Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque. Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram origem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como santería e o vodu.

7.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo **Bará** o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam **dExu** (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se completam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: **Bará**, **Ogum**, **Oiá-Iansã**, **Xangô**, **Ibeji** (que tem seu ritual ligado ao culto

de **Xangô** e **Oxum**), **Odé**, **Otim**, **Oba**, **Osanha**, **Xapanã**, **Oxum**, **femanjá**, **Nanã** como qualidade velha de **Yemanjá**, **Oxalá** e **Orunmilá** (ligado ao culto de **Oxalá**).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: **Legba**, **Gama** (divindade ligada ao culto de **Xapanã**), **Zina**, **Zambirá** e **Xanguin** (qualidade rara de **Bará**) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba **Elegbara** (Ele - possuidor + **agbara** - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em **Yorubá** é "ara" mas nada tem a ver com **Exu Bará**, apesar da semelhança do fonema. **Bará** é a

denominação do orixá **Exu**, no **Batuque**, religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, **Bará** se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, destrancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá **Bará** eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá

Bará, **Hopé** já existem **quelas** **apostas** **de** **Onã** **templo**", como **Lanã**, **Adague** e **Agelú**. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto **yorubá** quanto **bantu**, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá **Bará**, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá **Bará** na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá "dito" masculino e o Padrinho de re-

ligião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros **Axés**, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repete⁴¹

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia **Bará** desafia **Oxalá**, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação ao outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, **Oxalá** domina a cabeça de

Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: **Alúpo** ou **Lalúpo**
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (**Bará Agelu**)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (**Lanã**, **Lodê**, **Adague** e **Agelú**)
- Oferta: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedapúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- **Bará Lodê** (**Olodê**): Guardião da parte externa do templo
- **Bará Lanã** (**Onã**): Guardião da porta do templo
- **Bará Adagbe**: Guardião da parte interna do templo
- **Bará Agelú** (**Jelú**): Guardião dos orixás "chamados mel ou praia" e das areias da praia
- **Bará Elegbará**: Como **Lodê**, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de **Iansã**, que o traiu com **Xangô** após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do " *obe*" (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo axé das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olo-bedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de *Oxum*, *Iemanjá* e *Oxalá*. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação *Nagô* são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, "*Ogunhê*", é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico.

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo,

seu nome para Ogum Avagã, um coelho. Os bisnecas são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e a caça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira

e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas

pois é uma aposta que ambos se dirigissem à seguinte lua. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse *Ikú* (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado

também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comumente os batuqueiros a se perceberem uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível per-

turbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em Yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganjú de Ibêje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangô Aganjú Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangô Aganjú* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá *Sangô Aganjú* tem alguma ligação orisá Orisá Ybeji ou vice-versa. E *Sangô Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de *Xangô* nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô e Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *kao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá, é dedicado a *Xangô*, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibêjes, sendo também um dos regentes dos Egúns no Batuque. Durante a Balança, a presença de *Xangô* é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a *Xangô*, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas *Xango Ibeje*, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, *Xangô* teve

dois filhos: *Nação de Oyá/Dirá, (Cabinda)* e *Nação de Xangô/Bará, (Cabinda)* são seus

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ìbẹ̀jì (Yorubá), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje consistem numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, *Xangô* e *Oxum* ocupam seus filhos de santo para prestigiar. *Yemanjá* e *Oxalá* também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto *Xangô Agandju Ibêje*, quanto *Oxum Epandá Ibêje*, recebem as oferendas e pedidos de

quem precisam de suas preces. Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (*Xangô Agandju Ibêje*). Sábado (*Oxum Epandá Ibêje*)

- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itôns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente o epô (azeite de dendê); outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otin* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itôns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é acarne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante

suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens

paté o mesmo, rezando dentro de "sapato. Mas deitado" algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixá.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itôn (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra "Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás".
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D'Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua

importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás "médicos" do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá "médico", mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira.

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão sncinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jeje, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa

de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*. A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*. A Oxum da “lomba”. Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*. A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epandá*. Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epandá Ibeje* a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agba Ilu*. matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu* velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*. Oxum idosa.
- *Oxum Opaxa*. Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá* outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*. moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke* guerreira.
- *Oxum YeYe Karé* Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda* guerreira do rio.
- *Oxum Iyáomí*. ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* /Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanda de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinheiros. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilã;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilã;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;

7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champagne, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior qualidade de yemanjá é a poeira e o sapo, e seu feitiço é a pedra pódua pelas águas, a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais res-

peitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Chador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência ojogo de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá e no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.

- Ferramentas: jóias em prata, caramujo(ebi), sol, caxado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.
- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

7.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. E o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande

do Sul. No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que também procuram seguir a maneira de cultuar os orixás, e a construção dos templos seguem exemplos dos seus sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa

dos Eguns, também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou ialorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despaçadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao axexê do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

7.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e singulares e embora tenha alguma semelhança com o Xangô de Pernambuco, é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do ijexá já que, estas duas provem de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato de iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou ialorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebó, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá “dono da casa” e dos filhos que ainda não possuem seu próprio tem-

plo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão

as oferendas são preparadas com diversos temperos e servidas a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos animais, que se vem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Nodia da festa são enfeitados com as cores dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

7.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diversas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

7.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou ialorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios, e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

7.2.8 Outra definição

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai, Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

7.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul*/1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/072014). «A entronização do Alaafin e sua sobrevivência na Kambina». Revista Olorun ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». Estud. afro-asiát. vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto

Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul

- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

[10]

[11]

7.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B.Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre dos objetos em uma etnografia paraguaiense. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

7.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

Capítulo 8

Obá

8.1 Obá

 **Nota:** Se procura pela prova de conhecimento brasileira de astronomia, veja *Olimpíada Brasileira de Astronomia*.

Obá, Orixá africana do Rio Obá ou rio Níger, primeira



Orixá Obá no candomblé.

esposa de Xangô, identificada no jogo do merindilogun

pelos orixás como **Sundê** e **Ossô D'Á**. Também conhecida no Guiné, veste vermelho e branco, usa escudo, Arco e flecha Ofá. Obasy é a senhora da sociedade elekoo, porém no Brasil esta sociedade passou a cultuar egungun. Deste modo, obasy é a senhora da sociedade lesse-orixá. **Obá** representa as águas revoltas dos rios. Apororocas, as águas fortes, o lugar das quedas são considerados domínios de Obá. Ela também controla o barro, água parada, lama, lodo e as enchentes. Trabalha junto com Nanã. Representa também o aspecto masculino das mu-

lheres (fisicamente) e a transformação dos alimentos de crus em cozidos. É também a dona da roda. Orixá, embora feminina, energética, temida, e forte, considerada mais forte que muitos Orixás masculinos, vencendo na luta Oxalá, Oyá, Oxumarê, Exú e Orumilá.

8.1.1 Lenda

Obá foi a primeira mulher de Xangô. Há duas versões para que tenha cortado a própria orelha: numa delas o fez por ter sido ludibriada por Oxum; noutra, a intenção era puramente o sacrifício. Nas duas versões, Obá corta a própria orelha por amor a Xangô. Quando se manifesta nos terreiros, esconde o defeito com a mão. Seus símbolos são a espada, o escudo, o ofá e o erukere.

Segundo suas lendas, Obá lutou contra inúmeros Orixás, derrotando vários deles. Obá teria derrotado Exú, Oxumarê, Omolú e Orumilá, e tornou-se temida por todos os deuses, tendo sido derrotada apenas por Ogum, tornando-se assim sua esposa. Ao lado de Ogum, quando este foi enfrentar Xangô, encantou-se pelo oponente e abandonou Ogum para se entregar ao outro. Obá nunca havia visto alguém como Xangô, ela via nele tudo o que sonhava para si.

Existem algumas versões do grande encontro de Xangô e de Obá, em uma dessas versões ela é a líder de todas as mulheres e a rainha de Elekô, mas em todas, as evidências dizem que o amor entre os dois era desmedido e que nada ofuscava sua relação. Da união entre Obá e Xangô nasceu Opará, Orixá que em certos casos é sintetizada com Oxum.

Xangô e Obá

Outra versão para a união de Xangô e Obá transcorre em um culto nos arredores da cidade de Elekô. Uma sociedade restrita, onde apenas mulheres podem participar dos rituais. Obá é a fundadora desta sociedade que cultua a ancestralidade feminina individual. Nenhum homem poderia sequer assistir o ritual do segredo, sob risco de ser punido por Obá com a própria vida.

Certo dia, em uma das noites de culto, Xangô caminhava alegremente e dançava ao som do batá, quando percebeu ao longe um aglomerado de mulheres, realizando uma ce-



Obá por Carybé.

rimônia sob as ordens da enérgica Obá. Xangô era muito curioso se aproximou da cena, para observar à espreita. Prontamente se encantou com a rara beleza de Obá, que apesar de não ser tão jovem e mais bela, a mulher que ele já vira. No momento de distração Xangô foi notado. As mulheres o cercaram, e ele foi levado à presença da orixá. Esta lhe comunicou que era grave sua falta e que o preço por violar o culto sagrado de Elekô era a morte. Mas a

própria Obá que encantou-se com a inigualável beleza de Xangô, e relutou em aplicar a sentença de morte, usando de sua supremacia no culto para ditar novas regras: “Todo homem, que violar o culto, se for do agrado, da senhora do culto, deverá unir-se a ela como marido ou aceitar a pena de morte” Xangô não pensou duas vezes, seria poupado da sentença e ainda sim possuiria a grande deusa por quem havia se apaixonado. A cerimônia de união de Xangô e Obá foi realizada dentro dos limites de Elekô. Foi o início de uma grande paixão. A deusa guerreira e justiceira, que pune os homens que maltratam mulhe-

res, descobriu um sentimento novo por um homem que ia muito além do ódio. A rainha de Elekô aprendeu a amar e ser amada. Nasceu, dessa grande paixão, uma criança, uma menina, chamada Opará, bela, justiceira e feroz como os pais. Foi ela quem prosseguiu com o culto de Elekô.

Embora, em suas lendas, posteriormente Obá tenha se transformado em um rio, essa orixá também está relacionada ao fogo e é considerada por muitos como o Xangô fêmea, no que possui também as características desse orixá. Obá é saudada como o Orixá do ciúme no que

tange os relacionamentos intempestivos entre casais. Obá é a deusa da guerra e do poder; seu culto está relacionado ao rio Obá, as águas em seu culto fazem referência aos afetos (cujo simbolismo, em outras mitologias, encontra correlações estreitas). Seu culto no Brasil é confundido ao de Oyá, em algumas versões, sua irmã.

Obá quando em fúria transborda, agita-se; Obá é a senhora da sociedade Elekô. Tudo relacionado a Obá é envolto em um clima de mistérios. Obá nasceu do ventre rasgado de Iemanjá após o incesto de Orugan. Era cultuada como a grande Deusa protetora do poder feminino, por isso também é saudada como Iya Agbà e mantém estreitas relações com as Iyá-Mi.

Obá é a Iyámi Egbé, ela é a Iyá Abiku. Desta forma é ela a encarregada de enviar ao mundo as crianças que nascem como castigo para seus pais. O que Xangô representa para os mortos masculinos, Obá representa para as mulheres mortas. Assim, ela é representante suprema da ancestralidade feminina.

8.1.2 Referências

- Reginaldo Prandi - Mitologia dos Orixás. Companhia das Letras.
- Oba no Batuque
- Obá na Umbanda
- Obá no Xambá

8.1.3 Ligações externas

- Culto aos Orixás

8.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde

se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

8.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833

e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srceem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da

escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyá* — Mãe Bibica de Ogum, Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Leda de Ogum,

Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju,

~~Yolanda Ogum, Elin Gonçalves de Oxum, Norijó~~
Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Velede de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jêje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de

~~Oxalá, pai de Oxalá, pai Mário de jolha de yansa, pai~~
de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miuá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai

Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas srceem entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

8.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram origem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

8.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se completam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oíá-Iansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xa-

panã), Zina, Zambirá e Xanguín (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em Yorubá é "ara" mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desatracando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá

Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente as que chamamos de "dentro do templo", como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá "dito" masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetirá⁴¹.

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este

Orixá. Conta a lenda que, sobre o dia de Bará, Oxalá, adivinhou a lenda que sobre quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação aos outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabaça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelú)

- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedabúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardiã da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardiã da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardiã da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardiã dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo *axé* das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra

demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olobedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjólá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, “*Ogunhê*”, é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo,

a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, umrevólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e acaça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjólá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem.

Depois de mais de um dia, Ogum não apareceu. [7] Quando chegou, solicitando-lhe que pedisse a Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. Orixá dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comumente os batuqueiros a se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para

os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganju de Ibeje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangó Aganjú Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangó Aganjú* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá *Sangó Aganjú* tem alguma ligação orisá *Orisá Ybeji* ou vice-versa, E *Sangó Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda, Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] e seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação *éka kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Eguns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são

tratados com apó, mas Xangô Ibeje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibêji (yoruba), *Ibêjeou Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantis.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje, consiste num mesa (toalha e readanochão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade,

brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que to-

das as coisas, em todos as circunstâncias, em dias são pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas),

aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó

é o *Itin*. Mas *Odé* também pode fazer adjuntó com Ye-

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas

seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-

versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feituas.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos,

que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixa.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com festas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suaservas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo o ele o detentor do conhecimento sobre a

eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orummalê. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão marcados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jeje, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande

guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubetei e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos

seus rituais, o domínio é praticado por todos os adeptos em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epanlá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epanlá Ibeje* a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agha Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iyáomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanlá de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srce da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas

em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogum Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufá e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champanhe, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios

- Saudação: Epô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina*(Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá VelhoQuarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* /Cabinda)eIjexáenoNagôamarelocomverdepara Orumiláia .
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nagô inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo(ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no*Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

8.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira doUruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. E o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos seguem de exemplos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixa, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

8.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e scinais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá*, já que, estas duas provem de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no

máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participam dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

No dia da festa o salão é enfeitado com os cores dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

8.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

8.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

8.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado [10]

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

8.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/07/2014). «A entronização do Alafio e sua sobrevivência na Kambinda». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

8.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, intepretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

8.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

Capítulo 9

Xapanã

9.1 Xapanã

A definição de **Xapanã** é dada por Pierre Vergerno livro Orixás da Editora Corrupio: *Xapanã* nasceu em Empe, no território Tapa, também chamado, Nupe. Era um guerreiro terrível que, seguido de suas tropas, percorria o céu e os quatro cantos do mundo. Ele massacrava sem piedade aqueles que se opunham à sua passagem. Seus inimigos saíam dos combates mutilados ou morriam de peste.”

Xapanã - É segundo alguns pesquisadores semelhante ou igual a Obaluaiyê ou Sakpatá; é o Orixá da varíola, e de todas as doenças de pele, tanto pode provocá-las quanto curar as enfermidades, é cultuado na maioria dos terreiros do Brasil sendo muito respeitado e temido por todos se-

guidores das Religiões Afro-brasileiras. Costuma-se dizer que o nome *Xapanã* é tabu, preferindo-se referir-se a ele como Obaluaiyê ou Omolu, ainda que no Batuque do Rio Grande do Sul este nome seja pronunciado de maneira genérica.

Na Bahia *Xapanã* seria simplesmente uma das “qualidades” ou manifestações de **Obaluaiyê**, estreitamente ligado ao fogo e à sexualidade.

9.1.1 Um Itan de Xapanã

Assim, chegou *Xapanã* em território Mahi, no Daomé. A terra dos Mahis abrangia as cidades de Savalu e Dassa Zumê no Benim.

Quando souberam da chegada iminente de *Xapanã*, os habitantes desta região, apavorados, consultaram um adivinho. E assim ele falou:- “Ah! O Grande Guerreiro chegou de Empê! Aquele que se tornará o senhor do país! Aquele que tornará esta terra rica e próspera, chegou! Se o povo não o aceitar, ele o destruirá!

É necessário que supliquem a *Xapanã* que os poupe. Façam-lhe muitas oferendas, todas as que ele goste: inhame pilado, feijão farinha de milho azeite de dendê picadinho de carne debode e muita, muita pipoca!

Será necessário também que todos se prosternem diante dele, que o respeitem e o sirvam. Logo que o povo o reco-

nheça como pai, Xapanã não o combaterá, mas protegerá a todos!”

Quando *Xapanã* chegou, conduziu seus ferozes guerreiros, os habitantes de Savalu e Dassa Zumê no Benim reverenciaram-no, encostando suas testas no chão, e saudaram-no:

“Totô hum! Totô hum! Atotô! Atotô!”

9.1.2 Respeito e Submissão!

~~Xapanã~~ *Xapanã* chegou os presentes e durante muitos dias, desde Empê, minha terra natal, sempre encontrei desconfiança e hostilidade. Construam para mim um palácio. É aqui que viverei a partir de agora!”

Xapanã instalou-se assim entre os Mahis. O país prosperou e enriqueceu e o Grande Guerreiro não voltou mais a Empê, no território Tapá, também chamado Nupê.

Xapanã é considerado o deus da varíola e das doenças contagiosas. Ele tem também o poder de curar. As doenças contagiosas são, na realidade, punições aplicadas àqueles que o ofenderam ou conduziram-se mal. Seu verdadeiro nome é perigoso demais pronunciar. Por prudência, é preferível chamá-lo Obaluaiyê, o “Rei, Senhor da Terra” ou Omolu, o “Filho do Senhor”.

Quando Xapanã instalou-se entre os Mahis recebeu, em uma nova terra, o nome de Sakpatá. Aí, também, era pre-

ferível chamá-lo Aïnon, o “Senhor da Terra”, ou, então, Jeholú, o “Senhor das perolas”.

O fato de ser chamado Jeholú e Aïnon causou mal-entendidos entre Sakpatá e os reis do Daomé, pois eles também usavam estes títulos.

Enciumados, os Jeholú de Abomey expulsaram, várias vezes, Jeholú Aïnon do Daomé e obrigaram-no a voltar momentaneamente, à terra dos Mahis.

Jeholú Aïnon vingou-se: vários reis daomeanos morreram de varíola! Atotô! é a sua saudação.

9.1.3 Arquétipo

Pierre Vergero no livro “Orixás, Editora Corrupio dá o seguinte arquétipo de Obaluaíyê: é das pessoas com tendências masoquistas, que gostam de exibir seus sofrimentos e as tristezas das quais tiram uma satisfação íntima. Pessoas que são incapazes de se sentirem satisfeitas quando a vida lhes corre tranquila. Podem atingir situações materiais invejáveis e rejeitar, um belo dia, todas essas vantagens por causa de certos escrúpulos imaginários. Pessoas que em certos casos sentem-se capazes de se consagrar

a seus próprios interesses, e a seus desejos, à abstração de



Obaluaíyê dançando Opanijê no candomblé do Ile Ase Ijino Ilu Orossi

9.1.4 Ligações externas

- Encantos de Obaluaíyê

9.2 Omolu

Obaluaíyê^[1] **Obaluwayê**^[2] **Omolu**^[3] ou **Xapaná**^[4] é o orixá da varíola e das doenças contagiosas ele também é responsável pela cataplexia, epilepsia e pela convulsão. É ligado simbolicamente ao mundo dos mortos.

9.2.1 Etimologia

Obaluáiyê é um termo iorubá que significa “rei e senhor da terra”: *Oba* (rei) + *Aiyê* (terra). Também é conhecido como *Babá Igbona* = pai da quentura). Outra corrente o define como: *Obaluáiyê*, *Obá - ilu*; *aiyê*, rei, dono, senhor da vida na terra; Omolu; *Omo-ilu*, rei, dono, senhor da vida. Obaluaye é identificado no jogo do merindilogun pelos odus Irosun, Ossá, Èjilobon e representado materialmente e imaterial no candomblé através do assentamento sagrado denominado *igba obaluaye*.^[5] É considerado a energia que rege as pestes como a varíola, sarampo, catapora e outras doenças de pele. Ele representa o ponto de contato do homem (físico) com o mundo (a terra). A interface pele/ar. No aspecto positivo, ele rege e cura, através da morte e do renascimento.^[6]

Omolu é cultuado como o orixá residente no cemitério responsável pela triagem dos mortos. Normalmente, quando um médium ou filho de santo o incorpora no terreiro, tem sua cabeça coberta por um pano da costa em sinal de tradição e respeito, pois o orixá geralmente nunca mostra o rosto em razão de suas feridas, algo que é explicado pela sua mitologia.

9.2.2 Mitologia

Conforme a mitologia Iorubá, Obaluaíê é filho de Nanã e Oxalá, tendo nascido cheio de feridas e de marcas pelo corpo como sinal do erro cometido por ambos, já que

Nanã seduzira Oxalá, mesmo sabendo que ele era interditado por ser o marido de Iemanjá.

Ao ver o filho feio e malformado, coberto de varíola, Nanã o abandonou à beira do mar, para que a maré-cheia o levasse. Iemanjá o encontrou quase morto e muito mordido por caranguejos, e, tendo ficado com muita pena, cuidou dele até que ficasse curado. No entanto, Obaluaíê ficou marcado por cicatrizes em todo o corpo, tão feias que o obrigavam a cobrir-se inteiramente com palhas. Não se via de Obaluaíê senão suas pernas e braços, onde não fora tão atingido. Aprendeu com Iemanjá

e Oxalá como curar estas graves doenças. Assim, cresceu Obaluaíê, sempre coberto por palhas, escondendo-se das pessoas, taciturno e compenetrado, sempre sério e até mal-humorado.^[6]

Um dia, caminhando pelo mundo, sentiu fome e pediu às pessoas de uma aldeia por onde passava que lhe dessem comida e água. Mas as pessoas, assustadas com o homem coberto desde a cabeça até os pés com palhas, expulsaram-no da aldeia e não lhe deram nada. Obaluaíê, triste e angustiado, saiu do povoado e continuou caminhando pelos arredores, observando as pessoas. Durante este tempo, os dias esquentaram, o sol queimou as plantações, as mulheres ficaram estéreis, as crianças cheias de varíola e os homens doentes. Acreditando que o desconhecido coberto de palha amaldiçoara o lugar, imploraram seu perdão e pediram que ele novamente pisasse na terra seca.^[5]

Quando os homens e as mulheres imploraram a piedade dos filhos de Oxalá, ele apareceu e prometeu que iria ajudá-los, zendo com que todo o mal acabasse. Então homens os alimentaram e lhe deram de beber, rendendo-lhe muitas homenagens. Foi quando Obaluaíê disse que jamais negassem alimento e água a quem quer que fosse, tivesse a aparência que tivesse. E seguiu seu caminho.

Chegando à sua terra, encontrou uma imensa festa dos orixás. Como não se sentia bem entrando numa festa coberto de palhas, ficou observando pelas frestas da casa. Neste momento, Iansã, a deusa dos ventos, o viu nesta si-

tuação e, com seus ventos levantou as palhas, deixando que todos vissem um belo homem, já sem nenhuma marca, forte, cheio de energia virilidade. E dançou com ele pela noite adentro. A partir deste dia, Obaluaïê e Iansã se uniram contra o poder da morte, das doenças e dos espíritos dos mortos, evitando que desgraças aconteçam entre os homens.

9.2.3 Características rituais

Dança

Sua dança, o *opanijé* (cuja tradução é: “ele mata qualquer um e come”), nela dança curvado para frente, como que atormentado por dores, e imita seu sofrimento, coceiras e tremores de febre.

Simbolos

Tem, como emblema, *oxaxará* (*Sàxàrà*), espécie de cetro de mão, feito de nervuras da palha dendezeira, enfeitado com búzios e contas, em que ele capta das cascas das pessoas as energias negativas, bem como “varre” as doenças, impurezas e males sobrenaturais. Esta representação nos mostra sua ligação a terra. Na Nigéria, os Owo Érinlôgun adoram Obàluáyê e usam, no punho esquerdo, uma tira de *Igbosu* (pano africano) onde são costurados cauris esô (búzios).

Vestimenta



Comidas do Olubajé no candomblé do Ilê Axé Ijino Ilu Orossi.

A vestimenta é feita de *zôko*, é uma fibra de ráfia extraída do Igí-Ôgòrò, a palha da costa, elemento de grande significado ritualístico, principalmente em ritos ligados à morte e o sobrenatural, sua presença indica que algo deve ficar oculto. É composta de duas partes: o “filá” e o “azé”. A primeira parte, a de cima, que cobre a cabeça, é uma espécie de capuz trançado de palha da costa, acrescido de palhas em toda sua volta, que passam da cintura.

O azé, seu *asô-iko* (roupa de palha), é uma saia de palha da costa que vai até os pés em alguns casos. Em outros, acima dos joelhos, por baixo desta saia, vai um *xokotô*, espécie de calça, também chamado “cauçulu”, em que oculta o mistério da morte e do renascimento. Nesta vestimenta, acompanham algumas cabaças penduradas, onde supostamente carrega seus remédios. Ao vestir-se com *iko* e *cauris*, revela sua importância e ligação com a morte. A palha da costa é mais encontrada no norte do Brasil.^[6]

Festa

A festa anual é o *Olubajé* (Comida do rei senhor). São feitas e distribuídas no mínimo nove iguarias da culinária afro brasileira (comida ritual), seus “filhos” devidamente “incorporados” e paramentados oferecem aos convidados e assistentes, em folhas de mamona *ilará* ou bananeira (aguede), no sentido de prolongar a vida e trazer saúde.

Tido como filho de Nanã, no Brasil, sua forma, nome e culto na África é bastante variado de acordo com a região, essa variação de nomes é de conformidade com a região, Obàluáyê/Xapanã em Tapá (nupê) chegando ao território Mahi ao norte do Daomé; Sapata é sua versão fon, trazido pelos nagôs na cidade de Savalu, Benin. Em alguns lugares se misturam, em outros são deuses distintos, confundido até com Nànà Buruku; Omolu em Queto e Abeokuta.

Seu parentesco com Iroko é observado em Queto (vindo de Aise segundo uns e Adja Poposegundo outros), onde pode se ver uma lança (*oko Omolu*) cravada na terra, esculpida em madeira onde figuram esses três personagens superpostos. Também em Fita, próximo de Pahougnan, território Mahi, onde o rei Oba Sereju recebera o fetiche Moru, três fetiches ao mesmo tempo Moru (Omolu), Dan (Oxumare) e seu filho Loko (Iroko).

Sete folhas mais usadas para Obaluaïê

- Ewê igbolé
- Ewê réré
- Atorinã
- Ewê lará
- Ewê odã
- Afon
- Tamandê

9.2.4 África

Yoruba

Venerado pelos povos Yoruba, é geralmente chamado *Shopona* e dizem ter domínio sobre a Terra e varíola. Ele exige respeito e gratidão, mesmo quando ele reivindica uma vítima, e por isso as pessoas às vezes o honram com o nome de louvor Alápa-dúpé, que significa “Aquele que mata e é agradecido por isso”.^[7] Em uma história normalmente contada, Shopona era velho e coxo. Ele participou de uma festa no palácio de Obatalá, o pai dos orixás. Quando Shopona tentou dançar, ele tropeçou e caiu. To-

do os filhos do orixá Obatalá e ele por sua vez, para o mato, onde viveu como um rejeitado desde então.^[8]

Fon

Venerado pelo povo Fon, o Vodun é chamado Sakpata. Ele é dono da Terra e tem fortes associações com a varíola e outras infecções. Sua adoração é muito diversificada em comunidades Fon, onde muitas manifestações distintas do Vodun são veneradas. Porque os mortos são enterrados na Terra, a manifestação chamada *Avimadye* é considerado o chefe dos antepassados.^{[9][10]}

Ewe

Venerado pelo povo Ewê, há uma figura semelhante com o nome de louvor Anvighato que está intimamente associado com a doença e os povos deslocados.^[11] Acredita-se a vagar a terra na noite, vestindo uma roupa de chocalho de conchas de caracol; as conchas de caracol são também uma característica fundamental do seu fetiche.^[13]

9.2.5 Brasil

É sincretizado como São Roque na forma de Obaluaiyê. Na forma mais velha de Omulu, é sincretizado com São Lázaro.

9.2.6 Arquétipo

Seus filhos parecem ter mais idade do que realmente têm por conta da entidade ser mais velha e agem como se tivessem mais idade.

Seus filhos são dotados. Quando querem, fazem e ajudam a todos sem exceção. Sofrem com muitos problemas de saúde que se arrastam por anos, geralmente desde criança ou desde o nascimento. São fiéis, dedicados e amigos de verdade. Podem ter premonições e seus filhos tem um pensamento de pessoas maduras, o que os ajuda a não agirem como crianças, ou serem irresponsáveis. Gostam da ordem e disciplina.

Não são pessoas de levar desaforos para casa e nem de falar pelas costas. Odeiam fofocas e vulgaridades do gênero.

Os filhos de Obaluaiyê são irônicos, secos e diretos. Os descendentes desse orixá são muito independentes e têm a necessidade de crescer com suas próprias forças e recursos. Muitas dessas pessoas, devido à influência do seu orixá, que comanda os *seguns*, podem ter experiências sobrenaturais, como visões, sonhos etc.

9.2.7 América Latina

Na *Santería*, Babalú-Ayé está entre os orixás mais populares.^[14] Sincretizado com São Lázaro, e considerado particularmente milagroso, Babalú-aye é homenageado publicamente com uma peregrinação no dia 17 de dezembro, quando dezenas de milhares de devotos se reúnem na Igreja e Leprosorium de São Lázaro em El Rincón, na periferia de Santiago de Las Vegas Havana. Comunidades Arará em Cuba e sua diáspora honram o espírito como Asojano.^[15] Ambas as tradições usam pano de saco em rituais para evocar a sua humildade. O espírito também aparece em Palo como Pata en Llagas.

9.2.8 Santería



Sincretismo religioso em Cuba, altar dedicado a São Lázaro/Babalú Ayé no Vale de Viñales.

Na *santería*, é cultuado como **Babalú Ayé** (pronunciado aiê). As narrativas e rituais que carregam a informação cultural importante sobre Babalú-Aye incluem vários temas recorrentes e inter-relacionados.

- **Terra:** A adoração de Babalú-aye é frequentemente

associada à própria Terra, e até mesmo o seu nome identifica-o com a própria Terra.^[16]

- **Doença e sofrimento:** Referido como o “deus da varíola”, Babalú-aye certamente liga de volta à doença no corpo e as mudanças que ela traz.^[17] Porque Babalú-aye tanto pune as pessoas com a doença e os recompensa com a saúde, suas histórias e cerimônias freqüentemente lidam com o corpo como um locus central da experiência para ambas as limitações humanas e poder divino. Da mesma forma,

uma claudicação múltipla que me ajuda a ver, e enquanto eu estudo e imagino a dor física, enquanto as pessoas apelam para ele para protegê-los da doença.

- **A permeável natureza das coisas** Nas Américas, as vasilhas de Babalú-aye sempre tem vários buracos em suas tampas, permitindo a entrada das oferendas, mas também simboliza a dificuldade em conter a doença completamente. Estes buracos são muitas vezes explicitamente em comparação com feridas *pústula* da pele do orixá.^[18] Esta permeabilidade também aparece no pano de saco e franja de ráfia chamado *mariwó* usado para vestir o orixá.

- **Sigilo e revelação** O contraste entre silêncio e fala, escuridão e luz, e sigilo e revelação permeiam a adoração de Babalú-aye. De acordo com a tradição,

certas coisas devem permanecer secretas para sustentar seu poder ritual ou na sua função saudável. Por sua vez a inadequada revelação leva a doença e outras manifestações negativas.^[19] Por outro lado a revelação de informações adequadas pode fornecer ensinamentos e orientações importantes.

- **Maldade e retidão:** Representado em narrativas sagradas como um transgressor em alguns casos, o próprio Babalú-aye é condenado ao exílio porque ele quebrou o contrato social. A dor física de sua perna manca transforma a dor emocional do exílio. Só depois de passar muito tempo em isolamento ele retorna à sociedade. Em outros contextos, ele é elogiado como mais justo do que todos os orixás. Damesma forma, ele é muitas vezes referido como a punição a ofensa de seres humanos.^[20]

- **Exílio e movimento:** Fortemente associadas com a floresta e a estrada em si, as histórias principais e cerimônias relacionadas com Babalú-aye envolvem movimento como um antídoto à estagnação. Em cerimônias *Lucumí* e *Arará* em Cuba, sua vasilha é ritualmente movida de lugar para lugar em iniciações importantes. Mas através deste movimento por espaços diferentes, Babalú-aye aparece regularmente como um complexo, mesmo figura liminar, que une vários reinos. Fortemente associado com ervas poderosas utilizadas para venenos e panaceias, ele é

por vezes associado com *Osain* e os poderosos atos de magos. Fortemente associado com a Terra e os ancestrais enterrados dentro dela, ele às vezes é ritualmente honrado com os mortos.^[21] Ao mesmo tempo, ele é amplamente incluído como um *orixá* ou um *fodun*, como o *Arará* tradicionalmente chama suas divindades em Cuba.^[22] Da mesma forma os cães fortemente associados com Babalú-aye movimentam da casa, para a rua, para a floresta, e para trás com relativa facilidade.

- **Morte e ressurreição:** Por último, mas não menos importante, a própria jornada de exílio, a debilitação da Babalú-aye, e, finalmente, a restauração aborda a natureza cíclica de toda a vida. Embora este tema de transcendência desempenha um papel muito mais proeminente nas Américas do que na África Ocidental, também está presente lá em narrativas sobre epidemias que abateram sobre reis e reinos, apenas para encontrar alívio e remédio em Babalú-aye.^[23]

9.2.9 Parentesco com outros Orixás

Existem vários, às vezes contraditórios, relatos de relações genealógicas de Babalú-aye a outros Orixás. Babalú-aye é muitas vezes considerado o filho de *Yemoja* e o irmão de *Xangô*.^[24] No entanto, algumas linhagens religi-

osas afirmam que ele é filho de *Nana Burukú*, enquanto

Algumas linhagens de *Candomblé* relacionam mitos que justificam Babalú-aye ser filho de ambas *Yemoja* e *Nana Burukú*. Nestes mitos, *Nana Burukú* é verdade a mãe de Babalú-aye que o abandona para morrer de exposição na praia, onde ele é seriamente danificado, marcado por *caranguejos*. *Yemoja* o encontra, e leva-o sob sua proteção, cuida dele, trás de volta à saúde, e educa-o em muitos segredos.^[28]

Por causa de seu conhecimento da floresta e do poder de cura das plantas, Babalú-aye está fortemente associado com *Osain*, o orixá de ervas. *Oba Ecun* (um *Oriate* em *La Regla de Ocha*) descreve os dois Orixás como dois aspectos de um único ser,^[29] enquanto *William Bascom* observou que alguns ligam os dois através de sua estreita relação mútua com os espíritos da floresta chamado *ijj-mere*.^[30]

9.2.10 Atributos

- Dia da semana: segunda-feira^[6]
- Cores: preto, vermelho e branco
- Símbolo: xaxará (um tubo de palha trançada com sementes mágicas e segredos dentro).
- Número: 14

- Comida: pipoca
- Saudação: Atotô!
- Odu regente: Odí

9.2.11 Bibliografia

- Brown, David H. 2003. *Santería Enthroned: Art, Ritual and Innovation in an Afro-Cuban Religion*. Chicago: University of Chicago Press.
- Buckley, Anthony D. 1985. *Yoruba Medicine* Oxford: Clarendon Press.
- Egun, Oba. 1996. *Ila: Mythology of the Yoruba Religion*. Miami: ObaEgun Books.
- Ellis, A.B. 1894. *The Yoruba-speaking peoples of the Slave Coast of West Africa. Their religion, manners, customs, laws, language, etc.* London: Chapman and Hall.
- Friedson, Steven M. 2009. *Remains of Ritual: Northern Gods in a Southern Land*. Chicago: University of Chicago Press.
- Herskovits, Melville. 1938. *Dahomey: An Ancient West African Kingdom*. New York: J.J. Augustin.
- Idowu, E. Bolaji. 1962. *Olodumare: God in Yoruba Belief*. London: Longmans, Green, and Co.
- Lele, Ocha'ni. 2003. *The Diloggun: The Orishas, Proverbs, Sacrifices, and Prohibitions of Cuban Santería*. Rochester, Vt.: Destiny Books.
- Lovell, Nadia. 2002. *Cord of Blood: Possession and the Making of Voodoo*. London: Pluto Press.
- Lucas, J. Olumide. 1996. *The Religion of the Yoruba: Being an Account of the Religious Beliefs and Practices of the Yoruba People of Southwest Nigeria. Especially in Relation to the Religion of Egypt*. Brooklyn, NY: Athelia Henrietta Press. [Originally published in 1948 in London by the Church Missionary Society Bookshop]
- Mason, Michael Atwood. 2009, 2010, 2011, 2012. *Baba Who? Babalú!* Blog. <http://baba-who-babalú-santería.blogspot.com/>
- McKenzie, Peter. 1997. *Had Orisha! A Phenomenology of a West African Religion in the Mid-Nineteenth Century*. Leiden, the Netherlands: Brill.
- Ramos, Miguel "Willie." 1996. Afro-Cuban Orisha Worship. In A. Lindsey, ed., *Santería Aesthetics in Contemporary Latin American Art*, pp. 51–76. Washington, DC: Smithsonian Institution Press.
- Rosenthal, Judy. 1998. *Possession, Ecstasy, and Law in Ewe Voodoo*. Charlottesville: University of Virginia Press.
- Thompson, Robert F (1993). *Face of the Gods: Art and Aliars of Africa and the African Americas* [S.l.]: The Museum for African Art. 334 páginas. ISBN 978-0-945802-13-6
- Verger, Pierre F. 1957. *Notes sur le culte des orisa et vodun a Bahia, la Baie de tous les Saints, au Brésil, et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*. Dakar: IFAN.
- Voeks, Robert A. 1997. *Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil*. Austin: University of Texas Press.
- Wænger, Susanne. 1983. *A Life With the Gods in their Yoruba Homeland*. Wörgl, Austria: Perlinger Verlag.
- VERGER, Pierre. *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo (5ª ed.)*. Salvador: Currupio, 1997.
- VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns*. São Paulo: Edusp, 1999.
- José Beniste Mitos Yorubás - O outro lado do conhecimento. Editora Bertrand Brasil.

9.2.12 Ver também

- Obaluaê na Umbanda
- Xapanã no Batuque
- Obaluaê no Xambá

9.2.13 Referências

- [1] Agadã: dinâmica da civilização africano-brasileira, Marco Aurélio Luz, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2000
- [2] Nigerian Universities Inaugural Lectures Series, National Universities Commission, 2001
- [3] Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, Pierre Verger
- [4] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 207.
- [5] VERGER, Pierre. *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo (5ª ed.)*. Salvador: Currupio, 1997.
- [6] Juntos no Candomblé
- [7] Idowu 1962:97
- [8] Ellis 1894:52
- [9] Herskovits 1938:142
- [10] Herskovits 1938:131

- [11] Friedson 2009: 214n27; Lovell 2002: 73-74; Rosenthal 1998: 68
- [12] Lovell 2002: 73-74
- [13] Friedson 2009: 214n27
- [14] Mason 2010
- [15] Brown 2003:138-39
- [16] McKenzie 1997:417
- [17] Wenger 1983:168
- [18] Brown 2003:263
- [19] Buckley 1985
- [20] Idowu 1962:97
- [21] Herskovits 1938, Vol. 2:142
- [22] Mason 2009
- [23] Idowu 1962:99; Mason 2010
- [24] Lucas 1996:112, Idowu 1962:99
- [25] Thompson 1993:224
- [26] Ramos 1996:68
- [27] Mason 2010
- [28] Voeks 1997
- [29] Ecun, 1996
- [30] Mason 2012

9.2.14 Ligações externas

- Encantos de Obaluaiyê
- O Portal Orixás
- *Babalú Ayé (Santería cubana)*

9.3 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

9.3.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srcem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de

para Capangas, ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menício Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funike, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapaná, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lou-

renço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jéje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapaná, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genecy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miúá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram pos-

sibilidades na nação Cam/Wolfe-Revisar Olorun/Otulo de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapaná, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

9.3.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá

que, está naturalmente vinculado e regido por ele, com a dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram srceem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

9.3.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto.

Os principais orixás cultuados são: Bará, Oxum, Otim de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapaná, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapaná), Zina, Zambirá e Xanguín (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando “O possuidor do poder”. Corpo em Yorubá é “ara” mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, se-

gurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, des-trancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de “dentro do templo”, como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá “dito” masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetirá^[4].

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação ao outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabaça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelu)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha

- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedabúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardiã da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardiã da porta do templo
- Bará Adaghe: Guardiã da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardiã dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo *axé* das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facas* de Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente

~~Orixás masculinos~~ que o segundo é firmado para serviços

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olo-bedé*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjólá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ôgúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, "*Ogumê*", é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico.

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e a caça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- ~~Mandioca~~ Mandioca gorda (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjólá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse *Ikú* (a morte)

que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oyá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos

ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô. Dentre os os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comum entre os batuqueiros ao se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está "abanando a saia". Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a "dona do teto" e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível per-

turbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas

cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganjú de Ibêje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangô Aganjú Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangô Aganjú* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá *Ybeji* especificamente quando o *elegun* = (*yawo*) que é do orisá *Sangô Aganjú* tem alguma ligação orisá *Orisá Ybeji* ou vice-versa. E *Sangô Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de *Xangô* nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô e Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana

é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *Kao Kabele*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá, é dedicado a *Xangô*, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (*Kassun*), é considerado o pai dos *Ibejes*, sendo também um dos regentes dos *Egúns* no Batuque. Durante a Balança, a presença de *Xangô* é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a *Xangô*, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas *Xango Ibeje*, também recebe mel

em seus trabalhos. Na mitologia africana, *Xangô* teve duas esposas: *Oxum*, *Oyá* e *Obe* que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabele
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ìbẹ̀jì (yorubá), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos *Ibêjes*, chamada de Mesa de *Ibêje* consistem numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos *Ibêjes*, doces de toda qualidade,

brinquedos e balas.

Geralmente, *Xangô* e *Oxum* ocupam seus filhos de santo para prestigiar. *Yemanjá* e *Oxalá* também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de *Ibêje* por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde *Ibêje* é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto *Xangô Agandju Ibêje*, quanto *Oxum Epandá Ibêje*, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, *Ibêje* é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. *Ibêje* mostra que to-

das as coisas, em todos as circunstâncias, em duas cores pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (*Xangô Agandju Ibêje*). Sábado (*Oxum Epandá Ibêje*)
- Número: 6 para *Xangô Agandju Ibêje* e 8 para *Oxum Epandá Ibêje* (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como *Oxóssi*. Em grande parte dos itóns (lendas),

aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó

é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Ye-

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itôns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de *Ossaim* apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e *Ossanha* fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para *Ossanha* soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta *Iyabá* é pouco cultuada no Brasil, mas

seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-

versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos,

que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixá.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelos antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra "Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás".
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D'Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a

eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás "médicos" do Orummalê. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá "médico", mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira⁹¹

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão enraizados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da "Magia Divina", que passou a se identificar ou a usar a "roupagem" umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande

guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa "águas". Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos

seus rituais, dominância e prática por todos os adeptos em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocá*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epanlá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epanlá Ibeje*: a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades:

- *Oxum Agba Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iydomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanlá de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomí - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomí - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champanhe, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência ojogo de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oiô, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo (ebi), sol, cajuado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

9.3.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. É o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos *terreiros* são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos e seguem de cultos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

9.3.5 Rituais

Os rituais são próprios e locais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jê tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá* já que, estas duas provem de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato de iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebó, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua *suíteira*. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no

máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Nodiada festa a salão é feito com os cores dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

9.3.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balé.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

9.3.7 Sacerdócio

O babalorixá ou ialorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais.

Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios, e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

9.3.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afrogaúcha, já que está presente quase que apenas no estado

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

9.3.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff. (01/07/2014). «A entronização do Alafio e sua sobrevivência na Kambina». Revista Olorun ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAUQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAUQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAUQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

[10]

[11]

9.3.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

9.3.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

9.4 Omolu na Umbanda

Obaluaê, como é conhecido nacionalmente, é o senhor da terra, o Orixá da cura, da saúde e também das doenças. Possui vários nomes,

Sapatá, Omulu, Xapanã, e é Cultuado tanto na umbanda como Candomblé.

Obaluaê na Umbanda é um dos sete orixás maiores, e o sincretismo pode variar de acordo com a região do Brasil, mas comumente é sincretizado com São Lázaro. Também pode ser encontrados sincretismos com São Roque. Ele é o orixá da cura, da saúde e da transformação. É o orixá jovem, que corresponde ao velho **Omulu**, orixá da varíola, das doenças. São dois orixás em um. Obaluaê é muito cultuado e incompreendido ao mesmo tempo dentro dos terreiros de Umbanda. Como também é o senhor das doenças, alguns terreiros procuram o não desenvolvimento do filho-de-santo que possui como orixá de cabeça, orixá regente, este orixá. Omulu, ainda, é o 'chefe' de todos os pontos de trabalho de Umbanda. Um orixá tão extremo, que os pontos de trabalho de Umbanda, onde se faz o trabalho na Umbanda também podem ser chefiados por este Orixá, como por exemplo a dos Exus, na falange do Sr. Exu Caveira.

No candomblé, Obaluaê, como todo orixá, é tratado como um deus; na Umbanda, ele é uma manifestação de Deus, já que a Umbanda é monoteísta. No candomblé há uma lenda que Obaluaê, filho de Nanã, nasceu doente com o corpo coberto de chagas, e por isso Nanã o abandonou na beira da praia para que o mar o levasse. Iemanjá o

achou e o escondeu em uma gruta na praia, cuidou de suas chagas e o cobriu com palha da costa para que suas cicatrizes não fossem vistas. Um dia, próximo à praia Ogum dava uma festa em que todos os orixás dançavam e cantavam. Iansã, observadora, o viu observando de longe e veio até ele. Ela levantou a palha desse rosto e viu as marcas em sua pele e com sua ventarola provocou um vento tão forte que as feridas de Obaluaê saíram do corpo dele se transformando em pipoca, deixando-o limpo e são.

A saudação de Obaluaê é: **Atotô, Obaluaê!** Seu dia da semana é a **segunda-feira** dia, também, dos exús e

pombas-giras. A vela utilizada para este orixá é a preta e branca. Seu campo de força é a calunga pequena, ou seja, o cemitério, onde todo Umbandista deve pedir permissão ao senhor Obaluaê/Omulu para entrar e sair.



Obaluaê dançando Opanijé no candomblé do Ilê Axé Ijino Ilu Orossi

9.5 Omolu

Obaluaíyê^[1] **Obaluwayê**^[2] **Omolu**^[3] ou **Xapanã**^[4] é o orixá da varíola e das doenças contagiosas ele também é responsável pela catalepsia, epilepsia e pela convulsão. É ligado simbolicamente ao mundo dos mortos.

9.5.1 Etimologia

Obaluaíyê é um termo iorubá que significa “rei e senhor

da terra” (*Oba* (rei) + *lu* (terra)). Também é conhecido como *Obaluaíyê*. *Obá - ilu*; *aiye*, rei, dono, senhor da vida na terra; Omolu; *Omo-ilu*, rei, dono, senhor da vida. Obaluaíyê é identificado no jogo do *merindilogun* pelos odus Irosun, Ossá, Èjilobon e representado materialmente e imaterial no candomblé através do assentamento sagrado denominado *igba obaluaíyê*.^[5] É considerado a energia que rege as pestes como a varíola, sarampo, catapora e outras doenças de pele. Ele representa o ponto de contato do homem (físico) com o mundo (a terra). A interface pele/ar. No aspecto positivo, ele rege e cura, através da morte e do renascimento.^[6]

Omolu é cultuado como o orixá residente no cemitério responsável pela triagem dos mortos. Normalmente, quando um médium ou filho de santo o incorpora no *terreiro*, tem sua cabeça coberta por um *pano da costa* em sinal de tradição e respeito, pois o orixá geralmente

nunca mostra o rosto em razão de suas feridas, algo que é explicado pela sua mitologia.

9.5.2 Mitologia

Conforme a mitologia Iorubá, Obaluaíê é filho de Nanã e Oxalá, tendo nascido cheio de feridas e de marcas pelo corpo como sinal do erro cometido por ambos, já que Nanã seduzira Oxalá, mesmo sabendo que ele era interdito por ser o marido de Iemanjá.

Ao ver o filho feio e malformado, coberto de varíola, Nanã o abandonou à beira do mar, para que a maré-cheia o levasse. Iemanjá o encontrou quase morto e muito morrido por caranguejos, e, tendo ficado com muita pena, cuidou dele até que ficasse curado. No entanto, Obaluaíê ficou marcado por cicatrizes em todo o corpo, tão feias que o obrigavam a cobrir-se inteiramente com palhas. Não se via de Obaluaíê senão suas pernas e braços, onde não fora tão atingido. Aprendeu com Iemanjá e Oxalá como curar estas graves doenças. Assim cresceu Obaluaíê, sempre coberto por palhas, escondendo-se

das pessoas, taciturno e compenetrado, sempre sério e até mal-humorado.

Um dia, caminhando pelo mundo, sentiu fome e pediu às pessoas de uma aldeia por onde passava que lhe dessem comida e água. Mas as pessoas, assustadas com o homem coberto desde a cabeça até os pés com palhas, expulsaram-no da aldeia e não lhe deram nada. Obaluaíê, triste e angustiado, saiu do povoado e continuou caminhando pelos arredores, observando as pessoas. Durante este tempo, os dias esquentaram, o sol queimou as plantações, as mulheres ficaram estéreis, as crianças cheias de varíola e os homens doentes. Acreditando que o desconhecido coberto de palha amaldiçoara o lugar, imploraram seu perdão e pediram que ele novamente pisasse na terra seca.^[5]

Ainda com fome e sede, Obaluaíê atendeu ao pedido dos moradores do lugar e novamente entrou na aldeia, fa-

zendo com que ele de uma mal-talasse. Então, Iemanjá ofereceu-lhe homenagens. Foi quando Obaluaíê disse que jamais negasse alimento e água a quem quer que fosse, tivesse a aparência que tivesse. E seguiu seu caminho.

Chegando à sua terra, encontrou uma imensa festa dos orixás. Como não se sentia bem entrando numa festa coberto de palhas, ficou observando pelas frestas da casa. Neste momento, Iansã, a deusa dos ventos, o viu nesta situação e, com seus ventos levantou as palhas, deixando que todos vissem um belo homem, já sem nenhuma

marca, forte, cheio de energia virilidade. E dançou com ele pela noite adentro. A partir deste dia, Obaluaiê e Iansã se uniram contra o poder da morte, das doenças e dos espíritos dos mortos, evitando que desgraças aconteçam entre os homens.

9.5.3 Características rituais

Dança

Sua dança, o *opanijé* (cuja tradução é: “ele mata qualquer um e come”), nela dança curvado para frente, como que atormentado por dores, e imita seu sofrimento, coceiras e tremores de febre.

Simbolos

Tem, como emblema, *oxaxará* (*Sàxàrà*), espécie de cetro de mão, feito de nervuras da palha *dalendezeiro*, enfeitado com búzios e contas, em que ele captura as cascas das pessoas as energias negativas, bem como “varre” as doenças, impurezas e males sobrenaturais. Esta representação nos mostra sua ligação a terra. Na Nigéria, os Owo Érinlogun adoram Obàluáyê e usam, no punho esquerdo, uma tira de *Ighosu* (pano africano) onde são costurados cauris esó (búzios).

Vestimenta



Comidas do Olubajé, no candomblé do Ilê Axé Ijino Ilu Orossi.

A vestimenta é feita de *iko*, é uma fibra de ráfia extraída do Igí-Ògòrò, a palha da costa, elemento de grande significado ritualístico, principalmente em ritos ligados à morte e 'o sobrenatural, sua presença indica que algo deve ficar oculto. É composta de duas partes: o “filá” e o “azé”. A primeira parte, a de cima, que cobre a cabeça, é uma espécie de capuz trançado de palha da costa, acrescido de palhas em toda sua volta, que passam da cintura.

O azé, seu *asó-iko* (roupa de palha), é uma saia de palha da costa que vai até os pés em alguns casos. Em ou-

tros, acima dos joelhos, por baixo desta saia, vai um xokotô, espécie de calça, também chamado “cauçulu”, em que oculta o mistério da morte e do renascimento. Nesta vestimenta, acompanham algumas cabaças penduradas, onde supostamente carrega seus remédios. Ao vestir-se com *iko* e cauris, revela sua importância e ligação com a morte. A palha da costa é mais encontrada no norte do Brasil.^[6]

Festa

A festa anual é o Olubajé (Comida do rei senhor). São feitas e distribuídas no mínimo nove iguarias da culinária afro brasileira (comida ritual), seus “filhos” devidamente “incorporados” e paramentados oferecem aos convidados e assistentes, em folhas de mamona *ilará* ou bananeira (aguede), no sentido de prolongar a vida e trazer saúde.

Tido como filho de Nanã, no Brasil, sua scem, forma, nome e culto na África é bastante variado de acordo com a região, essa variação de nomes é de conformidade com a região, Obàluáyê/Xapanã em Tapá (nupê) chegando ao território Mahi ao norte do Daomé; Sapata é sua versão fon, trazido pelos nagôs na cidade de Savalu, Benin. Em alguns lugares se misturam, em outros são deuses distintos, confundido até com Nanã Buruku; Omolu em Queto e Abeokuta.

Seu parentesco com Iroko é observado em Queto (vindo de Aise segundo uns e Adja Poposegundo outros), onde

pode se ver uma lança (*oka Omolu*) cravada na terra, esculpida em madeira onde figuram esses três personagens superpostos. Também em Fita, próximo de Pahougnan, território Mahi, onde o rei Oba Sereju recebera o fetiche Moru, três fetiches ao mesmo tempo Moru (Omolu), Dan (Oxumare) e seu filho Loko (Iroko).

Sete folhas mais usadas para Obaluaiê

- Ewé igbolé
- Ewé réré
- Atorinã
- Ewé lará
- Ewé odá
- Afon
- Tamandê

9.5.4 África

Yoruba

Venerado pelos povos Yoruba, é geralmente chamado *Shopona* e dizem ter domínio sobre a Terra e variola. Ele exige respeito e gratidão, mesmo quando ele reivindica

uma vítima, e por isso as pessoas às vezes o honram com o nome de louvor Alápa-dúpé, que significa “Aquele que mata e é agradecido por isso”.^[7] Em uma história normalmente contada, Shopona era velho e coxo. Ele participou de uma festa no palácio de Obatalá, o pai dos orixás. Quando Shopona tentou dançar, ele tropeçou e caiu. Todos os outros orixás riram dele, e ele, por sua vez, tentou infectá-los com a varíola. Obatalá o deteve e o levou para o mato, onde viveu como um rejeitado desde então.^[8]

Fon

Venerado pelo povo Fon, o Vodun é chamado Sakpata. Ele é dono da Terra e tem fortes associações com a varíola e outras infecções. Sua adoração é muito diversificada em comunidades Fon, onde muitas manifestações distintas do Vodun são veneradas. Porque os mortos são enterrados na Terra, a manifestação chamada *Avimadye* é considerado o chefe dos antepassados.^{[9][10]}

Ewe

Venerado pelo povo Ewé, há uma figura semelhante com o nome de louvor Anyigbato que está intimamente associado com a doença^[11] e os povos deslocados.^[12] Acredita-se a vagar a terra na noite, vestindo uma roupa de chocalho de conchas de caracol; as conchas de caracol são também uma característica fundamental do seu fetiche.^[13]

9.5.5 Brasil

É sincretizado como São Roque na forma de Obaluaiyé. Na forma mais velha de Omulu, é sincretizado com São Lázaro.

9.5.6 Arquétipo

Seus filhos parecem ter mais idade do que realmente têm por conta da entidade ser mais velha e agem como se tivessem idade avançada. Seus filhos são doces, mas reclamões, rabugentos, um tanto mal-humorados. Quando querem, fazem e ajudam a todos sem exceção. Sofrem com muitos problemas de saúde que se arrastam por anos,

gênis) e de amigos de infância. Posteriormente, São João e seus filhos tem um pensamento de pessoas maduras, o que os ajuda a não agirem como crianças, ou serem irresponsáveis. Gostam da ordem e disciplina.

Não são pessoas de levar desaforos para casa e nem de falar pelas costas. Odeiam fofocas e vulgaridades do gênero. Os filhos de Obaluayê são irônicos, secos e diretos. Os descendentes desse orixá são muito independentes e têm a necessidade de crescer com suas próprias forças e recursos. Muitas dessas pessoas, devido à influência do

seu orixá, que comanda o *seguns*, podem ter experiências sobrenaturais, como visões, sonhos etc.

9.5.7 América Latina

Na *Santería*, Babalú-Ayé está entre os orixás mais populares.^[14] Sincretizado com São Lázaro, e considerado particularmente milagroso, Babalú-aye é homenageado publicamente com uma peregrinação no dia 17 de dezembro, quando dezenas de milhares de devotos se reúnem na Igreja e Leprosorium de São Lázaro em El Rincón, na periferia de Santiago de Las Vegas Havana. Comunidades Arará em Cuba e sua diáspora honram o espírito como Asojano!^[15] Ambas as tradições usam pano de saco em rituais para evocar a sua humildade. O espírito também aparece em Palo como Pata en Lliga.

9.5.8 Santería



Sincretismo religioso em Cuba, altar dedicado a São Lázaro/Babalú Ayé no Vale de Viñales.

Na *santería*, é cultuado como **Babalú Ayé** (pronunciado aiê). As narrativas e rituais que carregam a informação cultural importante sobre Babalú-Aye incluem vários temas recorrentes e inter-relacionados.

- **Terra:** A adoração de Babalú-aye é frequentemente associada à própria Terra, e até mesmo o seu nome identifica-o com a própria Terra!^[16]
- **Doença e sofrimento:** Referido como o “deus da

variola”, Babalú-aye certamente liga de volta à doença no corpo e as mudanças que ela traz.^[17] Porque Babalú-aye tanto pune as pessoas com a doença e os recompensa com a saúde, suas histórias e cerimônias freqüentemente lidam com o corpo como um locus central da experiência para ambas as limitações humanas e poder divino. Da mesma forma, sua claudicação mítica evoca a ideia de viver em um constante estado de limitação e a dor física, enquanto as pessoas apelam para ele para protegê-los da doença.

- **A permeável natureza das coisas** Nas Américas, as vasilhas de Babalú-aye sempre tem vários buracos em suas tampas, permitindo a entrada das oferendas, mas também simboliza a dificuldade em conter a doença completamente. Estes buracos são muitas vezes explicitamente em comparação com feridas *pústula* da pele do orixá.^[18] Esta permeabilidade também aparece no pano de saco e franja de ráfia chamado *mariwó* usado para vestir o orixá.

- **Sigilo e revelação** O contraste entre silêncio e fala, escuridão e luz, e sigilo e revelação permeiam a adoração de Babalú-aye. De acordo com a tradição, certas coisas devem permanecer secretas para sustentar seu poder ritual ou na sua função saudável. Por sua vez a inadequada revelação leva a doença e outras manifestações negativas.^[19] Por outro lado a

revelação de informações adequadas pode fornecer ensinamentos e orientações importantes.

- **Maldade e retidão:** Representado em narrativas sagradas como um transgressor em alguns casos, o próprio Babalú-aye é condenado ao exílio porque ele quebrou o contrato social. A dor física de sua perna manca transforma a dor emocional do exílio. Só depois de passar muito tempo em isolamento ele retorna à sociedade. Em outros contextos, ele é elogiado como mais justo do que os orixás. Damesma forma, ele é muitas vezes referido como a punição a ofensa de seres humanos.^[20]

- **Exílio e movimento:** Fortemente associadas com a floresta e a estrada em si, as histórias principais e cerimônias relacionadas com Babalú-aye envolvem movimento como um antídoto à estagnação. Em cerimônias *Lucumí* e *Arará* em Cuba, sua vasilha é ritualmente movida de lugar para lugar em iniciações importantes. Mas através deste movimento por espaços diferentes, Babalú-aye aparece regularmente como um complexo, mesmo figura liminar, que une vários reinos. Fortemente associado com ervas poderosas utilizadas para venenos e panaceias, ele é por vezes associado com *Osain* e os poderosos atos de magos. Fortemente associado com a Terra e os ancestrais enterrados dentro dela, ele às vezes é ritualmente honrado com os mortos.^[21] Ao mesmo

tempo, ele é amplamente incluído como um orixá ou um *fodun*, como o *Arará* tradicionalmente chama suas divindades em Cuba.^[22] Da mesma forma os cães fortemente associados com Babalú-aye movimentam da casa, para a rua, para a floresta, e para trás com relativa facilidade.

- **Morte e ressurreição:** Por último, mas não menos importante, a própria jornada de exílio, a debilitação da Babalú-aye, e, finalmente, a restauração aborda a natureza cíclica de toda a vida. Embora

este tema de transição da América Latina para a África Ocidental, também está presente lá em narrativas sobre epidemias que abateram sobre reis e reinos, apenas para encontrar alívio e remédio em Babalú-aye.^[23]

9.5.9 Parentesco com outros Orixás

Existem vários, às vezes contraditórios, relatos de relações genealógicas de Babalú-aye a outros Orixás. Babalú-aye é muitas vezes considerado o filho de *Yemoja* e o irmão de *Xangô*.^[24] No entanto, algumas linhagens religiosas afirmam que ele é o filho de *Nana Burukú*, enquanto outros afirmam que ele é seu marido.^{[25][26][27]}

Algumas linhagens de Candomblé relacionam mitos que justificam Babalú-aye ser filho de ambas *Yemoja* e *Nana*

Burukú. Nestes mitos, *Nana Burukú* é verdade a mãe de Babalú-aye que o abandonou para morrer de exposição na praia, onde ele é seriamente danificado, marcado por *caranguejos*. *Yemoja* o encontra, e leva-o sob sua proteção, cuida dele, trás de volta à saúde, e educa-o em muitos segredos.^[28]

Por causa de seu conhecimento da floresta e do poder de cura das plantas, Babalú-aye está fortemente associado com *Osain*, o orixá de ervas. *Oba Ecun* (um *Oriate* em *La Regla de Ocha*) descreve os dois Orixás como dois aspectos de um único ser,^[29] enquanto *William Bascom* observou que alguns ligam os dois através de sua estreita relação mútua com os espíritos da floresta chamado *ijí-mere*.^[30]

9.5.10 Atributos

- Dia da semana: segunda-feira^[6]
- Cores: preto, vermelho e branco
- Símbolo: xaxará (um tubo de palha trançada com sementes mágicas e segredos dentro).
- Número: 14
- Comida: pipoca
- Saudação: Atotô!
- Odu regente: Odí

9.5.11 Bibliografia

- Brown, David H. 2003. *Santería Enthroned: Art, Ritual and Innovation in an Afro-Cuban Religion*. Chicago: University of Chicago Press.
- Buckley, Anthony D. 1985. *Yoruba Medicine*. Oxford: Clarendon Press.
- Egun, Oba. 1996. *Iia: Mythology of the Yoruba Religion*. Miami: ObaEgun Books.
- Ellis, A. B. 1894. *The Yoruba-speaking peoples of West Africa. Their religion, manners, customs, laws, language, etc.* London: Chapman and Hall.
- Friedson, Steven M. 2009. *Remains of Ritual: Northern Gods in a Southern Land*. Chicago: University of Chicago Press.
- Herskovits, Melville. 1938. *Dahomey: An Ancient West African Kingdom*. New York: J.J. Augustin.
- Idowu, E. Bolaji. 1962. *Olodumare: God in Yoruba Belief*. London: Longmans, Green, and Co.
- Lele, Ocha'ni. 2003. *The Dilogun: The Orishas, Proverbs, Sacrifices, and Prohibitions of Cuban Santería*. Rochester, Vt.: Destiny Books.
- Lovell, Nadia. 2002. *Cord of Blood: Possession and the Making of Voodoo*. London: Pluto Press.
- Lucas, J. Olumide. 1996. *The Religion of the Yoruba: Being an Account of the Religious Beliefs and Practices of the Yoruba People of Southwest Nigeria. Especially in Relation to the Religion of Egypt*. Brooklyn, NY: Athelia Henrietta Press. [Originally published in 1948 in London by the Church Missionary Society Bookshop]
- Mason, Michael Atwood. 2009, 2010, 2011, 2012. *Baba Who? Babalú!* Blog. <http://baba-who-babalú-santería.blogspot.com/>
- McKenzie, Peter. 1997. *Hail Orisha! A Phenomenology of a West African Religion in the Mid-Nineteenth Century*. Leiden, the Netherlands: Brill.
- Ramos, Miguel "Willie." 1996. *Afro-Cuban Orisha Worship*. In A. Lindsey, ed., *Santería: A Sacred Space*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press.
- Rosenthal, Judy. 1998. *Possession, Ecstasy, and Law in Ewe Voodoo*. Charlottesville: University of Virginia Press.
- Thompson, Robert F (1993). *Face of the Gods: Art and Altars of Africa and the African Americas* [S.l.]: The Museum for African Art. 334 páginas. ISBN 978-0-945802-13-6
- Verger, Pierre F. 1957. *Notes sur le culte des orisa et vodun a Bahia, la Baie de tous les Saints, au Brésil, et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*. Dakar: IFAN.
- Voeks, Robert A. 1997. *Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil*. Austin: University of Texas Press.
- Wænger, Susanne. 1983. *A Life With the Gods in their Yoruba Homeland*. Wörl, Austria: Perlinger Verlag.
- VERGER, Pierre. *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo (5ª ed.)*. Salvador: Currupio, 1997.
- VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns*. São Paulo: Edusp, 1999.
- José Beniste Mitos Yorubás - O outro lado do conhecimento. Editora Bertrand Brasil.

9.5.12 Ver também

- Obaluaê na Umbanda
- Xapanã no Batuque
- Obaluaíê no Xambá

9.5.13 Referências

- [1] Agadã: dinâmica da civilização africano-brasileira, Marco Aurélio Luz, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2000
- [2] Nigerian Universities Inaugural Lectures Series, National Universities Commission, 2001
- [3] Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, Pierre Verger
- [4] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 207.
- [5] VERGER, Pierre. *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo (5ª ed.)*. Salvador: Currupio, 1997.
- [6] Juntos no Candomblé
- [7] Idowu 1962:97
- [8] Ellis 1894:52
- [9] Herskovits 1938:142
- [10] Herskovits 1938:131
- [11] Friedson 2009: 214n27; Lovell 2002: 73-74; Rosenthal 1998: 68
- [12] Lovell 2002: 73-74

[13] Friedson 2009: 214n27

[14] Mason 2010

[15] Brown 2003:138-39

[16] McKenzie 1997:417

[17] Wenger 1983:168

[18] Brown 2003:263

[19] Buckley 1985

[20] Idowu 1962:97

[21] Herskovits 1938, Vol. 2:142

[22] Mason 2009

[23] Idowu 1962:99; Mason 2010

[24] Lucas 1996:112, Idowu 1962:99

[25] Thompson 1993:224

[26] Ramos 1996:68

[27] Mason 2010

[28] Voeks 1997

[29] Ecun, 1996

[30] Mason 2012

orixá regente, este orixá. Omulu, ainda, é o 'chefe' de todos os pretos-velhos, e, por isso, um orixá de extrema força e valor dentro da Umbanda. Muitas linhas de trabalho na Umbanda também podem ser chefiadas por este Orixá, como por exemplo a dos Exus, na falange do Sr. Exu Caveira.

No **candomblé**, Obaluaê, como todo orixá, é tratado como um deus; na Umbanda, ele é uma manifestação de Deus, já que a Umbanda é monoteísta. No **candomblé** há uma lenda que Ôbaluaê, filho de Nanã, nasceu doente com o corpo coberto de chagas, e por isso Nanã o abandonou na beira da praia para que o mar o levasse. Iemanjá o achou e o escondeu em uma gruta na praia, cuidou de suas chagas e o cobriu com palha da costa para que suas cicatrizes não fossem vistas. Um dia, próximo à praia Ogum dava uma festa em que todos os orixás dançavam e cantavam. Iansã, observadora, o viu observando de longe e veio até ele. Ela levantou a palha do seu rosto e viu as marcas em sua pele e com sua ventarola provocou um vento tão forte que as feridas de Obaluaê saíram do corpo dele se transformando em pipoca, deixando-o limpo e são.

A saudação de Obaluaê é: **Atotô, Obaluaê!** Seu dia da semana é a **segunda-feira**, dia, também, dos exús e pombas-giras. A vela utilizada para este orixá é a preta e branca. Seu campo de força é a calunga pequena, ou seja, o cemitério, onde todo Umbandista deve pedir permissão ao senhor Obaluaê/Omulu para entrar e sair.

9.5.14 Ligações externas

- Encantos de Obaluaê
- O Portal Orixás
- *Babalú Ayé (Santería cubana)*

9.6 Omolu na Umbanda

Obaluaê, como é conhecido nacionalmente, é o senhor da terra, o Orixá da cura, da saúde e também das doenças. Possui vários nomes,

Sapatá, Omulu, Xapanã, e é Cultuado tanto na umbanda como Candomblé.

Obaluaê na Umbanda é um dos sete orixás maiores, e o sincretismo pode variar de acordo com a região do Brasil, mas comumente é sincretizado com São Lázaro. Também pode ser encontrados sincretismos com São Roque. Ele é o orixá da cura, da saúde e da transformação. É o orixá jovem, que corresponde ao velho **Omulu**, orixá da varíola, das doenças. São dois orixás em um. Obaluaê é muito cultuado e incompreendido ao mesmo tempo dentro dos terreiros de Umbanda. Como também é o senhor das doenças, alguns terreiros procuram o não desenvolvimento do filho-de-santo que possui como orixá de cabeça,

Capítulo 10

Ibeji

10.1 Ibeji

Ibeji é o orixá jeje-nagôdos gêmeos.^[2]

10.1.1 Etimologia

“Ibeji” é uma junção dos termos iorubas *ibi*, nascimento, e *jeje*, dois.^[3]

10.1.2 África

Ìbejì ou **Ìgbejì** é divindade gêmea da vida, protetor dos gêmeos na mitologia iorubá identificado no jogo do merindilogun pelos odus *ejioke* e *iká*. Dá-se o nome de

Taiwo ao primeiro gêmeo gerado e o da Kehinde ao último. Os Yorubá acreditam que era Kehinde quem mandava Taiwo supervisionar o mundo, donde a hipótese de ser aquele o irmão mais velho.

Cada gêmeo é representado por uma imagem. Os iorubás colocam alimentos sobre suas imagens para invocar a benevolência de Ìbejì. Os pais de gêmeos costumam fazer sacrifícios a cada oito dias em sua honra.

O animal tradicionalmente associado a Ìbejì é o macaco colobo, um cercopitêco endêmico nas florestas da África subsariana. A espécie em questão é o *Colobus polykomos* ou colobo-real, que é acompanhado de uma grande mística entre os povos africanos. Eles possuem coloração preta, com detalhes brancos, e pelas manhãs eles ficam acordados em silêncio no alto das árvores, como se estivessem em oração ou contemplação, daí eles serem considerados por vários povos como mensageiros dos deuses,

quando a população da região onde vive o macaco colobo da África central Igbeji é indispensável em todas as coisas, sendo cultuado no dia a dia. Igbeji não exige grandes coisas, seus pedidos são sempre modestos; o que espera como, todos os Orixás, é ser lembrado e cultuado. O poder de Igbeji jamais podem ser negligenciado, pois o que um orixá faz Igbeji pode desfazer, mas o que um Igbeji faz nenhum outro orixá desfaz. E mais: eles se consideram os donos da verdade. Os gêmeos Ibeji entre os iorubas, hoho e Fon são objeto de culto.

Na África, as crianças representam a certeza da continuidade, por isso os pais consideram seus filhos sua maior riqueza.



Imagens de Igbeji no candomblé

A palavra Igbeji quer dizer gêmeos. Forma-se a partir de duas entidades distintas que coexistem, respeitando o princípio básico da dualidade.

Contam os Itãs (conjunto de lendas e histórias passadas de geração a geração pelos povos africanos) que os Igbejis são filhos paridos por Iansã, mas abandonados por ela, que os jogou nas águas. Foram abraçados e criados por Oxum como se fossem seus próprios filhos. Doravante, os Igbejis passam a ser saudados em rituais específicos de Oxum e, nos grandes sacrifícios dedicados à deusa, também recebem oferendas.

Entre as divindades africanas, Igbeji é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Igbeji mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos.

Na África, Igbeji é indispensável em todas as coisas, sendo cultuado no dia a dia. Igbeji não exige grandes coisas, seus pedidos são sempre modestos; o que espera como, todos os Orixás, é ser lembrado e cultuado. O poder de Igbeji jamais podem ser negligenciado, pois o que um orixá faz Igbeji pode desfazer, mas o que um Igbeji faz nenhum outro orixá desfaz. E mais: eles se consideram os donos da verdade. Os gêmeos Ibeji entre os iorubas, hoho e Fon são objeto de culto.

Não são orixás nem vodum, mas o lado extraordinário

desses duplos nascimentos é uma prova viva do princípio da dualidade e confirma que existe neles uma parcela do sobrenatural, a qual recai em parte na criança que vem ao mundo depois deles.

Recomenda-se tratar os gêmeos de maneira sempre igual, compartilhando com muita equidade entre os dois tudo o que lhes for oferecido. Quando um deles morre com pouca idade o costume exige que uma estatueta representando o defunto seja esculpida e que a mãe a carregue sempre. Mais tarde o gêmeo sobrevivente ao chegar à idade adulta cuidará sempre de oferecer à effigie do ir-

mão uma parte daquilo que ele come e bebe. Os gêmeos são, para os pais uma garantia de sorte e de fortuna.



Imagens femininas de Ibeji da Nigéria do início do século XX em exposição no Museu das Crianças de Indianópolis, nos Estados Unidos



Seus filhos são pessoas com temperamento infantil, jovialmente inconsequente: nunca deixam de ter dentro de si a criança que já foram. Costumam ser brincalhonas, sorridentes, irrequietas, tudo enfim que se possa associar ao comportamento típico infantil. Muito dependentes nos relacionamentos amorosos e emocionais em geral, podem então revelar-se teimosamente obstinados e possessivos. Ao mesmo tempo, sua leveza perante a vida se revela no seu eterno rosto de criança e no seu modo ágil

10.13 Brasil

Existe uma confusão latente entre Ibeji e os Erês. É evidente que há uma relação, mas não se trata da mesma entidade, confundindo até mesmo como orixá. Ibeji são divindades gêmeas, sendo costumeiramente sincretizadas aos santos gêmeos católicos Cosme e Damião

Por serem gêmeos, são associados ao princípio da dualidade; por serem crianças, são ligados a tudo que se inicia e brota: a nascente de um rio, o nascimento dos seres humanos, o germinar das plantas etc.

desempenham uma tradição de permanecer muito

Podem apresentar bruscas variações de temperamento, e certa tendência a simplificar as coisas, especialmente em termos emocionais, reduzindo, à vezes, o comportamento complexo das pessoas que estão em torno de si a princípios simplistas como “gosta de mim” ou “não gosta de mim”. Isso pode fazer com que se magoem e se decepcionem com certa facilidade. Ao mesmo tempo, suas tristezas e sofrimentos tendem a desaparecer com facilidade, sem deixar grandes marcas. Como as crianças em geral,

gostam de estar no meio de muita gente, das atividades esportivas, sociais e das festas.

A grande cerimônia dedicada a Ibeji acontece **27 de setembro**, dia de Cosme e Damião quando comidas como caruru, vatapá, bolinhos, doces, balas (associadas às crianças, portanto) são oferecidas tanto a eles como aos frequentadores dos terreiros.

Ibeji, na nação Queto, ou Nvunji, nas nações Angola e Congo. É a divindade da brincadeira, da alegria; sua realeza está ligada à infância. Ibeji está presente em todos os rituais do Candomblé pois, assim como Exu, se não for bem cuidado pode atrapalhar os trabalhos com suas brincadeiras infantis, desvirtuando a concentração dos membros de uma Casa de Santo.

É a divindade que rege a alegria, a inocência, a ingenuidade da criança. Sua determinação é tomar conta do bebê até a adolescência, independente do orixá que a criança carrega. Ibeji é tudo de bom, belo e puro que existe; uma criança pode nos mostrar seu sorriso, sua alegria, sua felicidade, seu engatinhar, falar, seus olhos brilhantes.

Na natureza, a beleza do canto dos pássaros, nas evoluções durante o voo das aves, na beleza e perfume das flores. A criança que temos dentro de nós, as recordações da infância. Feche os olhos e lembre-se de uma felicidade, de uma travessura e você estará vivendo ou revivendo uma lenda dessa divindade. Pois tudo aquilo de bom que nos aconteceu em nossa infância, foi regido, gerado e administrado por Ibeji. Portanto, ele já viveu todas as felicidades e travessuras que todos nós, seres humanos, vivemos.

A palavra Eré vem do iorubá *iré*, que significa “brincadeira, divertimento”. Daí a expressão *stré*, que significa “fazer brincadeiras”. O Ere (não confundir com “criança”, que, em iorubá, é *omodé*) aparece instantaneamente logo após o transe do orixá: ou seja, o Ere é o intermediário entre o iniciado e o orixá. Durante o ritual de iniciação, o Ere é de suma importância, pois é o Ere que, muitas vezes, trará as várias mensagens do orixá do recém-iniciado.

O Ere, na verdade, é a inconsciência do novo *omon-orixá*, pois o Ere é o responsável por muita coisa e ritos passados durante o período de reclusão. O Ere conhece todas as preocupações do *jyáwo* (filho), também aí chamado de *omon-tú* ou “criança-nova”. O comportamento do iniciado em estado de Ere é mais influenciado por certos aspectos de sua personalidade que pelo caráter rígido e convencional atribuído a seu orixá. Após o ritual do *oruko*, ou seja, nome de iaô, segue-se um novo ritual, ou o reaprendizado das coisas, chamado *Apaman*.

Símbolos: 2 bonecos gêmeos, 2 cabacinhas, brinquedos; Plantas: jasmim, maçã, alecrim, rosa

Dia: domingo e segunda-feira para nações Queto e Jeju Jexá;

Cor: azul, rosa, verde, mas na verdade gosta do colorido em si.

Metal: estanho. Seus elementos: fogo, ar.

Saudação: *Omi Beijada! Bejiróó! farami sóibeji!*

Domínios: parto e infância. Amor e união.

Comidas: caruru, cocada, cuscuz, frutas doces.

Animais: passarinhos.

Quizilas: morte, assobio.

Características: alegre, otimista, brincalhão, esperto, trabalhador, imaturo, birrento, voraz.

O que faz: ajuda a resolver problemas de crianças, dá harmonia na família, facilita uniões.

Riscos de saúde: alergias, anginas, problemas de nariz,

raquitismo, acidentes.

10.1.4 Ver também

- Crianças na Umbanda
- Ibeji no Batuque
- Bêji no Xambá

10.1.5 Referências

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979. p. 72.
- [2] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 911.
- [3] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 911.f

10.1.6 Ligações externas

- Yoruba Ibeji Figures
- Babalorixá Daniel de Oxum Pandá Twin Figure

10.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

10.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srceem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de

para o Brasil, os escravos da região de Pelotas e Rio Grande

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de Pará. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguella do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.

- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguella de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai An-

dré do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funike, Mãe Ritinha de Xangô

Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogum, Enio Gonçalves de Ogum, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lou-

renço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jêje* — Mãe Ch�ninha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinicius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar

Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miua, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram pos-

sições da nação Cam, Wolff, Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

10.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá

que está naturalmente vinculado a ele, e o orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram origem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

10.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo o Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto.

Os principais orixás (cultuados em todos os terreiros) são: Orixá de Xangô e Oxum), Odé, Otím, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirá e Xanguin (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de Kambina (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em Yorubá é "ara" mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, se-

gurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desatracando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de "dentro do templo", como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de Kambina (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá "dito" masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetem⁴¹.

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação ao outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabeça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelú)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha

- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moeda búzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardião da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardião da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardião da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardião dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo axé das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente

Orixás e *oguns*, que o segundo é firmado para serviços

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olobedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, “*Ogunhê*”, é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, umrevólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e acaça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miunã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oíá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Ikú (a morte)

que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oyá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. Orixá dos

ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô. Dentre os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comumente os batuqueiros a se perceberem a forte ventania, diz se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível per-

turbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas

cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganjú de Ibeje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangó Aganjú Ybeji*, na realidade é uma qualidade de *Sangó Aganjú* que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orixá *Sangó Aganjú* tem alguma ligação orixá *Orisá Ybeji* ou vice-versa, E *Sangó Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana

é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação *kaô kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá, é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Eguns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas Xango Ibeje, também recebe mel

em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve duas esposas: Ogum, Oyá e Obá que geraram os seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibêji (yorubá), *Ibêjeou Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantis.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje, consiste num mesa (toalha e readanochão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade,

brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que to-

das as coisas, em todos as circunstâncias, em dias são pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas),

aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó

é o *Itin*. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Ye-

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas

seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-

versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feituas.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus. Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos,

que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixa.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com festas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suaservas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo o ele o detentor do conhecimento sobre a

eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orummalê. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão sncinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande

guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubetei e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos

seus rituais, o domínio é praticado por todos os adeptos em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epandá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epandá Ibeje* a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agha Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iyáomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanda de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srce da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas

em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogum Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufá e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champanhe, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios

- Saudação: Epô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina*(Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá VelhoQuarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* /Cabinda)eIjexáenoNagôamarelocomverdepara Orumiláia .
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo(ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no*Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

10.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira doUruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. E o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos seguem de cultos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixa, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

10.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e singulares e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá*, já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no

máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participam dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

No dia da festa o salão é enfeitado com os cores dos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

10.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

10.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

10.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

10.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/07/2014). «A entronização do Alafio e sua sobrevivência na Kambinda». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

10.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

“Esta faculdade de apresentar-se e agir como criança, não quer dizer que seja um espírito-criança. Pode ser, talvez, mais velho que os pais. Ele vem com aspecto ou forma infantil, porque é conveniente vir assim, pois do contrário, dificilmente seria reconhecido.” (ORPHANAKE, Édson. *Manual para chefes de terreiros*. P. 116).

10.3.2 Referências

- [1] Imagem de Cosme, Damião e Doum

10.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalarixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá (em português)

10.3 Crianças na Umbanda

Crianças ou **Ibejada** são espíritos que incorporam em médiuns da Umbanda e de outras religiões afro-brasileiras, trazendo nomes infantis. Caracterizam uma criança na forma de falar, nos gestos, na inocência das brincadeiras, transmitindo muita alegria na maioria das vezes. São representados em imagem tripla (Cosme, Damião e Doum^[1]) ou sincretizados na imagem dos santos gêmeos Cosme e Damião, e em algumas regiões chamados também de Crispim e Crispiniano.

10.3.1 História

Por ocasião da festa, a 27 de setembro, os terreiros distribuem doces e fazem uma mesa farta para as crianças que incorporam nos médiuns. As cores são azul claro e

Cosme e Damião, postas em doces e pontos de atuação. çadas com exus, o que resulta num exu-mirim ou Criança da Esquerda.

As oferendas normalmente são feitas em jardins e são sempre doces, refrigerantes, além de frutas. Quando incorporam nos terreiros, são brincalhões, travessos, meigos e chorões. São entidades de grande atuação e força espiritual. Sempre se comenta nos terreiros que quando uma criança faz um trabalho, só ela tem o poder de tirar. Também têm grande poder de cura.

Capítulo 11

Oxum

11.1 Oxum



Caracterizações de Oxum: no primeiro plano, Opará; no segundo, Ypondá, no Ile Ase Ijoro Ilu Oraxi

Oxum ou **Oloxum**,^[2] na religião iorubá é um orixá que reina sobre a água doce dos rios, o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia. Também é um orixá do candomblé. Oxum é dona do ouro e da nação ijexá. Tem o título de *Hyálodé*^[3] entre os orixás.

11.1.1 Etimologia

“Oxum” e “oloxum” são termos com origem na língua iorubá.^[2]

11.1.2 África

Oxum, Oshun, Ochun ou Oxumã é o orixá iorubá cujo nome deriva do Rio Osun, que corre na Iorubalândia, região nigeriana de ijexá e Ijebu. Identificada no jogo do merindilogun pelos odu ejioko e Ôxê, é representada pelo candomblé, material e imaterialmente, por meio do assentamento sagrado denominado *igba oxum*.

É tida como um único orixá que tomaria o nome de acordo com a cidade por onde corre o rio, ou que seriam dezesseis e o nome se relacionaria a uma profundidade desse rio. As mais velhas ou mais antigas são encontradas

nos locais mais profundos (Ibu), enquanto as mais jovens e guerreiras respondem pelos locais mais rasos. Exemplo: Osun Osogbo, Osun Opara ou Apará, Yeye Iponda, Yeye Kare, Yeye Ipetu

Em sua obra “Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns”, Pierre Fatumbi Verger escreve que os tesouros de Oxum são guardados no palácio do rei Ataojá. O templo situa-se em frente e contém uma série de estátuas esculpidas em madeira, representando diversos Orixás: “Osun Osogbo, que tem as orelhas grandes para melhor ouvir os pedidos, e grandes olhos, para tudo ver. Ela carrega uma espada para defender seu povo.”



Rio Osun em Osogbo (foto de Alex Mazzeto)

O Festival de Osun é realizado anualmente na cidade de Osogbo, na Nigéria. O Bosque Sagrado de Osun-Osogbo, onde se encontra o Templo de Osun, é patrimônio mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura desde 2005.

11.1.3 Grande desavença

Oxum, Iansã e Obá eram esposas de Xangô.^[4] Muitos dizem que Oxum enganou Obá e a induziu a cortar a orelha e colocá-la no amalá de Xangô, criando, com isso, uma grande desavença entre ambas. Mas, pensa-se que Obá apenas cortou sua orelha para provar seu amor a Xangô. Muitos difundiram este mito porque Oxum é a orixá da beleza e da juventude, ao passo que Obá tem mais idade e protege as mulheres dignas, idosas e necessitadas, além

de trabalhar com Nanã. Quem afirmar que há uma desavença entre Oxum e Obá e que esta é a menos amada por Xangô está totalmente enganado, porque Obá é aquela mulher que fica ao lado do marido e que mais recebe o amor dele.

Quanto ao fato de algumas qualidades lutarem entre si, não é por causa da “desavença”, que nem é verdadeira, e sim porque as qualidades fazem uma representação de conflitos e guerras do tempo em que tais qualidades estavam na Terra. Do mesmo jeito que, se houver uma qualidade de Iansã que, quando viveu na Terra, teve uma

guerra com Ogum, quando ambos incorporarem, representarão uma luta entre si, para mostrar que possuíam certa desavença, e um pouco da história do mundo. Vale lembrar que estamos falando dos orixás Obá e Oxum, e não de suas qualidades (caminhos). Os orixás tiveram uma história aqui na Terra, e as qualidades, outra. Então, se Iansã tiver um conflito com Ogum, não podemos dizer que a Iansã (orixá) tem conflito com Ogum (orixá), porque quem tem a desavença são suas qualidades, e não os orixás entre si.

financeira, a que se deve sua denominação de “Senhora do Ouro”, que outrora era do Cobre, por ser o metal mais valioso da época.

Na natureza, o culto a Oxum costuma ser realizado nos rios e nas cachoeiras, mais raramente, próximo às fontes de águas minerais. Oxum é símbolo da sensibilidade e muitas vezes derrama lágrimas ao incorporar em alguém, característica que se transfere a seus filhos, identificados por chorões.

- **Candomblé Bantu** - a Nkisi Nandalunda, Senhora da fertilidade e da Lua, muito confundida com Hongolo e Kisimbi, tem semelhanças com Oxum.
- **Candomblé Ketu** - Divindade das águas doces, Oxum é a padroeira da gestação e da fecundidade, recebendo as preces das mulheres que desejam ter filhos e protegendo-as durante a gravidez. Protege, também, as crianças pequenas até que comecem a falar, sendo carinhosamente chamada de “Mamãe” por seus devotos.

11.1.4 Brasil



Estátua representando Oxum em Ipanema, em Porto Alegre, no Brasil

Oxum é um orixá feminino da nação Ijexá, adotada e cultuada em todas as religiões afro-brasileiras. É o orixá das águas doces dos rios e cachoeiras, da riqueza, do amor, da prosperidade e da beleza. Em Oxum, os fiéis buscam auxílio para a solução de problemas no amor, uma vez que ela é a responsável pelas uniões, e também na vida

11.1.5 Arquétipo

Seus filhos e filhas são doces, sentimentais, agem mais com o coração do que com a razão e são muito chorões. Também são extremamente vaidosos e conquistadores, adoram o luxo, a vida social, além de sempre estarem na

si, são vaidosos, astutos, perfeitos, joias, se enfeitam e é claro espelhos. Dão muito valor a opinião pública, são inteligentes, dedicados e dengosos, principalmente as mulheres. Oxum é do tipo daqueles que agem com estratégia, jamais esquecem suas finalidades, atrás de sua imagem doce se esconde uma forte determinação e um grande desejo de ascensão social. Detestam escandalos e tentam evitar. A mulher de Oxum é delicada, feminina, romântica, esposa e amante adoradas. Astutas e equilibradas, as pessoas de Oxum são inteligentes, requintadas e refinadas. Grandes feiticeiros, e fazem um bom uso do feitiço. Meigos, amorosos e cuidadosos.

O filho de Oxum tem o rosto redondo, mãos cheias, e geralmente gordinhos, risonho e bem humorado, combina com eles.

11.1.6 Qualidades de Oxum

- **Kare** - veste azul e dourado, cor do ouro. Usa um abebé e um ofá dourados.
- **Iyepôndã** ou **Ipondá** - é a mãe de **Logunedé**, orixá menino que compartilha dos seus axés. Ambos dança ao som do ritmo ijexá, toque que recebe o nome de sua região de origem. Usa um abebé (espelho de metal) nas mãos, uma alfange (adaga)^[5], por ser guerreira, e um ofá (arco e flecha) dourado, por sua ligação com Oxóssi. É uma das mais jovens.

- Yeye Okè
- Iya Ominígbú
- Iya Omérin
- Ajagunra
- Ijímú
- Yeye Ipetu - é uma Oxum de culto muito antigo, no interior da floresta, na nascente dos rios, ligada a Ossaiyn e, principalmente, a Oyá, dada a sua ligação com Egun.
- Èwujì
- Iyá Bòtò
- Iyá Nlá
- Oxum Opará ou Apará - qualidade de Oxum, em que usa um abebé e um alfange (adaga) ou espada. Caminha com Oya Onira, com quem muitas vezes é confundida. Diferente das outras Oxuns por ter enredo com muitos orixás, vem acompanhada de Oyá e Ogum.



Oxum

Sete folhas mais usadas para Oxum

- Efirin
- Eré tuntún
- Macassá
- Teté
- Ejá Omodé
- Wuê mimolé
- Ewê boyí funfun



Oxum

Sincretismo

Nas religiões afro-brasileiras é sincretizada com diversas Nossas Senhoras. Na Bahia, ela é tida como Nossa Senhora das Candeias ou Nossa Senhora dos Prazeres. No Sul do Brasil, é muitas vezes sincretizada com Nossa Senhora da Conceição enquanto no Centro-Oeste e Sudeste é associada ora à denominação de Nossa Senhora, ora com Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

11.1.7 Cuba

Na *santería* cubana, é chamada **Ochún**. O sincretismo deste orixá se dá na *santería* com *Nossa Senhora da Caridade do Cobre, padroeira de Cuba*. Ver *Oshun*.

Caminhos de Oshun no Lukumí

Na tradição cubana Lukumí, Oxum tem muitos caminhos ou manifestações. Algumas delas incluem:

Oshun Ibu Ikole—Oxum, o abutre, falcão, águia, predadores. Esta Oxum está associada com bruxas (*Ajé*), e os seus símbolos são o abutre, o almofariz e o pilão (símbolos de feitiçaria). Em Cuba, seus mitos dizem que esta Oxum salvou o mundo, por voar as orações do mundo

a morrer até o Sol (Orun), onde *Olodumare* vive, no entanto, na África Ocidental este mito é atribuído a *Yemoja*. *Oshun Ibu Anya*—Oxum dos tambores (Drums). Esta Oxum é a padroeira da dança e dos tambores Anya. Ela diz para dançar incessantemente para esquecer seus problemas.

Oshun Ibu Yumu—Esta Oxum é a mais velha Oxum. Ela se senta no fundo do rio, tricotando.

Oshun Ibu D'Okò—Oxum, a esposa de Orixá Oko. Esta Oxum é retratada como um sulco para ser arado e uma vulva gigante, enquanto seu marido Orixá Oko é um fa-

zendeiro e retratado como um falo gigante. Esta é uma das manifestações mais obviamente procriativa de Oxum. *Oshun Ololodi*—Oxum, a adivinha. Esta Oxum é a esposa de Orunmila, o orixá da adivinhação Ifá. *Oshun Ibu Akuaro*—Oxum, a codorna. As crianças desta manifestação de Oxum são consideradas pessoas muito nervosas.

11.1.8 Haiti

No Haiti, Oxum é a orixá do amor, do dinheiro e da fertilidade. Também conhecida como Erzulie ou Erzulie, Erzulie Fredano Dahomey.^[6]

11.1.9 Notas

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979. p. 48.
- [2] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 242.
- [3] A confraria feminina reivindica o poder
- [4] Cléo Martins - Obá: “a amazona belicosa”
- [5] Alfange (adaga)
- [6] Fruits, flowers, honey for Oshun

11.1.10 Ver também

- Templo de Osun
- Festival de Osun
- Oxum na Umbanda
- Oxum no Batuque
- Oxum no Xambá

11.1.11 Ligações externas

- (es) Santeria.fr :: Todo sobre Oshun
- (en) Santeria.fr :: All about Oshun
- *Rora Yeyé ó fí dé rí omon ! Oxun*
- Fundação Pierre Verger
- Festival de Osun em Osogbo
- BBC News, Osogbo, Nigeria

11.2 Oxalá no Batuque



Nota: Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

11.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srcem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Míguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.
- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá,

Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguêla de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha

Mãe Otacílio de Oxum, Mãe Viana de Oxum, Mãe Zé de Bará, Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogum, Enio Gonçalves de Ogum, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vô Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vô Diva de Odé, Vô Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.
- *Exú* de Xapanã, conhecido como Xangô, Pai Vinício (Sobô Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinicius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe Jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirléte de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.
- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genecy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miua, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Cor-

rea (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas srcem entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como

no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

11.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador

nos cultos, ou até mesmo se tornar um Babalorixá ou Iyalorixá.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram srcem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

11.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo o Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto.

Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oiá-Iansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirá e Xanguin (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em Yorubá é "ara" mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual es-

tará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, des-trancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de "dentro do templo", como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Ba-

Batuque, os orixás são os mesmos, mas o procedimento de iniciação, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repete.^[1]

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tor-

nar o soberano em relação aos outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabeça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelu)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferta: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedabúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardião da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardião da porta do templo
- Bará Adague: Guardião da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardião dos orixás "chamados mel ou praia" e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do " *obe*" (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo axé das facas. Por ser dono das armas, é invocado para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente

Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olo-bedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjù*, *Mejé*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Mejé,

é verde e branco) (seguindo a ideia para Ogum Avagã), Ogum e Xangô, o branco e o verde. De Jeje, o verde e o branco. O Ogum sincrético é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincrético com São Paulo). A sua saudação no batuque, "*Ogunhê*", é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aos santos católicos.

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as viagens, os caminhos, e a caça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas

- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)

- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)

- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Devido à traição de Oiá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram e, por diversas vezes, acabavam por se defrontar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Oiá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia,

em Xangô lançou o talitê de Jeje e os búzios. Ogum sentiu a necessidade de se aproximar de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifesta-

ção de Jeje e Onça, com uma Yansã (que é o espírito utilizado também na umbanda popular). É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comum entre os batuqueiros ao se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está "abanando a saia". Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a "dona do teto" e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e

nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7
Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas
cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é

sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú*, o mais jovem com São Miguel Arcanjo e *Xangô Agandju Ibêje* (criança) com Cosme e Damião. Sangó Aganjú Ybeji, na realidade é uma qualidade de Sangó Aganjú que tem seu assentamento lado a lado com o assentamento de orixá Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá Sangó Aganjú tem alguma ligação orisá Orisá Ybeji ou vice-versa. E Sangó Kamuká que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *kao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no

o seu principal domo que se dedica a ele é a Nação de

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibêjes, sendo também um dos regentes dos Eguns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são

tratados com epô, mas Xango Ibeje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibêji (yoruba), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação *Ijexá* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje consistem numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de

outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epaná Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epaná Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epaná Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido

mais como Oxóssi. Em grande parte dos itôns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]
- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itôns (lendas), temos Odé como o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz

uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião também de orixás femininos, podiam ser escolhidas para seus aprontamentos. Obá sempre foi um orixá de fortes tabus.

Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabás, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra

toda tenacidade deste (a) orixá. Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é

muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira⁹¹

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, depen-

dendo da Nação que o cultua. Xapanã, vem de Sanpónná (Fon), idioma do povo Jê de do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão sncinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que aconteceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jejê, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guer-

ras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso, nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yorubá) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de

crescimento de seus filhos. Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da “lomba”. Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epanlá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epanlá Ibeje*: a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agba Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.
- *Oxum Iydomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanlá de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomí - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Bocí - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomí - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;
5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champanhe, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência ojogo de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oiô, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.
- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo (ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.

- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

11.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Pelotas e de Porto Alegre. É o maior centro e cidade de Rio Grande local de chegada do Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos *terreiros* são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que

também possuem templos e seguem de cultos dos orixás, sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despaçadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

11.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e locais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jê tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá* já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada babalorixá ou iyalorixá tem autonomia na prática de seus rituais, não existem nomenclaturas de cargos como tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebó, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua *suíteira*. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no

máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos

animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Nodiadafestaosalãoenfeitadocomascorososorixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bandejas contendo todo tipo de culinária dos Orixás como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens aos orixás. Após o encerramento, o sacerdote leva os filhos que estavam de obrigações ao rio, à igreja, ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

11.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balé.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diver-

sas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

11.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou ialorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais.

Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios, e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele que lhe passou os ensinamentos.

11.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afrogaúcha, já que está presente quase que apenas no estado

do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

Paraguai e outros países vizinhos.

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapaná, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

11.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff. (01/07/2014). «A entronização do Alafique e sua sobrevivência na Kambina». Revista Olorun ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X
- [6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf
- [8] Os fundamentos religiosos da nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

[10]

[11]

11.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

11.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

11.3 Oxum na Umbanda

Oxum na Umbanda, é sincretizada com várias Nossa Senhora, em São Paulo com Nossa Senhora Aparecida

- Cor de sua guia (fio-de-contas): é rosa claro ou dourado e amarelo
- Saudação: Ora Yêye o

Está relacionada a fertilidade, a riqueza e a sensibilidade. Amor é um orixá de rara beleza, considerada a mais bela.

Capítulo 12

Iemanjá

12.1 Iemanjá

Iemanjá (*Yemojá* na Nigéria, *Yemayá* em Cuba ou ainda **Dona Janáína** no Brasil; ver seção *Nome*) é o orixá do povo Egbá, divindade da fertilidade principalmente associada aos rios e desembocaduras. Seu culto principal estabeleceu-se em Abeokuta após migrações forçadas, tomando como suporte o rio *Ọ̀gún* de onde manifesta-se em qualquer outro corpo de água. Também é reverenciada em partes da América do Sul, Caribe e Estados Unidos. Sendo identificada com o *rindilogun* pelos Odus Irosun^{[3][4]} e Ossá,^[5] é representada materialmente pelo assentamento sagrado denominado Igba Iemanjá. Manifesta-se em iniciados em seus mistérios *Ẹ̀lẹ̀gún* através de possessão ou transe.

Celebrada em Ifé como filha de Olokun, a divindade dos mares, essa estreita ligação foi enaltecida no processo da diáspora africana resultando na sobreposição de ambas em uma mesma figura como manifestações de um mesmo princípio, sendo o motivo para a associação de Iemanjá aos mares no Novo Mundo. Com o sincretismo de outras divindades e de influências européias, foi imbuída de inúmeros atributos e poderes em uma grande variedade de cultos. O seu arquétipo maternal consolidou-se sobretudo como *Mãe de todos os Orixás*. Iemanjá, nas palavras de D. M. Zenicola, “*representa o poder progenitor feminino; é ela que nos faz nascer, divindade que é maternidade universal, a Mãe do Mundo*”.^[6]

No Brasil considerado o orixá mais popular festejado com festas públicas, desenvolveu profunda influência na cultura popular, música, literatura e na religião, adquirindo cada vez mais uma identidade consolidada pelo Novo Mundo, conforme pode ser observado através de sua representação por diversos intelectuais, artistas e pelo folclore que em sua imagem reuniram as três raças”. Figura na *Dona Janáína* uma personalidade à parte, sedutora, sereia dos mares nordestinos, com cultos populares simbólicos e acessíveis que muitas vezes não expressam necessariamente uma liturgia. Nessa visão, segundo Bernardo Iemanjá “(...) é mãe e esposa. Ela ama os homens do mar e os protege. Mas quando os deseja, ela os mata e torna-os seus esposos no fundo do mar”.^{[7][8]}

12.1.1 Nome e Epítetos



Estátua de Iemanjá em Montevidéu, no Uruguai.

“Iemanjá”, nome que deriva da contração da expressão em iorubá *Yèyè omo ejá* (“Mãe cujos filhos são peixes”) ou simplesmente *Yemojá* em referência a um rio homônimo cultuado nos primórdios do culto deste orixá.^{[9][10][11]} Na Nigéria, *Yemojá* pronuncia-se com o som de “*dji*” na última sílaba.^{[12][nb 1]} A versão lusófona amplamente mais aceita no âmbito acadêmico é Iemanjá, por vezes também assume a grafia de *Yemanjá* onde a letra inicial alude a *scem* do nome. Isso também observamos na *Yemayá* da Santería em Cuba.^[nb 2] Também é conhecida como *Aleyo* na mesma região de Egbado, Ayetoro, Igan e Okoto.^[13]

O seu nome na cultura popular *Dona Janáína* a *Mãe d'água* tem origem mais complicada: diversas fontes o associam a uma *scem* indígena mas não a identificam.^[14] O dicionário Houaiss registra a explicação da composição do nome por Otacácio como de origem iorubá:

M. C. Costa, em um artigo referente, localiza sua origem no diminutivo de *Jana*, expressão portuguesa para *Anjana*, ser mitológico ligado às Xanas,^[15] uma espécie de fada ou ninfa da mitologia asturiana dotada de uma beleza extraordinária que vive nos rios, fontes, cascatas e bosques que têm cursos de água cristalina. ^[16] “Jana” pode ser também referência Guarani de Jara, pronúncia correta de Iara, significando, segundo M. A. Sampaio, “*senhor, senhora, dono, dona, proprietário, proprietária. Não quer*

dizer “senhora das águas”. Para esse termo, seria Y-jara: Y - água; jára, *senhor ou senhora*.^[17] Tal alusão à figura mitológica brasileira Iara justificaria dois títulos em comum, *Mãe d'Água* e *Sereia*, e sua srceem apresenta o porquê ser mencionada como “Dona”.^[nb 3] Essa associação é observável já no início do século XX conforme verifica P. Iwashita em menções à Arthur Ramos, sendo ainda frequente nos cultos na atualidade, como apresentado nas pesquisas de A. Vallado.^{[18][19]} *Inaê* é segundo Edison Carneiro, aférese de *Janaína*, com mais um “ê” eufônico^{[18][20]}

Iemanjá em sua grande variedade de cultos assume diversos epítetos. Segue uma lista incompleta, excluindo-se também qualidades e avatares (ver seção *Qualidades e Avatares*): *Ayaba ti gbe ibu omi*, rainha que vive na profundidade das águas;^[21] *Ibu gba nyanri*, regato que retém a areia; Oloxum (*Olosun*), regato vermelho; *Ibu Alara*, regato negro; *Olimo*, dona da folha de palmeira; *Onilaiye*, dona do mundo;^[22] *Onibode Ifu*, guardiã da floresta; mãe de Minihun (*Iya ominihun*), em referência *aminihun* que é o nome que se dá às crianças que acreditam-se concebidas graças a Iemanjá;^[23] *Ayaba lomi o*, rainha na água;^[24] *Iyá Orí*, mãe da cabeça;^[25] *Rainha do Mar*; *Sereia*.^[26] Outras referências como *Aiucá* ou *Princesa do Aioká* parecem corruptelas de *Abeokuta*, cidade principal do culto de Iemanjá,^{[27][28]} enquanto *Maria* teria srceem no sincretismo religioso com Nossa Senhora.^[18]



Iemanjá amamentando os Ibejis, início do século XX, Museu Afro Brasil.

12.1.2 Mito

Muitos atributos e códigos morais de Iemanjá podem ser verificados em suas cantigas e *orixás*,^[29] tradições orais entre os iorubás,^[30] seus *itan* ou mitos e demais tradições também se preservaram de mesmo modo, estando segundo R. Ogunleye suscetíveis às limitações da memória e à extinção de saberes com a morte dos que a preservam.^[31] Com a perda de muitos de seu culto durante as guerras sofridas pelo povo Egba, que resultaram na sua migração para uma nova região,^[13] não é espantoso que seus mitos srceais só aludam ao suporte de seu culto na nova localidade, o rio Ôgùn e não seu predecesor como adiante verificamos.

Os primeiros registros literários de seus mitos assim, como de alguns outros orixás, foram prejudicados por diversos equívocos. A. B. Ellis a ela asso cia uma cosmologia e gênese incestuosa influenciada por P. Bau-

din e repetida diversas vezes por autores como R. E. Dennett, Stephen Septimus Farrow, Olumide Lucas e R. F. Burton influenciados uns pelos outros.^[32] P. Verger inicialmente influenciado por tais mitos já alertava que os mesmos não eram mais conhecidos ou possível de se verificar na costa da África^[33] e posteriormente conclui tratar-se de uma série de equívocos e os rebate duramente em obras posteriores.^[34] Essas influências ocidentais imprecisas que parecem ter aderido à interpretação de Iemanjá assim como de outras divindades iorubás já era alertada em 1772 por P. Labat, “que certas informações

foram dadas por vários autores” e acrescentava: “mas talvez não tenha sido senão a opinião do que as escreveu primeiro e que os outros seguiram e copiaram sem se importar se estavam bem ou mal fundadas”.^[34]

Para S. Poli, mesmo a concepção de Iemanjá que vislumbramos na obra de Verger é uma divindade já sincrética, como podemos conferir em sua associação *Awéwá* também Yeyemowo, divindade casada com Obatalá.^{[35][36]} Tal confusão não é grave no seu culto no Brasil por exemplo, onde Iemanjá tornou-se em uma nova interpretação esposa de Oxalá^[37] -uma concepção dos mesmos de Obatalá-, formando o casal essencial da criação. Muitos autores, como L. Cabrera em sua memorável explanação e abordagem sobre Iemanjá e Oxum, abordaram essa visão da diáspora centrada no seu novo contexto social, cultural e histórico, como é o caso de Cuba na análise da pesquisadora, não preocupando-se em um resgate^[38]

propriamente a partir da srceem. No Novo Mundo, também observa-se uma moralização de sua figura em associação ao sincretismo com figuras do cristianismo, sendo que mesmo suas descrições de formas generosas e seios fartos já cedem lugar a uma versão mais latinizada e branca;^[39] quando não em determinados momentos assume os aspectos da sensualidade em demasia por associações à figura europeia da sereia, ou mesmo a Iara^[40] de atributos já carregados da influência dos colonizadores do velho continente,^[41] como podemos verificar na *Dona Janaína* da obra de Jorge Amado ou das

canções de Dorival Caymmi (ver seção Iemanjá e a Música Popular Brasileira), ou mesmo no culto de *Lá Sirène* ou Mami Wata no Caribe (ver seção Sincretismo).

Contudo, de atributos que lhe são associados em qualquer contexto ou reinterpretação verificamos sua relação com as águas e os peixes, muito embora essa possa ter passado dos rios aos mares, como observamos no Brasil e Cuba, no primeiro cenário em substituição de cultos de divindades esquecidas no processo de diáspora como o de Olokun^[nb 4] que foi substituído no panteão afro-brasileiro por Iemanjá,^[42] ou como no segundo, o estreitamento de-

masiado dessas duas divindades, de mesma família^[3] como observamos cunhado na figura de *Yemayá Olokun*^[44] explorada por Cabrera.^[44] Outra associação de Iemanjá que preservou-se é a fertilidade e maternidade que como demais atributos fora reforçada, ao ponto de ter se tornado mãe de todos os orixás, ou como na visão de R. Prandi ajudando pessoalmente Olodumaré na construção do mundo.^[45]

Origens

Iemanjá, em seu culto srcinal, é um orixá associado aos rios e desembocaduras à fertilidade feminina, à maternidade e primordialmente ao processo de gênese *doliyé* (mundo) e a continuidade da vida (*em*). Também é regente da pesca, e do plantio e colheita de inhames.^[46] P. Verger, em seu livro *Dieux d'Afrique*^[47] registra: "é o

~~orixá das águas doces e salgadas do Egba, uma divindade~~
onde existe ainda o rio Yemojá. As guerras entre nações iorubás levaram os Egba a emigrar na direção oeste, para Abeokuta, no início do século XIX. (...) O rio Ògùn, que atravessa a região, tornou-se, a partir de então, a nova morada de Iemanjá."^[48] Após a guerra entre os egbás e os daomeanos, sobraram poucas pessoas desse culto, tendo em vista a dispersão ou mesmo prisão destes pelos inimigos.^[13] Segundo R. Ogunleye, "Não está claro se o rio Ogun precede Yemoja ou se Yemoja trouxe o rio Ogun a existir para que ela pudesse criar um quartel-general como um assento de seu governo. Seja qual for o caso, o rio Ogun tem vindo a ser aceito pelos iorubás como o "quartel-general" de Yemoja. De seu trono lá, ela se manifesta em qualquer outro corpo de água".^[49] A referência da guerra e da fuga dos egbas reflete-se em sua mitologia.

Os principais relatos mitológicos de Iemanjá se desenrolam com os orixás primordiais da criação iorubá do mundo. Evidenciou-se na segunda metade do século XX um consenso entre autores de que Iemanjá é filha da divindade soberana dos mares e oceanos Olokun (esta última uma divindade feminina em Ifé e masculina no Benim), sendo esse vínculo celebrado na cidade de Ifé, considerado como berço da civilização iorubá.^{[50][51][52][53][54][55]} R. Ogunleye alude sua srcem também a partir de Olorun (*Olodumaré*), divindade do *orun*.^[56] Se constata então como filha da união mitológica conturbada de Olokun e Olorun^[12] e irmã de Ajê



Ori Olokun (Cabeça de Olokun).^[nb 5] este bronze do século XII apresenta aspectos masculinos do Orixá. Museu Britânico.

Salugá.^[57] Olokun pelo caráter instável e destrutivo foi atada ao fundo do oceano em seus domínios após uma tentativa de dilúvio frustrada por Olorun.^[58] E. L. Nascimento menciona, ao referir-se ao temor aos aspectos antissociais ou negativos dos Orixás femininos, "Iemanjá, igualmente,^[nb 6] representa em seu aspecto perigoso a ira do mar, a esterilidade e a loucura".^[59] Não obstante, é muito frequente referências a natureza benéfica de Iemanjá. L. Cabrera assim defende: "Sem deformar essa definição encantadora e irrefutável, podemos imaginar Iemanjá emanada de Olokun, com seu poder e suas riquezas, mas sem as características tremebundas que o associam mais à morte do que à vida, como sua manifestação feminina - Iemanjá é muito maternal - e benéfica".^{[60][nb 7]} Na cosmologia e gênese de A. B. Ellis influenciada por P.

Baudin é filha da união de Obatalá com Oduduwa numa manifestação feminina.^{[61][62]}

P. Verger aponta sua primeira união com Orunmilá, o orixá dos segredos (essa união é amplamente celebrada no culto de ifá afro-cubano com diferentes *sians* registrados por L. Cabrera, mas é negada por W. Abimbola),^[63] relação que pouco durou uma vez que Orunmilá a expulsa e acusa de quebrar o *ewo* que proíbe o acesso de mulheres aos Odus e o manuseio dos objetos sagrados de Ifá.^{[9][38][64]} L. Cabrera registra: "Orunmilá teve de assistir a uma reunião de dezesseis *awôs*, convocada por

Olofi.^[nb 8] Ela ficou em casa e a todos que iam consultar seu marido, em vez de dizer-lhes que esperassem sua volta, ela fazia passar adiante e adivinhava para eles. (...) quando este voltou, todos lhe pediam quem Iemanjá olhasse para eles. Orunmilá explicava que as mulheres não podem jogar Ifá. Eles iam embora... e não voltavam mais".^[38]



Elegun manifestada em Iemanjá durante um festival na Nigéria.

Posteriormente, Iemanjá foi casada com Olofin Oduduwa^[nb 9] criador do mundo e rei de Ifé, com a qual teve dez filhos. Alguns dos nomes enigmáticos de seus filhos parecem corresponder a orixás, Verger apresenta dois exemplos: "Osumàrè ègò béjirin fonná diwò" (o arco íris que se desloca com a chuva e guarda o fogo nos seus punhos), e "Arirà gágàgà tí í béjirin núnò ejí" (o trovão que se desloca com a chuva e revela seus segredos).^{[18][9][50]} Iemanjá, cansada da vivência na cidade de Ilê Ifé governada pelo marido, decide-se fugir

para o Oeste, para a "terra do entardecer". Antes de viver no mundo, Iemanjá recebera, de Olokun, sempre precavida pois "não se sabe jamais o que pode acontecer amanhã", uma vasilha contendo um preparado mágico com a recomendação de que, se algum caso extremo se sucedesse, Iemanjá o quebrasse no chão. Iemanjá, que já havia se instalado no entardecer da Terra, foi surpreendida pelo exército de Olofin Oduduwa que estava a sua procura. Longe de se deixar capturar, quebrou a vasilha com o preparado conforme as indicações que recebera. O preparado mágico, ao tocar o chão, fez nascer, no

mar, os lagos e o rio de onde Iemanjá viria a ser conhecida.

Outro mito sugere que foi casada com Okere, rei de Xaki, cidade localizada ao norte de Abeokuta.^{[50][65]} Este mito parece complementar suas andanças após a fuga de seu casamento com Olofin Oduduwa. O mito se inicia com Iemanjá se instalando em Abeokuta que seria a terra do entardecer do mito anterior, e o desfecho muito se assemelha, com a presença da vasilha com o preparado mágico de Olokun. Iemanjá que "continuava muito bonita", despertou o desejo de Okere que lhe propôs casamento. A união se sucedeu com a condição que Okere em nenhuma situação expusesse o tamanho da imensidão de seus seios ao ridículo. Mas Okere certo dia bêbado retorna para casa e tropeça em Iemanjá que o recrimina, e este não tendo controle das faculdades ou emoções, grita ridicularizando-lhe os seios. Iemanjá foge em disparada ofendida com o feito de Okere, que lhe persegue. Em

sua fuga, Iemanjá tropeça quebrando a vasilha que lhe foi entregue e dela nasce o rio que lhe ajudará a chegar até o mar. Okere não querendo permitir a fuga da mulher se transforma numa colina que lhe barra o caminho para qualquer direção. Iemanjá uma vez com sua rota até o oceano bloqueada, clama pelo mais poderoso de seus filhos, Xangô.^{[65][66]}

Assim, Verger relata o seu desfecho: "(...) chegou Xangô com seu raio. Ouviu-se então: Kakara rá rá rá ... Ele havia lançado seu raio sobre a colina Okere. Ela abriu-se em duas e, suichchchch ... Iemanjá foi-se para o mar de sua mãe Olokun. E aí ficou e recusa-se, desde então, a voltar em Terra".^[65]

Evolução e Interpretações do Mito

Muito da interpretação de Iemanjá e de sua mitologia

deve-se aos seus primeiros registros escritos como observa-se em P. Baudin e outros, o seu atributo de *Mãe de todos os orixás* é oriundo do relato de sua união com Aganju, da qual teria surgido o orixá Orungã, este último atraído pela mãe teria tentado possuí-la em um momento de ausência do pai. Da consumação do incesto ou da mera tentativa da mesma, sucedeu-se uma fuga da parte de Iemanjá, como noutros episódios, que horrorizada cai sobre a terra e de seus seios rasgados surgem dois lagos e sucede-se assim o parto coletivo de diversos orixás, juntamente do Sol e da Lua, porém este relato possui sérias



Detalhe da escultura Iemanjá de Carybé, onde é possível notar orixás representados dentro do seu ventre, como Xangô com seu oxê e Ogum com sua espada.^[67] Museu Afro-Brasileiro, Salvador, Bahia.

inconsistências inclusive a menção a Olokun como o primeiro a nascer desse parto sendo que a sequência de nascimentos variam de um autor a outro e os desígnios dos orixás citados.^[32] L. Cabrera ao relatar este mito a partir de depoimentos de alguns santeiros sobrepõe em uma mesma figura duas divindades distintas, Iemanjá e Iemu, a sua *Yemayá-Yemues* esposa de Olorun que depois através de um Obatalá, *Achupá*, deu à luz os orixás e os dois astros anteriormente citados, esta abordagem é comparada pela a autora a outra versão obtida de uma informante em exílio de Iemanjá casada com Aganju, que muito se assemelha ao relato dos autores P. Baudin, A. B. Ellis, R. E. Dennett, Stephen Septimus Farrow, Olumide Lucas e R. F. Burton; Cabrera em nota lança luz quanto a este mito tratar-se de uma variação do mito de Iemu verdadeira mãe de Ogum e que o incesto teria sido praticado por este,^[68] o mesmo é afirmado por Natalia Bolívar^[69] o mesmo é afirmado por Natalia Bolívar^{[70][71]}

Aróstegui e outros autores, Verger, que não observa os relatos de A. B. Ellis na costa da África, considera um visão equivocada e extravagante a de padre Baudin, e que só teria cruzado o Atlântico através de Ellis. O mesmo registra: "Durante a pesquisa que fiz a partir de 1948 nos meios não letrados destas regiões da África, nunca encontrei vestígios das lendas inventadas por Rev. Padre Baudin". Atualmente, R. Prandi, que rejeita a visão de Verger, defende que o mesmo mito é de grande conhecimento por parte dos praticantes do culto ao orixá na Bahia, com a observação que os mesmos não

conservaram o nome de Orungá.^[72] A visão de Prandi ignora a influência do acesso de religiosos a autores como Arthur Ramos, fortemente influenciado por T. J. Bowen e A. B. Ellis, e demais estudiosos que tentaram atuar como bastiões de resgate do que acreditavam ser a identidade dos negros já perdida. Como destaca Roberto Motta, o papel do antropólogo "se transforma em doutor da fé, descobridor ou inventor da tradição e da memória".^[73] esse aparecimento gradativo do mito entre os devotos é reforçado com a comparação de dois relatos de períodos distintos, pelo relato de Nina Rodrigues em 1934: "É de

pesquisa esta dança que Obatalá e seus filhos que ocupam do culto yorubano, mesmo dos que estiveram recentemente na África, de todo a ignoram e alguns a contestam",^[72] outra menção quanto ao desconhecimento generalizado do mito, mas o seu já aparecimento é a pesquisa do escritor Jorge Amado que se utiliza da metáfora de Iemanjá e Orungá para seu livro *Mar Morto*, o mesmo relata: "Não são muitos no país que sabem da história de Iemanjá e de Orungá, seu filho".^[74]

Outro atributo que lhe foi associado foi o poder sobre as cabeças e portanto sobre o destino. Na crença iorubá, os aspectos que os seres humanos vivenciam em suas vidas são oriundos da escolha do *ori* (cabeça) que aplica o destino. Nessa tradição crê-se que após Obatalá modelar os seres, Ajálá fornece a cabeça.^[75] Nas palavras de Abimbola, "Ajálá (outra existência sobrenatural que não é reconhecida como divindade) fornece o *ori* (cabeça) de

sua loja de cabeças..."^[76] S. Poli evidencia que Ajálá "É esquecido e descuidado e devido a isto nem sempre as cabeças saem boas. Como resultado disso a maioria das pessoas escolhem por si mesmas as cabeças sem recorrerem a Ajálá e acabam assim por escolher cabeças ruins e imprestáveis", sendo devido a isso o motivo de serem necessários rituais como o Bori para estabelecer o equilíbrio que o *ori* necessita.^[75] No Brasil a Iemanjá foi atribuída a tarefa da manutenção das cabeças, em especial no procedimento do Bori tornando-se a *Iyá Ori* ("Mãe das Cabeças"), a cerca disso R. Prandi nos explica: "Ajálá está esquecido no Brasil, tendo sido substituído por Iemanjá, a dona das cabeças, a quem se canta, no *xirê*, quando os iniciados tocam a cabeça com as mãos para lembrar esse domínio, e na cerimônia de sacrifício à cabeça (Bori), rito que precede a iniciação daquela pessoa".^[77]

S. Epega defende o culto de Iemanjá como *Iyá Ori* justificando o porquê dessa atribuição, ela relata:

"Quando Yemoja vão do *orun* [mundo ancestral] para o *aiye* [planeta Terra], ao chegar descobriu que cada Orisá já tinha seu domínio na terra dos homens, e nada havia sobrado para ela. Queixou-se a Olodumare [deus criador], que disse a ela ser seu dever cuidar da casa de seu marido Obátálá [rei das



Ifé Orí (casa de Orí), que contém o Ifô Orí, assentamento da cabeça, representação dentro do culto tradicional em Nigéria. No Brasil, um recipiente de louça que se usa como fundamento para fazer bori é chamado de igbá orí (cabeça de orí).



Ritual para Orí ao lado de uma estátua de Iemanjá no candomblé, Ilê Ase Ijino Ilu Orossi, Bahia, Brasil.

roupas brancas], de sua comida, de sua roupa, de seus filhos. Yemoja se revoltou. Ela não tinha vindo

do Orun para o aixe para ser dona de casa e doméstica. E tanto falou, tanto reclamou, que Obàtálá foi ficando perturbado, até que finalmente enlouqueceu. Ao ver seu marido^[mb 10] nesse estado, Yemoja pensou na atitude que Olodumare iria ter com ela quando chegasse do Orun. E procurou os melhores frutos, o óleo mais claro e encorpado, o peixe mais fresco, o iyan

mais bem pilado, um arroz bem branco, os maiores pombos brancos, o obi mais novo, o melhor atare, ekuru acabado de cozinhar, ori muito bom, os igbin mais claros, orógbó macio, água muito fria, e comissotratouacabeçade Obàtálá. Ele foi melhorando com os ebós, e um dia ficou completamente curado. Olodumare chegou do Orun para visitar Obàtálá. Falou à Yemojaque

lêu o Ifé visto para o Ifé e para o Ifé e para o Ifé tão bem a cabeça de seu marido. Dali para frente, Yemoja iria ajudar os homens que fizessem más escolhas de ori [destino, força vital], a melhorar suas cabeças, com uma oferenda determinada pelo oráculo de Ifá, através de Orunmilá [deus do destino dos homens]."^[78]

Curiosamente em Cuba onde não há referência a posse desse atributo por Iemanjá^L. Cabrera consegue resgatar o seguinte mito:

"No começo do mundo, os Orixás e homens confabularam contra Iemanjá, que entrava na terra, a var-

ria continuamente com suas ondas e a todos impunha respeito. Olorun

disse a Obatalá: 'Vá ver de que acusam Iemanjá.' Eleguá, que ouviu a ordem recebida por Obatalá, disse a Iemanjá: 'Consulte-se com Ifá para que você confunda todos os seus inimigos.' Iemanjá seguiu o conselho de Eleguá, consultou Ifá e este indicou que ela fizesse um ebó (sacrifício) de carneiro. Obatalá chegou a Ilê Ifé, a aldeia dos orixás e dos homens e, enquanto todos falavam, Iemanjá saiu do mar e avançou até o grande Orixá, mostrando-lhe a cabeça do carneiro. Obatalá pensou: 'É a única que tem cabeça!' e confirmou^[38]

seu poder e grandeza"

Noutra versão, Iemanjá se encontra com Olorun na reunião por ele imposta aos Orixás e lhe presenteia com a cabeça de um carneiro e este ao perceber que ela era a única dos presentes a homenageá-lo diz: *Awoyó Orí dori e*" "Cabeça você traz, cabeça você será". A justificativa do mito seria que Iemanjá é "*cabeça que pensa por si mesmo*" e a autora não apresenta maiores justificativas para entendermos a simbologia nele expressa, no entanto R. Prandi e A. Vallado justificam esse relato como

referência da tutela dos *oris* por parte de Iemanjá.^{[19][77]} L. Cabrera ao escrever sobre um mito que menciona Iemanjá novamente casada com Aganju evidencia Obatalá como dono das cabeças, atributo que Aganju sem sucesso teria tentado tomar para si.^[38]

Olukunmi Omikemi Egbalade, sumo-sacerdote do culto a Iemanjá em Ibadan, em entrevista, afirma não só a função do orixá em formar as cabeças juntamente a Obatalá, como seu papel de levar água para cuidados recém-nascidos modelados pelo último.^[79] A. Apter ao explorar o aspecto político de seu culto em Ayede, em especial

quanto a descrição do ritual da cabeça realizado pela sua alta sacerdotisa, escreve: "Yemoja *unificando a cabeça* representa o útero da maternidade, a cabeça do bom destino, a coroa do rei, a integridade da cidade, mesmo o encerramento cosmológico do céu e da terra",^[80] o que não é discrepante com a afirmativa de S. Epega, "(...) no ritual de bori [bo ori - louvar a cabeça], Yemoja sempre é saudada com a cantiga: 'Ori ori ire, Yemoja ori orire, Yemoja' (Cabeça cabeça boa, Yemoja coloca boa sorte na cabeça, Yemoja)", ficando evidente algum aspecto do orixá quanto a cabeça.^[78]



Altar de Yemayá em templo em Trinidad (Cuba), com insígnias do sol e da lua.

Outro atributo ou símbolo muito utilizado e presente na interpretação de Iemanjá é a lua. R. Prandi relata que Iemanjá teria criado a lua para salvar o sol de extinguir-se, ele registra:

"Orum, o Sol andava exausto. Desde a criação do mundo ele não tinha dormido nunca. Brilhava sobre a Terra dia e noite. Orum já estava a ponto de exaurir-se, de apagar-se. Com seu brilho eterno, Orum^[nb 11] maltratava a Terra. Ele queimava dia após dia. Já quase tudo estava calcinado e os humanos já morriam todos. Os Orixás estavam preocupados e reuniram-se

para decidir o que fazer. Então, a lua foi criada. Ela guardara sob a saia alguns raios de Sol. Ela projetou sobre a Terra os raios que guardara e mandou que o Sol fosse descansar, para depois brilhar de novo. Os fracos raios de luz formaram um outro astro. O Sol descansaria para recuperar suas forças e enquanto isso reinaria Oxu, a Lua. Sua lua fria refrescaria a Terra e os seres humanos não pereceriam no calor. Assim, graças a Iemanjá, o Sol pode dor mir. À noite, as estrelas velam por seu sono, até que a madrugada traga outro dia."^[77]

Em sua associação aos mares, Iemanjá através da lua e suas fases juntamente com a força do vento, que agita as águas, controlaria as marés.^[81] P. Iwashita ao discutir o arquétipo da maternidade e feminino afirma que *Por sua vez o mais importante símbolo para a Anima é a lua, por causa da relação entre as suas diferentes fases e o ciclo menstrual na mulher.*"^[18] Azevedo Filho em uma análise, justifica que pelas suas "diversas fases, que descrevem o ciclo contínuo de aniquilamento/regeneração, a lua se tornou, sem dúvida, o símbolo maior das variações no (do) tempo(...). Correlacionada portanto com Iemanjá, a lua representa ainda a zona noturna, inconsciente, obscura da psique humana, pulsões adormecidas, mas que revivem nos sonhos, nas fantasias e no desejo impossível, ao contrário do sol(...)." ^[82]

Essa analogia entre a lua e os ciclos com *aniquilamento/regeneração* é notável no mito registrado por L. Cabrera que relata a vingança de Iemanjá contra a humanidade que teria conspirado contra o seu primogênito, que foi sentenciado a morte e executado. Iemanjá tomada de ira (aqui consegue absorver as características e o objetivo de Olokun, mas com grande êxito), teria destruído a primeira humanidade habitando nesse mito o contraste entre *srcem* e destruição.^{[38][77]}

Mito e Política

 Ver artigo principal: Sociedade Geledê, Iyami-Ajé

P. Verger, ao discutir os aspectos políticos do culto dos



Máscara Gelede da Nigéria, Museu de Arte de Birmingham.



Máscara Gelede com corpo, no Museu do Brooklyn.

orixás na sociedade iorubá, relata: "O lugar ocupado na organização social pelo Orixá pode ser muito diferente se

trata de uma cidade onde se ergue um palácio real, áá-fin, ocupado por um rei, aládé, tendo direito a usar uma coroa, adé, com franjas de pérolas, ocultando-lhe a face ou onde existe um palácio, ilé Olójá, a casa do senhor do mercado de uma cidade cujo chefe é um balé que só tem direito a uma coroa mais modesta chamada àkòró. Nesses dois casos, o Orixá contribui para reforçar o poder do rei ou do chefe. Esse Orixá está praticamente à sua disposição para garantir e defender a estabilidade e a continuidade da dinastia e a proteção de seus súditos". O orixá protetor de uma dinastia é amplamente celebrado pela mesma,

segundo os aspectos políticos, a ampla afirmação de Ojiosa pelos soberanos de Oxogbô.^[9] A respeito do aspecto político do culto de Iemanjá, A. Apter citando o festival de Ayede registra que sua alta sacerdotisa que cuida da cabeça do regente, é quem habilita o indivíduo do rei e revitaliza seu corpo político, "Como qualquer símbolo dominante, ela abraça uma extensão de significados que vão desde bênçãos normativas e explícitas ('ela traz crianças e riqueza, ele mantém o rei saudável') para implícitas, temas proibidos de divisão e de derramamento de sangue, e é este último pólo que é poderoso e profundo". Toda a integridade do governo, da sua legítima sucessão e da autoridade do regente é dependente do apoio de Iemanjá sua protetora e de suas sacerdotisas, que detém do poder de deposição de seu rei, assim como do mal destino, de ocasionar uma fissão política e pôr fim ao equilíbrio cósmico. "Tais temas negativos raramente são expressos em público, mas eles representam, porém, um repertório de interpretações potenciais que, sob certas condições, pode ser invocado para mobilizar a oposição contra o status quo. O profundo conhecimento do ritual real envolve realmente o rei no sacrifício e renascimento, em que seus ícones de poder pessoal e autoridade real são literalmente desmontados e remontados por sacerdotes e sacerdotisas autorizados," conclui A. Apter.^[80] P. Verger menciona que o seu cortejo em Ibará, "vai saudar as pessoas importantes do bairro, começando por Olubàrà, o rei de Ibará."^[9] Sobre esta ainda estreita relação entre o culto de Iemanjá e a realeza de Ibará, Omari-Tunkara registra: "Fiquei surpresa ao notar o elevado respeito do rei para a tradicional Religião iorubá e para a adoração de Yemojá apesar do fato de que era educado ocidentalmente e um professo, devoto cristão".^[50] Todas essas menções reforçam a influência de seu culto sobre as regiões de Abeokuta e suas dinastias.

Sobre o temor do poder da ancestralidade feminina reverenciada em Iemanjá, legitimada em sua própria mitologia, Omari-Tunkara explica: "Existem várias referências na literatura sobre os iorubás na África Ocidental para o papel de Yemojá como Ajé ou Iyami-nossamãe (ou bruxa no pensamento ocidental). De acordo com Peter Morton-Williams (1960), Yemojá é a mãe da feiticeira. Em um estudo clássico, DeusesNegroReis, Thompson cita dois sacerdotes de alto escalão que enfatizam a estreita ligação de Yemojá e Gelede, uma sociedade dedicada à apaziguar Iyami: 'Gelede é a adoração de Yemojá deusa do mar e

rio. As máscaras de *Gelêdê* representam ela e seus descendentes do sexo feminino; e *Yemojá* é proprietária de *Gelêdê*.^[50]

Um itan de Ifá justifica essa ligação de Iemanjá com a Sociedade Gelede. Ela não podia ter filhos e consultou o Oráculo de Ifá que a aconselhou a oferecer sacrifícios e dançar com imagens de madeira em sua cabeça e tornozelas de metal em seus pés. Depois de realizar este ritual, ela ficou grávida. Seu primeiro filho era um menino, apelidado de “Efe” (humorista); a máscara *Efe* enfatiza música e brincadeiras por causa da personalidade de

seu homônimo. O fruto do segundo parto de Iemanjá era uma menina, apelidada de “Gelede” porque ela era boba como sua mãe. Também como sua mãe, Gelede adorava dançar. Depois de terem se casado, nem Gelede ou a parceira de Efe podiam ter filhos. O Oráculo de Ifá sugeriu que tentassem o mesmo ritual que tinha trabalhado com Iemanjá. Tão prontamente Efe e Gelede realizaram esta dança ritualística com imagens de madeira em suas cabeças e tornozelas de metal sobre seus pés – eles começaram a ter filhos. Esses rituais desenvolvidos no Gelede de dança mascarada foi perpetuada pelos descendentes de Efe e Gelede. Esta narrativa é uma das muitas histórias que explica a origem do Gelede.^[83]



Representação de Iemanjá cuidando de Obaluaíyê (Omulu).

Outros Episódios

Em alguns mitos, Iemanjá teria sido mulher de Ogum,^[84]

acompanhando-o em suas inúmeras campanhas de guerra com o orixá da guerra quis livrar-se dele. O mito registrado por L. Cabrera se inicia com a afirmativa que naqueles tempos quando Ikú, a Morte, levava a vida de alguém não lhe sepultavam o corpo, e Iemanjá sabendo disso planejou tirar proveito. Fingiu tão bem as características e a rigidez da morte, que foi amortalhada pelo marido que a levava aos pés de Iroko, a grande árvore, conforme os costumes. Mal Ogum retira-se do local em luto, o amante de Iemanjá surge para libertá-la das amarras da mortalha, e ambos fogem juntos.^[85]

Passado algum tempo, Iemanjá voltou a vender seus bolos, *olelé* e *ekrú* no mercado ao qual estava habituada. Achamadina sua filha com Ogum, ao visitar o mercado em certa ocasião para comprar produtos vê sua mãe vendendo suas frituras como se estivesse viva, tomada pelo espanto corre até o pai em sua casa que não dá cre-

dibilidade alguma ao seu relato, dizendo: “Sua mãe é *Egungun*”.^[86] Passados alguns dias, Achamadina retorna novamente ao mercado, enquanto Iemanjá estava distraída com as tarefas sua filha observou-a bem e dessa vez ficou totalmente convencida, sua mãe estava viva, não tratava-se de um Egum. Indo novamente ao mercado, desta vez acompanhada do pai Ogum que, entre surpresa e fúria ao se deparar com Iemanjá viva, arrasta-lhe pelo braço até a presença de Olorun, que ordenou que, daquele dia em diante, os mortos seriam sepultados no seio da terra.^[87]

Outras menções relacionando-a a guerra lhe associam um caráter implacável. Em outro relato, teria arrancado a cabeça de Ogum com um único golpe de espada,^[88]

uma vez que este demonstra um comportamento covarde durante uma campanha bélica não bem-sucedida, assustando-se durante o sono até mesmo com barulho de sapos ou rãs.^[89]

Há um outro relato de infidelidade de Iemanjá quando casada com Ogum na santeria, tendo por amante Obaluaíyê. O envolvimento amoroso de ambos teria sido descoberto pelos cães de Ogum, sempre fiéis.^[90] Noutras menções, ambos são, também, casados,^[91] no Brasil no entanto evidenciou-se um vínculo maternal entre Iemanjá e Obaluaíyê, orixá das doenças e da cura, que teria sido criado como filho adotivo por ela após este ter sido abandonado por sua mãe Nanã, por ter nascido com o corpo coberto de feridas.^[92] Obaluaíyê perdoaria a mãe biológica mais tarde, mas sem jamais abandonar Iemanjá que o criou.^[93] R. Prandi relata um mito que justificaria o título de Obaluaíyê como *Senhor das Pérolas (Jeholá)* e

filhos sobre este tesouro como presente de Iemanjá ao

É também relatada uma união de Iemanjá com Erinlé (*Odé Inlé*), orixá caçador de elefantes considerado andrógino, que segundo Verger é cultuado num rio homônimo em Ijexá.^[94] Como, no Brasil, Erinlé confunde-se com Oxóssi, como manifestações de um mesmo princípio^[95] e este último é considerado filho de Iemanjá^[96] o assunto parece tabu, até verificarmos que Oxóssi ou Odé é de fato filho de Iyá Apáoká, a jaqueira, e não da primeira.^[97]

Arquétipo



Eleguns em Manifestação de Iemanjá no candomblé, no Ilê Axé Ijino Ilu Orossi: a de verde é Asêssu e a de azul, Assagbá.



Médium manifestada em Iemanjá na umbanda, no Terreiro Mãe Iemanjá e Boiadeiro Zé do Laço.

Segundo R. Fonseca, o trato dos mitos iorubás na concepção de arquétipo pode nos auxiliar na interpretação dos modelos sociais, históricos ou místicos, que neles evidenciam-se.^[93] Na visão de Omari-Tunkara, "muitos traços de personalidades das deusas estão em conformidade com os atributos míticos de Yemanjá e suas variantes e, portanto, Yemanjá pode ser considerada um arquétipo."^[50] Esse conceito evidencia-se fortemente na análise dos atributos de Iemanjá por P. Iwashita, em sua comparação com outros símbolos maternos.^[18] S. Poli, focando

nos padrões de comportamento faz uma comparativa do código moral de Yeyemowo com Iemanjá, e conclui que não é possível negar que pode-se observar " (...) que vemos muito de mulheres que conhecemos ou mesmo de nossas mães neste mito", sendo que "Muito provavelmente por esse motivo tenha se tornado tão popular e amado entre nós na diáspora."^[75] Para A. Vallado, Iemanjá representa o arquétipo da mulher zelosa e generosa.^[9] Na interpretação de R. Fonseca, "Iemanjá nos fala de um precioso arquétipo feminino: o da mulher-mãe, daquela que concebe, alimenta e abriga os seus filhos. Esta mulher é fe-

cunda e, por ser condescendente e conciliadora, ela é sistematicamente usurpada". Numa análise mais profunda, expõe:

"A relação de Iemanjá com os homens, nas lendas mais antigas, é a de distância física. Ela está sempre farta dos esposos, sempre fugindo deles ou, no mínimo, eles estão ausentes. Não há relatos ancestrais de amores ardentes e sen-

suais e seus companheiros aparecem apenas como os pais materiais de seus filhos, embora ela habitualmente conceba sozinha a sua prole. A relação de Iemanjá com os seus companheiros é de parceria, de amizade, de comunhão e não de amor sexual. (...) Quanto ao último elemento das lendas de Iemanjá, podemos dizer que os seios da mulher contêm um duplo simbolismo. Primeiramente eles representam o princípio feminino, inequivocamente, a mãe, personificada em Iemanjá. Por outro lado, os seios femininos também materializam a proteção, o refúgio, o lugar de repouso. Na ideologia mortuária

iorubá, morrer nas águas significa regressar à origem, ao útero e abrigo do corpo sagrado da Mãe. Durante os duros séculos de escravidão moderna, a imagem da mãe, à qual os negos imaginavam regressar após a morte, era a da Mãe África, o berço da cultura iorubá."^[93]

Essa primeira interpretação dos orixás a partir da psicologia analítica credita-se a P. Verger, que explora a ligação do povo de santo a uma identidade cultural definida por seres ancestrais,^[93] essa ligação ocorre, de acordo com R. Prandi, porque

"Os iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única e co-

mum, como no cristianismo. Cada um herdado do orixá de que provêm suas marcas e características, propensões e desejos, tudo como está relatado nos mitos. Os orixás vivem em luta uns contra os outros, defendem seus governos e procuram ampliar seus domínios, valendo-se de todos os artifícios e artimanhas, da intriga dissimulada à guerra aberta e sangrenta, da conquista amorosa

à traição. Os orixás alegram-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os humanos são apenas cópias esmaecidas dos orixás dos quais descendem."^[77]

Nas palavras de Omari-Tunkara,

"O retrato composto de Yemanjá é de uma pessoa que é obstinado alternadamente, produtiva, inflexível, adaptativa, protetora, apaixonada, corajosa, altiva, e às vezes arrogante; possui um grande senso de posição e hierarquia de comando e respeito; é justa, mas formal; é uma amiga dedicada e freqüentemente coloca amigos para teste; acha difícil perdoar uma ofensa e raramente esquece o erro. (...) É preocupada com os outros, é maternal, e séria. Apesar do fato de que a vaidade não é um traço saliente caracterizando Yemanjá, seus iniciados [filhos] amam o luxo, a ostentação de têxteis azul-e-branco ou verde-mar, e joias caras. Eles preferem estilos de vida suntuosos mesmo quando suas circunstâncias cotidianas não permitem-lhes tal luxo."^[50]

L. Cabrera também escreve sobre a suntuosidade dos filhos de Iemanjá mesmo quando pobres.^[38]

12.1.3 Culto

Para R. Ogunleye, um ponto importante para a compreensão do culto religião iorubá Iemanjá é a observação quanto a sua pureza moral e ritual. Seu culto na Nigéria compreende diversas categorias, como o diário (privado), regular (celebra dias especiais que lhe são consagrados), especial, solicitado mediante determinadas situações ou ocorrências e anual como os seus festivais em Ibará e Ibadan.^[49]

O culto diário ou regular, é uma prática realizada pelo devoto em sua própria residência no santuário particular. Consiste em práticas em geral simples, que podem ocorrer na faixa da manhã como maneira de desejar *um dia* ao orixá, e fazer-lhe oferendas como *obis* e com o mesmo repartido conferir através de um simples ritual se a procedência do dia será ou não boa. O culto regular tende a ser mais elaborado que o primeiro, ocorrendo a cada cinco dias, inclui a visitação ao templo por parte de uma comunidade de devotos, com arrumação do santuário, oferendas, sacrifícios e outros ritos litúrgicos. Segundo R.



Abeokuta à distância com rio Ôgùn ao fundo, final do século XIX.



Igba orixá de Yemayana Santeria, Cuba.



Igba yemanjá no terreiro de candomblé do Ilê Axé Ijinnollu Orossi, Brasil.

Ogunleye, "No tempo, a cultura pendula. (...) Quando o tempo, ela vai oferecer sacrifícios à deusa. Isso inclui milho processado (Egbo), farinha de feijão branco (ekuru), caracóis, cana-de-açúcar, e nozes de cola. Depois disso, ela vai fazer petições com os nomes dos fiéis para o orixá. Em seguida, eles se separaram e arrematam a noz de cola (obi). Se tudo estiver bem pelo presságio, todos ficam felizes e todos eles dançam na presença de Yemojá."^[49]

O culto especial ou ocasional pode ocorrer pelos mais diversos motivos, inclusive por solicitação de Iemanjá

para uma pessoa específica ou família. Serve como base para pessoas que desejam adentrar em novos empreendimentos ou iniciativas, para bênçãos às crianças, como também solicitar prosperidade, vitória em causas ou sobre inimigos e qualquer outra situação ou adversidade na vida.^{[49][94]} A última forma de culto é o *Odun Yemojá*, a festividade anual, "É uma ocasião para regozijo e gratidão. o que distingue adoração durante o festival anual é o programa elaborado conectado com a celebração. As pessoas vêm no seu melhor e dar o seu melhor. A celebração ocorre normalmente no santuário de Yemoja As

ofestas são penitenciais, portanto, a dança, a oração, a oferenda à deusa e seus 'filhos'", explica Ogunleye.^[49]

Diversas representações na arte e em práticas rituais em sua homenagem são alguns dos componentes mais comuns dos sistemas religiosos derivados da sociedade iorubá em outras partes da América do Sul, Estados Unidos, e no Caribe. Neste contexto, a veneração de Iemanjá é transcultural e internacional. No Brasil e além, o carisma de Iemanjá ultrapassou as fronteiras que demarcam religião, classe social, etnia e raça para abraçar todos.^[50]

Iemanjá sendo uma divindade possuidora de grande popularidade no Brasil e em Cuba é celebrada com grandes festas públicas, entre as quais se destacam o presente de Iemanjá na praia do Rio Vermelho na Bahia no dia 2 de fevereiro, e a festa no dia 8 de dezembro juntamente as festividades de Nossa Senhora da Conceição no Brasil. Em Cuba, suas festividades ocorrem no dia da Virgem de Regla, em 8 de setembro.^[9]

Segundo Omari-Tunkara, "*Na Bahia, objetos de arte sacra, dança, rituais, e o transe são os meios fundamentais utilizados para comunicar com os deuses e manipular o sagrado*", Iemanjá assim como muitos orixás é representada por diversos objetos, comidas, ritmos, e músicas.^[50] É representada materialmente no candomblé e santeria pelo Igba yemanjá.^[95] P. Verger menciona "*Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. (...) Fazem-lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola*".^[9]

O ponto culminante do culto ao orixá ocorre com os seus iaôs ou eleguns mediante a possessão, onde "Yemanjá manifesta-se em seu adoxu ou Olorixá (termos genéricos para todos os iniciados capazes de experimentar o transe da possessão; médiuns)".^[50] Uma vez iniciado o processo de transe, entende-se todos os atos e comportamentos do elegun como sendo srinados de seu orixá.^[50] Segundo Rouget, "*A possessão é caracterizada pelo fato de que, durante o transe, o sujeito é entendido como ganhador de uma diferente personalidade: a da divindade, do espírito, do gênio ou do ancestral - pelo qual podemos usar o termo geral 'divindade' - que toma posse do sujeito, substituindo-se a ele, e atuando agora no lugar do sujeito (...) por um período maior ou menor, o sujeito torna-se a própria divindade. Ele é deus. Podemos chamar essa possessão no*

stricto sensu da palavra".^{[96][97]}

Durante esses fenômenos, orixá manifestado apresenta-se respondendo corporalmente a canções que lhe são próprias entoadas por dirigentes do culto, e seguindo os ritmos que são de sua preferência, portam objetos que lhe são característicos, além de emitir pequenos gritos *Ilá* que lhe identificam conforme verificamos no estudo de R. S. Barbara, sendo que Iemanjá pode rir às gargalhadas^[nb 14] ou gemer, como se estivesse chorando.^[98] Segundo Bastide, as danças religiosas na concepção africana "*constituem a evocação de certos epi-*

sódios da história dos deuses. São fragmentos de mitos, e o mito deve ser representado ao mesmo tempo que falado, para adquirir todo o poder evocador".^[99] Para R. S. Barbara a função da dança dentro da ritualística do candomblé é múltipla, sendo mimética e litúrgica, entendendo como mimética o ato de imitar os movimentos típicos do orixá e litúrgica por sinalizar e suturar todos os momentos do ritual até a expressão e manifestação mística do orixá, onde forma e conteúdo unem-se numa única dimensão, o próprio orixá.^[100]



Representações básicas das ferramentas de Iemanjá: 1-Abêbê; 2-Obê; 3-Adê com filá (franjas).

A dança de Iemanjá reflete em maior parte sua personalidade ligada à maternidade, e seu elemento natural flúidico, a água,^[101] apresentando movimentos evocativos as ondas marinhas e de distribuição que representam, nas palavras de M. Augras, "*germinação constantemente renovada*".^[102] Seu ritmo predileto é o *jinka*, que significa "ombros", indicando danças reais de caráter mais lento e que estimulam respeito.^[103] P. Verger nos diz, "*Na dança, suas iaôs imitam o movimento das ondas, flexionando o corpo e executando curiosos movimentos com as mãos, levadas alternadamente à teste e à nuca, cujo simbolismo não chegamos a identificar. Manifestada em*

suas jaôs, Iemanjá segura um abano de metal braseado e é saudada com gritos de: 'Odo Iyá!!!' (Mãe do rio)".^[9] R.

Prandi e M. Zenicola identificam que os movimentos não entendidos por Verger sejam referência ao seu domínio sobre o Ori no Brasil.^[77] F. Eramo acrescenta: "*O ritmo é também parecido com o ritmo dos oceanos, e Yemanjá dança parecendo acariciar as ondas do mar. Além da leveza e ondulação da água, Yemanjá representa a fertilidade através de sua dança. Ela movimenta a pélvis ao dançar, símbolo da reprodução e germinação. Ao se olhar no espelho, ela representa a beleza, mas uma beleza calma*

e pacífica. Nas festas públicas observadas, os filhos de santo que incorporam Yemanjá dançavam com muita leveza, calma e sutileza.^[104] M. Zenicola relata outros movimentos curiosos: "Outro movimento é estender as mãos em posição que lembra estar implorando, ou melhor, esmolando por caridade e amor", e prosseguindo na sua análise afirma: "Na dança de Iemanjá não existem movimentos grandes, ampliados ou mesmo em alta velocidade, possivelmente como reflexo das características do orixá; os gestos das mãos lembram carícias na água, elemento do qual faz parte, empurrando-a para trás do corpo. Seu des-

locaminha sua dança é muito graciosa e representa danças vigorosas e com o dramatismo da influência da dança espanhola

Durante suas manifestações, costuma utilizar diversos objetos ou ferramentas na corprata, entre as quais se destaca o *adé* (coroa), *abêbê* (leque de metal com ou sem espelho), *obé* (espada, alfange ou faca) entre outros.^[450]

Sincretismo



Representação de Mami Wata por Schleisinger.

Iemanjá, na cultura da diáspora, é, sobretudo, uma divindade sincrética reunindo, em si, os diferentes atributos de outros orixás femininos das águas. Sua figura embasada no arquétipo da *Grande-Mãe* é promovida a *Grande-Deusa*, em especial pelo fato de que, no Brasil, tratando-se da divindade mais cultuada da Bahia, com grande prestígio popular, en-

contra seu par em Nossa Senhora da Conceição (no Rio Grande do Sul, Nossa Senhora dos Navegantes), ou mais especificamente na Virgem Maria, o que, segundo Verger, teria ocasionado uma equivalência de importância dentro do panteão iorubá, tornando-a a única do mesmo com um sincretismo iconográfico acabado.^{[18][75][9][105][106][107][108][109][110]} Tal sincretismo ocorreu devido ao culto entusiasmado dos orixás disfarçados de santos do catolicismo pelos escravos nas senzalas.^[111] A assimilação católica também observa-se em Cuba com o culto da Virgem de Regla, todavia vale

ressaltar que a identidade católica que se montou se rompeu, nas palavras de Stella e M. Loddy, "Iemanjá é Iemanjá na Bahia, em Cuba ou no mais sincrético terreiro de umbanda".^{[38][112]} O mesmo sincretismo é um aspecto distintivo da cultura brasileira até a atualidade.^[11] No Brasil, seu culto também confundiu-se com o culto da *Mãe-d'água*, a Iara, o que justifica sua representação por vezes como sereia.^{[18][107][113]} Essa associação à sereia contrasta evidentemente com o lado maternal de Iemanjá na concepção africana, e em especial com a Virgem Maria pela demasiada sensualidade, mas não obstante também aparece no Vodou da Louisiane e Vodou haitiano, onde Iemanjá é associada à *Lá Sirène* e Mami Wata, espíritos das águas.^{[109][114][115]} Essa aglutinação com tais divindades evidencia-se na afirmativa de S. Otero e T. Falola que "Iemanjá e Oxa fazem parte de uma rede global de espíritos da água que muitos estudiosos, especialmente Henry John Drewal, trouxeram sob a égide Mami Wata. Seja em Serra Leoa, Congo, Togo, em Igbo na Nigéria, [como] Lasiren no Haiti, Santa Marta Dominadora na República Dominicana (...) os espíritos (divindades, energias, forças cósmicas) compartilham algumas semelhanças notáveis".^[116] Em *Candomblé da Bahia* E. Caneiro confunde Iemanjá com um Nkisi do Candomblé bantu Dandalunda, apresentando esta como um dos nomes da primeira, essa identificação das duas divindades costuma aparecer com certa frequência.^{[117][20]}

Qualidades e Avatares

Segundo A. Vallado, "qualidade" é o termo que designa as múltiplas invocações ou avatares de um mesmo orixá. Também é, por vezes, chamado de "caminho", como observamos no esclarecimento apresentado por L. Cabrera de que "não existe mais do que uma única Iemanjá, uma só, com sete caminhos".^{[19][38]} Muitas dessas qualidades parecem tratar-se de outras divindades, como explora S. Poli, o que também se apoia em E. Ramos com a tese de assimilação dos orixás de povos subjugados ao orixá patrono do povo conquistador em conflitos na África. Também pode ocorrer em referência a uma determinada localidade ou o segmento de um mesmo orixá mas com pequena diferenciação, o que individualiza esse como sendo uma qualidade.^{[75][118]}

• Yemowô ou Yeyemowo

Na África, é mulher de Oxalá, sendo citada por Verger como sendo qualidade de Iemanjá. S. Poli, no entanto, a apresenta como divindade distinta.^{[75][9]}

• Iemanjá Assagbá

Assagbá (pron. Achabá), *Iyísabáé*, *Ayabá* ou simplesmente *Subá* é a mais velha que foi casada com Orunmilá e o desafiou, sua palavra sempre é acatada por Ifá. É considerada perigosíssima, ela é manca e lhe é característico utilizar de uma correntinha de prata no tornozelo, é descrita por Verger como estando sempre fiando algodão.^{[9][38]} Roger Bastide a confunde com qualidade mais nova e a *Ogunté* credita o porte de mais velha.^[119]

• Iemanjá Asèssu

Também conhecida por *Sessu*, é muito voluntariosa e respeitável, sendo a mensageira de Olokun vai no esgoto e latrinas, sendo particularmente muito séria. Apresenta certos problemas psicológicos como esquecimento. Recebe suas oferendas na companhia dos *eguns*, como pato.^{[9][19][38]}

• Iemanjá Ogunté

É a que foi casada com *Ògún Alagbedé* ou *Alaguedé* e mãe de *Èyà*, *Ògún Akoro* e *Igbá*.^[120] Vallado menciona que, diferentemente de *Sessu*, ela não apazigua Ogum, participando das guerras diretamente com ele, conforme retratado nos mitos registrados por L. Cabrera. Possuindo espírito guerreiro, "é uma temível amazona", violenta, muito severa e rancorosa. Apresenta-se como jovem senhora com imponência e ar desafiador, portando uma espada. Vive na mata virgem e gosta de dançar com um *majá* (serpente que vive nas matas em Cuba) envolto nos seus braços. Respeitável feiticeira, lhe pertencem os corais e a madrepérola.^{[19][38][121]} Devido a sua ligação com Ogum, gosta de arroz com feijão preto, ao invés de arroz simples.^[122]

Festivais

Nigéria

• Ibadan

Em Ibadan capital do estado de Oyo permanecem cultos e celebrações de Iemanjá como deusa padroeira, sendo reverenciada no antigo templo conhecido como *Popo-Yemoja*. Em seu cortejo anual celebram-se quatro aspectos que para A. Folarin enfatizam a importância do orixá e de sua liturgia, "Ela simboliza o poder da maternidade e princípios feminino, ela é a geradora do panteão do mundo iorubá; escultura tradicional que descreve ela geralmente mostra seios e quadril voluptuosos, retratando



Procissão de Iemanjá em Ibadan, Nigéria.

mulheres de poder e graça. A segunda é a função sociológica que gera durante a época festiva. O terceiro é o fer-

vão, *espiritualismo psicológico em um shaman na Nigéria*, abrindo o coração e a mente para o mais alto ser espiritual. A quarta e mais importante é que ela é reverenciada muito bem como uma deusa da fertilidade".^[123]

Seu templo, construído com barro de acordo com a arquitetura tradicional iorubá, é descrito por A. Folarin como rodeado com uma varanda de colunas de madeira esculpidas e policromadas em vigor *stacatto*, e suas paredes são decoradas com motivos de peixes, samambaias, lírios de água, tartarugas e caracóis. O cortejo que compreende três dias de cantos e dança tem, como ponto culminante, o momento em que a estátua de Iemanjá em madeira é levada em uma notável procissão de seu templo *Popo-Yemoja* para o palácio real de Olubadan, onde ocorrem danças por alguns minutos, e a procissão segue para Oja-Oba onde uma multidão em júbilo aguarda a sua chegada, entoando cânticos em honra do orixá. A. Folarin também

enaltece que a multidão tomada pela euforia grita e dança em honra da mãe de todos com a saudação *Iya O*.^[124]

12.1.4 Representações

Em África Iemanjá é senhora de traços negros com formas bem evidenciadas e seios muito volumosos, por vezes representada grávida. R. F. Burton menciona: "Ela é representada por um pequeno ídolo com a pele de um amarelo desbotado. Tem os cabelos azuis, usa contas



Representação de Iemanjá em Ibadan, na Nigéria.

brancas e uma roupa listrada".^[124] P. Baudin e outros autores também nos apresentam a mesma descrição.^[32] Omari-Tunkara é primorosa em sua descrição: "Suas imagens contemporâneas são esculturas em madeira pintada a esmalte que geralmente retratam uma mulher com seios muito grandes amamentando um ou mais filhos e, muitas vezes cercada por outras crianças. As esculturas figuram o papel de Yemojá como mãe carinhosa, protetora, vigilante e agente de fertilidade. Um colar especial composto por várias vertentes de pequenas miçangas de cristal claro atadas por dois ou três contos maiores em vermelho, branco e azul veneziano serve como um símbolo de Yemojá em Ibara e está representado nas esculturas que se conformam em grande estilo para o cânone iorubá típico."^[50] S. Epega escreve: "Suas estátuas enfatizam o aspecto da maternidade. Ela é uma mulher tranquila, com grande ventre túrgido, seios imensos, pés bem plantados no

segundo o *Agô* Polárin, muito se assemelha às representações das tradicionais Máscaras-Epa de festejos tradicionais da Nigéria.^{[78][123]} Não há menções antigas de sua representação como peixe da cintura para baixo.^[125]

No Brasil nos âmbitos populares ocorreu uma aproximação entre a figura africana e a sereia europeia branca, com seus atributos de sedução e cantos enfeitiçadores, já confundida com a Iara, a *Mãe d'Água*. Até o séc. XIX encontramos representações de Iemanjá na Bahia como uma senhora, expondo seus grandes seios, não aludindo em nada



Iemanjá de Carybé, no Museu Afro-Brasileiro em Salvador, na Bahia.

a figura mitológica da sereia, no entanto neste mesmo século já nos é possível reconhecer representações que, fun-



Representação sincretizada com uma sereia europeia.

dem os atributos do orixá com a figura europeia!^[125]

Dessas representações, explica R. Antonio, "descendem os orixás de *Carybé* e Cravo júnior - embora *Carybé* que mais interessante, em termos estéticos, seja o desenhista, senhor do nanquim, conciso e elegante, tendendo a uma espécie de figurativismo quase-abstracionista. De outra parte, também o geometrismo trazidos pelos escravos - as formas abstratas ligadas direta ou indiretamente aos cultos religiosos - permanece vivo na criação plástica brasileira."^[125] Da influência de Angola temos também atributos de Quianda, L. C. Cascudo critica: "Quianda é a sereia marítima. Vive nas águas salgadas ao redor de Luanda e por toda orla do Atlântico angolano(...) Quianda é vista como uma pessoa humana, peixe grande e brilhante, sombra, ou unicamente a presença sensível mas invisível. Jamais como vemos no *pêji* dos *candomblés* da

Bahia onde se vê a mulher formosa e branca. *Quianda*. As sereias angolanas são sempre pretas e as da *Bahia* sempre brancas, louras, olhos azul, espantosa reversão inexplicável para os descendentes de africanos escravos que pintavam de escuro as imagens dos Santos católico preferidos."^[126]

Esse sincretismo de ideias e artístico que observa-se por exemplo na escultura de *Carybé*, também é bem visível nas representações de qualquer ponto de Salvador,^[125] em oposição com a representação distinta da umbanda,

especialmente nos estados da Região Sudeste do Brasil, que nos apresenta uma mulher de pele branca, com longos cabelos negros e lisos e roupa azul.^[19]

Referindo-se a essa nova manifestação da figura de Iemanjá, escreve Verger: "Ela é representada como uma espécie de fada, com a pele cor de alabastro, vestida numa longa túnica, bem ampla, de musselina branca com uma longa cauda enfeitada de estrelas douradas; surgindo das águas, com seus longos cabelos pretos esvoaçando ao vento, coroada com um diadema feito de pérola, tendo no alto uma estrela-do-mar. Rosas brancas e estrelas douradas, desprendidas de sua cauda, flutuam suavemente no marulho das ondas. Iemanjá aparece magra e esbelta, com pequenos seios e o corpo imponentemente encurvado."^[19]



Representação popular de Iemanjá difundida pela Umbanda.

Alguns autores atribuem que essa adaptação tenha surgido do sincretismo religioso com a figura de Nossa Senhora, já que, para os baianos, Iemanjá está ligada a

Nossa Senhora da Conceição.^[127] Essa forma de representação persistiu em especial com a teledramaturgia como na novela *Porto dos Milagres* em que, em nenhum momento, a figura da Iemanjá branca, personagem que sutura silenciosamente a trama, cede a alguma representação negra. A imagem de Iemanjá totalmente branca viria a atender a devoção da umbanda, que, nos últimos anos, tem se espalhado pelo território nacional brasileiro, introduzindo essa nova percepção popular.^[128] T. Bernardo é bastante incisiva em sua pesquisa: *Monique Augras, em 1989, analisa a imagem de Iemanjá que já mos-*

tra ter sofrido um processo de moralização realizado pela umbanda. Mais precisamente, essa expressão religiosa parece dar sinais de haver uma transformação da imagem de Iemanjá em andamento. Em 1991, Pedro Iwashita publicou *Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo. Ao estudar as duas deusas, mostrou que são duas faces do mesmo arquétipo. No entanto, provavelmente para não parecer racista, não confronta Maria diretamente com Iemanjá, mas interpõe uma terceira deusa, Ísis, a grande mãe do Egito antigo, distante da realidade aqui tratada e, portanto, figura neutra para o debate atual*.^[129]

A graduação da "cor da pele" dos orixás "reflete a miscigenação racial da população que os cultua e o movimento de 'abrasileiramento' da religião. Outra interpretação da concepção do orixá, mais radical quanto à desvinculação entre a sraem racial, de cor de pele e os deuses, é aquela que pensa os orixás como forças da natureza", apontam M. Moura e J. B. Santos, e acrescentam, "Nesta concepção, Iemanjá é omar, Oxum os rios, Iansã os ventos(...)", aqui fazem alusão a uma nova concepção brasileira do orixá como divindade panteísta e não de culto ancestral, o que justificaria a perda de seus traços étnicos.^[130]

12.1.5 Influências

Iemanjá e a Música Popular Brasileira

Iemanjá, além da Bahia e dos candomblés, com as práticas de seu povo e sua religiosidade, dos temas da vida árdua litorânea e do cotidiano dos pescadores, no cenário da música popular brasileira já é presente em letras de canções desde os primórdios da radiodifusão em alguns de seus versos mais líricos.^[131] Podemos citar *É Doce Morrer no Mar* (1943) e *Quem vem pra Beira do Mar* (1954) de Dorival Caymmi. Caymmi demonstra profunda devoção ao orixá em *Dois de Fevereiro* (1957), título que refere-se ao seu grande festejo na Bahia na praia do Rio Vermelho,^[131] considerado por Jorge Amado como o único que se poderia considerar descendente espiritual de Castro Alves, sendo mencionado na obra de louvores a este último como "Poeta de negros pescadores, de Iemanjá e dos mistérios pobres da Bahia(...)".^[132] Em *Bahia de Todos os Santos*, Jorge Amado nos revela mais da natureza dessa relação de Caymmi com Iemanjá: "A música religiosa do negro baiano, com suas promessas a dona Janáina, com suas superstições e sua intimidade com os deuses, ele a re-

cuperou para nós do abandono em que estava desaparecendo, abandono que não se explica como tanta coisa não se explica no Brasil. Muitas de suas canções são dedicadas a Iemanjá, deusa das águas da Bahia, música de pescadores, da praia e do mar, canções que formam a parte mais poderosa e permanente de sua obra, a maior de toda a música popular brasileira."^[133] R. Antonio abordando o contexto em torno de Iemanjá da primeira metade do século XX, complementa: "(...) Caymmi, na década de 1930, cantando uma canção para Iemanjá"^[nb 15] Em muitos lugares do Brasil e para muitas plateias, naquela época,

a canção soou de modo algo obscuro, não de todo compreensível. Havia, ali, estranheza, uma face não iluminada, misteriosa. Porque as pessoas, sem dominar por completo a dimensão referencial da mensagem, não tinham como decodificá-la por inteiro. Mas, com o tempo - com a crescente visibilidade da cultura negromestíça (sic) em nosso país; com a entronização dos orixás no mundo da assim chamada 'cultura superior' -, tudo mudou. A canção se tornou universalmente clara para os brasileiros."^[125]

No *Afrosambas* (1966), trabalho de Baden Powell e Vinícius de Moraes com regência e arranjo de César

Guerra-Peixe, um dos mais representativos da discografia brasileira, que foi um divisor de águas, aparece, em *Canto de Iemanjá*, uma das diversas faixas que fazem alusões a divindades do candomblé.^[134] No mesmo ano, é figura central em *Beiramar opus 2 Ib*, do compositor Marlos Nobre, ciclo composto por três canções populares, duas delas ligadas diretamente a Iemanjá: *Estrela do Mar e Iemanjá Ota*.^{[135][136]} Na voz de Ely Camargo, considerada uma das mais agradáveis e bem timbradas a serviço da música popular brasileira, foi reverenciada em *Yemanjá* (Paulo Ruschell) no disco *Canções da minha terra - Volume 4* (1964), e em *Mamãe Iemanjá* (Guerra-Peixe) no disco *Outras Canções de Minha Terra* (1967).^{[137][138]}

Na voz de Clara Nunes, foi romantizada em *Conto de Areia* (1974), música de Romildo Bastos e Toninho Nascimento, uma entre tantas outras do cancionário popular brasileiro que reverenciam Iemanjá.^[7] Na telenovela brasileira *Porto dos Milagres* (2001), é tema de abertura na canção *Caminhos do Mar*, interpretada por Gal Costa.^{[139][140]}

Cinema e Teledramaturgia

Suas aparições no cinema brasileiros são dramáticas. Vale destaque o filme *Barravento* (1962), dirigido por Glauber Rocha, com sua retratação crítica do misticismo religioso popular. O filme retrata o papel e os dilemas de uma figura masculina escolhida por Iemanjá em uma pequena aldeia de pescadores. Este personagem emblemático deveria seguir uma vida celibatária para não ofender a muito ciumenta divindade, vindo a felicidade e estabilidade do pequeno povoado a depender dessa relação. O filme explora o aspecto possessivo e vingativo do orixá, que causaria a morte da mulher que se deitasse com o seu protegido.^{[141][142]} Em *Noites de Iemanjá* (1971), o filme dirigido por Milton Barragan alcança um diálogo com a plateia a partir de elementos bem sucedidos popularmente como mistério, erotismo e folclore, apresenta uma personagem enigmática numa trama cercada por mortes, este arquétipo de *femme fatale* associado a figura de Iemanjá em referência às sereias mitológicas já evidenciava-se em estudos como o de Edson Carneiro.^{[143][144][145]} Em *Espaço Sagrado*, (1976) documentário realizado na Bahia, o diretor Geraldo Sarno, que apresenta o candomblé e suas práticas dentro do espaço sagrado, retrata o ato de uma ofe-

renda a Iemanjá.^[146] Em *O Escolhido de Iemanjá* (1978), com direção de Jorge Durán, é invocada como intercessora de uma comunidade pobre através dos terreiros e seu escolhido, o Comandante Nelson, no conflito contra *Gangsters imobiliários*.^[147] Deste mesmo ano há também o curta-metragem *Dia de Iemanjá* dirigido por Lula Oliveira.^[148] Vale destaque *A Filha de Iemanjá* (1981) com direção de Milton Barragan e a atuação de Mary Terezinha como protagonista, onde Iemanjá é representada através da personagem que se diz sua filha, que ressurgiu ao final do longa-metragem para o marido e a filha na

^[149]

praia. A importância cultural e social de Iemanjá, segundo M. C. Azevedo, cresce na sociedade brasileira surgindo com frequência em novelas, estas de acordo com uma publicação de *Resistência*, documentam a "*análise de almas trágicas, abeberadas de sonhos, traçando destinos opostos, construindo quimeras logo destruídas pela realidade abismática de vida*".^{[108][150]} Em *A Indomada* (1997) telenovela dirigida por Marcos Paulo que extrapola em alegorias, a personagem Eulália interpretada por Adriana Esteves, surge das águas como em referência à Iemanjá.^[151] Vale destaque *Porto dos Milagres* (2001), livre adaptação de Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares do livro *Mar Morto* de Jorge Amado, com música-tema dedicada à Iemanjá na voz de Gal Costa. A história do livro era muito curta para uma novela, mas como a Rede Globo possuía os direitos do livro decidiu fazer a adaptação. A telenovela demonstrava a forte influência de culto de Ie-

manjá e as práticas do candomblé, o que causou uma repercussão negativa entre telespectadores evangélicos e católicos.^{[139][152]}

Em representações em minisséries podemos citar *OCanto da Sereia* (2013) com direção de José Luiz Villamarim e Ricardo Waddington baseado no livro de mesmo nome de Nelson Motta.^[153]

12.1.6 Iemanjá no Novo Mundo

Brasil

No Brasil, a orixá goza de grande popularidade entre os seguidores de religiões afro-brasileiras e até por membros de religiões distintas. Em Salvador, ocorre anualmente, no dia 2 de fevereiro a maior festa do país em homena-

gens à *Rainha do Mar* de *Brasão*, em *Ilhéus*, o templo mor, localizado no bairro Rio Vermelho onde depositam variedades de oferendas, tais como espelhos, bijuterias, comidas, perfumes e toda sorte de agradios. Todavia, na cidade de São Gonçalo, os festejos acontecem no dia 10 de fevereiro

Outra festa importante dedicada a Iemanjá ocorre durante a passagem de ano no Rio de Janeiro e em todo litoral brasileiro. Milhares de pessoas comparecem e depositam no mar, oferendas para a divindade. A celebra-

ção também inclui o tradicional "banho de pipoca" e as sete ondas que os fiéis, ou até mesmo seguidores de outras religiões, pulam como forma de pedir sorte à orixá. Na umbanda, é considerada a divindade do mar.

No ano de 2008, dia 2 de fevereiro a Festa de Iemanjá do Rio de Janeiro, na Bahia, coincidiu com o carnaval. Os desfiles de trios elétricos foram desviados da região até o fim da tarde, para que as duas festas acontecessem ao mesmo tempo.

Antecedendo o *réveillon* de 2008, devotos da orixá das águas estiveram nesse momento, com suas preces dirigidas a um arranha-céus, em forma de um monólito negro, na Praia do Leme, em Copacabana, onde era costume, no último minuto do ano, surgir uma cascata de fogo, no topo desse monólito, iluminando o entorno bem como as oferendas. Todo *réveillon*, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, milhares de pessoas se reúnem para cantar e presentear Iemanjá, jogando presentes e rosas no mar.

Além da grande diversidade de nomes africanos pelos quais Iemanjá é conhecida, a forma portuguesa Janáina também é utilizada, embora em raras ocasiões. A alcunha, criada durante a escravidão, foi a maneira mais branda de "sincretismo" encontrada pelos negros para a perpetuação de seus cultos tradicionais sem a intervenção de seus senhores, que consideravam inadmissíveis tais "manifestações pagãs" em suas propriedades.^[154] Embora tal invocação tenha caído em desuso, várias com-

posições de autoria popular foram realizadas de forma a saudar a "Janáina do Mar" e como canções murgicas.

Pela primeira vez, em 2 de fevereiro de 2010, uma escultura de uma sereia negra, criada pelo artista plástico Washington Santana, foi escolhida para representação de Iemanjá no grande e tradicional presente da festa do Rio Vermelho, em Salvador, na Bahia, no Brasil, em homenagem à África e à religião afrodescendente.^[155]

12.1.7 Festas

Uma das maiores festas ocorre em Rio Grande, no Rio Grandedo Sul, devido ao sincretismo com Nossa Senhora dos Navegantes. No mesmo estado, em Pelotas a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes vai até Porto de Pelotas. Antes do encerramento da festividade católica

Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas, que em 2008 chegou à 77ª edição. As embarcações param e são recepcionadas por umbandistas que carregavam a imagem de Iemanjá, proporcionando um encontro ecumênico assistido da orla por várias pessoas.

No dia 8 de dezembro, outra festa é realizada à beira-mar na Bahia: a Festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Esse dia, 8 de dezembro, é dedicado à padroeira da Bahia, Nossa Senhora da Conceição da Praia, sendo feriado municipal em Salvador. Também nesta data é re-

alizado, na Pedra Furada, no Monte Serrat, em Salvador, o presente de Iemanjá, uma manifestação popular que tem origem na devoção dos pescadores locais à Rainha do Mar - também conhecida como Janaína.

Na capital da Paraíba, a cidade de João Pessoa, o feriado municipal consagrado a Nossa Senhora da Conceição, 8 de dezembro, é o dia de tradicional festa em homenagem a Iemanjá. Todos os anos, na Praia de Tambaú, instala-se um palco circular cercado de bandeiras e fitas azuis e brancas ao redor do qual se aglomeram fiéis oriundos de várias partes do Estado e curiosos para assistir ao desfile dos orixás e, principalmente, da homenageada. Pela praia, encontram-se barracas com velas acesas, flores e presentes. Em 2008, segundo os organizadores da festa, 100 mil pessoas compareceram ao local.

Festa do Rio Vermelho



Imagem de Iemanjá na oferenda

A tradicional Festa de Iemanjá na cidade de Salvador, capital da Bahia, tem lugar na praia do Rio Vermelho todo dia 2 de Fevereiro^{[156][157]}. Na mesma data, Iemanjá também é cultuada em diversas outras praias brasileiras, onde lhe são ofertadas velas e flores, lançadas ao mar em pequenos barcos artesanais.

A festa católica acontece na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na Cidade Baixa, enquanto os terreiros de candomblé e umbanda fazem divisões cercadas com cordas, fitas e flores nas praias, delimitando



Ialorixá e filhos na entrega da oferenda a Iemanjá

espaço para as casas de santo que realizarão seus trabalhos na areia.

Porto Alegre

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre é a maior festa religiosa da cidade brasileira do sul do Brasil, e homenageia Nossa Senhora dos Navegantes e seu sincretismo afro-brasileiro. É realizada no dia 2 de fevereiro de cada ano desde 1870. Originalmente, consistia de uma procissão fluvial, com embarcações que singravam o Lago Guaíba desde o cais do porto, levando a imagem da santa do Centro da cidade até a Igreja de

Nossa Senhora dos Navegantes. Hoje, por determinação impeditiva da Capitania dos Portos a procissão é terrestre, levando a imagem desde a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Centro da cidade, até a Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Os organizadores da festa consideram que esta é a segunda maior romaria religiosa do País, ficando atrás apenas do Círio de Nazaré realizada em Belém do Pará. Com uma grande participação popular tanto na realização da festa, como nas comemorações

12.1.8 Angola

Em Angola, existe a crença na divindade que se chama Kianda^[158], equivalente a Iemanjá, protetora dos pescadores e rainha das águas. Faz-se, todo ano, a Festa da Kianda em bairros praianos de Luanda, e na lagoa do Iben-doa, na província de Bengo.

12.1.9 Uruguai

Em Montevidéu, fiéis se reúnem na praia de Ramirez no bairro Parque Rodó a cada 2 de fevereiro para celebrar o Dia de Iemanjá!^[159] Centenas de milhares de pessoas se sentam à espera do pôr do sol antes de lançar pequenos barcos com oferendas para o oceano.

Em 2015, o governo uruguaio estimou que 100 000 pessoas^[160] visitaram a praia para as celebrações.

12.1.10 Cuba

Em Cuba, Yemayá também tem as cores azul e branca, é uma rainha do mar negra, assume o nome cristão de **La Virgen de Regla**^[161] e faz parte da *santería* como santa padroeira dos portos de Havana. Lydia Cabrera fala em sete nomes igualmente, especificando que apenas uma Iemanjá existe, à qual se chega por sete caminhos. Seu nome indica o lugar onde ela se encontra.

Na santería, Yemayá é a mãe de todos os seres vivos, bem como a proprietária dos oceanos e mares.^[84]

12.1.11 Ver também

- Iemanjá na Umbanda
- Iemanjá no Batuque
- Iemanjá no Xambá

12.1.12 Notas

- [1] O que leva alguns ilês a adotarem o nome *Yemonjá* (pron. lêmondjá).
- [2] A substituição de “Y” por “I” entre os autores é justificada pelo Formulário Ortográfico de 1943 em vigor até 2008 que baniu o “Y” do Alfabeto português compreendendo portanto a maior parte das referências bibliográficas utilizadas neste artigo, publicadas dentro desse período. De acordo com o Acordo Ortográfico de 1990, o “Y” poder ser utilizado em palavras estrangeiras e derivadas das mesmas, como é o caso de *Yemanjá*.
- [3] Na tradição Lusófona, em especial no Brasil, a expressão “Dona” é um tratamento polido para referir-se a “senhora” e não propriamente no sentido de posse.
- [4] O culto à Olokun é praticamente inexistente nas Nações Ketu e Nagô no Candomblé.
- [5] Este bronze é conhecido entre os acadêmicos como *Ca-beça de Bronze de Ifé*, considerado como uma representação de um rei de Ifé. No Culto Tradicional de Ifê na cultura popular, conveniu-se como sendo a representação da cabeça de Olokun, daí a denominação *Ori Olokun*, não evidenciando-se o motivo e sendo altamente reproduzido.
- [6] Aqui, a autora faz uma menção a uma análise comparativa entre o relato de Iemanjá e o de Oxalá.
- [7] Nesta menção L. Cabrera utiliza-se da hipótese de Olokun ser um orixá masculino.
- [8] Olofi na santería é o equivalente a Olun.
- [9] Diversos autores, cautelosos pelo efeito de confusões por parte de autores do final do século XIX e início do século XX, costumam referir-se a Oduduwa nesse *ium* apenas como *Olofin* devido o equívoco ainda existente de Odu-duwa ser um orixá feminino.

- [10] Nesse relato S. Epega reforça a ideia em torno da união de Iemanjá com Obatalá.
- [11] Aqui *Orum* é a simplificação da grafia de *Oòrùn*, sol em iorubá, não devendo ser confundido com *Orun*, espaço espiritual oposto ao *Aiyé*, o mundo físico.
- [12] A ironia aqui expressa por Ogum refere-se ao fato do tabu de mulheres na manifestação material do mortos no culto de Egungun, única concepção iorubá que justificaria a presença física de um falecido entre os vivos. Na África as mulheres falecidas são cultuadas de forma imaterial no culto antagonístico de Iyami-Ajé.
- [13] Aqui, L. Cabrera explica que o mesmo não morria em tais eventos, pois sempre sua cabeça retornava ao lugar.
- [14] Essa forma de grito é conhecida por *Ilú* e é notável na santería, inclusive na manifestação de Oxum.
- [15] R. Antonio aqui menciona *Rainha do Mar* ou *Promessa de Pescador* (1939).

12.1.13 Referências

- [1] FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 235.
- [2] FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 235.
- [3] Junior, Ademir Barbosa. *O livro essencial de Umbanda*. Universo dos Livros Editora, São Paulo - 2014. ISBN 978-85-7930-744-7
- [4] Costa, Eduard Montgomery Meira. *Orixás*. Clube de Autores, 2007. p. 63
- [5] Assef, p. 64
- [6] Zenicola, p. 41
- [7] Leila Maria da Silva Blass. *Revista Nures*. Nº 5, Janeiro/Abril 2007 - Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- [8] BERNARDO, T. *Mulheres das águas* em Bernardo T. e Tótora, S. (orgs), *Ciências Sociais na atualidade*. Percursos e desafios. São Paulo, Cortez, 2003.
- [9] Veger, Pierre. *Orixás: Deuses iorubás na África e no novo mundo*. Ed. Corrupio, 1997. ISBN 8586551023, ISBN 9788586551024
- [10] Asante, Molefi Kete. *As I Run Toward Africa: A Memoir*. Routledge, 2015 - 336 páginas.
- [11] Msimango, Kagiso. *The Goddess Bootcamp*. Jacana Media, 2013 - 176 páginas. ISBN 978-1-920601-04-1, p. 237
- [12] Neto, Arnaldo Rodrigues. *Yorubá Básico*. Clube de Autores, 8 de out de 2008 - 72 páginas.
- [13] Verger, p. 293

- [14] Megale, Nilza Botelho. *Folclore brasileiro*. Editora Vozes, 1 de jan de 1999, p. 76.
- [15] *A Outra srem de Janaina*, artigo de Antonio Luiz M. C. Costa (28 de novembro de 2006).
- [16] PEÑA, A.A. *Mitología Asturiana*. 2 ed. Editorial Picu Urriellu. ISBN 84-607-2090-X
- [17] Sampaio, Mário Arnaud. *Palavras indígenas no linguajar brasileira* Porto Alegre: Sagra : D.C. Luzzatto Editores, 1995, pág. 61. ISBN 85-241-0469-4
- [18] ~~Imashin, Edilson P. M. e~~ *Imashin, Edilson P. M. e* *Iemanjá: análise de um sincretismo*. Ed. Pallas, 1997.
- [19] Vallado, Armando. *Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil*. Ed. Pallas, 2002 - 260 páginas.
- [20] Carneiro, Edison. *Candomblés da Bahia*. Secretaria de Educação e Saúde, 1948 - 140 páginas
- [21] Verger, p. 301
- [22] Verger, p. 302
- [23] Verger, p. 303
- [24] Verger, p. 305
- [25] Assef, p.30
- [26] Koguruma, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na "metrópole do café" 1890-1920*. Ed. Annablume: Fapesp, 2001, 1ª edição. ISBN 85-7419-196-5, p. 297
- [27] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 914.
- [28] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979. p. 54.
- [29] Verger, pp. 301-306.
- [30] Jegede, Olutoyin Bimpe. *A Poesia Laudatória e a Sociedade Nigeriana: a Oriki entre os Yoruba*. pp. 76-78
- [31] Ogunleye, Adetunbi Richard. *Cultural identity in the throes of modernity: an appraisal of Yemoja among the Yoruba in Nigeria*. Department of Religion & African Culture, Adekunle Ajasin University Akungba-Akoko Ondo State, Nigeria, 2015. p. 66
- [32] Verger, p. 295
- [33] Verger, p. 296
- [34] Verger, Pierre. *Etnografia religiosa iorubá e probidade científica*. Revista Religião e Sociedade - nº 8, ISER, Editora Cortez São Paulo, 1982.
- [35] Poli, pp. 87 e 92.
- [36] Cf. Verger, p. 298
- [37] Jorge Amado, *Bahia de Todos-os-Santos*. Editora Companhia das Letras, 2012 - 400 páginas. p. 124
- [38] Cabrera, Lydia. *Iemanjá & Oxum: Iniciações, Ialorixás e Olorixás*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Ed. Usp, 2004. ISBN 85-314-0742-7
- [39] Valéria Amim, Ruy do Camo Póvoas. *Iemanjá: Imagens Arquetípicas da Grande Mãe na Diáspora*. p. 6
- [40] Casemiro, Sandra Ramos. *ALenda de Iara: Nacionalismo Literário e Folclore*. p.22
- [41] Hélio Lopes, Alfredo Bosi. *Letras de Minas e outros ensaios*. EdUSP, 1 de jan de 1997 - 443 páginas. ISBN 85-314-0381-2, p. 174
- [42] Roger Bastide. *As religiões africanas: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*, Volume 2. Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1971 - 567 páginas. p. 341
- [43] Margarite Fernández Olmos, Lizabeth Paravisini-Gebert *Creole Religions of the Caribbean: An Introduction from Vodou and Santería to Obeah and Espiritismo*. NYU Press, 2011 - 309 páginas. ISBN 978-0-8147-6227-1; ISBN 978-0-8147-6228-8; ISBN 978-0-8147-2825-3; p. 52
- [44] L. Cabrera, p.30
- [45] Manzini, Yaskara. *Iyami Osoronga (Minha Mãe Feiticeira)*. p. 19
- [46] Valéria Amim, Ruy do Camo Póvoas. *Iemanjá: Imagens Arquetípicas da Grande Mãe na Diáspora*. p. 4
- [47] Verger, Pierre. *Dieux D'Afrique* Paris: Paul Hartmann (1ª edição, 1954; 2ª edição, 1995). 400pp, 160 fotos. ISBN 2-909571-13-0
- [48] Cf. Zdenka Kalnická. *Wagadu: Water & Women in Past, Present & Future, Volume 3*. Xlibris Corporation, 26 de set de 2007 - 248 páginas. ISBN 978-1-4257-5287-3, ISBN 978-1-4653-3137-3
- [49] Ogunleye, Adetunbi Richard. *Cultural identity in the throes of modernity: an appraisal of Yemoja among the Yoruba in Nigeria*. Department of Religion & African Culture, Adekunle Ajasin University Akungba-Akoko Ondo State, Nigeria, 2015.
- [50] Mikelle Smith Omari-Tunkara. *[Manipulating the sacred: Yorubá art, ritual, and resistance in Brazilian Candomblé]*. African American life series. Wayne State University Press, 2005. ISBN 9780814328521
- [51] Assef, p. 77.
- [52] Luna, Jayro. *Teoria do Neo-Estruturalismo Semiótico*. 1ª Ed. São Paulo: Vila Rica, 2006. ISBN 85-905231-9-5, p. 98
- [53] Póvoas, Ruy do Carmo. *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*. Universidade Estadual de Santa Cruz. UESC, 2007. p. 183
- [54] *Exu*, Edições 1-11. Fundação Casa de Jorge Amado, 1987. p. W-24
- [55] Hoornaert, Eduardo. *O cristianismo moreno do Brasil*. Ed. Vozes, 1991 - 181 páginas. p.87

- [56] Ogunleye, p. 61
- [57] Bábá Osvaldo Omotobátálá. *Ajé Salugá: òrìṣà de la riqueza*. Bayo editores, 2007.
- [58] Coleção Arthur Ramos. *Introdução a antropologia brasileira as culturas negras*. Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1972; vol. III, pág. 65.
- [59] E. L. Nascimento, p. 126
- [60] L. Cabrera, p. 37
- [61] Ellis, Alfred Burdon. *The Yoruba-Speaking peoples of the Slave Coast of West Africa : their religion, manners, customs, laws, language etc. ; with an appendix containing a comparison of the Tshi, Gã, Ewe and Yoruba languages*. London. Chapman and Hall, 1894.
- [62] Baudin, Noel. *Dictionnaire français-yoruba-français*. Cotonou, 1967.
- [63] W. Abimbola Ivor Miller; p. 95
- [64] Teixeira, Francisca Izabel. *The Ritual of Iemanjá in Brazil: A Psychoanalytic Approach*. University of California, Berkeley, 1992 - 174 páginas.
- [65] Verger, Pierre Fatumbi, [ilustrações] Carybé. *Lendas Africanas dos Orixás* Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega, 4ª edição, Corrupio: Salvador, 1997.
- [66] Klotz, Lisa. *Lemanjá und Sedna: Über welche Ansätze kann ein asymptotischer Vergleich zweier Meeressgöttinnen*. *Zeitschrift für Ethnologie*, 2010 - 112 páginas. ISBN 978-3-04-56268-8
- [67] da Silva, Vagner Gonçalves. *Artes do axé. O sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé*. p. 10
- [68] L. Cabrera, p. 32
- [69] Mara Lúcia Cristan de Lomba-Viana, José Carlos Veríssimo de Lomba-Viana. *Desporto: Religiões, Ritos e Mitos Afro-Brasileiros* ISBN 978-972-99645-6-5, p. 20
- [70] M. F. Olmos, L. Paravisini-Gebert, p. 50
- [71] Raul Canizares. *Santería Cubana: El Sendero de la Noche*. Inner Traditions / Bear & Co, 2002 - 176 páginas. ISBN 0-89281-961-8, p. 81
- [72] Manzini, Yaskara. *yami Osoronga (Minha Mãe Feiticeira): O coletivo feminino na cosmogonia do Universo*. pp. 32 e 33
- [73] Roberto Motta, Revista Africa(s) — ISSN 2318.1990, p. 26
- [74] dos Santos, José Benedito. *A Recriação do Mito de Iemanjá e Orungã: uma leitura do romance mar morto, de Jorge Amado* p. 45
- [75] Poli, Ivan da Silva. *Antropologia dos Orixás: a civilização yorubá através de seus mitos, orikis e sua diáspora*. Ed. Acadêmica Terceira Margem, 2011 ISBN 978-85-7921-046-4
- [76] Wande Abimbola. *Sixteen Greats of Ifá* Editora Unesco, ano 1975.
- [77] Prandi, Reginaldo *Mitologia dos Orixás*. Ed. Companhia das Letras, 2008.
- [78] Tradições africanas: Yemoja, a rainha das águas, protetora das famílias Acessado em 24 de dezembro de 2015.
- [79] The ancient river deity in yoruba culture...Iyemoja. Entrevista de Olukunmi Omikemi Egbalade para a Orisun Tv em ocasião do festejo de Iemanjá em Ibadan, 0:52-1:47 (em iorubá). Acessado em 11 de dezembro de 2016.
- [80] Andrew Apter. *Griaule's Legacy: Rethinking "la parole claire" in Dogon Studies*. Artigo publicado pela *Cahiers d'Études africaines* XLV (1), 177, 2005.
- [81] George Maurício, Vera de Oxaguiá, Marcelo Barros. *O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon*. Ed. Pallas, 2009 - 367 páginas.
- [82] Azevedo Filho, Leodegário Amarante. *Estudos universitários de língua e literatura: Homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*. Tempo Brasileiro, 1993 - 665 páginas.
- [83] Lawal, Babatunde. *The Gèlèdè spectacle : art, gender, and social harmony in an African culture*. Seattle: University of Washington press, 1996. ISBN 978-0-295-97599-3
- [84] De La Torre, Miguel A. *Santería: The Beliefs and Rituals of a Growing Religion in America*. Wm. B. Eerdmans Publishing, 2004 - 246 páginas. ISBN 0-8028-4973-3
- [85] Arisel Arce Burguera, Armando Ferrer Castro. *The World of the Orishas*. Editorial José Martí, 2002 - 267 páginas.
- [86] Ribeiro, José. *A magia do candomblé*. Ed. Pallas, 1988 - 119 páginas.
- [87] Amaral, Rita. *Xirê!: o modo de crer e de viver no candomblé*. Ed. Pallas, 2002 - 119 páginas.
- [88] *Revista de administração pública*, Volume 34, Edições 1-3. Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- [89] Júnior, Sangirardi. *Deuses da África e do Brasil: Candomblé & Umbanda*. Civilização Brasileira, 1988 - 206 páginas.
- [90] *Comunicações do ISEER*, Edições 43-50. Instituto de Estudos da Religião, 1992.
- [91] de Moura, Carlos Eugênio Marcondes. *Candomblé: Religião do Corpo e da Alma*. Ed. Pallas, 2000 - 225 páginas.
- [92] de Moura, Carlos Eugênio Marcondes. *Meu sinal está no teu corpo: escritos sobre a religião dos orixás*. EDICON/EDUSP, 1989 - 269 páginas.
- [93] Fonseca, Denise Pini Rosalem da. *Filhas do desejo de Eva, herdeiras da sorte de Obá*. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.
- [94] Idowu, Bolaji. *Olodumare: God in Yoruba Belief*. Ikeja: Longman Nigeria Ltda, 1982.

- [95] Cossard, Gisèle Omindarewá Awô: *o mistério dos orixás*. Ed. Pallas, 2006, 215 páginas. ISBN 8534703965, ISBN 9788534703963
- [96] Barbara, RosamariaSusanna. *A dança das aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé*. Tese apresentada como dissertação (Doutorado - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002). pp. 108-109
- [97] Rouget, Gilbert. *Música e Transe*. Turim, Einaudi, 1986. p.25
- [98] Zenicola, p. 100
- [99] Bastide, Roger. *O Candomblé da Bahia - rito nagô*. Ed. Nacional, São Paulo, 1978.
- [100] Barbara, p. 137
- [101] Martins, Suzana. *A Dança de Yemanjá Oguntê: sob a perspectiva estética do corpo*. Egba - Salvador, 2008.
- [102] Augras, Monique apud Zenicola, p. 99
- [103] Barbara, p. 128
- [104] Eramo, Fabiana. *Infinita Beleza: o Sétimo Sentido - A linguagem do corpo e a inteligência dos sentidos na performance da dança afro*. Tese apresentada como dissertação (Pós-Graduação - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, 2010).
- [105] de Azevedo, Manuel Quitério. *O culto a Maria no Brasil: história e teologia*. Editora Santuário, 2001 - 260 páginas
- [106] Valente, Woldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. Companhia Editora Nacional, 1976 - 117 páginas.
- [107] Coimbra, Crêso. *Fenomenologia da cultura brasileira*. LISA, 1972 - 681 páginas.
- [108] Azevedo, Marcello de Carvalho. *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*. Ed. Vozes, 1 de jan de 1995 - 132 páginas.
- [109] *Humanidades, Edições 35-38*. Editora Universidade de Brasília, 1994.
- [110] Dreher, Martin. *Populações Rio-Grandenses E Modelos de Igreja*. Editora Sinodal, 1998 - 340 páginas.
- [111] Reid, Michael. *Brasil: A Turbulenta Ascensão De Um País*. Elsevier Brasil, 20 de ago de 2014 - 320 páginas.
- [112] Stella (de Oxóssi, Mãe.), Raul Giovanni da Motta Lody. *Faraimará, o caçador traz alegria: Mãe Stella, 60 anos de iniciação*. Ed. Pallas, 1999 - 412 páginas.
- [113] de Andrade, Mario. *Música de feitiçaria no Brasil*. Nova Fronteira, 2 de jul de 2015 - 338 páginas.
- [114] Alvarado, Denise. *Voodoo Hoodoo Spellbook*. Ed. Weiser Books, 2011 - 320 páginas. ISBN 978-1-57863-513-9
- [115] Lifshitz, Fima. *An African Journey Through Its Art*. AuthorHouse, 2009 - 214 páginas. p. 17
- [116] Solimar Otero, Toyin Falola. *Yemoja: Gender, Sexuality, and Creativity in the Latino and Afro-Atlantic Diasporas*. SUNYPress, 2013 - 336 páginas. ISBN 978-1-4384-4799-5
- [117] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 914.
- [118] Ramos, Eurico. *Reverendo o Candomblé*. Mauad Editora Ltda, 2011 - 120 páginas. ISBN 978-85-7478-416-8
- [119] Farelli, Maria Helena. *Os Rituais Secretos da Magia Negra e do Candomblé*. Editora Eco, 1976 - 157 páginas.
- [120] Verger, p. 208
- [121] L. Moraes. *Bembé do Mercado: 13 de maio em Santo Amaro*. 2009 - 177 páginas.
- [122] de Moura, Carlos Eugênio Marcondes. *Leopardo dos olhos de fogo: escritos sobre a religião dos orixás VI, Volume 6*. Ateliê Editorial, 1 de jan de 1998 - 164 páginas. p. 102
- [123] Folarin, Agbo. *MATERNAL GODDESS IN YORUBA ART: A New Aesthetic Acclamation of Yemoja, Oshun and Iya-Mapo*. Ann Arbor, Michigan: MPublishing, University of Michigan Library, 1993.
- [124] Burton, Richard Francis, Sir. *Abeokuta and the Camarons Mountains : an exploration*. London, Chatto & Windus, 1884.
- [125] Risério, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. Ed. 34, São Paulo, 2007. ISBN 978-85-7326-385-5
- [126] Cascudo, Luís da Câmara. *Made in Africa*. Global Editora e Distribuidora, 2015.
- [127] Couto, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Ed. SciELO - EDUFBA, 1 de jan de 2010 - 217 páginas.
- [128] Orphanake, J. Edson. *Conheça a umbanda*. Triade Editorial, 1985 - 150 páginas.
- [129] Bernardo, Terezinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*. Educ, 2003 - 194 páginas.
- [130] Carlos Eugênio Marcondes de Moura, João Batista dos Santos. *Somôvo: o amanhã nunca termina : novos escritos sobre a religião dos voduns e orixás*. Ed. Empório de Produção e Comunicação, 2005 - 190 páginas.
- [131] Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo. *Cultura brasileira: o jeito de ser e de viver de um povo*. Nankin Editorial, 2004 - 367 páginas.
- [132] Jorge Amado *ABC de Castro Alves*. Editora Companhia das Letras, 20 de dez de 2011 - 304 páginas.
- [133] Jorge Amado. *Bahia de Todos-os-Santos*. Editora Companhia das Letras, 20 de set de 2012 - 400 páginas.
- [134] Organizadores, Antonio Guerreiro Faria, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros e Ruth Serrão Guerra-Peixe: *um músico brasileiro*. Ed. lumiar, 2007 - 261 páginas. ISBN 978-85-7736-003-1

- [135] Luciana Nascimento, Andrea Maria Favilha Lobo. *Mosaicos da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro : Letra Capital editora, 2012. ISBN 978-85-7785-148-5
- [136] MARLOS NOBRE. (acessado em 08 de dezembro de 2015)
- [137] Discogrãdia de Ely Camargo (acessado em 12 de dezembro de 2015).
- [138] Tinhorão, José Ramos. *Música popular: o ensaio é no jornal. -- (Encontro de pesquisadores da MPB)*. MIS Editorial/ Secretaria de Estado de Cultura / FAPERJ, 2001 - 152 páginas. ISBN 8573260726; ISBN 9788573260724
- [139] Carneiro, Sueli. *RACISMO, SEXISMO E DESIGLADADE NO BRASIL: Consciência em Debate*. Selo Negro, 18 de abr de 2011. ISBN 978-85-87478-74-0
- [140] Alencar, Mauro. *A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil*. Senac Rio, 2002 - 175 páginas.
- [141] Johnson, Randal. *Cinema Novo x 5: Masters of Contemporary Brazilian Film* (em inglês). University of Texas Press, 6 de nov de 2014 - 262 páginas. ISBN 0-292-71090-9, ISBN 0-292-71091-7.
- [142] da Costa, Claudio. *Cinema brasileiro, anos 60-70: dissimetria, oscilação e simulacro*. Ed. 7 letras, Rio de Janeiro, 2000. ISBN 85-7388-196-8, p.58
- [143] Miranda, Luiz Felipe. *Dicionário de Cineastas Brasileiros*. Art Editora, 1990 - 408 páginas.
- [144] *FILMOGRAFIA - AS NOITES DE IEMANJÁ* Ministério da Cultura, acessado em 04 de janeiro de 2015.
- [145] Noronha, Estela. *Tenha Fé, Tenha Confiança, Iemanjá é uma Esperança!* - Um estudo à luz da socioantropologia e da psicologia analítica do fenômeno do "Iemanjismo" entre os não devotos das religiões afro-brasileiras. Tese apresentada como dissertação (Mestrado - Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005).
- [146] Bernardet, Jean Claude. *Filme cultura, Edições 32-42*. Brazil. Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Cinema Educativo (Brasil), Empresa Brasileira de Filmes, Fundação do Cinema Brasileiro Centro Técnico Audiovisual, 2010.
- [147] *FILMOGRAFIA - O ESCOLHIDO DE IEMANJÁ* Ministério da Cultura, acessado em 05 de janeiro de 2015.
- [148] Nagib, Lúcia. *O cinema da retomada: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90*. Editora 34, 1ª edição, 2002 - 526 páginas. ISBN 85-7326-254-0, p. 330
- [149] *FILMOGRAFIA - A FILHA DE IEMANJÁ* Ministério da Cultura, acessado em 05 de janeiro de 2015.
- [150] *Resistência*, Edições 129-140. Editorial Resistência, 1976.
- [151] Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Sílvia Helena Simões Borelli, Vera da Rocha Resende. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. Summus Editorial, 2002 - 394 páginas. ISBN 85-323-0770-1, p. 360
- [152] João Emanuel Carneiro, Manoel Carlos, Maria Adelaide Amaral, Miguel Falabella, Ricardo Linhares, Sílvio de Abreu, Walcy Carrasco, Walther Negrão. *Autores: histórias da teledramaturgia*. Globo Livros, 2008.
- [153] Redação Rede Globo (6 de novembro de 2012). O Canto da Sereia: série da Globo estreia em 8 de janeiro; saiba tudo. Acessado em 08 de janeiro de 2016.
- [154] Guennes, Duda (07 de Dezembro de 1998). «Iemanjá: uma deusa para o próximo milênio» *Jornal do Comércio*. Consultado em 12 de maio de 2008. Os revellions das passagens dos anos 1999/2000 e 2000/2001 serão duas grandes festas, com direito a comemoração dupla: o século e o milênio. Por certo, os festejos serão presididos por uma nova Rainha: Iemanjá, a deusa das águas. Verifique data em: |data= (ajuda)
- [155] «Embarcações levam oferendas para Iemanjá» Consultado em 2 de fevereiro de 2010
- [156] <http://www.soulbrasil.com/index.php?page=ed/52/07-principal.php&lang=en>
- [157] <http://brazil.com/component/content/article/229-february-2011/10462-in-brazil-oldies-and-greens-cant-agree-on-how-to-celebrate-the-que+pdf>
- [158] Sobre a sereia Kianda e outros seres míticos
- [159] Uruguay Festivals – Day of the Goddess of the Sea, Gurguay
- [160] Asíse viviôla fiestade Iemanjá en la costa de Montevideo, Subrayado, Feb 3 2015
- [161] La Virgen de Regla

12.1.14 Bibliografia

- ABIMBOLA, Wande Abimbola; MILLER, Ivor. *Will Mend Our Broken World: Thoughts on Yoruba Religion and Culture in Africa and the Diaspora*. Iroko academic publishers, 1ª edição, 1997; 2ª edição, 2003 (em inglês). ISBN 0-9659739-0-5
- ASSEF, Carlos Renato. *O Candomblé e seus Orixás*. Ed. LeBooks, 2013. ISBN 978-85-66833-69-0
- AUGRAS, Monique. *De Iyá mi a pomba-gira: transformações e símbolos da libido*. In: Moura, Carlos Eugênio. *Candomblé, religião do corpo e da alma: ritos psicológicos nas religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 2006.
- MASON, P.H. (2016) *Fight-dancing and the Festival: Tabuik in Paríaman, Indonesia, and Iemanjá in Salvador da Bahia, Brazil*. *Martial Arts Studies Journal*, 2, 71-90. DOI: 10.18573/j.2016.10065
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *GUERREIRAS DE NATUREZA: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. Grupo Editorial Summus, São Paulo: Selo Negro 2008. ISBN 978-85-87478-34-4

- ZENICOLA, Denise Mancebo. *Performance e Ritual: a dança das iabás no xirê*. 1ª ed. - Rio de Janeiro : Mauad X : Faperj, 2014. ISBN 978-85-7478-716-9

12.1.15 Ligações externas

- Cantinho de Yemanjá
- Festa de Iemanjá (vídeo)
- A Outra srcem de Janáina
- Mais sobre srcem e festa de Iemanjá (vídeos)

12.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó,

Kambina e Nagô.

12.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de srcem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria,

Bekim, Kambina e Nagô fundiu com o Candomblé de hoje (Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes

mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe

Rita de Xangô, entre outros.

- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de

Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô,

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jêje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina. Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otília de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinícius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina* (Cabinda) — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miúá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai

Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 55)^[1] registra o nome de Cambina ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclavo angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas srcem entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

12.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um **Babalorixá** ou **Iyalorixá**.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de Terreiros chama na verdade o Peji ou quarto-de-santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim o batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram srcem nas Religiões tradicionais afri-

canas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das religiões afro-caribenhas como a santería e o vodu.

12.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo o Bará o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os

terreiros, no candomblé o chamam de Exu (orixá). Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se complementam cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oiá-lansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otím, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã como qualidade velha de Yemanjá, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Legba, Gama (divindade ligada ao culto de Xapanã), Zina, Zambirá e Xanguin (qualidade rara de Bará) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando "O possuidor do poder". Corpo em Yorubá é "ara" mas nada tem a ver com Exu Bará, apesar da semelhança do fonema. Bará é a denominação do orixá Exu, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul

Por ter várias características pertencentes aos homens, Bará se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, desfrancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fe-

chando, dependendo do momento e do cumprimento

No passado, as obrigações do Orixá Bará eram dadas somente a homens, como por exemplo, a limpeza dos Acutás e somente os mesmos, eram aprontados para o Orixá Bará. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá Bará, principalmente aos que chamamos de "dentro do templo", como Lanã, Adague e Agelú. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto yorubá quanto bantu, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá Bará, energia de virili-

dade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá Bará na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Batuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um Babalorixá de orixá “dito” masculino e o Padrinho de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros Axés, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repetem^[4].

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia Bará desafia Oxalá, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tornar o soberano em relação aos outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, Oxalá domina a cabeça de Bará, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: Alúpo ou Lalúpo
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (Bará Agelú)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (Lanã, Lodê, Adague e Agelú)
- Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moeda búzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- Bará Lodê (Olodê): Guardião da parte externa do templo
- Bará Lanã (Onã): Guardião da porta do templo
- Bará Adagbe: Guardião da parte interna do templo
- Bará Agelú (Jelú): Guardião dos orixás “chamados mel ou praia” e das areias da praia
- Bará Elegbará: Como Lodê, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do “*obe*” (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo *axé* das facas. Por ser dono das armas, é invocado

para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (Cabinda), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olobedé*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ogúnjù*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum

Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, “*Ogunhé!*”, é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, umrevólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as via-

gens, os caminhos, e a caça. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia *fio-de-contas* é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Divisão da Nação de Ojá, Ogum e Xangô por se deparar em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta.^[7] Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Ikú (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Ojá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos

ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comum entre os batuqueiros ao se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas
cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganjú de Ibeje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangó Aganjú Ybeji*, na

realidade é uma qualidade de *Sangó Aganjú* que tem seu Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá *Sangó Aganjú* tem alguma ligação orisá *Orisá Ybeji* ou vice-versa, E *Sangó Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô E Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação *ékao kabecilé*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibejes, sendo também um dos regentes dos Egúns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas. Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o

machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas Xango Ibeje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibeji

Ibeji (yoruba), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação *Ijexé* e na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje consistem numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem

pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
- Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompa-

nhada de sua grande companheira, Otim. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Teve suma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otim. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]

- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otin* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como

o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu

alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as

lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião tam-

hronamixis e Obás se preferir ser oixá de pua tabus.

Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixa.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem

a este itón (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suas ervas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas

que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha. Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois

tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão marcados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que acon-

teceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jeje, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

No Batuque é o dono da vassoura, com que varre os males dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de religião que envolva limpeza das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxim (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres

grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e altivo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos

do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocô*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da "lomba". Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epandá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epandá Ibeje* a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades;

- *Oxum Agba Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.

- *Oxum Iydomi*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanda de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinheiros. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilá;
3. Boci - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogun Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilá;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;

5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémalé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola, pomba. Suas comidas são canjica branca no dendê, arroz com mel, manjar, champagne, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência oجو de Búzios

- Saudação: Epaô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* /Cabinda) e Ijexá e no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.

- Oferenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo (ebi), sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.
- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

12.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Rio Grande do Sul de Alegria, Porto Alegre, e no Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres

em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que também procuram seguir a maneira de cultuar os orixás, e a construção dos templos seguem exemplos dos seus sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou ialorixa, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao *axexê* do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axês a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

12.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e singulares e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do *ijexá*, já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato do iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Cada orixá possui um nome e uma personalidade, e os filhos de santo exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como

galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá "dono da casa" e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos animais, que se vem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

No dia da festa são oferecidos aos orixás homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (barracas contendo todo tipo de culinária dos Orixás) como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens.

Os filhos de santo, após o encerramento, vão ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

12.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitos diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diversas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

12.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele

que lhe passou os ensinamentos.

12.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um

termo usado por seus integrantes, na Argentina, Uruguai,

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

12.2.9 Referências

- [1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135
- [2] Erick Wolff (01/072014). «A entronização do Alaafin e sua sobrevivência na Kambina». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017
- [4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]
- [5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X

- [6] JAKUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [7] JAKUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- [8] Os fundamentos religiosos dação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira
- [9] [JAKUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]
- [10]
- [11]

12.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B. Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpe.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf



Estátua de Iemanjá

Poderosa e vasta como as águas oceânicas, Iemanjá é a dona das cabeças, por isso sua presença é fundamental na cerimônia do Bori no Candomblé. É considerada a grande mãe, a energia feminina que gera e cuida dos seus filhos.

Na Umbanda, geralmente é representada na forma de uma sereia, onde é tida como a Sereia Rainha do Mar.

12.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalarixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

12.3 Iemanjá na Umbanda

Deusa das Águas e Rainha do Mar. Confundida com Nossa Senhora da Conceição apesar de não haver semelhança, pois Nossa Senhora da Conceição é de tradição católica, e possui história muito diferente. Iemanjá é o orixá feminino mais popular do Brasil, e um dos mais reverenciados, tida como mãe de vários orixás. Também conhecida como Janaína, Inaê, e Princesa de Aioká (como os negros bantos chamavam o fundo do mar). Formosa e vaidosa, a deusa de cabelos longos e perfumados, gosta de receber flores, água de cheiro, pente e espelho.

12.3.1 Comemorações no Brasil

Na Bahia no dia 02 de Fevereiro é sempre realizada a grande festa em homenagem a Yemonja no bairro do Rio Vermelho em Salvador. Em São Paulo, a maior comemoração é no dia 8 de dezembro, na Praia Grande. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina a comemoração é no dia 2 de fevereiro onde, Iemanjá é sincretizada com

Nossa Senhora dos Navegantes. As cerimônias são comumente feitas à beira-mar, no litoral gaúcho. Também ocorrem em rios, como em Porto Alegre (Rio Guaíba). No Rio de Janeiro a festa de Iemanjá é comemorada nos dias 30 e 31 de dezembro na manhã da véspera do Ano Novo para evitar um maior congestionamento nas praias e ruas. As oferendas lançadas ao mar para a orixá contam de palmas e rosas nas cores branca e rosa, é seu dia e sábado. No Ceará é comemorada no dia 15 de agosto, devido a mesma data ser dia de Nossa Senhora da Assunção padroeira da cidade de Fortaleza.

Festa de Iemanjá em Teresina

Na cidade de Teresina (Piauí) um dos maiores centros de Umbanda, Encantaria e Terecô do Brasil, todos os anos, em fevereiro, vários fiéis ocupam o antigo cais do Rio Parnaíba no centro de Teresina, levando velas brancas e azuis, flores, água de cheiro e outros presentes para agradecer Iemanjá, tida como a Mãe d'água (folclore) pelos cultos afro-brasileiros. A deusa das águas também é homenageada às margens do Rio Poti, na zona nobre de Teresina.

12.3.2 Histórias e Lendas

Ao chegar ao Brasil, Iemanjá, passando a ser cultuada também na Umbanda, deixou de ter a imagem negra e africanizada do Candomblé, ganhando a simpatia popular com a imagem de uma linda e sedutora mulher branca de cabelos negros, lisos e compridos, olhos azuis, boca pequena com lábios de rubi, rosto rosado, seios volumosos, tendo as mãos abertas deixando cair pérolas sobre as águas. Nas noites enluaradas, quando a superfície do mar calmo reflete os raios prateados, ela sai do seu reino encantado nas profundezas do oceano, e vem a flor da água entoar cantos maviolosos e tristes que seduzem qualquer marinheiro desavisado. Seus cabelos lisos e longos derramam-se sobre as ondas mansas e refulgentes, sendo penteados por uma falange de sereias. É o mar com seus mistérios e fascínios.

12.3.3 Linha e Falanges

A água é o princípio que atua na natureza ou o eterno feminino, divindade da fecundação ou gestação. Tem seu reino fundamentado no mar e como sincretização Maria. Tem em sua linha de atuação caboclos e caboclas dos mares e dos rios, pescadores, marinheiros, piratas, sereias e princesas do mar. Seu guardião da esquerda é o Exu Maré.

12.3.4 Informações Litúrgicas

- Saudações: odojá, odociaba, odo-fe-iabá, saravá sereia, auê!
- Domínios: todas as águas, principalmente o mar.
- Dias: segunda-feira na Umbanda e sábado no Candomblé.
- Astro regente: Lua
- Signo: câncer
- Metal: prata
- Pedra preciosa: água-marinha ou ágata
- Flores: rosas brancas ou miosótis

- Cores: branco na Umbanda e azul no Candomblé
- Comidas: manjar branco, peixe
- Quizilas: poeira e sapo

12.3.5 Referências

- cantados para Iemanjá
- Os encantos de Iemanjá
- Procissão de Iemanjá em Copacabana Vídeo

Capítulo 13

Nanã

13.1 Nanã Buruku

Nanã Buruku,^{[2][3]} **Nanã**, **Nanã Buluku**, **Nanã Buruquê**, **Nanã Buru**, **Nanã Boroucou**, **Nanã Borodo**, **Anamburucu** ou **Nanamburucu**^[4] é um vodun e orixá das chuvas, dos mangues, do pântano, da lama, senhora da morte, e responsável pelos portais de entrada (reencarnação)esaída(desencarne). Identificado no jogo do *merindilogun* pelo odu ejilobon e representado materialmente no candomblé através do assentamento sagrado denominado *igba nanã*.

13.1.1 Etimologia

“Anamburucu” é um termo procedente da língua io-^[4] rubá.

13.1.2 África



Assentamento de Nanã no candomblé do Ile Ase Ijino Ilu Orossi

Em sua passagem pela Terra, foi a primeira Iyabá e a mais vaidosa, em nome da qual desprezou seu filho primogênito com Oxalá, Omolu, por este ter nascido com várias doenças de pele. Não admitindo cuidar de uma criança assim, acabou abandonando-o numa praia. Iemanjá o achou abandonado, quase morrendo e o curou e o criou como se fosse sua mãe, dando-lhe todo o amor e carinho. Sabendo do que Nanã fez, Oxalá condenou-a a ter

mais filhos, os quais nasceriam anormais (Oxumarê, Ewá e Ossaim), e a expulsou do reino, ordenando-lhe que fosse viver num pântano escuro e sombrio.

Nanã é dona de um cajado, o ibiri. Suas roupas parecem banhadas em sangue. É a orixá das águas paradas. Ela mata de repente, mata uma cabra sem usar faca. É considerada a orixá mais antigo do mundo. Quando Orunmilá chegou aqui para frutificar a terra, ela aqui já estava. Nanã desconhece o ferro por se tratar de um orixá da pré-história, anterior à idade do ferro. O termo “*nanã*” significa “raiz”, aquela que se encontra no centro da terra.

Nanã tornou-se uma das Iyabás mais temidas, tanto que, em algumas tribos, quando seu nome era pronunciado, todos se jogavam ao chão. Senhora das doenças cancerígenas, está sempre ao lado do seu filho Omolu. É protetora dos idosos, desabrigados, doentes e deficientes visuais. É um vodun, segundo alguns pesquisadores, srinário de Dassa-Zoumé. É uma velha divindade das águas. Pierre Verger encontrou um templo Dassa-Zoumé e o sacerdote do seu culto.

A área que abrange seu culto é muito vasta e parece estender-se de leste, além do rio Níger, até a região Tapá, a oeste, além do rio Volta, nas regiões dos “guang”, ao nordeste dos Ashanti.

Entre os fon e mahi, ela é considerada uma divindade hermafrodita, anterior a Mawu e Lissá, aos quais teria dado origem em associação com a “serpente do Universo” *Dan Aido Hweda*. Para os ewes e minas, ela é, às vezes, vista como um vodun masculino (*Nana Densa*), esposo da grande mãe das águas Mami Wata.

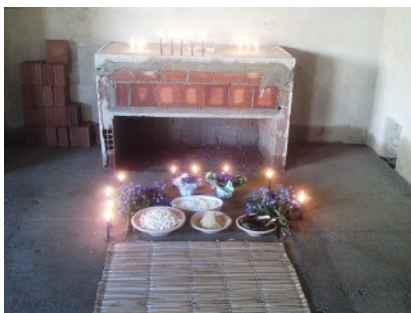
13.1.3 Brasil

Nanã Buruku é cultuada no candomblé jeje como um vodun e, no candomblé queto, como um orixá da chuva, das águas paradas, mangue, pântano, terra molhada, lama e considerada a mãe dos orixás Obaluaiyê, Iroko, Osanyin, Oxumarê e Yewá.

Nanã é chamada carinhosamente de “Avó”, por ser usualmente imaginada como uma anciã. É cultuada em todo o Brasil nas religiões afro-brasileiras. Seu emblema é



Ibiri, o instrumento de Nanã



Festa dedicada a Nanã

o ibiri, que caracteriza sua relação com os espíritos ancestrais. Como “Mãe-Terra-Primordial” dos grãos e dos mortos, Nanã Buruku pode ser equiparada a Tia Cioba.

A existência do culto de Nanã Buruku é atribuída a tempos remotos, anteriores à descoberta do ferro; por isso, em seus rituais, não costumam ser utilizados objetos corantes de metal.

O baobá (*Adansonia digitata* L., em iorubá *ossê* e, em Fon, *akpassatin*) é sua árvore sagrada.

No sincretismo afro-católico, **Nanã Boroquê**, como é chamada na umbanda, é equiparada a Sant'Ana.

Nanã no Batuque - RS

Nanã, no batuque (religião afro-gaúcha), é a Iemanjá mais velha de todas, embora não seja Iemanjá.

13.1.4 Características psicológicas dos filhos de santo de Nanã

São conservadores e presos aos padrões convencionais estabelecidos pelos homens. Passam aos outros a apa-

recência, são reservados e guardam os segredos quando, então, podem ser perigosos, o que assusta as pessoas. Levam seu ponto de vista às últimas consequências, tornando-se teimosos. Quando mãe, são apegadas aos filhos e muito protetoras. São ciumentas e possessivas. Exigem atenção e respeito, são pouco alegres e não gostam de muita brincadeira. Os filhos deste orixá são majestosos e seguros nas ações e procuram sempre o caminho da sabedoria e da justiça.

13.1.5 Qualidades de Nanã

- Igbayin
- Buruku
- Igbónán
- Asayio
- Asanan
- Inxele
- Tinoloko
- Ajaosi
- Ìkure

13.1.6 Características de Nanã

- Dia: Domingo
- Data: 26 de Julho (dia dos avós no Brasil)
- Metal: latão
- Cores: branco e azul ou preto e lilás (ou roxo)
- Comidas: **Aberém, mugunzá, mostarda e taioba**
- Símbolos: Ibiri e bradjá
- Elementos: Águas paradas e lamacentas
- Região da África: Seu principal templo fica em Dassa-Zoumé
- Pedra: Ametista

- Folhas: folha-da-costa, folha de mostarda, manacá, ojú oro, oxibatá, papoula roxa
- Odu que Rege: Odilobá
- Domínios: Vida e morte, saúde e maternidade
- Saudação: Salúba!

13.1.7 As lendas de Nanã

Afirma-se que Nanã era a rainha de um povo e que tinha poder sobre os mortos. Para roubar esse poder, Oxalá desposou-a, mas não ligava para ela. Nanã, então, fez um feitiço para ter um filho. Tudo aconteceu como ela queria mas, por causa do feitiço, o filho Omolu nasceu todo deformado. HorrORIZADA, Nanã jogou-o no mar para que morresse. Como castigo pela crueldade, quando Nanã engravidou de novo, Orunmilá disse que o filho seria lindo mas se afastaria dela para correr mundo. Assim, nasceu Oxumaré, que, durante seis meses do ano, vive no céu como o arco-íris, e nos outros seis é uma cobra que se arrasta no chão.

Em outra lenda, conta-se que, na aldeia chefiada por Nanã, quando alguém cometia um crime, era amarrado a uma árvore. Nanã, então, chamava os Eguns para assustá-lo. Ambicionando esse poder, Oxalá foi visitar Nanã e deu-lhe uma poção que fez com que ela se apaixonasse por ele. Nanã dividiu o reino com ele, mas proibiu a sua

entrada no Jardim dos Eguns. Oxalá então espiou-a e aprendeu o ritual de invocação dos mortos. Depois, disfarçando-se de mulher com as roupas de Nanã, foi ao jardim e ordenou aos Eguns que obedecessem “ao homem que vivia com ela” (ele mesmo). Quando Nanã descobriu o golpe, quis reagir mas, como estava apaixonada, acabou aceitando deixar o poder com o marido. Hoje, no Culto aos Egungun, só os homens são iniciados para invocar os Eguns.

Uma terceira lenda refere que, certa vez, os orixás se reuniram e começaram a discutir qual deles seria o mais importante. A maioria apontava Ogum, considerando que ele é o orixá do ferro, o que deu à humanidade o conhecimento sobre o preparo e uso das armas de guerra, dos instrumentos para agricultura, caça e pesca, e das facas para uso doméstico e ritual. Somente Nanã discordou e, para provar que Ogum não era tão importante assim, torceu com as próprias mãos o pescoço dos animais destinados ao sacrifício em seu ritual. É por isso que os sacrifícios para Nanã não podem ser feitos com instrumentos de metal.

13.1.8 Mãe Cleusa Millet

A cantora Daniela Mercury fez uma canção em homenagem à ialorixá Cleusa Millet filha de Mãe Menininha do Gantois, no álbum *Sol da Liberdade*. O nome da canção é “Dara” e é interpretada em dueto com a cantora

beninense Angélique Kidjo. Mãe Cleusa era “filha de Nanã”, e a sua voz ficou imortalizada em disco de Maria Bethânia.

13.1.9 Referências

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos S/A. 1979. p. 30.
- [2] Sixteen Cowries: Yoruba Divination from Africa to the New World Por William Russell Bascom
- [3] Nanã Buruku, Por Pierre Verger
- [4] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 114.

13.1.10 Ver também

- Nanã na Umbanda
- Nanã no Xambá

13.1.11 Outras leituras

- Charles Spencer King., "Nature's Ancient Religion" ISBN 978-1-4404-1733-7
- Charles Spencer King, “IFA Y Los Orishas: La Religion Antigua De LA Naturaleza” ISBN 1-4610-2898-1

13.1.12 Ligações externas

- Orixás PDF *online*
- Mistérios de Nanã
- The Children of Dahomey no Wayback Machine (arquivado em 4 de abril de 2005)

13.2 Nanã na Umbanda

Nanã é a mãe primeira de toda humanidade, conforme a lenda o homem após várias tentativas de usar diversos

materiais, foi feito do barro (tudo primordial das matérias na crosta terrestre), e soprado a vida em suas narinas por oxalá, sendo que a única restrição de Nanã foi para quando este homem morresse a sua matéria seria devolvida aos seus domínios, sincretizada como Senhora Sant'Ana aavóde Jesus, dona das águas paradas, das chuvas e dos pântanos, ela decanta em seus domínios toda as matérias impuras dos homens, preparando assim a limpeza do espírito para próxima reencarnação.

Capítulo 14

Oxalá

14.1 Oxalá

 **Nota:** Se procura pelo filme português homônimo, veja *Oxalá* (filme).

Oxalá é a grafia de duas palavras homônimas da língua portuguesa, uma de origem árabe, que vem da expressão árabe "*in sha' allh*", cujo significado é "*se Deus quiser*", que é utilizada como interjeição para expressar o desejo que algo aconteça. É sinônimo de "*tomara*" ou "*queira Deus*".^[1] A outra palavra vem do iorubá Òrìṣànlá, nome de um orixá também conhecido como Obatalá.^[2]

14.1.1 Oxalá na Umbanda

Oxalá, **Orixalá**, **Orixaguinã**, **Gunocô** ou **Obatalá**^[2] é o orixá associado à criação do mundo e da espécie humana. Apresenta-se de várias maneiras (qualidades) sendo as duas principais qualidades: a forma jovem, em que Oxalá é chamado de **Oxaguiã** e seus símbolos são uma idá (espada), um pilão de metal branco e um escudo. Na sua forma idosa, Oxalá é chamado **Oxalufã** e seu símbolo é um cajado de metal chamado opaxorô.

A cor de Oxaguiã é o branco levemente mesclado com azul no candomblé e somente branco no batuque do RGS; a de Oxalufã é somente branco de gossa em ambos. O dia consagrado para oxalá moço é a sexta-feira e o domingo para oxalá velho e oxalá de orumilaia. Sua saudação é *épaô, épa bàbá*. Oxalá é considerado e cultuado como o maior e mais respeitado de todos os orixás do panteão africano. Simboliza a paz, é o pai maior nas nações das religiões de tradição africana. Oxalá significa luz

(de) e paz (alá) e é o pai dos orixás e dos homens e das mulheres. A Oxalá pertencem os olhos que veem tudo.

14.1.2 Etimologia

"Oxalufã", "Oxaguiã" e "Obatalá" são termos procedentes da língua iorubá.^[3]

Não confundir com o homônimo oxalá, palavra da língua portuguesa utilizada como interjeição para expres-

sar o desejo que algo aconteça. É sinônimo de "tomara" ou "queira Deus". Esta palavra tem origem na expressão árabe *in shaa Allaah*, cujo significado é "se Deus quiser". Em espanhol teve desenvolvimento semelhante e deu origem à palavra *ojalá*, exatamente com o mesmo significado de oxalá em português.

14.1.3 Arquétipo

As pessoas de Oxalá são calmas, responsáveis, reservadas e de muita confiança. Rejeitam a violência em todas as suas formas. Seus ideais são levados até o fim, mesmo que todas as pessoas sejam contrárias a suas opiniões e projetos. Gostam de dominar e liderar as pessoas. São muito dedicados, caprichosos, mantendo tudo sem-

pre bonito, limpo, com beleza e carinho. Respeitam a todos mas exigem ser respeitados. Perdoam facilmente, sabem ver que sentimentos negativos só atrasam. Sabem conquistar com seu jeitinho elegante e sincero. São calmos e dóceis, andam com a postura reta, que representa sua natural elegância. Tem gostos caros e apreciam um bom vinho. São extremamente teimosos e orgulhosos. Porém gostam muito de trabalhar e ajudar os necessitados, são muitas vezes defensores dos injustiçados, dos fracos e dos oprimidos. Pensam muito, e avaliam metodicamente cada situação, quando desanimam, não há o que os faça voltar atrás. São excelentes pais de família e líderes natos.

14.1.4 Lenda: Oxalá e o saco da criação

Olodumaré entregou a Oxalá o saco da criação para que ele criasse o mundo. Essa missão, porém, não lhe dava o direito de deixar de cumprir algumas obrigações para outros Orixás e Exu, aos quais ele deveria fazer alguns sacrifícios e oferendas. Oxalá pôs-se a caminho apoiado em um grande cajado, o Paxorô. No momento em que deveria ultrapassar a porta do Orun, encontrou-se com Exu que, descontente porque Oxalá se negara a fazer suas oferendas, resolveu vingar-se, e provocou-lhe uma sede intensa. Oxalá não teve outro recurso senão o de furar a casca de um tronco de um dendezeiro para saciar sua sede.

Era o vinho de palma, também conhecido como *emu* e *aguro*, o qual Oxalá bebeu intensamente. Bêbado, não sabia onde estava e caiu adormecido. Apareceu, então, Olófin Odùduà, que, vendo o grande orixá adormecido, roubou-lhe o saco da criação e, em seguida, foi à procura de Olodumaré para mostrar o que achara e contar em que estado Oxalá se encontrava. Olodumaré disse, então, que “se ele está neste estado, vá você a Odùduà, vá você criar o mundo”. Odùduà foi, então, em busca da criação e encontrou um universo de água, e aí deixou cair do saco o que estava dentro. Era terra. Formou-se então um mon-

tinho que ultrapassou a superfície das águas. Então ele colocou a galinha cujos pés tinham cinco garas. Ela começou a arranhar e a espalhar a terra sobre a superfície da água; onde ciscava, cobria a água, e a terra foi alargando cada vez mais, o que em yoruba se diz *Ilé-Ifè* expressão que deu origem ao nome da cidade Ilé-Ifè. Odùduà ali se estabeleceu, seguido pelos outros orixás, e tornou-se, assim, rei da terra. Quando Oxalá acordou, não encontrou mais o saco da criação. Despeitado, procurou Olodumaré, que por sua vez proibiu-o, como castigo a Oxalá e toda sua família, de beberinho de palma e de usar azeite de dendê. Mas como consolo lhe deu a tarefa de modelar no barro o corpo dos seres humanos nos quais he, Olodumaré insuflaria a vida.etc

14.1.5 Lenda: A viagem de Oxalufan

Um dia Oxalufan, que vivia com seu filho Oxaguian, velho e curvado por sua idade avançada, resolveu viajar a Oyo em visita a Xangô, seu outro filho. Foi consultar um babalaô para saber acerca da viagem. O adivinho recomendou-lhe não seguir viagem. Ela seria desastrosa e acabaria mal. Mesmo assim, Oxalufan, por teimosia, resolveu não renunciar à sua decisão. O adivinho aconselhou-o, então, a levar consigo três panos brancos, limo-da-costa ou sabão-da-costa, assim como a aceitar e fazer tudo que lhe pedissem no caminho e não reclamar de nada, acontecesse o que acontecesse. Seria uma forma de não perder a vida.

Em sua caminhada, Oxalufan encontrou Exu três vezes. Três vezes Exu solicitou ajuda ao velho rei para carregar seu fardo, que acabava derrubando em cima de Oxalufan. Três vezes Oxalufan ajudou Exu, carregando seus fardos imundos. E, por três vezes, Exu fez Oxalufan sair-se de

salameitadas de Exu, e três vezes Oxalufan saiu mais próximo lavar-se e trocar suas vestes. Finalmente chegou a Oió. Na entrada da cidade, viu um cavalo perdido, que ele reconheceu como o cavalo que havia presenteado a Xangô.

Tentou amansar o animal para amarrá-lo e devolvê-lo ao filho. Mas, neste momento, chegaram alguns súditos do rei à procura do animal perdido. Viram Oxalufan com o cavalo e pensaram tratar-se do ladrão do animal. Maltrataram-no e prenderam-no. Ele, sempre ca-

lado, deixou-se levar prisioneiro.

Mas, por estar um inocente no cárcere, em terras do Senhor da Justiça, Oyó viveu por longos sete anos a mais profunda seca. As mulheres tornaram-se estéreis e muitas doenças assolaram o reino. Xangô, desesperado, procurou um babalaô, que consultou Ifá, descobrindo que um velho sofria injustamente como prisioneiro, pagando por um crime que não cometera.

Xangô correu para a prisão. Para seu espanto, o velho prisioneiro era seu pai Oxalufan. Xangô ordenou que trouxessem água do rio para lavar o rei. O rei de Oyó mandou seus súditos vestirem-se de branco, e que todos permanecessem em silêncio, pois era preciso, respeitosa-mente, pedir perdão a Oxalufan. Xangô vestiu-se também de branco e encarregou Airá de carregar o velho rei nas costas. Levou-o para as festas em sua homenagem e todo o povo saudava Oxalá e Xangô. Depois Oxalufan voltou para casa levado por Airá e, quando chegou seu filho, Oxaguian ofereceu um grande banquete em celebração pelo retorno do pai.

14.1.6 África

Obatalá, Osala, Osalufon, Osagiyan e Osa-Popo, todos eles denominados **Orisà funfun** (branco), devido à cor que os simboliza, a branca. Obatalá e Odudua são associados de diversas maneiras nos mitos da criação.

- Bàbá Epe
- Orixá Oko
- Lejúgbè
- Ajàgúnán
- Òsàfuru
- Elémòsò
- AkajaPriku
- Òsàìgbò
- Indako
- Bàbá Talabí
- Bàbá Àjàlè
- Orixá-Nlá
- Obatalá
- Odudua
- Oxalufan
- Oxaguian
- Orixá okó

14.1.7 Brasil

Oxalá, Obatalá, Orixalá, Orixá-Nlá. Oxalá é um nome genérico de vários **Òrixá funfun** (branco), como são chamados diversos Orixás africanos no Brasil relacionados à cor branca e à criação do mundo. Os filhos de Oxalá têm algumas restrições (*ewa*, quizila):

De acordo com as lendas, Oxalá embriagou-se várias vezes com vinho de palma, fato que tornou a bebida alcoólica uma das restrições. Por causa de outra lenda, em que Exú sujou as roupas brancas por três vezes com sal, azeite

de dendê e carvão, estes elementos também se tornaram restrição aos filhos de Oxalá. Nenhuma comida de Oxalá leva sal ou dendê. Um filho de Oxalá jamais deverá usar roupas pretas ou vermelhas, por serem essas as cores de Exu. Também em função das lendas, o dia de Oxalá é a sexta-feira

No candomblé, tanto no Brasil quanto em outros países, todos os iniciados e frequentadores costumam vestir-se de branco em homenagem a Oxalá. Os filhos de Oxalá não comem comida de sal e muitos adotaram não comer carne na sexta-feira (somente peixe). Contudo, também se acredita que esse costume tenha relação com a Igreja Católica e o sincretismo de Oxalá com o Senhor do Bonfim na Bahia, costume também adotado pelos restaurantes em que nas sextas-feiras servem a pescada branca com molho de camarão.

14.1.8 Referências

- [1] Significado de Oxalá, Significados.com.br
- [2] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 233.
- [3] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 241, 1 207.

14.1.9 Ver também

- Águas de Oxalá
- Festa do Bonfim
- Oxalá na Umbanda
- Oxalá no Batuque
- Orixalá no Xambá

14.1.10 Ligações externas

- Em Português:
- Significado de Oxalá, Significados.com.br
- Os *Òrixá Funfun*

- Festa do Senhor do Bonfimo sincretismo - Uma das festas mais populares em Salvador

- Oxalá
- Òrìkì Òrìsànlá
- Cozinha ritualística e características de Oxalá
- Em Inglês:
- *Yoruba Art & Culture*

14.2 Oxalá no Batuque

 **Nota:** Se procura outros artigos sobre batuque, veja Batuque (desambiguação)

Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos orixás encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde se estendeu para os países vizinhos tais como Uruguai e Argentina.

O batuque é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jêje, Ijexá, Oyó, Kambina e Nagô.

14.2.1 História

A estruturação do batuque no estado do Rio Grande do Sul deu-se no início do século XIX, entre os anos de 1833 e 1859 (Correa, 1988 a:69). Tudo indica que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas. Tem-se notícias, em jornais desta região, matérias sobre cultos de origem africana datadas de abril de 1878, (Jornal do Comércio, Pelotas). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao batuque, datam da segunda metade do século XIX, quando ocorreu a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para Capital.

Os rituais do batuque seguem fundamentos, principalmente das raízes da nação Ijexá, proveniente da Nigéria, e dá lastro as outras nações como o Jêje do Daomé, hoje Benim, Kambina não confundir com Cabinda (enclave Angolano) e Oyó, também, da região da Nigéria.

O batuque surgiu como diversas religiões afro-brasileiras praticadas no Brasil, tem as suas raízes na África tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão. Um dos principais representantes do batuque foi o Príncipe Custódio de Xapanã. O nome batuque era dado pelos brancos, sendo que os negros o chamavam de **Pará**. É da Junção de todas estas nações que se originou esta cultura conhecida como batuque, e os nomes mais expressivos da antiguidade, e da atualidade, que de uma maneira ou de outra contribuem para a continuidade dos rituais são:

- *Ijexá* — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antonia de Assis (Mãe Antonia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Rita de Xangô, entre outros.

- *Oyó* — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emília de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andreza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Tim de Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinho de Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.

- Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Veleda de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xango (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.

- *Jéje* — Mãe Chininha de Xangô, Príncipe Custódio de Xapanã, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai

Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Pai Vinicius de Oxalá, pai Pedro de Oxum, mãe Jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina de yansa, mae nirlote de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai Luis do bara talade, pai Marcondas de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.

- *Kambina (Cabinda)* — Gululu de Xangô, Waldemar Antonio dos Santos (Tiemar) de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Maria

Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Pai Enio de Oxum Miua, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô, entre outros.

O uso do nome *Kambina* (Cabinda) parece ser recente na etnografia, pois a tradição oral coletada por Norton Correa (1996, 63) registra o nome de Camôma ou Cambini. Devido à similaridade, pode ter sido associada ao enclave angolano citado. Estudos recentes mostram possibilidades da nação Cambina ter suas srcem entre os Iorubás, e não os bantus (Wolff, Revista Olorun, Julho 2014, n. 18)^[2], Revisada e aumentada (Wolff, Revista Olorun, Fevereiro 2016, n. 35)^[3].

As entidades cultuadas são as mesmas em quase todos terreiros, os assentamentos tem rituais e rezas muito parecidos, as diferenças entre as nações é basicamente em respeito as tradições próprias de cada raiz ancestral, como no preparo de alimentos e oferendas sagradas. O Ijexá é atualmente a nação predominante, encontra-se associado aos rituais de todas nações.

14.2.2 Crenças

O batuque é uma religião onde se cultuam vários orixás, oriundos de várias partes da África, e suas forças estão em parte dentro dos terreiros, onde permanecem seus assentamentos e na maior parte na natureza: rios, lagos, matas, mar, pedreiras, cachoeiras etc., onde também invocam as vibrações de seus Orixás.

Todo ser humano nasce sob a influência de um orixá, e em sua vida terá as vibrações e a proteção deste Orixá que está naturalmente vinculado e rege seu destino, com características individuais, em que o Orixá exige sua dedicação, onde este poderá ser um simples colaborador nos cultos, ou até mesmo se tornar um *Babalorixá* ou *Iyalorixá*.

Há uma questão de ordem etimológica no Termo Pará, onde afirma-se ser este o outro nome pelo qual é conhecido o batuque, ora sabe-se que todo frequentador de

Terreiros chama a Verdade o *Peji* ou quarto de santo de Pará e não o ritual sagrado dos orixás, este sim é batuque.

Esta questão já está dimensionada desde os anos 50, nas pesquisas etnográficas de Roger Bastide sobre a religião africana no Rio Grande do Sul.

São consideradas Religiões afro-brasileiras todas as religiões que tiveram srcem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

As religiões afro-brasileiras são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões africanas, e diferentes das

religiões afro-caribenhas como *santería* e o *vodu*.

14.2.3 Orixás

O culto, no batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo *Bará* o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros, no *candomblé* o chamam *dExu* (orixá).

Entre os orixás não há hierarquia, um não é mais importante do que o outro, eles simplesmente se comple-

tem cada um com determinadas funções dentro do culto. Os principais orixás cultuados são: *Bará*, *Ogum*, *Oia-Iansã*, *Xangô*, *Ibeji* (que tem seu ritual ligado ao culto de *Xangô* e *Oxum*), *Odé*, *Otim*, *Oba*, *Osanha*, *Xapanã*, *Oxum*, *Iemanjá*, *Nanã* como qualidade velha de *Yemanjá*, *Oxalá* e *Orunmilá* (ligado ao culto de *Oxalá*).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: *Legba*, *Gama* (divindade ligada ao culto de *Xapanã*), *Zina*, *Zambirá* e *Xanguin* (qualidade rara de *Bará*) que só os mais antigos tem conhecimentos suficientes para fazer seus rituais e maior ligação com a Nação de *Kambina* (Cabinda).

Bará

Bará é a contração da palavra ioruba *Elegbara* (Ele - possuidor + *agbara* - poder) significando "O possuidor do po-

der". O corpo em *Yorubá* é "ara" mas nada tem a ver com *Exu* *Bará*, apesar da semelhança do fonema. *Bará* é a denominação do orixá *Exu*, no Batuque - religião afro-brasileira praticada no Rio Grande do Sul.

Por ter várias características pertencentes aos homens, *Bará* se apresenta como o Orixá mais humano de todos os Deuses africanos. É um Orixá prestativo e presente, segurando todas as futuras necessidades dos homens, mas deve ser sempre o primeiro Orixá a ser servido em qualquer obrigação - caso contrário, algo desagradável pode acontecer. Mas basta servi-lo primeiro e assim o ritual estará bem encaminhado. É o Orixá responsável pela boa abertura dos trabalhos, para os negócios e as vidas, des-trancando caminhos e abrindo portas ou trancando e fechando, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável.

No passado, as obrigações do Orixá *Bará* eram dadas so-

mente com homens, como por exemplo, a *lupa* para o *Oxalá* *Bará*. Hoje já existem mulheres aprontadas ao Orixá *Bará*, principalmente aos que chamamos de "dentro do templo", como *Lanã*, *Adague* e *Agelú*. Mas não podemos esquecer que suas raízes africanas, tanto *yorubá* quanto *bantu*, estão ligadas aos cultos masculinos, pois independente da qualidade, ele é o Orixá *Bará*, energia de virilidade masculina e ímpar.

No aprontamento de um filho do Orixá *Bará* na Nação Religiosa de *Kambina* (Cabinda), uma das nações do Ba-

tuque, segue-se algumas escolhas importantes, como um *Babalorixá* de orixá "dito" masculino e o *Padrinho* de religião, também obedece o mesmo procedimento. Caso o iniciado tenha outros padrinhos por conta de outros *Axés*, a hierarquia e o respeito de se ter um homem de orixá masculino e com aprontamento superior se repete.^[1]

Uma de suas características mais marcantes, está presente em uma das milhares de lendas existentes sobre este Orixá. Conta a lenda que certo dia *Bará* desafia *Oxalá*, a discussão em pauta era saber quem era o mais antigo. Logo aquele que deveria receber mais respeito, e se tor-

nar o soberano em relação ao outros, após uma batalha cheia de peripécias e truques, *Oxalá* domina a cabaça de *Bará*, onde está sua concentração de poderes, tornando-lhe assim seu eterno servo.

- Saudação: *Alúpo* ou *Lalúpo*
- Dia da Semana: segunda-feira ou sexta-feira (*Bará Agelú*)
- Número: 7 e seus múltiplos
- Cor: vermelha
- Guia: corrente de aço (para alguns) ou verme lha escura e vermelha sangue (*Lanã*, *Lodê*, *Adague* e *Agelú*)
- Oferta: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no [azeite de dendê]
- Ferramentas: corrente, chave, foice, moedabúzios, entre outros
- Ave: galo vermelho
- Lugares na natureza: encruzilhadas.

Qualidades

- *Bará Lodê* (*Olodê*): Guardião da parte externa do templo
- *Bará Lanã* (*Onã*): Guardião da porta do templo
- *Bará Adagbe*: Guardião da parte interna do templo
- *Bará Agelú* (*Jelú*): Guardião dos orixás "chamados mel ou praia" e das areias da praia
- *Bará Elegbará*: Como *Lodê*, também faz a segurança a parte externa do templo, mas dentro do Fundamento da Nação de *Kambina* (Cabinda), não há incorporação.

Ogum

Ogum é o dono do ferro e de todos os seus derivados, como armas e ferramentas. Também é dono da bebida alcoólica e é considerado o senhor da guerra. É esposo de Iansã, que o traiu com Xangô após embebedá-lo com *atã*.

Por ser o dono do " *obe*" (faca), sem ele não tem como outros orixás serem feitos. Qualquer sacerdote de orixá tem que ter Ogum em seus assentamentos, pois este é o donodo *axé* das facas. Por ser dono das armas, é invocado

para vencer demandas. Pela mesma razão é o protetor dos policiais e dos soldados.

A diferença entre as obrigações de *facade* Ogum e Bará é que o primeiro é firmado para a ritualística de somente Orixás, enquanto que o segundo é firmado para serviços de Egúns e trocas.

Na Nação de *Kambina* (*Cabinda*), existem três classes de Ogum: *Avagã*. Cultuado na parte externa do templo. Junto com o Bará Lodê, faz a proteção externa do local. Tem tendência a ser usado em trabalhos de maior demanda. *Onira*. Cultuado na parte interna do templo. Tem como missão proteger todo espaço do culto contra demandas de morte e feitiços. *Adiolá*. Ogum da parte interna do templo. Trabalha principalmente com os orixás de praia.

Em algumas casas da Nação de *Kambina* (*Cabinda*), há uma quarta classe de Ogum, que recebe o nome de *Olo-bedê*. Trabalha também na parte interna do templo, com ações de limpeza e afastamento de energias maléficas. É um Ogum muito severo, mas de grande consciência.

Na Nação Ijexá são cultuados *Ogum Avagã*, *Ogum Onire* e *Ogum Adjolá*. Este último é um guerreiro guardião que trabalha na beira da água a mando de Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ogum Avagã tem seu assentamento junto a *Bára* e *Oyá*.

Na Nação Nagô são cultuados *Ogum Wari*, *Alagbede*, *Olode*, *Alé*, *Ôgúnjã*, *Meje*, *Onire* e *Soroke*.

Características

As suas cores são o vermelho e o verde^[5] (para o Meje, verde e branco). O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira (segunda-feira para Ogum Avagã), e o seu sincretismo é com São Jorge (em algumas nações Ogum Avagã é sincretizado com São Paulo). A sua saudação no batuque, "*Ogunhê*", é muito usada nas procissões em comemoração ao Dia de São Jorge (23 de abril)^[6], juntamente com saudações aosanto católico

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para Ogum Avagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo, e sua pedra é o diamante.

As suas atividades são a agricultura, a batalha, as via-

gens, os caminhos, e acaça. Na Nação de *Kambina* (*Cabinda*), seu fio é feito com uma conta verde-mato e uma vermelho-sangue. Algumas casas também adotam o fio com 7 contas para cada uma na sequência, por ser seu número. Já Avagã, suas cores são o verde e o vermelho escuro. Na Nação Ijexá, a sua guia (fio-de-contas) é feita com uma conta verde e uma vermelha para Ogum Onira e Ogum Avagã; para Ogum Adjola, contas azuis são incluídas. No Jeje a sua guia é feita em verde e branco, com predominância do verde.

Lugares na natureza: campos, matas e encruzilhadas^[6].

Oferendas

- Uma costela de boi com 3, 5 ou 7 ripas
- Miãmiã gordo (farinha de mandioca com azeite de dendê)
- Pipoca, folhas de alface (para Ogum Adjolá), uma maçã vermelha (para Ogum Onira), uma laranja de umbigo (para Ogum Avagã)
- Vela: verde com vermelha; verde escuro para Ogum Avagã (Nação de *Kambina* (*Cabinda*) e Ijexá); verde com branca (Jeje)

Lenda da coleta dos búzios

Divida à tração de Ojá, Ogum e Xangô jamais se reconciliaram, pois se acusaram por se encontrarem em acirradas disputas.

Certa vez, Ogum propôs a Xangô que realizassem uma trégua nessas lutas, pelo menos até à lua seguinte. Xangô respondeu com alguns gracejos, que Ogum revidou, mas propôs uma aposta: que ambos se dirigissem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. O perdedor ofereceria ao vencedor o fruto da sua coleta. Estando acertados, Ogum deixou Xangô e dirigiu-se à casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse *ãkú* (a morte) que fosse à praia na hora em que ele havia combinado com Xangô. Ojá exigiu uma certa quantia em ouro, que prontamente recebeu de Ogum.

No dia seguinte, Ogum e Xangô amanheceram na praia, iniciando a coleta. De vez em quando se entreolhavam, e Xangô lançava ditos jocosos contra Ogum, sem perceber que Ikú se aproximava de si. Ao levantar os olhos, deparou-se com Ikú, que riu de seu espanto. Assustado, Xangô abandonou a sua sacola com os búzios colhidos, se escondendo. No fim do dia, Ogum procurou Xangô mostrando a sua coleta. Xangô, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto da sua coleta.

Oyá

Oyá de tradução yoruba, que significa nove. É associada a sensualidade, a força feminina e a guerra. *Orixá* dos

ventos e das tempestades, foi esposa de Ogum, o qual deixou por amor a Xangô; Dentre os os Orixás femininos é considerada com Obá, uma das mais guerreiras.

Oyá é tradicionalmente conhecida como uma manifestação jovem, sendo o nome Yansã (que sopra o vento), conhecida como sua forma mais madura e muito utilizado também na umbanda popular. É o primeiro Orixá feminino a ser cultuada na hierarquia do Batuque em todas as Nações.

Está associada aos ventos, raios e tempestades. Muito comumente os batuqueiros a se perceber uma forte ventania, diz-se que Oyá está “abanando a saia”. Também rege a sexualidade feminina e, por conseguinte, a sedução e as paixões. É a “dona do teto” e da panela, portanto para os batuqueiros, quem tem Oyá nunca fica desabrigado, e nem passa fome. Pelo fato de dominar os Eguns, é sempre invocada quando o problema se trata de uma possível perturbação causada por estes espíritos não evoluídos. Por ser um Orixá diretamente associado a Ogum, é cultuada nos mesmos lugares e em companhia deste Orixá, sendo que aceita melhor suas oferendas, se depositadas junto a uma pitangueira, árvore consagrada a ela. Suas cores são a combinação do vermelho com o branco, dando ênfase ao vermelho. Na Nação de Cabinda além de Ogum, Oyá também faz adjunto com Xangô, Bará e Xapanã.

Número: 7

Guia: 7 contas vermelhas e 7 contas brancas cristais em outra pode ter sua cor sendo o marrom

Dia da semana: Terça-feira

Saudação: Paieio na Nação de *Kambina* (Cabinda), mas muito confundida com a saudação da umbanda como Epa eio e Eparreio.

Qualidades: Oyá, Timboá, Dirá e Yansã.

[7]

Sangó

Sangó (em yorubá) é um dos principais Orixás do Batuque. Na tradição temos *Xangô Agodô* (mais sábio) que é sincretizado com São Jerônimo, *Xangô Aganjú* (o mais jovem) com São Miguel Arcanjo e *Xangô Aganjú de Ibêje* (criança) com Cosme e Damião. *Sangô Aganjú Ybeji*, na

realidade, é uma qualidade de *Sangô Aganjú* que tem seu Ybeji especificamente quando o elegun = (yawo) que é do orisá *Sangô Aganjú* tem alguma ligação orisá Orisá Ybeji ou vice-versa. E *Sangô Kamuká* que especificamente é considerado o Rei da nação Kabinda. Estas são as qualidades de Xangô nas Nações de: Oyó, Kabinda, Jeje, Ijesa, Nagô e Congo.

Sua comida preferida é o [amalá] é seu dia da semana é Quarta-feira, juntamente com Oyá. Suas cores são o vermelho e o branco e sua saudação é *Kao kabecile*.

Xangô é considerado o Rei de várias nações. No Batuque do RS, a Nação de Oyó e de Kabinda o tem como seu Rei supremo. Talvez daí a grande importância, pois no ritual a principal dança o alujá, é dedicado a Xangô, como coroamento das obrigações de 4 patas feita nas Nações.

Além de ser o dono da Balança (Kassun), é considerado o pai dos Ibêjes, sendo também um dos regentes dos Eguns no Batuque. Durante a Balança, a presença de Xangô é imprescindível, pois ele gera a harmonia e força para a confirmação das obrigações que estão sendo realizadas.

Orixá da justiça e das escritas, suas ferramentas são o machado de dois fios e um fio, o livro e a balança. A pedreira é o local de oferendas a Xangô, de preferência se for perto de algum rio ou praia. Seus assentamentos são tratados com epô, mas Xango Ibêje, também recebe mel em seus trabalhos. Na mitologia africana, Xangô teve três esposas: Oxum, Oyá e Obá, que geralmente são seus adjuntos na Nação de *Kambina* (Cabinda).

- Saudação: Kao Kabecile
- Número: 6 e seus múltiplos
- Cor: vermelho e branco
- Guia: 6 contas vermelhas e 6 contas brancas

Ibêji

Ibêji (yorubá), *Ibêje* ou *Ibeji*, na Nação *Ijexê* na Nação de *Kambina* (Cabinda) do Batuque, são entidades Gêmeas que formam um único orixá. São Orixás infantes.

Seu assentamento é feito em “vultos” (orixás feito em madeira). A homenagem aos Ibêjes, chamada de Mesa de Ibêje consiste numa mesa (toalha arreada no chão) na qual se serve somente crianças até sete anos de idade e mulheres grávidas, para comerem canja feita das aves que foram sacrificadas aos Ibêjes, doces de toda qualidade, brinquedos e balas.

Geralmente, Xangô e Oxum ocupam seus filhos de santo para prestigiar. Yemanjá e Oxalá também podem ser fazer presentes na cerimônia. Não é comum a presença de outros orixás chegando a Mesa de Ibêje por se tratar de um rito doce e onde a energia da fecundidade está muito presente.

São os melhores para trabalhar na Nação pois possuem o mel de uma criança e o azedo de um adulto.

Diferente do Candomblé, onde Ibêje é cultuado como Orixá ímpar, no Batuque eles são cultuados como qualidades de seus pais. Tanto Xangô Agandju Ibêje, quanto Oxum Epandá Ibêje, recebem as oferendas e pedidos de quem precisam de suas preces.

Na África, Ibêje é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibêje mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem

pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Por isso de sua herança e importância na cultura afro brasileira.

- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda): Terça-feira (Xangô Agandju Ibêje). Sábado (Oxum Epandá Ibêje)
- Número: 6 para Xangô Agandju Ibêje e 8 para Oxum Epandá Ibêje (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Cor: Todas as cores, menos o preto
-

Sincretismo: Cosme e Damião e Nossa Senhora de Fátima

Odé

Odé é o orixá das matas e florestas onde vive a caçar. É o protetor dos caçadores e seu nome deriva desta palavra. Seus filhos são espertos, rápidos e atentos.

Descrição

Considerado uma das mais belas danças nos cultos afro brasileiros, pois ocupa seus filhos dançando com um arco e com bela movimentação. No Candomblé, é conhecido mais como Oxóssi. Em grande parte dos itóns (lendas), aparece como o irmão caçula de Bará e Ogum. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sua dança é sempre acompanhada de sua grande companheira, Otin. Considerado na África antiga, o Rei de Ketu. Tem uma importância no desenvolvimento religioso e intelectual entre os yorubás, mas seu culto é difundido em todas as nações do Batuque do RS. Apesar de ser o grande caçador e arqueiro entre os Orixás, nos cultos puramente africanos, suas oferendas eram devolvidas a natureza, pois é considerado o protetor dos animais. Em suas oferendas, são oferecidas comidas a base de porco, como costelas. Seu principal adjuntó é Otin. Mas Odé também pode fazer adjuntó com Yemanjá em raras vezes.

Característica

- Símbolo: Arco e flecha e a lança
- Cor: Azul marinho;
- Dia da semana: Segunda-feira; Na Nação de *Kambina* (Cabinda), sexta-feira
- Saudação: Oquê oquebamo ou Oke Okebambo.
- Número: 7. Outras nações adotam o 8.
- Alimento: Algumas nações cultuam somente com epô (azeite de dendê), outras também utilizam o mel.
- Guia: 1 conta azul, 1 conta rosa, 1 conta branca - (Nação de *Kambina* (Cabinda))^[8]

- Sincretismo: São Sebastião
- Filho único da orixá Yemanjá, tendo sido criado junto de Ogum e Bará, sendo estes grandes companheiros.

Otin

Otin (yorubá) ou *Otim* (usado na grafia do Batuque), significa rio que embriaga, transborda.

Em uma das centenas de itóns (lendas), temos Odé como

o terceiro filho de Yemanjá com Oxalá senhor da caça e Rei do Ketu o único verdadeiro amor de Oxum. Diz uma lenda que Odé um dia saiu de casa e ficou preso nas matas de Ossaim apesar de sua mãe o ter avisado, mas teimoso foi até as matas e Ossanha fascinado por suas habilidades o prendeu lá. Yemanjá ficou muito triste com a ausência de seu filho e se pôs a chorar. Então Oxalá deu ordem para Ossanha soltar Odé para ver sua mãe, mas, por ter passado muito tempo, Odé se acostumou a viver nas matas. Sendo assim, visita sua mãe, mas sua morada ficou sendo as matas, onde a partir daí conhece Otin.

Outra versão:

Companheira inseparável de Odé, vive no mato em sua companhia. Esta Iyabá é pouco cultuada no Brasil, mas seu fundamento foi conservado nas Nações de Batuque no Sul do país. É raro encontrar iniciados a Otin. É uma Orixá que se alimenta de todo tipo de caça, porém seu alimento preferido é a carne de porco. Por conta disso, um dos arquétipos dos filhos de Otin é a gula.

Ela reina toda a fauna (fêmeas) protegendo as florestas e o ecossistema. Dentro da religião, muitos comentam que não há ocupação de Otin em seus cavalos de santo ou até mesmo não se dá Ori a Otin. Tanto na Nação *Kambina* (Cabinda), Jeje ou Ijexá, o aprontamento de Otin já é fato corriqueiro. Geralmente Otin é adjuntó de Odé e vice-versa. Em alguns templos, o tratamento de Otin é feito somente com epô, mas alguns sacerdotes também adotam o epô com mel em suas feitura.

Existe uma lenda que fala que Otin e Odé era dois irmãos que caçavam juntos eles são inseparáveis um carrega com sigo plantas com poderes de cura e o outro arco e flecha para a caça são guerreiros na mata.

- Saudação: Oquê Oquebamo
- Número: 7 ou 8, dependendo da Nação
- Cor: Azulão, rosa e branco (3 contas de cada cor) na Nação de *Kambina* (Cabinda)
- Sincretismo: Santa Bernadete

Obá

Obá, (Rainha em yoruba) Obá (usado em sentido literário no Batuque, mas que significa Rei) é a Orixá associada as

lutas e de grande virilidade feminina. Seu culto é cheio de tabus, principalmente para os mais antigos. Não é muito fácil encontrar filhas (os) de Obá. Diz-se que no passado na Nação de *Kambina* (Cabinda), somente mulheres eram iniciadas e se tem notícias ainda hoje, que durante suas rezas no passado, os homens não tinham permissão de dançar, da mesma forma que as mulheres não dançavam para qualquer qualidade do Orixá Bará. Nos antigos terreiros da Nação de *Kambina* (Cabinda), somente as Yalorixás de orixás femininos poderiam aprontar filhas de Obá, sendo que somente Madrinhas de Religião tam-

hponkãmãisê Obá sòm prelãm usar oscultidã para sãbes.

Seu aprontamento se reserva a detalhes bem específicos, que é de conhecimento dos mais antigos. Diferente do culto das outras iyabas, nela não há presença de homens e até mesmo crianças dentro de seu culto. Mas de anos para cá, talvez o orixá tenha se “adaptado e/ou aceitado” algumas situações como aprontamento de homens ou até mesmo o orixá como passagem de alguns orumalés masculinos. No Candomblé (Ketú), Obá é tratada como uma orixá da justiça e das águas revoltas. Em geral, no Batuque, ela está mais ligada como orixá das rodas e do corte, apesar de se tratar da mesma orixá, mas que demonstra toda tenacidade deste (a) orixa.

Obá foi uma das três esposas de Xangô, na qual diz a lenda que ao tentar agradar o marido, foi convencida por Oxum a cortar sua orelha. Em uma das rezas de Obá, dança-se com uma das mãos nas orelhas em homenagem

a este itôn (lenda).

Em grande parte das Nações que compõem o Batuque do RS, as (os) filhas (os) Obá tem como adjuntó o Orixá Bará ou Xangô ou Xapanã. Em todas as suas obrigações, ela é tratada com Epô (azeite de dendê) e sempre invocada em caso de brigas e de reequilíbrio do sistema físico emocional.

- Dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira,
- Dia da semana na nação de *Kambina* (Cabinda) é quarta-feira.
- A cor é rosa, mas na nação de *Kambina* (Cabinda) também se adota o marrom, porém é pouco usual e mais utilizada pelo antigos, segundo Paulo T. B. Ferreira, em sua obra “Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”.
- É sincretizada com Santa Catarina de Alexandria. Em outras nações com Santa Joana D’Arc.
- A saudação no Batuque é EXÓ. Já no Candomblé e outras nações não afro-gaúchas a saudação é Obaxirê
- A cor da guia é rosa ou marrom. Também pode ser feita com estas cores intercaladas.
- Seu número é 7.

Ossaim

Ossaim, é o médico das Nações que compõem o Batuque. É o dono das plantas medicinais e seus estudos. Sua importância é fundamental nos ritos africanos desde uma simples lavagem de cabeça até o assentamento de orixás começam com o uso de suaservas.

Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a Ossaim; é ele quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos Orixás.

Divide com Xapanã o axé sobre a saúde física.

- Na Nação de Ijexá sua cor é o verde claro e amarelo. Na Nação de *Kambina* (Cabinda), se usa o verde e branco
- Dia da semana na nação Ijexá e na nação *Kambina* (Cabinda) é segunda-feira. (Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás - Paulo Tadeu B. Ferreira. Ed Toqui).
- Seu número é o 7 e seus adjuntos são Oxum e Yemanjá na Nação de *Kambina* (Cabinda).

O Orixá Ossanha é o senhor das folhas. A este Orixá pertencem todas as folhas e ervas utilizadas no culto. A lenda diz que foi Oyá que abanou a saia e fez com que os ventos espalhassem as folhas, para que desta forma, os demais Orixás pudessem apoderar-se de algumas, mas

que de maneira geral pertencem mesmo a Ossanha.

Também se conta que este Orixá teve uma das pernas amputadas, por isso na maioria das vezes, quando manifestado, ele dança e se movimenta numa só perna. Logicamente que Ossanha rege a flora, e devido ao poder de cura das plantas, sendo ele o detentor do conhecimento sobre a eficácia de cada uma delas, é um dos Orixás “médicos” do Orunmalé. Além da homeopatia, o conhecimento de cura das doenças ligadas ao esqueleto ósseo humano também tem colaboração de Ossanha. As oferendas a Ossanha devem ser entregues no interior da mata, sendo o coqueiro a árvore consagrada a este Orixá. Como se torna cada vez mais difícil encontrar áreas de mata dentro da cidade, é muito comum depositarem suas oferendas em áreas gramadas junto a coqueiros ou palmeiras, (praças, por exemplo), ou até mesmo junto a figueiras, que é uma árvore consagrada a outro Orixá “médico”, mas que mesmo assim, é aceito de bom grado por Ossanha. Suas cores são a soma do verde e do amarelo ou verde com o branco e a mistura destas, resulta em um verde bem clarinho. Seu dia da semana é a sexta-feira e o seu sincretismo afro-católico, São José na Nação Ijexá e na Nação de *Kambina* (Cabinda) é na segunda-feira^[9]

Xapanã

Xapanã no Batuque, é o Orixá da varíola e de todas as doenças contagiosas, senhor da saúde e das doenças, pois

tanto pode produzi-las, como curá-las, no Candomblé é também conhecido como Obaluayê ou Omulu, dependendo da Nação que o cultua.

Xapanã, vem de Sànpònná (fon), idioma do povo Jêje do antigo Daomé, atual Benin, que significa Dono da Terra. Os daometanos sempre foram muito temerosos, já que seus cultos estão srecinados no sacrifício e poder que os orixás tinham sobre o povo. O nome Obaluayê e Omulu, aparecem depois, com as ligações dos deuses daometanos com os dos yorubás. Os nomes em yorubás significam títulos recebidos por Xapanã pelas conquistas que acon-

teceram no passado, onde o primeiro significa Senhor da Terra e o segundo, Filho do Senhor da Terra.

Atualmente há uma grande corruptela no meio literário, principalmente da corrente da “Magia Divina”, que passou a se identificar ou a usar a “roupagem” umbandística tempos atrás, dando denominações diferentes da Tradição milenar africana, mesmo sendo estes três nomes o mesmo orixá, só que nos idiomas dos seus povos, Jêjes (idioma Fon) e Nâgos (idioma yorubá).

Embora seja Rei de Jeje, é muito cultuado em todas as nações do Batuque. Muitos o colocam como Orixá do cemitério e associado a morte. Na verdade, era o grande guerreiro dos Jêjes, que o temia, porque além das guerras, trazia as epidemias e doenças e por conta disso nas religiões afro-brasileiras, ficou muito vinculado ao lado de grandes catástrofes.

NoBatuqueéodonodavassoura,comquevarreosmales

dos nossos caminhos. É o legítimo dono da limpeza. Na maioria dos trabalhos de refigião que envolva limpezas das mais complexas, sempre Xapanã é reverenciado.

Geralmente seus filhos trazem como adjuntó Oyá, Obá e raramente Oxum. Sempre é representando com a palha da costa encobrindo as feridas de seu rosto guerreiro. O tratamento de seus assentamentos é sempre com epô.

- Suas cores são o vermelho e preto (Jubeteí e Belujá) e roxo (Sapatá) -
- Sua vassoura para trabalhos tem sete cores.
- Sincretizado com Nosso Senhor dos Passos, São Lázaro e São Roque.
- Dia da semana na Nação de *Kambina* (Cabinda) e Ijexá é quarta-feira e segunda-feira no Candomblé.
- Seu número é 7 e seus múltiplos. Alguns Babalorixás da Nação de *Kambina* (Cabinda) adotam também o 9.

Oxum

Oxum (yoruba) ou *Oxum no Batuque*, significa “águas”. Na verdade não existe um nome exato para a tradução de seu nome dentro do grupo linguístico latino, mas é representada pela riqueza, ouro e águas doces. Rege a fecundidade feminina, protege o feto e a gestação. Mulheres

grávidas ou que querem engravidar recorrem sempre a Oxum para que lhe dê proteção durante todo processo de crescimento de seus filhos.

Oxum é uma das orixás mais cultuadas no Brasil. Em grande parte, ela se apresenta maternal, receptiva, mas também possui seu lado guerreiro e ativo. Sua dança é sempre majestosa, com ritmos sinuosos, leves podendo chegar a movimentos mais performáticos. Dona das línguas e envolvida com a grande magia sacerdotal feminina, Oxum sempre foi uma orixá onde independente dos seus reinos de domínio é procurada por todos os adeptos

do afro-gaúcho para alcançar harmonia e prosperidade em vida.

Oxum também é responsável dentro da Nação pela Mesa de Ibeje, juntamente com Xangô. Esta é uma das principais obrigações de aprontamento para que os filhos tenham uma vida doce e próspera em sua nova jornada. Em uma de suas danças, Oxum joga perfume em toda assistência, como forma de benção e de abrir caminhos a fecundidade, refletindo a beleza suave e magistral desta grande orixá.

Oxum cuida de seus filhos na maternidade existe uma lenda que fala, que quando ela ganha os filhos quem cria é Iemanjá, mãe guerreira nunca desampara seus filhos.

Dentro da Nação de *Kambina* (Cabinda), temos algumas qualidades abaixo reverenciadas:

- *Oxum Adocá*: A grande matriarca e sábia.
- *Oxum Olobá*: A Oxum da “lomba”. Relacionada aos problemas de saúde e risco de morte nas gestações e crianças menores.
- *Oxum Demum*: A grande conhecedora da cura pelas folhas e dos segredos das cachoeiras mais afastadas.
- *Oxum Epandá*: Moça, coquete, vaidosa e guerreira.
- *Oxum Epandá Ibeje*: a mais jovem das oxuns em sua forma infante.

No Candomblé, segue abaixo algumas particularidades:

- *Oxum Agba Ilu*: matriarca e idosa.
- *Oxum Ijimu*: velha e feiticeira.
- *Oxum Aboto*: Oxum idosa.
- *Oxum Opara*: Oxum jovem.
- *Oxum Ajagurá*: outra Oxum jovem e guerreira.
- *Oxum Ipondá*: moça, elegante e vaidosa.
- *Oxum YeYe Oke*: guerreira.
- *Oxum YeYe Karé*: Oxum jovem.
- *Oxum YeYe Oda*: guerreira do rio.

- *Oxum Iyáomí*: ligada a Yemoja. Braços de rio com o mar.

Geralmente Oxum faz adjuntó no Batuque com Bará, Xangô, Ossanha e Oxalá. Raramente com Xapanã e Ogum.

- Cor: Amarela
- Número: 8 e seus múltiplos (Nação de *Kambina* (Cabinda))
- Guia: Desde a amarela clara, passando por amarela gema e amarelo ouro. Para Epanda de Ibeje, todas as cores menos o preto.
- Sincretismo: Nossa Senhora Aparecida
- Dia da semana: Sábado

Iemanjá

Yemojá (yorubá) significa filha do peixe. Iemanjá no Batuque, divindade das águas salgadas, dos mares e oceanos, Orixá que gera o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinhos. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família. Considerada a orixá do pensamento. Por este motivo que recorremos a ela para solucionar problemas de depressão e de instabilidade emocional. ::

Enquanto Oxum está mais presente na energia de fecundidade, Yemanjá tem sua força na vida (manutenção e consciência).

As Qualidades de Yemanjá no Ijexá:

1. Olo-bomí - na África é mulher de Obatalá;
2. Bomi - ligada a Jobokun e Orunmilã;
3. Boci - ligada a Obokun;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda); 1. Boci - A mais jovem - Rege as partes rasas das águas 2. Bomi - A mais idosa - Rege o alto mar. 3. Nanã Borocum - Dona da srcem da vida, não há culto direto a Nanã Borocum, por este motivo, ela é considerada em algumas casas da Nação, como uma qualidade velha de Yemanjá

Yemanjá tem como seu adjunto geralmente Oxalá, mas em alguns casos pode ser Odé.

As Qualidades de Yemanjá no Candomblé:

1. Iyáogunté - ligada a Ogum Alagbede;
2. Iyásagbá - ligada a Oxalufã e Orunmilã;
3. Iyásesu - ligada a Olokun e Obaluayê;
4. Iyá Atará Mogbá - ligada ao rio;

5. Yeyemowo - da terras de Ifé ligada a Obatalá;
6. Iyámasémálé - das terras de Oyó ligada a Xangô;
7. Maiylewá - da terras de Ijexá, ligada a Ossain;

As ervas de yemanjá são: rosa branca, palma, erva Santa Lúzia e Santa Bárbara, chapéu de couro, açucena, pata e unha de vaca, fruta da condessa, algas marinhas coco do iri, e outros mais.

Em suas oferendas come ovelha, cabra, galinhas brancas, angola,omba. Suas comidas são canjica, branca no dendê, arroz com mel, manjar, champagne, vinho branco e peixe assado na folha de banana.

A maior quizila de yemanjá é a poeira e o sapo e seu feitiço é a pedra polida pelas águas; a sua saudação nos búzios "Eru Yá" quer dizer Salve sra. do cavalo marinho, mas na Nação se usa Omi-odo

- Número: 8 e seus múltiplos (*Kambina* Cabinda)
- Cor: azul claro
- Guias: Azul claro e lilás (Nanã Borocum)
- Dia da semana: Sábado
- Sincretismo: Nossa Senhora dos Navegantes

Oxalá

Pai de todos os Orixás e mortais, Oxalá é o mais respeitado Orixá nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros Orixás, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega quase se arrastando, caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum Orixá moço. Pertence a Oxalá de Orumiláia a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios

- Saudação: Epãô Babá!
- Dia da Semana: No Ijexá e no *Kambina* (Cabinda) Domingo para Orumiláia, ou Oxalá Velho Quarta-feira para Oxalá Novo, no Nagô sexta-feira para todos Oxalás.
- Número: 08 e seus múltiplos.
- Cor: Branco e amarelo com preto (no Jeje), branco com preto para Oxalá de Orumiláia (Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá)
- Guia: toda branca em todas as nações, amarelo com preto no Jeje, branco com preto em Oió, *Kambina* (Cabinda) e Ijexá e no Nagô amarelo com verde para Orumiláia.

- Ofeñenda: canjica branca em todas as nações, no nago inhame para os Ajagunãs.
- Ferramentas: jóias em prata, caramujo(ebi), sol, caxado, pomba de prata, moedas e búzios, para Oxalá de Orumiláia acrescentamos olhos de prata
- Ave: Galinha branca e galinha preta para Oxalá de Orumiláia, usado apenas no axé de Búzios e para os outros Oxalás, somente galinha branca.
- Quatro pé: cabrita branca e com pequenas manchas pretas para Oxalá de Orumiláia.

Qualidades de Oxalá no Ijexá e no *Kambina* (Cabinda):

- Oxalá Obocum: Rei de Ilesá, confundido com Oxa-guiã.
- Oxalá Jobocum: Oxalá Velho.
- Oxalá de Orumiláia: Dono dos oráculos.
- Oxalá Olocum: Ligado as águas.
- Oxalá Dacum: Oxalá de meia-idade.

Qualidades de Oxalá no Nagô:

- Oxalá Olufon: Rei de Ifon, carrega Opaxorô;
- Oxalá Ajaguna: Rei de Ejigbo, comedor de inhame;
- Oxalá Oke: Da Montanha;
- Oxalá Oko: Da Agricultura;
- Oxalá Danko: Do bambu branco;

Na Nação de *Kambina* (Cabinda), não existe ocupação de Oxalá de Orumiláia. Por estar relacionado ao Oráculo do axé de búzios, seu assentamento é somente para para este tipo de caso. Geralmente faz adjuntó com Oxum e Yemanjá, regendo também a vida e a prosperidade.

14.2.4 Templos

No Rio Grande do Sul a área de conservação das religiões africanas vai de litoral à fronteira do Uruguai, com

os grandes centros de Rio Grande do Sul e Porto Alegre. Foi o Príncipe Custódio berço de religião africanista no Rio Grande do Sul.

No batuque, os templos terreiros são quase que em sua totalidade vinculados as casas de moradia. É destinado um cômodo, geralmente na parte da frente da construção onde são colocados os assentamentos dos Orixás. Neste local são feitos todos os fundamentos de imolações e trabalhos determinados, oferendas para os orixás, e o local é considerado sagrado, pessoas vestidas de preto, mulheres

em dias de menstruação não entram. Junto a esta parte da casa, chamada de quarto de Santo ou Peji, há o salão onde são realizadas as festas para os orixás.

O estado do Rio Grande do Sul foi o maior responsável pela exportação dos rituais africanos para outros países da América do Sul, entre eles Uruguai e Argentina, que também procuram seguir a maneira de cultuar os orixás, e a construção dos templos seguem exemplos dos seus sacerdotes.

Todos os orixás são montados com ferramentas, Okutás (pedras) etc. e permanecem dentro da mesma casa, com exceção do Bará Lodê e do Ogum Avagã, que tem seus assentamentos numa casa separada, ficando à frente do templo onde recebem suas oferendas e sacrifícios. A casa dos Eguns também tem lugar definido, é uma construção separada da casa principal, na parte dos fundos do terreiro, onde são feitos diversos rituais.

Em caso de falecimento do babalorixá ou iyalorixá, dono do terreiro, fica a critério da família o destino do templo, geralmente não tendo um familiar que possa suceder o morto o templo é fechado. Na maioria dos casos na morte de um sacerdote, todas as obrigações são despachadas num ritual específico chamado de Eresum, semelhante ao axexê do candomblé, por este motivo é muito difícil encontrar ilês (casas) com mais de 60 anos, são muito poucos os sacerdotes que destinam seus axés a um sucessor, para dar prosseguimento à raiz.

14.2.5 Rituais

Os rituais são próprios e locais e embora tenha alguma semelhança com o 'Xangô de Pernambuco', é muito diferente do candomblé da Bahia.

Os rituais de Jêje tem suas rezas próprias (fon), e ainda se vê este belo ritual em dois grandes terreiros na cidade de Porto Alegre, as danças são executadas de par, um de frente para o outro. Há também muitas casas que seguem os fundamentos da nação Oyó que se aproxima muito do ijexá já que, estas duas provêm de regiões próximas na Nigéria.

A principal característica do ritual do Batuque é o fato de iniciado não poder saber em hipótese alguma que foi possuído pelo seu orixá, sob pena de ficar louco.

Seus trabalhos não existem em autonomia e a prática de tem no candomblé, exercem plenos poderes em seus ilês. Os filhos de santo se revezam nos cumprimentos das obrigações.

No mínimo uma vez por ano são feitos homenagens com toques para os Orixás, mas as festas grandes são de quatro em quatro anos. Chamamos de festa grande a obrigação que tem ebô, ou seja quando há sacrifícios de animais de quatro patas aos orixás, cabritos, cabras, carneiros, porcos, ovelhas, acompanhados de aves como

galos, galinhas e pombos.

Esta obrigação serve para homenagear o orixá “dono da casa” e dos filhos que ainda não possuem seu próprio templo. A data é geralmente a mesma que aquele sacerdote teve assentado seu orixá, a data de sua feitura. As festas têm um ciclo ritual longo, que antigamente duravam 32 dias de obrigações, hoje diante das dificuldades duram no máximo 16. O começo de tudo são as limpezas de corpo e da casa, para descarregar totalmente o ambiente e as pessoas, de toda e qualquer negatividade; em seguida são preparados as oferendas e sacrifícios ao Bará. A partir

deste momento, os iniciados já ficam confinados ao templo, esquecendo então o cotidiano e passam a viver para os orixás por inteiro até o final dos rituais. No dia do serão (dia da obrigação de matança), todos os orixás recebem sacrifícios de animais. Os cabritos e aves são preparados com diversos temperos e servidos a todos que participarem dos rituais, tudo é aproveitado, inclusive o couro dos animais, que sevem para fazer os tambores usados nos dias de toques.

Não há festa aos orixás sem a presença dos sacerdotes homenageados. A abertura se dá com a chamada (invocação aos Orixás), feita pelo sacerdote em frente ao peji (quarto de santo), usando a sineta de apenas uma campânula (alaje), saudando todos orixás. Ao som dos tambores, as pessoas formam uma roda de dança em louvor aos orixás, a cada um com coreografias especiais de acordo com suas características.

No final das cerimônias são distribuídos os mercados, (bancas contendo todo tipo de culinária dos Orixás, como: acarajé, axoxó (milho cozido e fatias de coco), farofa de aves, carnes de cabritos (cozidas ou assadas), frutas, fatias de bolos etc.), alguns consomem ali mesmo, outros levam para comer em casa.

Durante a semana são feitos outros rituais de fundamentos para os orixás, inclusive a matança de peixe, que para os batuqueiros significa fartura e prosperidade, os peixes oferecidos são da qualidade Jundiá e Pintado; estes são trazidos vivos do cais do porto ou do mercado público, onde o comércio de artigos religiosos é intenso.

No sábado seguinte é feito o encerramento das obrigações, com mesa de Ibejes e toque, novamente em homenagem aos orixás, neste dia são distribuídos mercados com iguarias e o peixe frito, significando a divisão da fartura e prosperidade com os participantes das homenagens.

Os filhos orixás. Após as obrigações, os iniciados vão ao mercado público e à casa de alguns sacerdotes, que fazem parte da família religiosa, para baterem cabeça em sinal de respeito e agradecimento; este passeio faz parte do cumprimento dos rituais. Após o passeio todos estão liberados para seguirem normalmente o cotidiano de suas vidas.

14.2.6 Egun

No batuque também temos a parte dos rituais destinados ao culto dos eguns. Este é um ritual cheio de magia e segredos onde poucos sacerdotes têm o completo domínio.

A casa dos Eguns (espíritos dos mortos) fica numa construção separada da casa principal, nos fundos do terreno, onde são feitas diversas obrigações em determinadas datas e quando morre alguém ligado ao terreiro; este local é denominado Balê.

Aos eguns também são oferecidos sacrifícios de animais, e comidas diversas que fazem parte somente deste ritual, não podendo ser usados em outras ocasiões.

Os eguns, assim como os orixás, tem suas rezas (cânticos) próprias, feitos na linguagem yorubá, e em dias de obrigações recebem toques ao som de tambores frouxos e com o acompanhamento de agê (instrumento feito com uma cabaça inteira trançada com cordão e contas diversas).

Cada nação tem rituais diferentes para este tipo de obrigação.

Egun um nome que não pode-se falar dentro de casa é como algo que não presta se falar algo como, um significado de morte, de coisas ruins, eles são usados e chamados para muita maldade são utilizados em casos ruins para o mal acreditasse que eles são seres que não carregam nem um pouco de luz.

14.2.7 Sacerdócio

O babalorixá ou iyalorixá tem a responsabilidade de formar novos sacerdotes, que darão continuidade aos rituais. Para isto é preciso preparar novos filhos de santo, que durante um certo período de tempo aprenderão todos os rituais para preservação dos cultos.

O sacerdote chefe deve passar aos futuros pais ou mães de santo, todos os segredos referente aos rituais tais como: uso das folhas (folhas sagradas), execução de trabalhos e oferendas, interpretação do jogo de búzios, e até mesmo como preparar um novo sacerdote.

Geralmente o futuro sacerdote já nasce no meio religioso, onde conviverá acompanhando todos os diversos rituais que darão suporte a seus afazeres dentro do culto, e terá pleno conhecimento de todos os tipos de situações que enfrentará em seu futuro templo.

O tempo de aprendizado é longo, não se forma um verdadeiro sacerdote de Orixás com menos de sete anos de feitura, e os ensinamentos são passados de acordo com a evolução da capacidade de aprendizado que o noviço tem, já que os ensinamentos são feitos oralmente, não há livros para ensinar os rituais, a melhor maneira de aprender tudo é conviver desde cedo dentro dos terreiros.

A partir do momento que um noviço se torna um sacerdote de Orixá, terá as mesmas responsabilidades daquele

que lhe passou os ensinamentos.

14.2.8 Outra definição



Tambores usados em batuques no Rio Grande do Sul

O **batuque**, também chamado por vezes de **nação**, é uma religião afro-brasileira, e por vezes chamada de afro-gaúcha, já que está presente quase que apenas no estado do Rio Grande do Sul e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). Alguns registros supõem que tenha se estruturado no século XIX, e que os primeiros terreiros foram fundados na região de Rio Grande e Pelotas.^{[10][11]} O batuque possui aspectos bastante semelhantes com o Xangô Pernambucano ou Tambor de Mina. É por vezes confundido com o Candomblé.

Do Rio Grande do Sul, o batuque migrou para o Prata, onde hoje há muitas casas “de religião”, para usar um

termo usado por povos indígenas, na Argentina, Uruguai,

O batuque tem seu culto voltado aos orixás, sendo fruto de religiões dos povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar das diversas nações, o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis (crianças).

14.2.9 Referências

[1] Correa, Norton F. Correa (1992). *O Batuque do Rio Grande do Sul* 1992 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS. p. 55. ISBN 9788590432135

[2] Erick Wolff (01/072014). «A entronização do Alafin e sua sobrevivência na Kambina». *Revista Olorun* ISSN 2358-3320. Consultado em 20 de novembro de 2014 Verifique data em: |data= (ajuda)

[3] «Olorun». *olorun.com.br*. Consultado em 6 de junho de 2017

[4] [ORIXÁ BARÁ - Paulo T. B. Ferreira - Ed. Toqui]

[5] ORO, Ari Pedro. «Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente». *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2002. ISSN 0101-546X

[6] JAQUES, André Porto. «A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul

[7] JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.pdf

[8] Os fundamentos religiosos da Nação dos Orixás -Paulo T. B. Ferreira

[9] [JAQUES, André Porto. A Geografia do Batuque: estudos sobre a territorialidade desta religião em Porto Alegre-RS.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.]

[10]

[11]

14.2.10 Bibliografia

- Paulo T. B.Ferreira, Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás -
- Leopoldo Bettiol. *Do batuque e das srcens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*. Gráfica Editora Aurora; 1963.
- Norton Figueiredo Corrêa. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. CA, Cultura & Arte; 2006.
- Luiza Spinelli Pinto Wolff. Seres materiais entre sons e afetos: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3030/1/Luiza%20Spinelli%20Pinto%20Wolff_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf

14.2.11 Ligações externas

- Fotos dos babalorixás e iyalorixás do batuque
- Orixás da Nação Ijexá(em português)

14.3 Oxalá na Umbanda

Oxalá, na Umbanda representa o Orixá associado à criação do mundo e da espécie humana e é sincretizado com Jesus Cristo

14.3.1 Descrição

Mestre Jesus, O Cristo, Governador do Planeta Terra. Constitui o mais elevado estágio vibratório, o mais sublime Avatar já encarnado neste Plano. Simboliza Paz,

Amor, Abrigo, Resignação, Dignidade, Consciência Cósmica, Harmonia Universal, o Exemplo Maior de Evolução. Deve ser invocado quando se busca abrigo no desamparo, consolação nas dores, iluminação nas incertezas, amor na solidão, paz nas aflições, asilo nos desesperos, apoio nas dificuldades, enfim, nas horas em que tudo parece perdido à nossa volta.

Dia do ano: 25 de Dezembro (Natal) Cor: Branco Saudação: Babá!! (Pai!) Vela: Branca (Pureza e paz) Comida para ofertar: Canjica Branca Bebida para saudar: Vinho “Lágrima Christi” ou vinho branco doce. Dia da semana:

Sexta feira, Flor: Copo de Leite ou Lírio. Elemento: Ar Símbolo: A cruz (ou um cajado) Domínio: O Planeta Terra, a criação.

14.3.2 Sincretismo

Na Linha Branca de Umbanda e Demanda, Oxalá é sincretizado com Jesus Cristo. Esse sincretismo é uma herança do acultramento sofridos pelos negros ao longo do período colonial. Uma associação ora forçada pelos Jesuítas na imposição da fé Cristã, ora um símbolo de resistência onde da imagem do Santo Católico, se cultuava os Orixás africanos (por isso as datas dos festejos dos Orixás, coincidem com as dos Santos Católicos).

A imposição e a própria resistência acabaram virando práticas populares. Na Umbanda, as imagens dos Santos Católicos se confundiram com as dos Orixás, não se sabendo onde começa um, e onde termina o outro. Com isso, dentro dos terreiros, pode até ter a imagem dos Santos, mas seu regimento são os Orixás.

Capítulo 15

Orixas que não são cultuados na Nação.

15.1 Logunedé

Logunedé ou **Logun Ede**, do iorubá *Lógunèdè*, é um orixá africano que, na maioria dos mitos, costuma ser apresentado como filho de Oxum Ipondá e Oxóssi Ibulalá, do iorubá *Ibulámo*. Segundo as lendas, vive seis meses nas matas caçando com Oxóssi e seis meses nos rios pescando com Oxum. É cultuado na nação Ijexá como sua mãe, mas também nas nações Queto e Efan, sendo o seu culto muito difundido no Rio de Janeiro.

No entanto, existem outras versões acerca de sua filiação. Se, na maioria dos mitos, Logunedé surge como filho de Oxum e Oxóssi, em outros, um pouco mais raros, aparece como filho de Ogum e Iansã. Há, ainda, histórias que contam a lenda de Logunedé como filho desses quatro

orixás, apresentando-o como o mais belo e vaidoso, que é uma representação dos orixás gêmeos, Ibeji. Por isso, é um dos orixas mais belos da religião.

15.1.1 Descrição

Simultaneamente caçador e pescador, Logunedé é o herdeiro dos axés de Oxum e Oxóssi, que se fundem e se mesclam como mistério da criação. Trata-se de um orixá que tem a graça, a meiguice e a faceirice de Oxum e a alegria e a expansão de Oxóssi. Se Oxum confere a Logunedé axés sobre a sexualidade, a maternidade, a pesca e a prosperidade, Oxóssi lhe passa os axés da fartura, da caça, da habilidade, do conhecimento.

Essa característica de unir o feminino de Oxum ao masculino de Oxóssi, muitas vezes, o leva a ser representado

como uma criança, um menino, quando o assunto são as religiões. Com Logunedé, completa-se o triângulo iorubá “pai, mãe e filho” que também se repete nas trilogias católica (Pai, Filho e Espírito Santo), egípcia (Ísis, Osíris e Hórus), hindu e tantas outras.

Como símbolo da pureza, muitas vezes Logunedé também é visto como um serandrógino. Ao contrário do que muitos pensam, Logun Edé não é de características masculina e feminina, não é bissexual. Na verdade, possui uma grande relação com Oxum, sua mãe, e com Erinlé,

seu pai, trazendo, consigo, a personalidade desses dois orixás e algumas características marcantes, mas nada que o transforme em um hermafrodita, que, durante seis meses, é Oboró, e durante seis meses, Iyáábá, como algumas pessoas assim o dizem e usam deste artifício para denotações homossexuais.

Existem templos para Logun Ede em Ilesa, seu lugar de origem, onde, em alguns ritos, é citado como um corajoso e poderoso caçador com coragem relacionada à de um leopardo. É casado com três esposas. De culto diferenciado e totalmente ligado ao culto a Òsun, é um orixá de extremo bom gosto. Seus objetos devem permanecer junto aos assentos de Osun e, sempre quando agradado, devemos agradecer sua mãe. Tem predileção ao dourado, é um orixá muito vaidoso, é considerado o mais elegante de todos os orixás.

De Oxum, sua mãe, Logun Edé herdou o lado belo e vaidoso. Pois Oxum lança mão de seu dom sedutor para satisfazer a ambição de ser a mais rica e a mais reverenciada. Deusa da fertilidade, na Nigéria é dela o rio que leva o seu nome e, no Brasil, dela são as águas doces dos lagos, fontes e rios. Água que mata a sede dos humanos e da terra, que, assim, se torna fecunda e fornece os alimentos essenciais à vida. Oxum menina dengosa, passando pela mulher irresistível até a senhora protetora, Oxum é sempre dona de uma personalidade forte, que não aceita ser relegada a segundo plano, afirmando-se em todas as circunstâncias da vida. Com seus atributos, ela dribla os obstáculos para satisfazer seus desejos.

De Erinlé, seu pai, herdou o dom da caça, pois Erinlé é da família dos Odé e seus símbolos são o colar, a lança de caça e o ogue. Erinlé é a representação do desenvolvimento do homem, conhece os segredos da caça, também símbolo

de prosperidade e formação de comunidades. Ele busca o alimento com coragem e é considerado o guerreiro das matas, é corajoso, viril e Logun Edé tem estas características, é um orixá guerreiro.

Mas se, em várias tradições, ele é considerado um orixá masculino, em algumas é confundido com a homossexualidade ou a bissexualidade, o que ocorre quando se interpreta ao pé da letra o mito que afirma viver Logunedé seis meses como homem e seis meses como mulher. Na verdade, a interpretação mais aceita seria que essa se trata

de uma metáfora para falar dos axés herdados por ele de seus pais, Oxum e Oxóssi. Após ser abandonado e viver com Ogum, aprende, com ele, as artes da guerra e da metalurgia. É coroado por *ansã* como o príncipe dos orixás. É amigo íntimo de Yewá seriam eles os orixás que se complementam, considerados o par perfeito.

15.1.2 Bibliografia

LOPES, Nei. *Logunedé, santo menino que velho respeita*. São Paulo: Pallas.

De Lima e Silva, Mariana. *Omo Mímó, o filho do amor Um estudo sobre os filhos de Lóogùn Èdè*. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2013.

15.1.3 Ligações externas

- Lògún ó akofà !
- Fundação Pierre Verger
- Logunedé
- Omo Mímó, o filho do amor Um estudo sobre os filhos de Lóogùn Èdè
- Música Logunedé de Gilberto Gil

15.2 Ayrà



Igba orixá de Airá e Oxalufã

Airá (em iorubá: *Ayṛá*) é um orixá cultuado no Candomblé.

15.2.1 História

Normalmente confundido com Xangô, no Brasil, na verdade é uma divindade à parte, que não pertence à família de Xangô. Airá é uma divindade da região de Savé muito embora não existam registros de iniciação para ele nessas

terras, seu culto está restrito ao seu templo em Savé, Nigéria. No Brasil, inúmeros mitos foram atribuídos a essa entidade, sendo até mesmo considerada, algumas vezes, como irmão gêmeo de Xangô, o que não encontra respaldo na tradição nigeriana.

Segundo as casas de culto ao orixá, este orixá veste-se de branco e tem profundas ligações com Oxalá. Airá não usa coroa, mas um eketé branco. Suas comidas votivas não são temperadas com dendê, nem com sal e sim com banha de ori africana. Come quiabos, assim como Xangô e Iroko.

Airá é um Orixá no fundamento de Xangô, considerado um de seus servos de confiança e segundo uma de suas lendas, Airá, tentou instaurar um atrito entre Oxalá e Xangô. Graças a isso, Airá deve ser tratado de forma diferente de Xangô e seu assentamento deve ficar na casa de Oxalá. Por essa rivalidade com Xangô, não se deve coloca-los juntos na mesma casa, nem podendo Airá ser posto em cima do pilão de duas bocas, pois provoca a ira de Xangô. Sua cor é o branco e seus ornamentos são prateados.

Airá é um Orixá relacionado a família do raio mas pode ser relacionado ao vento, seu nome pode ser traduzido como redemoinho, fenômeno que mais se assemelha a um furacão em território Africano. Airá então pode ser louvado como a divindade que rege o encontro dos ventos. Em território africano, não existe registro ou relatos de pessoas regidas ou iniciadas para ele. Onde ele é

cultuado, o culto predominante é o de Nanã e de Obalu-aie, já que Savé é uma região que fica em território Jeje. Pouco se sabe sobre o nascimento ou surgimento de Airá e por esta razão muitos atribuem sua filiação a Iemanjá e a Oraniã, assim como atribuem a mesma srce a Xangô e Aganjú

No Brasil, Airá é visto muitas vezes como uma qualidade de Xangô, uma face mais amena e pacífica deste. O conhecimento sobre Airá é insuficiente, o que faz com que zeladores prefiram iniciar os que têm esse chamado pelo orixá Xangô ou outros Orixás.

Ao contrário de Xangô, Airá não é um Orixá rei nem possui o carácter punitivo de Xangô. Este fato pode ser evidenciado em uma de suas cantigas que diz: **“A chuva de Airá apenas limpa e faz barulho como um tambor”**.

Airá zela pela paz e pela justiça de forma incondicional. Ao contrário de Oxalá, que representa a paz, Airá esta-

belece a paz e possui uma ação mais imediata em suas funções, Airá pode ser qualificado como um sentinela de Oxalá, ou melhor, de Oxalufã um estabelecedor da vontade deste.

A tradição da Fogueira foi criada por associação ao santo católico São João, costume que não se observa em Savé.

É chamado Ibonã = Quente ou Ibonã = Febril; um título ostentado por muitos outros Orixás, como Omolu.

Airá Osi é outro de seus títulos. Quer dizer Osi = Es-



Escultura de Xangô Casa Branca

querda

15.2.2 Referências

- Prandi Reginaldo - Mitologia dos Orixás - Companhia Das Letras
- VERGER, Pierre. "Notas sobre o culto aos orixás e voduns". p. 326.

15.3 Oxumarê

Oxumarê^[3] ou **Exumarê**^[4] é o orixá do arco-íris dentro da mitologia yorubá Liga o céu à terra.^[1] Corresponde ao Vodun Dan da cultura jeje^[2]

15.3.1 Etimologia

"Oxumarê" é uma palavra com srcem na língua yorubá.^[1]

15.3.2 Òsùmarè na África



Oxumarê por Carybé.

É a cobra-arco-íris.^[5] Em nagô, é a mobilidade, a atividade. Uma de suas funções é a de dirigir as forças que dirigem o movimento. Ele é o senhor de tudo que é alongado. O cordão umbilical que está sob o seu controle, é enterrado, geralmente com a placenta, sob uma palmeira que se torna propriedade do recém-nascido, cuja saúde dependerá da boa conservação dessa árvore.

Ele representa também riqueza e a fortuna, um dos benefícios mais apreciados no mundo dos iorubás. Em alguns pontos, se confunde com o vodun Dan da região dos Mahi.

É o símbolo da continuidade e da permanência. Algumas vezes, é representado por uma serpente que morde a própria cauda. Oxumarê é um orixá completamente masculino, porém algumas pessoas acreditam que ele seja macho e fêmea. Porém o orixá feminino que se iguala a Oxumarê é Ewá, sua irmã gêmea, que tem domínios

parecidos com o dele. Enrola-se em volta da terra para impedi-la de se desagregar. Rege o princípio da multiplicidade da vida, transcurso de múltiplos e variados destinos.

De múltiplas funções, diz-se que é um servidor de Xangô, que seria encarregado de levar as águas da chuva de volta para as nuvens através do arco-íris.

É o segundo filho de Nanã, irmão de Osanyin, Ewá e Obaluayê, que são vinculados ao mistério da morte e do renascimento. Seus filhos usam colares de búzios entrelaçados formando as escamas de uma serpente que têm o nome de brajá. Usam, também, o *lagdighá*, como Nanã e Omolu.

15.3.3 Oxumarê no Brasil



Casa de Oxumarê, em Salvador

No Brasil, as pessoas dedicadas a Oxumarê usam co-

lares (fios de cores) de miçangas ou de dentes de mar que lhe é consagrado. Seus iniciados usam brajá - longos colares de búzios, enfiados de maneira a parecer escamas de serpente. Quando dançam, levam, nas mãos, pequenas serpentes de metal e apontam o dedo indicador para o céu e para a terra num movimento alternado. As suas oferendas são feitas de patos, feijão milho e camarões cozidos no azeite de dendê.

Na Bahia, Oxumarê é sincretizado com São Bartolomeu e festejado no dia 24 de agosto.

Certa lenda conta que ele era, outrora, um babalaô adivinho, “filho de proprietário da estola de cores brilhantes”. Em outra lenda, o mesmo tema aparece: “este mesmo Babalawo Oxumarê vivia explorado por Olofin-Odudua, o rei de Ifé, seu principal cliente”. Oxumarê consultava-lhe a sorte de quatro em quatro dias.

Sua nação é a jeje, onde é chamado Dan e tido com o pai dos povos *Djedje*. É uma palavra de origem iorubá que significa estrangeiro, forasteiro e estranho e que recebeu uma conotação pejorativa como “inimigo” por parte dos povos conquistados pelos reis de Daomé e seu exército.

Na nação jeje, sua cor é o amarelo e preto de miçangas rajadas. Já no candomblé, suas cores são o verde e amarelo intercaladas. Porém essas cores definem apenas o fio de contas, pois todas as cores do arco-íris lhe pertencem.

15.3.4 Arquétipo



Assentamento de Oxumarê

Seus filhos, assim como conta a lenda de Oxumarê, em sua maioria no início passam por muitas dificuldades, sendo quase miseráveis, porém, mais tarde, dão a grande volta em seu caminho, se tornando ricos, poderosos e, muitas vezes, orgulhosos. Porém, nunca se negam a ajudar quando alguém realmente precisa deles. É não raro é ver um filho de Oxumarê se desfazer de algo seu em favor dos necessitados com a maior facilidade, contrapondo seu estado de orgulho e ostentação a exibir sua riqueza. Nessa fase, estão no arco-íris, a fase mais doce e sincera que possuem.

São pessoas de temperamento fácil de se lidar estando calmas, porém se tornam terríveis quando com raiva, re-presentando, nesse estado, a serpente, que vem trazendo o lado negativo de Oxumarê, o seu lado mais perigoso, que é a falsidade e a perversidade.

Tudo muda em suas vidas: os amigos, os romances, as cidades em que mora. Gostam de mudanças e, quando as fazem, se tornam radicais. Podem desenvolver a bissexualidade, pois esta faz parte da característica deste orixá, que é 6 meses homem e 6 meses mulher. Não que seus filhos tenham os dois sexos, mas podem gostar

e sentir atração por homem e mulher de forma natural.

15.3.5 Duas fases de Oxumarê

Oxumarê, dentro do *candomblé*, se divide em duas qualidades:

- Oxumarê macho, representado pelo arco-íris;
- Oxumarê fêmea, chamado de **Frekuem** e representado pela serpente. Identificado no jogo do *merindilogun* pelo *odu iká* e representado material e imaterialmente no *candomblé* através do assentamento sagrado denominado *igba oxumare*. A entidade é 6 meses homem e 6 meses mulher, mas é considerado pai de cabeça e não mãe.

15.3.6 Referências

- [1] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 242.
- [2] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos S/A. 1979. p. 46.
- [3] Oxumarê
- [4] Exumarê
- [5] Luiz Mott: Esquina do arcoíris

15.3.7 Ligações externas

- Casa de Oxumaré - Salvador, Bahia
- Oxumarê

15.3.8 Referências

- Reginaldo Prandi - Mitologia dos Orixás. Companhia das Letras.
- Gisele Cossard - Awô, O mistério dos Orixás. Editora Pallas.

15.4 Yewá

Iyewa ou **Ewá**, Orixá do rio Yewa, que fica na antiga tribo Egbado (atual cidade de Yewa) no estado de Ogun na Nigéria. Orixá identificada no jogo *domerindilogun* pelo *odu obeogunda*.

Verger conta que na Nigéria, Abimbola publicou um *itan* Ifá (história de Ifa), falando “que de certa feita estando Iyewa à beira do rio, com um *igba* (gamela) cheio de roupa para lavar, avistou de longe um homem que vinha correndo em sua direção. Era Ifá que vinha esbaforido fugindo de Iku (a morte). Pedindo seu auxílio, Iyewa despejou toda roupa no chão, que se encontrava no *igba*, emborcou-o em cima de Ifa e sentou-se. Daí a pouco chega a morte perguntando se não viu passar por ali um homem e dava a descrição. Iyewa respondeu que viu, mas que ele havia descido rio abaixo e a morte seguiu no seu encalço. Ao desaparecer, Ifa saiu debaixo do *igba* e levou Iyewá para casa, a fim de torná-la sua mulher.”

15.4.1 Brasil

Ewá, Euá, Iyewa, Orixá feminino, é a divindade do rio Yewa em Lagos na Nigéria. Uma das *iabás*, considerada ora irmã de *Iansã*, ora irmã de Oxumarê. Seu nome significa *mãezinha* do caráter.

Verger em suas pesquisas diz: “Na Bahia é cultuada em casa de fundamentos casas antigos, devido à complexidade de seu ritual. As gerações mais novas captaram conhecimentos necessários para a realização do seu ritual, através do culto de Ifá e seus tratados. Em 1981, houve uma saída de Iyewá no Ilê Axé Opô Afonjá, após mais de 30 anos da iniciação da anterior. Com a volta do culto de Ifá e dos *babalawôs*, muitos santos como Yewá, Okô e Olokê estão voltando a serem feitos. O que antes eram comuns as casas dizerem que não tem folha ou se perderam com o tempo. Na Bahia antiga muitas casas tinham o auxílio dos *babalawôs*, com o tempo eles foram sumindo e morrendo, até se perderem completamente os seus conhecimentos, mais uma nova janela se abre para o culto dos orixás nas mãos dos iniciados em Ifá que dirigem as casas de santo, os *awos*, *awofaka*, *Oriates* e *Olwôs* estão trazendo de volta os cultos antes perdidos. As casas de santo se enchem do brilho dos orixás antes sumidos que agora estão de volta.

As cores de seus colares (*fio-de-contas*) são o vermelho e azul (transparentes). Usa como insígnias a âncora e a espada, *ofá* que utiliza na guerra ou na caça, *brajás* de búzios, roupa enfeitada com *iliko* (palha da costa) tingida. Gosta de pato, também de pombos, odeia galinhas. Há um *vodun* daomeano com o mesmo nome, cultuado em São Luís do Maranhão. Saudação – “Riró!”.

Ewa/yewá é o orixá da beleza, geralmente cultuada junto a seu irmão inseparável oxumarê, juntos conduzem o arco-íris e o ciclo da água, por ser orixá pouco cultuado é mui-

tas vezes identificada como Oxumaré fêmea, devido também levar uma cobra só que pequena.

- Wande Abimbola, *Sixteen Great Poems of Ifa*, Unesco, 1975, pag. 135-155.

15.4.2 Arquétipo

Não é raro encontrar uma filha de Yewá. Sendo que muitas casas por medo as iniciam para Oxun ou Oyá. Elas são valentes e guerreiras, muito belas e conquistadoras. Sabem o que querem e vão até o fim. São prestativas e se preservam quanto a moral e educação, ou expor seus sentimentos.

• Lendas:

O seu grande **ewó** (coisa proibida) é a galinha. Corre a lenda entre as casas antigas da Bahia que cultuam **Iyewa**, que certa vez indo para o rio lavar roupa, ao acabar, estendeu-a para secar. Nesse espaço veio a galinha e ciscou, com os pés, toda sujeira que se encontrava no local, para cima da roupa lavada, tendo Iyewa que tornar a lavar tudo de novo. Enraivecida, amaldiçoou a galinha, dizendo que daquele dia em diante haveria de ficar com os pés espalmados e que nem ela nem seus filhos haveriam de comê-la, daí, durante os rituais de Iyewa, galinha não passar nem pela porta. Verger encontrou esse ewó na África e uma lenda idêntica.

Conta-se que Iyewá era uma linda virgem que se entregou a Xangô, despertando o ciúme e a ira de Iansã. Para fugir da senhora dos ventos e tempestades, se escondeu nas florestas com Odé, tornando-se uma guerreira e caçadora.

15.4.3 Elementos que rege

Rege as neblinas e nevoeiros na natureza.

- Iyewá no Xambá

15.4.4 Cuba

Lydia Cabrera, antropóloga cubana escreve sobre Yewa e refere-se à Yemayá-Olokún.

15.4.5 Referências

- William Bascom, *Ifa Divination/Communication between Gods and Men in West Africa*, Indiana University Press, Bloomington London, 1969, pag. 444-445.
- Pierre Verger, *Notes sur le culte des Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne côte des Esclaves en Afrique*, IFAN, Dakar, 1967, pag. 295.

15.4.6 Ligações externas

- Bascom, William Russell. *Sixteen Cowries: Yoruba Divination from Africa to the New World*. Indiana University Press 1980. ISBN 978-0-253-20847-7
- *Alaketu, o novo candomblé*. Euá.
- Orixás

15.5 Axabó



Axabó por Carybé.

Axabó^[1] ou **Asagbó**^[2] é um Orixá feminino africano, cultuado na Bahia, mas pouco conhecido, é da família de Xangô.

15.5.1 Referências

[1] Axabó

[2] Iya Asagbó

- Bahia de Todos-os-Santos Por Jorge Amado

15.6 Iroko

Iroko é um orixá do candomblé jeje. No Brasil, é associado à árvore conhecida como gameleira (*Ficus insipida*),^[1] enquanto que, na África, é associado à árvore *Milicia excelsa*.^{[2][3]} Corresponde ao vodum Loco no candomblé jeje e ao inquice Tempo no candomblé banto

15.6.1 História

No Brasil, Iroko é considerado um orixá e tratado como tal, principalmente nas casas tradicionais de nação queto. É tido como orixá raro, ou seja, possui poucos filhos. Raramente se vê Iroko manifestado. Para alguns, possui fortes ligações com os orixás chamados Iji, de srçem daomeana: Nanã, Obaluaiyê e Oxumarê. Para outros, está estreitamente ligado a Xangô. Iroko também guarda estreita ligação com as ajés, as senhoras do pássaro. Seja num caso ou noutro, o culto a Iroko é cercado de cuidados, mistérios e muitas histórias.

No Brasil, Iroko habita principalmente a gameleira (*Ficus insipida*). Na África, sua morada é a árvore *iroko* (*Milicia excelsa*), que não existia no Brasil. Atualmente, foi constatada a existência de sete exemplares dessa espécie no Brasil, sendo um no Terreiro do Gantois, em Salvador; um no Ilê Obá Nila, no Rio de Janeiro; um no Terreiro Caxutê, em Valença (Bahia); um na Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador; três nas matas do Ilê da Oxum Apará, fundado e cuidado pelo Babalorixá Jair de Ogum, no município de Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro - é o único Ilê, no Brasil, a ter três pés de Iroko plantados.

Para o povo iorubá, Iroko é uma de suas quatro árvores sagradas normalmente cultuadas em todas as regiões que ainda praticam a religião dos orixás. No entanto, oficialmente, Iroko não é considerado um orixá que possa ser feito na cabeça de ninguém.

~~Em alguns candomblés, o Iroko é considerado como o orixá dos espíritos~~
 Em alguns candomblés, o Iroko é considerado como o orixá dos espíritos. Os ritos são liderados por Oluwere. Quando as crianças se veem perseguidas por sonhos ou qualquer tipo de assombração, é normal que se façam oferendas a Oluwere aos pés de *Iroko*, para afastar o perigo de que os espíritos abiku levem embora as crianças da aldeia. Durante sete dias e sete noites, o ritual é repetido, até que o perigo de mortes infantis seja afastado.

O culto a Iroko é um dos mais populares na terra iorubá e as relações com esta divindade quase sempre se baseiam



Iroko por Carybé.

na troca: um pedido feito, quando atendido, sempre deve ser pago pois não se deve correr o risco de desagradar Iroko, pois ele costuma perseguir aqueles que lhe devem.

Iroco está ligado à longevidade, à durabilidade das coisas e ao passar do tempo pois é árvore que pode viver por mais de 200 anos.

15.6.2 Citações de pesquisadores

Le Hérissé, em 1910, deu indicações mais pertinentes sobre essa devoção. Uma das principais árvores cultuadas era *Loko* (*Milicia excelsa*), que, em si, não é uma árvore sagrada, apenas o sendo quando serve de assento a uma divindade. Seu nome no Daomé está sempre ligado ao do vodum que lhe deu este caráter.

Melville J. Herskovits t.II:108 situa seu estudo particularmente em Abomé e encara Loko sob o estrito ponto de vista dos integrantes do “Panteão do céu”, onde, diz ele:

Alexandre Adandê indica que, no bairro de Tenji, em Abomé, Alantan Loko seria o Orisa Oko dosiorubás.

15.6.3 Referências

- [1] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 969.
- [2] Pierre Verger, Iroko, Loko, Notas Sobre o Culto aos Orixas e Voduns na Bahia de Todos
- [3] Nei Lopes, Diáspora africana, Iroco

- Iroko

15.7 Egungun

Egungun (do yoruba *egungun*) é um termo das religiões de matriz africana que designa os espíritos de pessoas mortas importantes, que retornam à terra. O termo faz parte da mitologia yoruba^[1]

15.7.1 África

Segundo a tradição do culto dos eguns, é cenário da África, mais precisamente da região de Oyó. O culto de Egungun é exclusivo de homens, sendo *Alapini* o cargo mais elevado dentro do culto, tendo, como auxiliares, os

Oje. Todavia, o agente Xangô do egungun é chamado de *Alapini*. Xangô é o fundador do culto aos eguns, somente ele tem

do deus primordial do sol, raios e tempestades. Xangô seria a encarnação de Jakutá, que é considerado a mão de Olorum que pune, o caráter punitivo de Olorum, ele representa o poder de Olorum, tanto que fora enviado ao mundo em criação para estabelecer a ordem entre Oxalá e Oduduá, que são as duas divindades que foram encarregadas por Olorum da criação.

Desta forma, Xangô é cultuado como um orixá egungun, orixá por ele ser nada mais nada menos que o orixá da



Traje yoruba para egungun em exibição no Museu Estadunidense de História Natural, em Nova Iorque

execução, da punição divina e egungun por ele ter tido sua passagem pela terra como homem e ter se iniciado. Xangô foi o criador do culto de egungun; foi o primeiro oje (sacerdote do culto aos mortos); e também foi o primeiro alapini (sumo-sacerdote do culto aos mortos). Isso é evidenciado em um de seus oríxins, que fala:

Xangô criador de Culto a Egungun



Traje da dança egungun no Brooklyn Museum, em Nova Iorque

Xangô é o fundador do culto aos eguns, somente ele tem

o poder de controlá-los, como diz um trecho de um Itã:

15.7.2 Brasil

Egungum^[2] é o espírito ancestral de pessoa importante, homenageado no culto aos egunguns. Esse culto é feito em casas separadas das casas de orixá. No Brasil, o culto principal a egungum é praticado na ilha de Itaparica, no estado da Bahia, mas existem casas em outros estados. Normalmente, é chamado de **Babá (pai) Egun e Babá-**

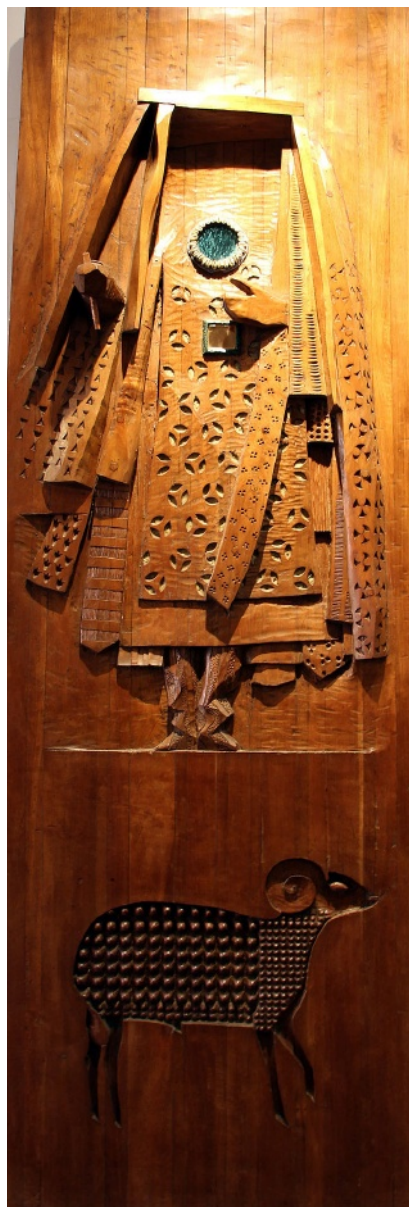
Egun. Também pode ser referido como **Essa**, nome dos ancestrais fundadores do Arameta de Oxóssi (conseio de Oxóssi, composto de seis pessoas). Ou **Esa**, espírito dos adoxu e dignitários do *egbe* (casa). Os nagôs cultuam os espíritos dos mais velhos de diversas formas, de acordo com a hierarquia que tiveram dentro da comunidade e com a sua atuação em prol da preservação e da transmissão dos valores culturais. E só os espíritos especialmente preparados para serem invocados e materializados é que recebem os nomes egum, egungum, Babá Egun ou simplesmente **Babá** (pai), sendo objetos desse culto todo especial.

Porque o objetivo principal do cultos dos eguns é tornar visíveis os espíritos dos ancestrais, agindo como uma ponte, um veículo, um elo entre os vivos e seus antepassados. E, ao mesmo tempo que mantém a continuidade entre a vida e a morte, o culto mantém estrito controle das relações entre os vivos e mortos, estabelecendo uma distinção bem clara entre os dois mundos: o dos vivos e o dos mortos (os dois níveis da existência). Assim, os babás trazem, para seus descendentes e fiéis, suas bênçãos e seus conselhos mas não podem ser tocados, e ficam sempre isolados dos vivos. Sua presença é rigorosamente controlada pelos *ojé* (sacerdotes do culto) e ninguém pode se aproximar deles.

Os egunguns se materializam, aparecendo para os descendentes e fiéis de uma forma espetacular, em meio a grandes cerimônias e festas, com vestes muito ricas e coloridas, com símbolos característicos que permitem estabelecer sua hierarquia. Os Babá Egun ou **Egun Agbá** (os ancestrais mais antigos) se destacam por estar cobertos com uma roupa específica de egum, chamada de *eku* na Nigéria ou “opá” na Bahia: são enfeitadas com búzios, espelhos e contas e por um conjunto de tiras de pano bordadas e enfeitadas que é chamada *abalá*, além de uma es-

pécie de *crestado*, chamado *ibaniá*, por emitirem uma

Os **Aparaká** são eguns mais jovens: não têm *abalá* nem *bantê* e nem uma forma definida; e são ainda mudos e sem identidade revelada, pois ainda não se sabe quem foram em vida. Acredita-se, então, que, sob as tiras de pano, encontra-se um ancestral conhecido ou, se ele não é reconhecível, qualquer coisa associada à morte. Neste último caso, o egungum representa ancestrais coletivos que simbolizam conceitos morais e são os mais respeitados e temidos entre todos os egunguns, guardiães que são da



Babá Abaolá por Carybé.

ética e da disciplina moral do grupo. No símbolo egungum, está expresso todo o mistério da transformação de um ser deste mundo num ser do além, de sua convocação

e de sua presença no *Ajé* (o mundo dos vivos). Esse mistério (*Ain*) constitui o aspecto mais importante do culto.

15.7.3 Referências

[1] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 621.

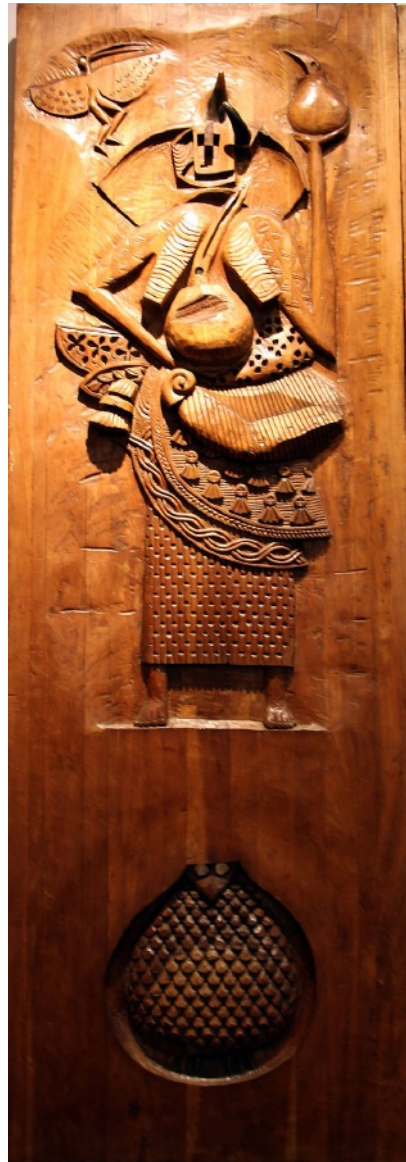
[2] «EGUNGUN – Nomes, Famílias, Rituais e Orikís»

15.7.4 Bibliografia

- Mestre Didi
- Júlio Santana Braga
- O Culto de Babá Egun em Ponta de Areia (1980-1984). Ancestralidade em Ponta de Areia: mulheres, crianças e o exercício da autoridade. Revista da Bahia, 1989.
- Gente de Ponta de Areia: ancestralidade na dinâmica da Vida Social de uma Comunidade Afro-Brasileira. Revista do Departamento de Antropologia da Ufba, Salvador:UFBA, 1984.
- Ancestralidade Afro-Brasileira. Salvador, Ipanama/CEAO/Edurba, 1992.

15.7.5 Ligações externas

- Em Inglês:
 - Sixteen Cowries: Yoruba Divination from Africa to the New World Por William Russell Bascom
 - Egungun: The Masked Ancestors of the Yoruba
 - Egungun Festival
 - Egungun Mysteries Come to America
 - Egun/Egungun cult
 - Iwi Egungun Oludare Olajubu
- Em Português:
 - Alapini Mestre Didi Asipa
 - Egungun no Candomblé
 - Ancestralidade Africana no Brasil - Projeto Egungun



Iyami Oxorongá por Carybé;

15.8 Iyami-Ajé

Iyami-Ajé - (Iyá Mi Ajé = Minha Mãe Feiticeira) também conhecida por **Iyami Oxorongá** - é a sacralização

da figura materna, por isso seu culto é envolvido por tantos tabus. Seu grande poder se deve ao fato de guardar o segredo da criação. Identificada no jogo domerindilogun pelo odu Ôxê.

15.8.1 História

Tudo que é redondo remete ao ventre e, por consequência, as Iyá Mi. O poder das grandes mães é expresso entre os orixás por Oxum, Iemanjá e Nanã Buruku, mas o po-

der de Iyá Mi se manifesta em cultos, em rituais que não por Iyami Ajé na forma de pássaro (Coruja Rasga-Mortalha^[1] ou coruja rasgadeira) pousa nas árvores favoritas durante a noite principalmente na jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*). Contam os antigos africanos que quando a coruja rasgadeira sobrevoa fazendo seu ruído característico ou aproxima-se de uma casa é porque vai morrer alguém.

15.8.2 Iyami Agbá



Máscaras de Gueledé usadas nos rituais de Iyá Mi

- Aulo Barretti Filho escreve em O Culto dos Eguns no Candomblé: “Os mortos do sexo feminino recebem o nome de **Iyami Agbá** (minha mãe anciã), mas não são cultuados individualmente. Sua energia como ancestral é aglutinada de forma coletiva e representada por **Iyami Oxorongá** chamada também de **Iyá Nla**, a grande mãe. Esta imensa

massa energética que representa o poder da ancestralidade coletiva feminina é cultuada pelas Sociedades **Gueledé**, compostas exclusivamente por mulheres, e somente elas detêm e manipulam este perigoso poder. O medo da ira de **Iyami** nas comunidades é tão grande que, nos festivais anuais na Nigéria em louvor ao poder feminino ancestral, os homens se vestem de mulher e usam máscaras com características femininas, dançam para acalmar a ira e manter, entre outras coisas, a harmonia entre o poder masculino e o feminino.”

- Para Sergio Ferretti (1989:186) o culto a **Naê** no Maranhão pode ser comparado ao das **Iyami Oxorongá** da Nigéria, Benin e outras regiões da África - mães ancestrais respeitadas e temidas, que não incorporam e que têm o poder de se transformar em pássaro.

- É um orixá apenas assentado para ser cultuado pela comunidade, não é um orixá de iniciação, por ser uma energia ancestral aglutinada de forma coletiva. Representa todas as mães mortas e ninguém pode

incorporá-las ou manifestá-las.

15.8.3 Ver também

- Gelede

15.8.4 Bibliografia

- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de *As senhoras do pássaro da noite*. São Paulo: Edusp, 1994.

15.8.5 Referências

- [1] <http://www.avespantanal.com.br/paginas/117.htm> Suindara, Coruja-das-Igrejas, Rasga-Mortalha.

15.8.6 Ligações externas

- Em Português:
- Egbe Ifa Orisa
- O Egungun no Candomblé
- Mitos Iorubás - Iyami Agba
- Iyami-Minha Mãe
- Reencarnação ÀtúnwaI
- IYAMI - Símbolo Ancestral no Brasil

15.9 Onilé

Onilé é um Orixá que representa a base de toda a vida, a Terra-Mãe, tanto na vida como na morte, se caracteriza por ser o princípio e representação coletiva dos elegun e Egungun. é o primeiro a receber as oferendas e a ser evocado nos ritos dos sacrifícios. Todo terreiro possui o acento de Onilé, um deles pode ser observado no centro do Barracão de (candomblé) denominado como o fundamento da casa ou simplesmente Axé da casa, onde todos sabiamente reverenciam este local. Também chamado pelo “Povo de santo” de Oluaye, Aiyê, Ilê e Sakpatá.

Em algumas tradições, Onilé é uma divindade feminina, representa a Mãe Terra (onde acolhe os ancestrais), Egungun. Conta-se que quando Olorum reuniu os orixás para dividir o poder sobre a criação entre eles, uma de suas filhas, Onilé, escondeu-se sob a terra. E acabou ganhando por este motivo poder e autoridade sobre ela. A primeira parte de todos os sacrifícios de (Ejé) sangue é sempre derramada sobre a terra, independente de para qual entidade ou divindade seja o sacrifício, este gesto é uma forma de lembrar e reconhecer o poder de Onilé. Tudo vem da terra e a ela retorna.

15.9.1 Culto a Onilé

Cultuada em terreiros da Bahia e em candomblés africanizados, a Mãe Terra desperta curiosidade e interesse entre os seguidores dos orixás, sobretudo entre aqueles que compõem os seguimentos mais intelectualizados da religião. Onilé é assentada num montículo de terra vermelha e acredita-se que guarda o planeta e tudo que há sobre ele, protegendo o mundo em que vivemos e possibilitando a própria vida. Na África, também é chamada Aiê e Ilê, recebendo em sacrifício galinhas, caracóis e tartarugas (Abimbola, 1977: 111). Onilé, isto é, a Terra, tem muitos inimigos que a exploram e podem destruí-la. Para muitos seguidores da religião dos orixás, interessados em recuperar a relação orixá-natureza, o culto de Onilé representaria, assim, a preocupação com a preservação da

própria humanidade e de tudo que há em seu mundo.

15.9.2 Mitologia

Quando os orixás seus irmãos se reuniam no palácio do grande pai para as grandes audiências em que Olodumare comunicava suas decisões, Onilé fazia um buraco no chão e se escondia, pois sabia que as reuniões sempre terminavam em festa, com muita música e dança ao ritmo dos atabaques.

Onilé não se sentia bem no meio dos outros.

Um dia o grande deus mandou os seus arautos avisarem: haveria uma grande reunião no palácio e os orixás deviam comparecer ricamente vestidos, pois ele iria distribuir entre os filhos as riquezas do mundo e depois haveria muita comida, música e dança.

Cada orixá que chegava ao palácio de Olodumare provocava um clamor de admiração, que se ouvia por todas as terras existentes.

Os orixás encantaram o mundo com suas vestes.

Menos Onilé.

Quando todos os orixás haviam chegado,

Olodumare mandou que fossem acomodados confortavelmente, sentados em esteiras dispostas ao redor do trono.

Tinha todas as riquezas do mundo para dar a eles, mas nem sabia como começar a distribuição.

Então disse Olodumare que os próprios filhos, ao escolherem o que achavam o melhor da natureza, para com aquela riqueza se apresentarem perante o pai, eles mesmos já tinham feito a divisão do mundo.

Deu a cada orixá um pedaço do mundo, uma parte da natureza, um governo particular.

Dividiu de acordo com o gosto de cada um.

E disse que a partir de então cada um seria o dono e governador daquela parte da natureza.

Assim, sempre que um humano tivesse alguma necessidade relacionada com uma daquelas partes da natureza, deveria pagar uma prenda ao orixá que a possuísse.

Pagaria em oferendas de comida, bebida ou outra coisa que fosse da predileção do orixá.

Os orixás, que tudo ouviram em silêncio, começaram a gritar e a dançar de alegria, fazendo um grande alarido na corte.

Olodumare pediu silêncio, ainda não havia terminado.

Disse que faltava ainda a mais importante das atribuições.

Que era preciso dar a um dos filhos o governo da Terra, o mundo no qual os humanos viviam e onde produziam as comidas, bebidas e tudo o mais que deveriam ofertar aos orixás.

Disse que dava a Terra a quem se vestia da própria Terra. Quem seria? perguntavam-se todos?

“Onilé”, respondeu Olodumare.

“Onilé?” todos se espantaram.

Como, se ela nem sequer viera à grande reunião?

Nenhum dos presentes a vira até então.

Nenhum sequer notara sua ausência.

“Pois Onilé está entre nós”, disse Olodumare

e mandou que todos olhassem no fundo da cova,

onde se abrigava, vestida de terra, a discreta e recatada filha.

Ali estava Onilé, em sua roupa de terra.

Onilé, a que também foi chamada de Ilê, a casa, o planeta.

Olodumare disse que cada um que habitava a Terra pagasse tributo a Onilé,

pois ela era a mãe de todos, o abrigo, a casa.

A humanidade não sobreviveria sem Onilé.

Afinal, onde ficava cada uma das riquezas

que Olodumare partilhara com filhos orixás?

“Tudo está na Terra”, disse Olodumare.

“O mar e os rios, o ferro e o ouro,

Os animais e as plantas, tudo”, continuou.

“Até mesmo o ar e o vento, a chuva e o arco-íris,

tudo existe porque a Terra existe,

assim como as coisas criadas para controlar os homens

e os outros seres vivos que habitam o planeta,

como a vida, a saúde, a doença e mesmo a morte”.

Pois então, que cada um pagasse tributo a Onilé,

foi a sentença final de Olodumare.

Onilé, orixá da Terra, receberia mais presentes que os

outros, pois deveria ter oferendas dos vivos e dos mortos,

pois na Terra também repousam os corpos dos que já não vivem.

Onilé, também chamada Aiê, a Terra, deveria ser propiciada sempre,

para que o mundo dos humanos nunca fosse destruído.

Todos os presentes aplaudiram as palavras de Olodumare.

Todos os orixás aclamaram Onilé.

Todos os humanos propiciaram a mãe Terra.

E então Olodumare retirou-se do mundo para sempre e deixou o governo de tudo por conta de seus filhos orixás[1].

15.9.3 Referências bibliográficas

LÉPINE, Claude. As metamorfoses de Sakpatá, deus da varíola. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Leopardo dos olhos de fogo. São Paulo, Ateliê Editorial, 1998.

15.10 Ifá

Ifá^[1] (em iorubá: *Ifé*) é o nome de um oráculo africano. É um sistema divinatório que se originou na África Ocidental entre os yorubás, na Nigéria. É também designado por **Fa** entre os Fons e **Afa** entre os Ewés. Não é propriamente uma divindade (orixá), é o porta-voz de Orunmilá e dos outros orixás. Orunmilá, muitas vezes é designado como Orixá do destino na cultura africana Yorubá.

O sistema pertence às religiões tradicionais africanas e também é praticado entre os adeptos do Lukumí de Cuba através da Regla de Ocha; do candomblé no Brasil através do Culto de Ifá; e de similares transplantados para o Novo Mundo.

Os Oluwas ou Babalawos, são a autoridade máxima do Sistema Religioso Yoruba, responsáveis pela transferência do axé durante a iniciação de novos babalawos após um longo período de aprendizado^[2]

15.10.1 Origens

***Nota:** esta é somente uma versão da ordem, e pode mudar dependendo da região



Objeto sagrado de Orumila Ifá.

Orunmilá é o orixá e divindade da profecia. Ifá é o nome do oráculo utilizado por Orunmilá. O Culto de Ifá pertence à religião iorubá

O culto do vodun Fa é o cenário de Ile Ifé, e chegou ao

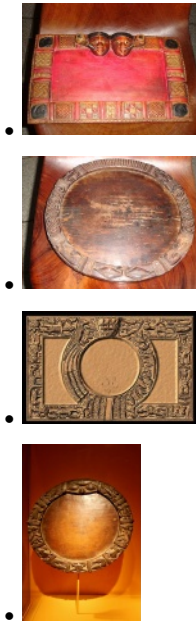
antigo Dahomey pelas mãos de sacerdotes imigrados do território yorubá, já a partir do século XVII, mas sua instalação oficial como uma das divindades reconhecidas pelo rei de Abomey teria se dado ou através do babalawo Adélétyé de Ile Ifé que chegou a Abomey no reinado de Agadjá (1708-1732), junto com outros (Gongon, Abikobi, Ato e Gbélô), ou pela princesa Nà Hwanjele, mãe do rei Tegbessu (1732-1775), que era de origem iorubá.

Os sacerdotes de Ifá são chamados em fon de bokonon, o correspondente a babalawo dos yorubá. O bokonon da corte de Abomey é um dos dignitários do rei reconhecido na categoria de príncipe e está entre os poucos autorizados a vestir djetaba em público e a permanecer com a cabeça coberta diante do rei e da rainha-mãe.

15.10.2 Métodos utilizados

O Babalawo (pai que possui o segredo) é o sacerdote do Culto de Ifá. Ele é o responsável pelos rituais e iniciações: todos no culto dependem de sua orientação e nada pode escapar de seu controle. Por garantia, ele dispõe de três métodos diferentes de consultar o oráculo e, por intermédio deles, interpretar os desejos e determinações dos orixás.

Opon-Ifá



Opon-Ifá tábua sagrada feita demadeira e esculpida em diversos formatos, redonda, retangular, quadrada, oval, utilizada para marcar os signos dos Odús (obtidos com o jogo de Ikins) sobre um pó chamado Ierosum. Método divinatório do Culto de Ifá utilizado pelos *babalawos*

Irofé ou **Iroke Ifá** é o instrumento utilizado pelo *babalawo* durante o jogo de Ikin, com o qual bate na tábua *Opon-Ifá* com a finalidade de chamar a atenção de Odu para si, entre outras coisas.



Batedor Iroke Ifá, Brooklyn Museum.



Jogo de Opele

O **Opele-Ifá** ou rosário de Ifá é um colar aberto composto de um fio trançado de palha da costa ou fio de algodão, que tem, pendentes, oito metades de fava de opele. É um instrumento divinatório dos tradicionais sacerdotes de Ifá.

Existem outros modelos mais modernos de Opele-Ifá, feitos com correntes de metal intercaladas com vários tipos de sementes, moedas ou pedras semipreciosas.

O jogo de *Opele-Ifá* é o mais praticado por ser a forma mais rápida, pois a pessoa não necessita perguntar em voz alta, o que permite o resguardo de sua privacidade, também de uso exclusivo dos *Babalawos* com um único lançamento do rosário divinatório aparecem 2 figuras que possuem um lado côncavo e outro convexo, que combinadas, formam o odu.

Opele Ifá

Jogo de Ikins

O Jogo de *Ikin* é utilizado em cerimônias relevantes de forma obrigatória, ou igualmente de modo usual, vai de cada Babalawo o seu uso, sendo uso restrito e exclusivo dos mesmos *babalawa*. O jogo compõe-se de 16 nozes de um tipo especial de dendezeiro/*kin*, são manipuladas pelo *babalawo* com a finalidade de se configurar o signo do odu a ser interpretado e transmitido ao consulente. São colocados na palma da mão esquerda, e com a mão direita rapidamente o *babalawo* tenta retirá-los de uma vez com um tapa na mão oposta, no intuito de se obter um número par ou ímpar de *ikins* em sua mão.



Jogo de Ikin

Caso não sobre nenhum *ikin* na mão esquerda, a jogada é nula e deve ser repetida. Ao restar um número par ou ímpar de *ikins* em sua mão, se fará dois ou um traço da composição do signo do odu que será revelado pelo sistema oracular. A determinação do Odu é a quantidade de Ikin que sobrou na mão esquerda. O mesmo será transcrito para o *Opon Ifá* sobre o pódo *Iyerossin* que deve ser riscado sobre o *Iyerossin* que está espalhado no *Opon-Ifá* para um riscado de odo médio da mão direita e para dois riscos usa dois dedos o anular e o médio da mão direita. Deverá repetir a operação quantas vezes forem necessárias até obter duas colunas paralelas riscadas da direita para a esquerda com quatro sinais, formando assim a configuração do signo de Odu.

15.10.3 Oráculo

O oráculo consiste em um grupo de cocos de dendezeiro ou búzios, ou réplicas destes, que são lançados para criar dados binários, dependendo se eles caem com a face para cima ou para baixo. Os cocos são manipulados entre as mãos do adivinho, e, no final, são contados, para determinar aleatoriamente se uma certa quantidade deles foi retida.

As conchas ou as réplicas são frequentemente atadas em uma corrente divinatória, quatro de cada lado. Quatro caídas ou búzios fazem um dos dezesseis padrões básicos (um odu, na língua ioruba); dois de cada um destes se combinam para criar um conjunto total de 256 odus.

Cada um destes odus é frequentemente associado a uma mitologia ioruba que explica seu significado divinatório. O sistema é consagrado ao orixá Orunmila-Ifá, orixá da profecia, e a Exu, que, como o mensageiro dos orixás, confere autoridade ao oráculo.

O sistema inteiro traz uma semelhança com os sistemas ocidentais de geomancia. A geomancia ocidental é um empréstimo de um sistema criado pelos Árabes e trazida para o norte da África, onde foi aprendida pelos europeus durante as Cruzadas. Muito embora possua um número

diferente de símbolos, o sistema carrega também alguma semelhança com o sistema chinês do I Ching.

15.10.4 Odu

 Ver artigo principal: Odu

Cada *odu* é formado por um conjunto constituído por duas colunas verticais e paralelas de quatro índices cada. Cada um desses índices compõem-se de um traço vertical

ou de dois traços verticais paralelos que *babalawo* traça no pódo (*Iyerossin*) espalhado sobre um tabuleiro de madeira esculpida (*Opon-Ifá*) à medida em que vai extraindo os resultados pela manipulação dos cocos de dendezeiro ou *ikin-ifá*.

O *babalawo* detecta esse *odu* manipulando caroços de dendê (*Ikin*) ou jogando os orís do Ifá chamado (*Opele-Ifá*).

Existem 256 *odu*, correspondendo cada um a uma série de lendas (*Itan*).

Não existe uma receita para fazer: não se tem uma lista de coisas para que esse *Odu* seja revelado, tudo depende da pessoa. Cada pessoa possui um destino próprio, assim como o Etutu (ebó) que se define no jogo. Quem vem de um sistema de jogo de búzios, precisa mudar tudo que viu e aprendeu para que Ifá possa fazer parte da sua vida.

15.10.5 Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade

Da Nigéria, são dois os oráculos listados como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade: o Gelede, que também é praticado no Benim e no Togo, e o Ifá.^{[4][5][6]}

15.10.6 Na África



O *babalawo* e os aprendizes, sempre ao seu lado. O aprendizado começa muito cedo.

O orixá Orumilá é também chamado de Ifá, ou Orunmila-Ifá e também é denominado frequentemente *Agbonmiregun* ("Aquele que é mais eficaz do que qualquer remé-

dio”). Em caso de dúvida, Ifá é consultado pelas pessoas que precisam de uma decisão, que queiram saber sobre casamentos, viagens, negócios importantes, doenças, ou por motivo religioso.

Para os iorubas, o sacerdote é o babalawo e entre os Fons e Ewes recebe a designação de bokonon, e o sistema de adivinhação é o mesmo. O babalawo (pai do segredo) recebe as indicações para as respostas através dos signos (*odì*) de Ifá.

15.10.7 Na Bahia

O Ifá na Bahia vem sendo representado pela Yanifá Ifádáyísi Ifatún Ajobi Agboola, a primeira mulher iniciada ao culto na Bahia; pelo Oluwo Ifagbaiyin, da família Agboola, possuindo, como representante maior, o Arabá Aworidan Agboola. A Yanifá Ifádáyísi lidera o culto religioso no Egbe Ifá Ogundafun.

O Ifá nos impõe a fidelidade da prática trazida pelos nossos ancestrais africanos, sem aaculturação de elementos brasileiros. É o senhor dos destinos. Por tanto, nos dá uma larga margem de realinhamento do indivíduo aos seus destinos (odus) desde o seu nascimento até a realização de suas missões enquanto sujeito espiritual. Em janeiro de 2015, oegbe teve a honra de receber o Oluwo Ifagbain Agboola e sua comitiva para a realização de várias cerimônias, iniciando pessoas por Isefás (apresentação a Ifá), Itefá (iniciação para *Babalawos Itelodú*) e várias outras cerimônias relacionadas ao culto.

15.10.8 Referências

- [1] Bascom, William - Ifa Divination traduzido
- [2] O que é a iniciação?
- [3] Entre territórios e terreiros: yorubá, velhos deuses no novo mundo, Emerson Costa de Melo
- [4] UNESCO Unesco Cultura, Nigéria The Ifa Divination System
- [5] UNESCO Religião Tradicional Yoruba
- [6] Ifa of the Yoruba People of Nigeria
- ~~UNESCO Unesco Cultura, Nigéria The Ifa Divination System~~
UNESCO Unesco Cultura, Nigéria The Ifa Divination System
- William R. Bascom: *Ifa Divination: Communication Between Gods and Men in West Africa* [ISBN 0-253-20638-3]
- William R. Bascom: *Sixteen Cowries: Yoruba Divination from Africa to the New World* [ISBN 0-253-20847-5]

- William R. Bascom: Ifa Divination - Indiana University Press - Bloomington and Indianapolis [ISBN 0-253-32890-X][ISBN 0-253-20638-3 (pbk)]
- The Sacred Ifa Oracle - Afolabi A. Epega and Philip John Neimark - Harper San Francisco [ISBN 0-06-250309-X (pbk)][ISBN 0-06-251230-7 (cloth)]
- Ifa - African Gods Speak - The Oracle of the Yoruba in Nigeria - Christoph Staewen - LIT Verlag [ISBN 3-8258-2813-1]
- Jorge Escobar - Vivências em Ifá

15.10.9 Ligações externas

- UNESCO Heritage Masterpieces
- Awo Study Center
- Opon-Ifa
- Orunmila
- Ikina-Ifa
- Divination Yoruba
- Online simulation of Ifá divination, with the names of the *odus*
- Ifá divination tools in African art
- Fotos Palácio de Oba Alaafin Oyo

15.11 Orunmila

Na mitologia Yoruba **Orunmilá**^[1] é um orixá, e divindade da profecia, identificado no jogo do merindilogun pelo odu ejibe.

Ele é reconhecido como “Ibi Keji Olodumare” (segundo só a Olodumare (**Olorum**, Deus)) e “Eléri Ípin” (testemunha da criação).

O título *ibikejin* não pertence apenas a *Orúnmilá*, mas também a *Obàtúllá*, e por extensão, a todos os *Orisà* que possuem o Poder Delegado de *Olódumare* (Deus).^[2] A forma completa deste título (*oríkì*) é: *Aláàsẹ̀ Igbákejì Olódumare*.^[3]

Sobre *elerí ipin* a melhor tradução é: testemunha, aquele que viu (ẹ̀lẹ̀rì), da escolha individual (ipin:nun), isto é, “a testemunha do que a pessoa escolheu”.^[4] Em resumo, *ẹ̀lẹ̀rì ipin* quer dizer que *Orúnmila* sabe o que a pessoa escolheu, por ela mesma, para vir fazer no mundo.

Orunmilá também é às vezes chamado **Ifá** que é de fato a incorporação do conhecimento e sabedoria e a forma mais alta da prática de adivinhação entre os Yorubas.



Orunmilá-Ifá -escultura de Curybé em madeira, em exposição no Museu Afro-Brasileiro Salvador, Bahia, Brasil

Embora **Orunmilá** não seja de fato **Ifá**, a associação íntima existe, porque ele é o que conduz o sacerdócio de Ifá.

Ifá é o nome de um Oráculo dos Yorubás na Nigéria.

Os sacerdotes de **Ifá** são chamados Babalawo (o pai dos segredos).

15.11.1 Bibliografia

- Maupoil, Bernard, 1906 - La géomancie à l'ancienne Côte des Esclaves, African Art, Geomancy—Africa, West - Slave Coast, Ethnology - Africa, West - Slave Coast. ISBN 2-85265-012-6
- William R. Bascom: Ifa Divination: Communication Between Gods and Men in West Africa ISBN 0-253-20638-3

- William R. Bascom: Sixteen Cowries: Yoruba Divination from Africa to the New World ISBN 0-253-20847-5
- William R. Bascom: Ifa Divination - Indiana University Press - Bloomington and Indianapolis ISBN 0-253-32890-X ISBN 0-253-20638-3 (pbk)
- The Sacred Ifa Oracle - Afolabi A. Epega and Philip John Neimark - Harper San Francisco ISBN 0-06-250309-X (pbk) ISBN 0-06-251230-7 (cloth)
- Ifa: African Gods Speak: The Oracle of the Yoruba in Nigeria - Christopher Stearns - LFP Verlag ISBN 3-8258-2813-1

15.11.2 Referências

- [1] Lendas africanas dos orixás
- [2] Marins, Luiz L. (2013). *Obátálá e a Criação do Mundo Ioruba*. São Paulo: Do Autor. 58 páginas
- [3] «ÀSÀ ÒRISÀ ALÁÀFIN ÒYÓ». Consultado em 3 de agosto de 2016
- [4] Abraham, R. C. (1946). *Dictionary of Modern Yoruba*. London: Rodder and Stoughton. pp. 192; 555

15.11.3 Páginas externas

* <https://www.facebook.com/ijo.ifa.iwori.ofun/>

15.12 Oduduwa

15.12.1 África

Oduduwa, foneticamente escrito como **Odùduwà**, e às vezes contraído como **Odudua**,^[1] **Oòdua** e **Oduduá**, é uma das divindades primordiais iorubas. Ela representa a divinização da terra e é considerada, ao lado de Obatalá (a representação divinizada do céu), como o casal primordial e propulsor da criação. Cada um foi incumbido de determinadas funções no papel da criação do Aiyê, o universo incluindo o mundo em que vivemos. O universo é visto dentro do culto aos orixás como uma grande cabaça

desta cabaça a parte superior que é Oduduá e Obatalá é considerado como a parte de cima da cabaça.

O nome Oduduá pode ser traduzido como “a cabaça de onde jorrou a vida”. Muitos costumam se enganar e afirmar que Oduduá seria um orixá masculino ao invés de feminino, mas o que ocorre é uma confusão entre a divindade feminina Oduduá com o ancestral iorubano divinizado Oduduá, que, na verdade, é considerado em território africano como sendo uma forma humana da deusa Oduduá, ou seja, o guerreiro legendário e a deusa Oduduá

seriam as mesmas pessoas. Esta é uma visão muito ampla no que concerne à essência divina mas isso é algo que vai muito além da capacidade de aceitação de algumas pessoas e sacerdotes.

O surgimento de Oduduá, bem como o de Obatalá, é muito interessante. Diz-se que involuntariamente nos primórdios da criação, quando a única coisa existente nos mundos era o Olorun, a grande energia primordial, Oduduá, a deusa, surgiu do corpo de Olorun, a grande energia primordial, assim como Obatalá e outras tantas divindades.

Foi Oduduá quem criou a terra e todo o universo como o conhecemos e, ao lado de Obatalá, possibilitou o surgimento da vida.

Segundo Pierre Verger (1982, pp. 3-10)^[2] - (Acidade de Ilé Ifé, chamada de berço da civilização, [...] divinizou os fundadores da dinastia que nelas reinaram – Oduduá [de Ifé] [...] foi o herói criador do mundo que chegou (Cf. em Barretti F^o, (2003) 2012 - "*Os Agbágbá*") do Além tendo recebido do Ser Supremo, *Olodumare*, o saco da criação contendo uma substância escura, de natureza até então desconhecida. Essa substância, lançada sobre a superfície das primeiras águas, formou um montículo de terra sobre o qual pousou uma galinha com cinco dedos. A galinha começou a arrancar o monte com os pés e com o bico e espalhou a matéria que recobriu pouco a pouco as águas e formou a crosta terrestre, da qual Oduduá, [...] se tornou

senhor. (Cf. em Barretti F^o, (1984/2003) 2012 - "*Ilé-Ifé a Origem do Mundo*".)

Em Ifé, [o mito] se complica com uma rivalidade entre Obatalá (também chamado Orixalá), enviado por Olodumare para criar o mundo e Oduduá, que se aproveitou de um momento de intemperança de seu rival, o qual, tendo bebido em excesso vinho de palma quando estava a caminho para cumprir a sua tarefa, embriagou-se, caiu e adormeceu. Oduduá, que vinha atrás, surrupiou o saco da criação e tornou-se assim, ele próprio e em seu lugar, o senhor do mundo (Cf. em Barretti F^o, (2003) 2012 - "*Oduduá – Òní Ifé*"). Mais tarde, quando se reencontraram, Oduduá e Obatalá discutiram e lutaram ferozmente. Detalhes sobre esse assunto foram dados em outra obra (Verger, 1965: cap.II e III).

Essa lenda da criação do mundo por Oduduá só se tornou conhecida do grande público e dos etnólogos em 1912.

by: The ~~Enciclopédia~~ *Enciclopédia* publicada pelo ~~Dr. Johnson~~ *Dr. Johnson* (Johnson, 1921), cujo manuscrito data de 1897.

- A confusão criada pelo Padre Baudin

Falamos acima da criação do mundo por Oduduá em Ifé e da rivalidade que o opôs a Obatalá (Orixalá), de quem roubou o saco da criação. Os nomes desses orixás aparecem impressos pela primeira vez, que eu saiba, em 1852, no vocabulário da língua iorubá de Crowther^[3] (Cf. em

Barretti F^o, (2003) 2012 - "*Os Clérigos Nativos Yorubá*")

O autor indica em rubricas separadas, por um lado, que "Oduá ou Oduduá (Crowther, op.cit.: 207) é uma deusa de Ifé, tida como a suprema deusa do mundo" e acrescenta que "o céu e a terra são duas grandes cabaças (ele queria dizer meias cabaças, *igbá*), que, uma vez fechadas (ou mais precisamente, colocadas uma sobre a outra, formando um recipiente fechado), não podem ser abertas (separadas)". Afirma ainda que havia "uma alusão à aparente concavidade do céu, que parece tocar a terra no horizonte". Por outro lado, indica que "Obatalá (é) a grande deusa iorubá, a artesã do corpo da matriz" (ib.: 228). Ao mesmo tempo, Orixalá é indicado como sendo "a grande deusa Obatalá" (ib.: 223). Já assinalamos a tendência de Crowther a chamar os deuses de deusas, mas é evidente que nos encontramos na presença de duas divindades distintas: Oduduá e Obatalá (Orixalá).

O padre Baudin^[4] despoja em seguida Obatalá e Oduduá de seu caráter hermafrodita para separá-los "em duas divindades perfeitamente distintas", que são então representadas separadamente: Obatalá sob a forma de um guerreiro e Oduduá sob a forma de uma mulher amamentando uma criança.

- Os compiladores e discípulos do padre Baudin.

O Tenente Coronel A. E. Ellis^[5] publicou, por sua vez, em 1894, as mesmas divagações, cuidadosamente copiadas por ele do livro do padre Baudin, e, para melhor completar o sistema dualista do tema da falsa dupla Oduduá-Obatalá e o tornar comparável à do *Yange do Yin* chineses, não hesitou em aproximar a "deusa" Oduduá de *dudu* (Ellis, 1894) negro em iorubá, para a opor a *funfun* (Cf. em Barretti F^o, (2003) 2012 - "*Os Orixá Funfun*"), a cor branca de Obatalá. Mas o tenente-coronel britânico não levou em conta as diferenças de tons (de uma importância primordial em iorubá) existentes entre essas duas palavras.

Trata-se de um sistema dualista, mas correspondente, como vimos, ao casal *Orixalá-Yemowá* visível sob a forma de estátuas instaladas lado a lado no *ilésin*, lugar de adoração do templo de Obatalá em Idetá-Ilé, no bairro Itapa em Ifé, (Cf. em Barretti F^o, (2003) 2012 - "*No Templo de Obatalá: Idetá-Ilé*") muito diferente do casal Orixalá-Oduduá que, unicamente para o padre Baudin e

seus discípulos, se constitui como uma lenda sobre o caráter agressivo, hostil, antagônico, das relações existentes entre Orixalá e Oduduá, que longe de uni-los num casal geneticamente estéril, os separa e os opõe como se depreende da história antiga do povo Iorubá.

[...] (portanto) Oduduá é do sexo masculino, guerreiro viril, vencedor dos Igbo, fundador de Ifé, pai de numerosos reis (Cf. em Barretti F^o, (2003) 2012 - "*As Esposas de Oduduá*" e "*Descendentes de Oduduá* filhos e/ou netos")^[6] e soberano de diversas regiões iorubás.

15.12.2 Brasil

É um orixá, **Odùduà - Oduduwa - Odùduwà**, que foi um rei que teria vindo do leste no momento das correntes migratórias causadas por uma invasão berbere no Egito. Segundo Pierre Verger, esse fato provocou deslocamentos de populações inteiras, expulsando-se progressivamente umas às outras, em direção ao oeste, para terminar em Borgu, também chamada região dos Baribas. O rei Oduduwa ou Oduwa, era o pai de Oranian o fundador de Oyo.

15.12.3 Referências

- [1] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 215.
 - [2] “Etnografia religiosa iorubá e probidade científica”. *Revista Religiosa e Sociedade*, nº 8, pp. 3-10. Rio de Janeiro, ISER, Editora Cortez, 1982.
 - [3] Crowther, Samuel Ajayi. *A vocabulary of the yoruba language*, Londres, 1852.
 - [4] Baudin, Noel. *Dictionnaire français-yoruba-français*. Cotonou, 1967.
 - [5] Ellis, A.E. *The yoruba speaking peoples*. Londres, 1894.
 - [6] Barretti Filho, Aulo. *Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorubá, de Odùduwà a Sàngó*. In: *Artigos & Textos*. Internet, (2003) 2012.
- Ojuade, J. Sina (1992) 'The issue of 'Oduduwa' in Yoruba genesis: the myths and realities', *Transafrican Journal of History*, 21, 139-158.
 - Obayemi, A. 1976. The Yoruba and Edo-speaking Peoples and their Neighbors before 1600 AD, in JFA Ajayi & M. Crowder (ed.), *History of West Africa* 1: 255-322

15.12.4 Ligações externas

- Em português:
- Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorubá, de Odùduwà a Sàngó
- Em inglês:
- *The Kingdom Of The Yorubas*

15.13 Oranyan

Oraniã, conhecido pelos cubanos como **Oranyan**, foi um rei dos iorubás da cidade de Ifé, Nigéria. Era o filho mais novo de Oduduá e foi o mais poderoso de todos, e mais

famoso em toda nação iorubá. Famoso como caçador e pelas grandes e numerosas conquistas. Foi o fundador do Império de Oió por volta de 1400.

Em Ifé existe um monólito que tem o nome **Opa Òràn-miyàn** em sua homenagem. Uma de suas mulheres, Torosi, que era filha de Elémpe, rei da nação Tapá (Nupe), foi a mãe de Xangô que mais tarde veio ser o alafim de Oió no lugar de seu irmão mais velho Dadá Ajaká. Oraniã colocou seu outro filho, Eweka, como rei de Benim, e se tornou o Òni de Ifé.

15.13.1 História

Pierre Verger, em “Orixás, Editora Corrupio” descreve um Itan que fala do nascimento de Oraniã:

“Oraniã foi concebido em condições muito singulares, que sem dúvida, espantariam os geneticistas modernos. Uma lenda relata como Ogum, durante uma de suas expedições guerreiras, conquistou a cidade de Ogotún, saqueou-a e trouxe um espólio importante. Uma prisioneira de rara beleza chamada **Lakanjê** agradou-lhe tanto que ele não respeitou sua virtude. Mais tarde, quando Oduduá, pai de Ogum, a viu, ficou perturbado, desejou-a por sua vez e fez dela uma de suas mulheres. Ogum, amedrontado, não ousou revelar a seu

pai o que havia passado com a prisioneira. O seu corpo era verticalmente dividido em duas cores. Era preto de um lado, pois Ogum tinha a pele escura, e pardo do outro, como Oduduá, que tinha a pele muito clara... Essa característica de Oraniã é representada todos os anos em Ifé, por ocasião da festa de Olojô, quando o corpo dos servidores do Òni é pintado de preto e branco. Eles acompanham Òni de seu palácio até Òkè Mògún, a colina onde se ergue um monólito consagrado a Ogum. Essa grande pedra é cercada de *màriwò òpè*, franjas de palmeiras desfiadas, e, nesse dia, os sacrifícios decão e galo são aí pendurados. Òni chega vestido suntuosamente, tendo na cabeça a coroa de Oduduá. É uma das raras ocasiões, talvez mesmo a única do ano, em que ele a usa publicamente, fora do palácio. Chegando diante da pedra de Ogum, ele cruza por um instante sua espada com Osògún, chefe do culto de Ogum em Ifé, em sinal de aliança, apesar do desprazer experimentado por Oduduá quando descobriu que não era o único pai de Oraniã.”

15.13.2 Ligações externas

- Em Português:

- Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorùbá, de Odùduwà onde tem um filho iniciado nesse orixa e também realiza a Sàngó
- Òrànmiyàn

15.13.3 Referências

15.14 Baiani

Baiani, Bayanni ou **Dada** é um orixá da mitologia iorubá. É filho de Òrànmiyàn e irmão mais velho de Xangô e Saponna. Tornou-se Alááfin de Oyó Pacífico. Foi um rei fraco que quase não reinou. Em outra versão do mito, é a mãe de Xangô.^[1]

No Brasil, é chamado de Bayanni ou Dadá Ajaká. É representado por uma coroa de búzios chamada *Ade Bayanni* ou *Adé de Banni* enfeitada de búzios com diversas tiras pendentes. Orixá cultuado no Terreiro do Gantois, tem uma festa anual chamada Festa de Baiani, muito concorrida por ser talvez a única casa de axandômbé que cultue este orixá.

15.14.1 Referências

- [1] CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. S/A. 1979. p. 44.

15.14.2 Ligações externas

- Em Português:
- Adé Bayánni*
- Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorùbá, de Odùduwà a Sàngó
- Baiâni

15.15 Dadá Ajaká

Dadá Ajaká filho mais velho de Oranian, irmão consanguíneo de Xangô, reinava então em Oyó. Ele amava as crianças, a beleza, e as artes. De caráter calmo e pací-

fico, não sabia paciência e não conseguia controlar a ira. Às crianças cujos cabelos crescem em tufos que se frisam separadamente.

Xangô o destronou e **Dadá Ajaká** exilou-se em Igboho (Nigéria), durante os sete anos de reinado de seu meio-irmão. Teve que se contentar, então, em usar uma coroa feita de búzios, chamada *adé bayánni* (pronuncia-se *Adé Baiani*), ou “Coroa de Dadá”. No Terreiro do Gantois na Bahia é reverenciado e cultuado como Baiani, onde realiza-se uma festa anual e no Ilê Omorodé Orixá N’la

Depois que Xangô deixou Oyó, **Dadá Ajaká** voltou a reinar. Em contraste com a primeira vez, ele mostrou-se agora valente e guerreiro, voltou-se contra os parentes da família materna de Xangô, atacando os apas.

15.15.1 História

Ajaká foi 2º Alááfin de Oyó, o Oba Ajaká, meio irmão de Sàngó, que era muito pacífico, apático e não realizava um bom governo.

Sàngó cresceu nas terras dos Tapas (Nupe), local de origem de Torosí, sua mãe. Tempos depois, com seus seguidores se estabeleceu em Oyó, num bairro que recebeu o mesmo nome da cidade que viveu, Kòso e com isso manteve seu título de Oba Kòso. Sàngó percebendo a fraqueza de seu irmão e sendo astuto e ávido por poder, destrona Ajaká e torna-se o terceiro Alááfin de Oyó.

Ajaká, também chamado de Dadá, exilado, sai de Oyó para reinar numa cidade menor, Igboho, vizinha de Oyó. Por ter sido deposto, não poderia mais usar a coroa real de Oyó, e passa então a usar neste seu outro reinado uma outra coroa (ade), que escondesse seus olhos envergonhados e jura que somente irá tirá-la quando ele puder usar novamente o ade que lhe foi roubado. Esta coroa que Dadá Ajaká passa a usar, é rodeada por vários fios orna-

dos de búzios no lugar das contas preciosas do Ade Real de Oyó, e esta chama-se Ade Bayánni (ver fotos no site)*. Dadá Ajaká então casa-se e tem um filho que chama-se Aganju, que vem a ser sobrinho de Sàngó.

Sàngó reina durante sete anos sobre Oyó e com intenso remorso das inúmeras atrocidades cometidas e com o povo revoltado, ele abandona o trono de Oyó e se refugia na terra natal de sua mãe em Tapa. Após um tempo, suicida-se, enforcando-se numa árvore chamada de àyòn (àyàn) na cidade de Kòso. Com o fato consumado, Dadá Ajaká volta à Oyó e reassume o trono, retira então o Ade Bayánni e passa a usar o Ade Alááfin, tornando-se então o quarto Alááfin de Oyó. Após sua morte, assume o trono seu filho Aganju, neto de Òrànmiyàn e sobrinho de Sàngó, tornando-se o quinto Alááfin de Oyó.

1* - Em: Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorùbá, de Odùduwà a Sàngó de Aulo Barretti Filho

15.15.2 Ligações externas

- em português:
- Ilê-Ifé: O Berço Religioso dos Yorùbá, de Odùduwà a Sàngó
- Adé Bayánni (coroa) do Oba Dadá Ajaká: 2º Alááfin Oyó

15.16 Olokun

15.16.1 África

Na mitologia Yorubá no Benim, **Olóòkun ou Olokun** é considerado como do sexo masculino e em Ifé como sendo do sexo feminino, divindade do mar. Depois (Olo) dos Oceanos (Okun).

Olokun é o Orixá Senhor do mar, é andrógino, metade homem e metade-peixe, de caráter compulsivo, misterioso e violento. Tem a capacidade de transformar. É assustador quando irritado. Na natureza é simbolizado pelo mar profundo e é o verdadeiro dono das profundezas do presente, onde ninguém jamais esteve. Representa os segredos do fundo do mar, como ninguém sabe o que está no fundo do mar, apenas Olokun. Também representa a riqueza do fundo do mar e da saúde. Olokun é um dos Orixás mais perigoso e poderoso do culto aos Orixás.

Diz-se que ele foi acorrentado ao fundo do oceano, quando ele tentou matar a humanidade com o dilúvio. Sempre retratado com escudo. Seu culto é na cidade de Lagos, Benin e Ile Ifé. Seu nome vem do yoruba Olokun (Olo: Depois - Okun: Mar). Representa a riqueza dos fundos marinhos e a saúde. Todo os Babalawôs devem cultuá-lo e sempre deve ser assentado com suas 18 ninfas que são suas esposas, as 9 Olossás e as 9 Olonas. Elas são ninfas da água, representa os rios, córregos, lagoas, cachoeiras, nascentes, lagoas, extensões marinhos e de águas pluviais.

15.16.2 Brasil

No Brasil é cultuada como mãe de Iemanjá e donadomar (Olokun).

É cultuada nas casas de candomblé tradicionais, mas não toma parte nas festas, não são entoados cânticos no “xirê”, assim como acontece com outros orixás (Orunmila, Oduduwa). São assentados mas não são “iniciados” iawos para estes orixás.

Com a vinda de sacerdotes africanos para o Brasil, hoje tenta-se resgatar o culto, porém sem identificação pelos fiéis. Talvez por não se ter conhecimento e sincretismo.

É homenageada durante a Festa de Iemanjá. Em Cuba, Olokun foi ligado ao fundo do oceano por Oxalá e evi-

tor que sua força fizesse calamidades. No vodum cubano, Olokun é semelhante a Nana Buruku que representa o princípio e a mãe de Iemanjá.

15.16.3 Referências

15.16.4 Ligações externas

- Fundação Pierre Verger
- Culto aos Orixás

15.16.5 Haiti

15.17 Olossa

Olóssa ou Olossa - Na Mitologia Yorubá é a divindade das lagoas. Oloxá é sensível e zelosa. É filha de Orungan com Yemojá, mãe de Ajé Salugá. Ganhou de Olókun o poder de governar os lagos que desembocam nos mares. Ligada a Oxum e Nanã, veste-se de verde-claro e suas contas são branco cristal. É a Yemanjá mais velha da terra de Egbado, não há iniciados no Brasil. Oloxá é também considerada esposa/irmã de Olokun. Seus mensageiros são os crocodilos. Na Iorubalândia, é adorada nas Lagoas e Lagos que precedem à costa Atlântica. Ali é onde são levadas suas oferendas. Se os crocodilos as consumirem, o Orixá as aceitou. É cultuada no Brasil na Lagoa do Abaeté, Salvador, Bahia juntamente com Iemanjá que também é considerada Orixá dos Lagos.

15.18 Oxalufan



Estátua de Oxalá em Costa do Sauípe, Bahia

Oxalufan, Oxalufã ou Oxalufon^{[1][2]}, Orixá africano cultuado em todo o Brasil por todas as religiões afro-brasileiras, identificado no jogo do merindilogun pelo odu ofun ou êjiokô e representado materialmente e imaterial pelo candomblé, através do assentamento sagrado denominado igba oxalufan.

Considerado um Oxalá muito velho, curvado pelos anos, que anda com dificuldade e hesitação, como se estivesse

atacado pelo reumatismo. Ele apoia seus passos cambaleantes sobre um *paxorô* (ou *opaxorô*, ou ainda em Yorubá, Opá Oṣòró), grande bastão de metal branco, encimado pela imagem de umpássaro e ornado por discos de metal e pequenos sinos. Considerado como o Orixá da Paz, da paciência, tudo que se refere à Oxalá é ligado a calma e a tranquilidade. Sua cor é o branco e seus filhos não podem usar roupa preta, vermelha e tons escuros. Seu dia da semana é a sexta-feira e por respeito ao pai mais velho, todo povo-de-santo usa branco nesse dia. Sua dança é lenta como o passo do Igbin.

O **Igbin**, que é chamado oboide Oxalá, é sua oferenda favorita juntamente com o Ebbô. E Igbin também é o nome do toque dedicado à Oxalá. E As Águas de Oxalá é a sua principal festa realizada sempre no mês de janeiro nas principais casas tradicionais da Bahia.

15.18.1 África

Oriṣà Olúfón (Senhor da cidade de Ifón)^{[3][4][5][6]}, segundo relato de Pierre Verger, na África é velho e sábio, cujo templo é em Ifon, pouco distante de Oxogbô. Seu culto permanece ainda relativamente bem preservado nessa cidade tranquila, que se caracteriza pela presença de numerosos templos, igrejas católicas e protestantes e mesquitas que atraem, todas elas, aos domingos e sextas-feiras, grande número de fiéis de múltiplas formas de monoteísmos importados de outros países. Em contraste

com essa afluência, o dia da semana yorubá consagrado a Oriṣà só interessa atualmente a pouca gente. Gra- tamente um pequeno núcleo de seis sacerdotes, os *Ìwẹ̀fà mẹ̀fà* (Aájè, Aáwa, Olpuwin, Gbògbò, Aláta e Ajíbódù) ligados ao culto de Oriṣà Olúfón.

A cerimônia de saudações ao **Oba** (rei) de dezesseis em dezesseis dias pelos *Ìwẹ̀fà* e pelos *Olóyè* chama a atenção pela calma, simplicidade e dignidade. O Oba Olúfón (também chamado por **Obalufon**)^[7] espera sentado à porta do palácio reservada só para ele e que dá para o pátio. Ele está vestido com um pano e gorro brancos. Os *Olóyè* avançam, vestidos de tecido branco amarrado no ombro esquerdo, e seguram um grande cajado. Aproximam-se do rei, param diante dele, colocam o cajado no chão, tiram o gorro, ficam descalços, desatam o tecido amarram-no à cintura. Com o torso nu em sinal de respeito, ajoelham-se e prostram-se várias vezes, ritmando, com uma voz respeitosa, um pouco grave e

abafada, uma série de votos de longa vida, de calma, fecundidade para suas mulheres, de prosperidade e proteção contra os elementos adversos e contra as pessoas ruins. Tudo isso é expresso em uma linguagem enfeitada de provérbios e de fórmulas tradicionais. Em seguida os *Olóyè* e os *Ìwẹ̀fà* vão sentar-se de cada lado do rei, trocando saudações, cumprimentos e comentários sobre acontecimentos recentes que interessam à comunidade. A seguir, o rei manda servir-lhes alimentos, dos quais uma parte foi colocada diante do altar de **Osálufón**, para uma refeição comunitária com *orixá*.

15.18.2 Arquétipo

Seus filhos parecem ter mais idade que possuem, pela entidade ser mais velha. São doces, calmos, andam e falam devagar, parecendo idosos. São boas pessoas e sabem que alimentar ressentimentos só faz mal. Com seu jeito calmo, tentam e às vezes conquistam romances.

15.18.3 Referências

- [1] Pierre Verger, Angela Lühning. Pierre Verger, repórter fotográfico: repórter fotográfico, Bertrand Brasil, 2004
- [2] George Maurício, Vera de Oxaguiá, Marcelo Barros, O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon. Pallas, 2009 (em português)
- [3] José Beniste, Orun Aiyé: o encontro de dois mundos : o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a terra. Bertrand Brasil, 1997 (em português)
- [4] Monique Augras, O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô. Vozes, 1983 (em português)
- [5] Ajòdún Òrìṣà Olúfón (em português)
- [6] Sixteen Cowries: Yoruba Divination from Africa to the New World. Por Ifalaye Book (em inglês)
- [7] Yoruba Myths Por Ulli Beie

15.18.4 Bibliografia

15.18.5 Ver também

- Candomblé
- Batuque
- Xambá

15.18.6 Ligações externas

- Os *Òrìṣà Funfun*

15.19 Oxaguian

15.19.1 África

Oxaguian na mitologia yorubá é um jovem guerreiro, seria filho de Oxalufan, identificado no jogo do merindilogun pelo odu ejionile e representado materialmente e imaterial pelo candomblé, através do assentamento sagrado denominado igba oxaguian. Seu templo principal é em Ejigbo estado de Osun, onde ostenta o título de Eléèjigbó, ou Rei de Ejigbo.



Assentamentos de Oxaguiã com *Kele* branco e azul. No candomblé do Ilê Ase Ijino Ilu Orossi.

Em Lendas Africanas dos Orixás, Pierre Fatumbi Verger conta uma das lendas que Oxaguiã teria nascido em Ifé, bem antes de seu pai tornar-se o rei de Ifan. Oxaguiã, valente guerreiro, desejou, por sua vez, conquistar um reino. Partiu, acompanhado de seu amigo Awoledjê. Oxaguiã não tinha ainda este nome. Chegou num lugar chamado Ejigbô e aí tornou-se Elejigbô (Rei de Ejigbô). Oxaguiã tinha uma grande paixão por inhamé pilado, comida que os iorubás chamam iyan. Elejigbô comia deste iyan a todo momento; comia de manhã, ao meio-dia e depois da sesta; comia no jantar e até mesmo durante a noite, se sentisse vazio seu estômago! Ele recusava qualquer outra comida, era sempre iyan que devia ser-lhe servido.

Chegou ao ponto de inventar o pilão para que fosse preparado seu prato predileto. Impressionados pela sua mania, os outros orixás deram-lhe um cognome: Oxaguiã, que significa “Orixá-comedor-de-inhamé-pilado”, e assim passou a ser chamado.

Awoledjê, seu companheiro, era babalawo, um grande adivinho, que o aconselhava no que devia ou não fazer. Certa ocasião, Awoledjê aconselhou a Oxaguiã oferecer: dois ratos de tamanho médio; dois peixes, que nadassem majestosamente; duas galinhas, cujo fígado fosse bem grande; duas cabras, cujo leite fosse abundante; duas cestas de caramujos e muitos panos brancos. Disse-lhe, ainda, que se ele seguisse seus conselhos, Ejigbô, que era então um pequeno vilarejo dentro da floresta, tornar-se-ia, muito em breve, uma cidade grande e poderosa e povoada de muitos habitantes.

Depois disso Awoledjê partiu em viagem a outros lugares. Ejigbô tornou-se uma grande cidade, como previra Awoledjê. Ela era ardeada de muralhas com fossos profundos, as portas fortificadas e guardas armados vigiavam suas entradas e saídas.

Havia um grande mercado, em frente ao palácio, que atraía, de muito longe, compradores e vendedores de mercadorias e escravos. Elejigbô vivia com pompa en-

tre suas mulheres e servidores. Músicos cantavam seus louvores. Quando falava-se dele, não se usava seu nome jamais, pois seria falta de respeito. Era a expressão Kabiyesi, isto é, Sua Majestade, que deveria ser empregada.

Ao cabo de alguns anos, Awoledjê voltou. Ele desconhecia, ainda, o novo esplendor de seu amigo. Chegando diante dos guardas, na entrada do palácio, Awoledjê pediu, familiarmente, notícias do “Comedor-de-inhamé-pilado”. Chocados pela insolência do forasteiro, os guardas gritaram: “Que ultraje falar desta maneira de Kabiyesi! Que impertinência! Que falta de respeito!” E caí-

ram sobre ele dando-lhe pauladas e cruelmente jogaram-no na cadeia.

Awoledjê, mortificado pelos maus tratos, decidiu vingar-se, utilizando sua magia. Durante sete anos a chuva não caiu sobre Ejigbô, as mulheres não tiveram mais filhos e os cavalos do rei não tinham pasto. Elejigbô, desesperado, consultou um babaalô para remediar esta triste situação. “Kabiyesi, toda esta infelicidade é consequência da injusta prisão de um dos meus confrades! É preciso soltá-lo, Kabiyesi! É preciso obter o seu perdão!”

Awoledjê foi solto e, cheio de ressentimento, foi-se esconder no fundo da mata. Elejigbô, apesar de rei tão importante, teve que ir suplicar-lhe que esquecesse os maus tratos sofridos e o perdoasse.

“Muito bem! - respondeu-lhe. Eu permito que a chuva caia de novo, Oxaguiã, mas tem uma condição: Cada ano, por ocasião de sua festa, será necessário que você envie muita gente à floresta, cortar trezentos feixes de varetas. Os habitantes de Ejigbô, divididos em dois campos, deverão golpear-se, uns aos outros, até que estas varetas estejam gastas ou quebrem-se”.

Desde então, todos os anos, no fim da seca, os habitantes de dois bairros de Ejigbô, aqueles de Ixalê Oxolô e aqueles de Okê Mapô, batem-se todo um dia, em sinal de contrição e na esperança de verem, novamente, a chuva cair.

A lembrança deste costume conservou-se através dos tempos e permanece viva, também, na Bahia.

Por ocasião das cerimônias em louvor a Oxaguiã, as pessoas batem-se umas nas outras, com leves golpes de vareta... e recebem, em seguida, uma porção de inhamé pilado, enquanto Oxaguiã vem dançar com energia, trazendo uma mão de pilão, símbolo das preferências gastronômicas do Orixá “Comedor-de-inhamé-pilado.”

15.19.2 Brasil

Oxaguiã é um Oxalá jovem. Sempre de branco. Usa espada, escudo, polvarim e mão de pilão. Guerreiro, seu dia da semana é sexta-feira. Come cabra, e é o dono do inhamé.

Seu lugar no Panteão dos Orixás

Oxaguian ou Oxaguiã Divindade Yorubá, cultuado no Candomblé afro-brasileiro.

Segundo a mitologia Yorubá, o universo foi criado por Olorum. Os filhos de Olorum são os Orixás, que receberam cada qual atribuições e responsabilidades sobre a criação de seu Pai. O primeiro e mais velhos dos Orixás é Oxalá, a quem se credita a criação do Homem.

Oxaguian é apontado como o aspecto jovem de Oxalá, outras vezes é apontado como filho de Oxalufã, o qual é tido como o aspecto velho de Oxalá. Oxaguian, “o moço”, na sua forma “guerreira” de Oxalá, carrega uma espada, cheio de vigor e nobreza.



Oxaguian - escultura de Carybé em madeira, em exposição no Museu Afro-Brasileiro Salvador, Bahia, Brasil

Na mitologia Yorubá, os Orixás associam-se a cidades ou regiões africanas, que seriam regidas ou favorecidas por seu respectivo Orixá. Seu templo principal é em Ejigbo, onde ostenta o título de Eléèjigbó, ou Rei de Ejigbo.

Orixá do dinamismo e movimento construtivo, da cultura material. Seu domínio são as lutas diárias por sustento e trabalho e a paz. Oxaguian incentiva o trabalho e a superação. Oxaguian é o provedor, é o guerreiro da paz. Nunca entra numa batalha para perder, sempre ganhando suas lutas e superando quaisquer obstáculos.

É sempre retratado como um guerreiro forte, astuto e conquistador, Oxaguian rege as inovações, a busca pelo aprimoramento, o inconformismo. É um Orixá relacionado com o sustento do dia a dia, gostando de mesa farta. Seu sustento vem do fundo da terra ou da floresta. Ele de-

tém todas as armas e as usa para alcançar seus objetivos, que são: dar para quem tem fome e até tomar de quem tem muito e não tem fome.

Sua comida favorita é o inhame. Sendo orixá das inovações e invenções, criou para si o pilão, de tal forma que pudesse saborear seu prato favorito. Daí inclusive deriva seu nome: Oxaguian significa literalmente “Orixá comedor de Inhame Pilado”.

Diz-se que enquanto Ogum fornece meios (ferramentas e armas) Oxaguian fornece inteligência e vontade para vencer. Representa o início de um movimento. Este orixá tem personalidade violenta e severa.

É com Oxaguian que se encerra o ciclo das festas de Oxalá com a festa do Pilão de Oxaguian (ojó ado)-o dia do pilão.

15.19.3 Características

Suas armas (ferramentas símbolos) são: espadas (sabre), Ofá (arco e flecha), Atori (Vara), Polvarim, Escudo e mão de pilão (seu maior símbolo);

Suas cores: branco e azul-claro;

Seu dia de devoção Sextas-feiras;

Sua comida: é a canjica branca com oitobolas de inhame por cima;

Seu metal: prata e metais brancos;

Suas contas são: brancas intercaladas de azul claro;

Sua festa: Pilão de Oxaguiã (festa dos inhames novos);

Seus elementos O Ar e a Atmosfera;

Saudação: Exê Uepa Babá!!!

15.19.4 Arquétipo dos filhos de Oxaguian

A liderança é uma de suas especialidades. Duas características dividem os filhos de Oxaguian: Uns são amigos das intrigas, são orgulhosos, se acham os melhores, são faladores. Outros são voltados para a família, calmos e guardam segredos para si, mas todos são teimosos ou como eles próprios dizem determinados.

Na verdade são duas faces de Oxaguian, numa delas estão os filhos que carregam a espada e os outros, os mais

calmos carregam a mão de pilão.

Os filhos de Oxaguian são valentes, guerreiros, combativos, geniosos, intuitivos, são instáveis, têm caráter romântico e são sensuais. Os filhos de Oxaguian não desprezam o sexo e cultivam o amor livre.

Além destas características, são alegres, gostam profundamente da vida, são faladores e brincalhões. Ao mesmo tempo são idealistas, defensores dos injustiçados, dos fracos e dos oprimidos.

Frequentemente são Orgulhosos, sedentos de feitos glo-

riosos.

Oxaguian é um jovem guerreiro combativo, seus filhos são habitualmente altos, esguios, eventualmente robustos, mas não são agressivos ou brutais.

Os filhos de Oxaguian são ciumentos e detestam concorrência. São criativos, generosos, inteligentes, sábios e justos. Em seu aspecto negativo porém, são também lentos, mandões, teimosos e podem ser violentos.

Itan do nascimento. Nasceu dentro de uma concha de caramujo. Não tinha mãe. E quando nasceu, não tinha cabeça, por isso perambulava pelo mundo, sem sentido e sem rumo. Um dia encontrou Ori numa estrada e este lhe deu uma cabeça feita de inhame pilado. Apesar de feliz com sua nova cabeça branca, ela esquentava muito, e quando esquentava Oxaguiã criava mais conflitos. E sofria muito. Um dia encontrou a morte (iku), que lhe ofereceu uma cabeça fria. Apesar do medo que sentia,

o calor era insuportável, e ele acabou aceitando a cabeça preta que a morte lhe deu.

Mas essa cabeça era dolorida e fria demais. Oxaguiã ficou triste, porque a morte com sua frieza estava o tempo todo com o orixá.

Então Ogum apareceu e deu sua espada para Oxaguiã, que espantou Iku. Ogum também tentou arrancar a cabeça preta de cima da cabeça branca, mas tanto apertou que as duas se fundiram e Oxaguiã ficou com a cabeça azul, agora equilibrada e sem problemas. A partir deste dia ele e Ogum andam juntos transformando o mundo. Oxaguiã depositando o conflito de idéias e valores que mudam o mundo e Ogum fornecendo os meios para a transformação, seja atecnologia ou a guerra.

15.19.5 Batalha dos Atoris

Itan Batalha dos Atoris. Na cidade Africana de Eleegibô até hoje por ocasião de sua festa os habitantes são divididos entre dois bairros e trocam golpes de atori (varas), relembando o mito que diz sobre um Babalaô seu amigo que foi preso pelos guardas de Eleegibô, por que se referiu o Rei como, Oxaguian (Orixá Comedor de Inhame) tendo sido encontrado no calabouço Oxaguiian pediu-lhe perdão só aceito se os moradores da cidade trocassem golpes de varas durante suas festas (sob pena de não haver boa colheita caso isto não acontecesse).

15.19.6 O Castelo de Ogum

Itan O Castelo de Ogum, Oxaguian, jovem filho guerreiro de Oxalá, acompanhava Ogum pela terra em suas guerras. Aproveitava de toda ocasião em que a guerra criava destruição para reconstruir no lugar algo maior e mais próspero. Assim espalhou pelo mundo prosperidade, sem descanso, obrigando todos a trabalhar e progredir. Onde via preguiça, inspirava movimento e crescimento. Um dia, entre uma batalha e outra, Oxaguian foi à cidade de Ogum para buscar provisões e encontrou um castelo que

mal havia desam. Oxaguian perguntou ao povo: “Que vão fazer agora que terminaram de construir o castelo do seu rei?” “Descansar”, eles responderam. Oxaguian retrucou: “O seu rei ainda demora a voltar; vocês devem aproveitar deste tempo de maneira melhor. Construam um castelo ainda melhor e encham de alegria o seu rei.” Sacou da espada e com um toque empurrou a parede do castelo, que ruuiu todo.” Oxaguian voltou para a guerra, e o povo pôs-se a construir um castelo ainda melhor.

O tempo passou e Oxaguian voltou à cidade de Ogum em busca de mais provisões. Encontrou lá um castelo ainda maior e melhor do que o que tinha derrubado. Semelhante diálogo se travou. Oxaguian perguntou ao povo: “Que vão fazer agora que terminaram o castelo do seu rei?” “Vamos descansar”, eles responderam. Oxaguian interrogou: “Mais uma vez, o seu rei demora a voltar; vocês que aproveitem ainda deste tempo de maneira me-

lhor. Construam um castelo melhor para o seu rei.” Como tinha feito antes, sacou da espada e com um toque derubou o castelo.” E partiu para guerra, voltando sempre em busca de novas provisões. Tantas vezes isto aconteceu que o povo do lugar se transformou em um povo de grandes construtores, desenvolvendo engenharia e arquitetura soberba, reconhecida mundialmente. Oxaguian promove o progresso. Não gosta de ver ninguém parado.

15.19.7 Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguian

Oxaguian, rei de Ejigbô, o Elejigbô, chamado “Orixá-Comedor-de-inhame-pilado”, inventou o pilão para saborear mais facilmente seus prediletos inhames. Todo o povo do seu reino adotou a sua preferência. Todo o povo de Ejigbô comia inhame pilado. E tanto seu comia inhame em Ejigbô que já não se dava conta de plantá-lo. E assim, grande fome se abateu sobre o, povo de Oxalá.

Oxaguian foi consultar Exu, que o mandou fazer sacrifícios e procurar o ferreiro Ogum, que naquele tempo vivia nas terras de Ijexá. O que podia fazer Ogum para que o povo de Ejigbô tivesse mais inhame?, consultou Oxaguian. Ogum pediu sacrifícios e logo deu a solução. Em sua forja, Ogum fez ferramentas de ferro.

Fez a enxada e o enxadão, a foice e a pá, fez o ancinho, o rastelo, o arado. “Leve isso para o seu povo, Elejigbô, e o

trabalho na plantação vai ser mais fácil. Vão colher muitos inhames, mais do que agora quando plantam com as mãos”, disse Ogum. E assim foi feito e nunca se plantou tanto inhame e nunca se colheu tanto inhame. E a fome acabou.

O povo de Ejigbô, agradecido cultuou Ogum e ofereceu a ele banquetes de inhames e cachorros, caracóis, feijão-preto regado com azeite-de-dendê e cebolas. Ogum disse a Oxaguiã: “Na casa de seu Pai todos se vestem de branco, por isso também assim me visto para receber as oferendas”. E o povo o louvava e Ogum ficou feliz. E o

povo cantava: “A kaja lóni fun Ògúnja mojúba”. “Hoje fazemos sacrifício de cachorros a Ogum, Ogúnjá, Ogum que come cachorro, nós te saudamos”. Oxaguiã disse a Ogum: “Meu povo nunca há de esquecer de sua dádiva. Dê-me um laço de seu abadá azul, Ogum, para eu usar com meu axó funfun, minha roupa branca. Vamos sempre nos lembrar de Ogúnjá”. E, do reino de Ejigbô até as terras de Ijexá, todos cantaram e dançaram.

Dia da semana yorùbá:

O **Ose** é “semana” em yorùbá. Diferente da semana ocidental de sete dias, ela tem quatro:

- 1) Ojo Awo – dia do segredo, quando se cultua Esu, Ifá, Osanyin e os Òrìsà femininos (Oya, Òsun, Yemoja, Oba, Iyewa);
- 2) Ojo Isegun – dia da conquista, dedicado aos Òlode – deuses de caça – Ògún, Osose, Erinle, Oloogunede. É a família de Ananburuku – Omolu e Osumare;
- 3) Ojo Jakuta – dia de se atirar pedras, é para cultuar Sàngó e seus irmãos Dada Ajaka, Baiyani, Airá, e o povo de Oyo em geral;
- 4) Ojo Aiku – dia que não se morre, dedicado à Obàtálá, **Osagiyan**, Egbe e todos os Òrìsà Funfun (Òrìsà que participaram da criação do mundo e que vestem branco)^[1] (Awon Ewé Njé Folhas funcionam, Sandra Epega).

15.19.8 Referências

[1] Sandra Soleye Medeiros Epega, Ìyálòrìsà do Ile Leuiwyato, templo de culto a Sàngó

- ALZUGARAY, Domingo e ALZUGARAY, Cátia; (Ed.) Brasil: História, Costumes e Lendas, Ed. Três, São Paulo, 1987.
- VERGER, Pierre; Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo; 5.ª ed; Curripio, Salvador, 1997. Oxaguiã (Òrìsà Ògiyán)
- VERGER, Pierre; Notas sobre o culto aos orixás e voduns; Edusp, São Paulo, 1999.

- CASCUDO, Luís da Câmara, Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Global, 2000
- PRANDI, Reginaldo; Mitologia dos Orixás; Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

15.19.9 Ver também

- Orixás
- Inhame

15.19.10 Ligações externas

- *Os Òrìsà Funfun*

15.20 Orixá Okô

Okô é o orixá da agricultura. Ele era um caçador pobre, solitário, que possuía apenas um cão e uma flauta.^[1] Possuía chibata de couro e um cajado de madeira. Toca uma flauta de osso. Veste branco.

15.20.1 História

Divindade da agricultura, ligado a colheita dos inhames novos e a fertilidade da terra. Orixá Yoruba, pouco

conhecido no Brasil. Na época em que os escravos chegaram, não deram muita importância a este Orixá, considerando-o como da agricultura, em seu lugar, Òfún, e dos grãos, Obaluaiyê.

Em sua representação, traz um cajado de madeira que revela sua relação com as árvores, além de uma flauta de osso que lembra sua relação com a sexualidade e a fertilidade. É confundido com Oxalá, pois ambos vestem o branco. Seu Òpásórò (cajado), no Brasil, é confeccionado em madeira. Sendo um Orixá raro, tem poucas qualidades conhecidas. É um Orixá rico.

Seu nome vem do yoruba, significa: Orixá da Palavra. As abelhas são suas mensageiras. É da agricultura junto com Ogum, e portanto, ligado às colheitas, principalmente de inhame.

É representado por uma estátua de madeira provida de um imenso falo. Seus símbolos são: cajado de madeira, uma flauta, uma chibata de couro, uma faca com fileira de búzios. Na África usam uma barra de ferro como símbolo.

Tem o poder de curar a malária, à qual estão expostos aqueles que lidam com agricultura. É árbitro de conflitos, especialmente entre mulheres, e não raro, juiz das costumeiras disputas entre os orixás.

Tem um título: Eni duru, que significa aquele que é erigido, personagem em pé, referência a seus atributos fálicos.



Orixá Oko - escultura de Carybé em madeira, em exposição no Museu Afro-Brasileiro Salvador, Bahia, Brasil

Na época da colheita do inhame, ninguém comia o inhame novo sem antes fazer uma festa para Okô. As

sacerdotisas do templo do orixá se entregavam aos sacerdotes sexualmente, e todo homem que encontrava uma mulher podia ter relação sexual naquele dia. Na ocasião, uma bandeja de madeira contendo coco, cana de açúcar, milho, inhame, todos crus, como oferenda. Nas festas na África, cozinha-se todo tipo de vegetais produzidos pela terra e são colocados na rua para que todos se servissem à vontade. Divindade da agricultura e da fertilidade da terra e dos mistérios associados a terra, a vida e morte. É um dos Orixás mais duros por seu trabalho na terra, alimentando a humanidade e os orixas.

Sacrificam galinha de angolamacho, tudo com mel, pois não se usa dendê para esse Orixá. Come cabritos brancos, novos de chifres virados, ou galos brancos com esporão grande, além de pombos brancos.

As comidas devem ser brancas como: acaçá de Oxalá, inhame cozido em fatias com mel, canjica branca também com mel.

Divindade da agricultura e da fertilidade da terra e dos mistérios associados a terra, a vida e morte. É um dos Orixás mais duros por seu trabalho na terra, alimentando a humanidade e os orixás. Seu santuário é fálico, seu simbolismo é fálico na África seu símbolo é uma grande rocha fálica ou um estatueta de madeira com enorme pênis, também representado por uma barra de ferro. Seu assentamento é feito com: uma tigela de barro contendo dentro: " um arado puxado por dois bois, onde um homem comanda esses bois sob um guarda chuva, uma telha curva e pinta de branco e vermelho em listas, uma tigela de barro com tampa e uma pedra dentro, dois cocos pintados metade branco, metade vermelho, um pedaço de madeira pintado de vermelho e branco, representado as genitálias. O vermelho representa o sangue e o branco o semem

15.20.2 Referências

- [1] M. I. Ogumefu, B.A., *Yoruba Legends* (1929), Capítulo IX, *Orixá Oko* [em linha]

Capítulo 16

Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças

16.1 Texto

- **Mitologia iorubá** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia_iorub%C3%A1?oldid=46916381 *Contribuidores:* JMGM, Paul Beppler-ptwiki, E2m, E2mb0t, Lusitana, RobotQuistnix, OS2Warp, Gdamasceno, Dantadd, LijeBot, Al Lemos, Luan, Thijs!bot, Belandia, Luiza Teles, Julionovo, Ares RJ, SieBot, Laobe, Luizlmarins.lm, RafaAzevedo, Darwinius, Light Warrior, Brasileiro1500, HVL, Erico Tachizawa, Jbribeiro1, MerllwBot, L'editeur, Marcos Vinicius L. Teixeira, Épico, Zoldyick, Aulo BF, Luizlmarins1, RodrigoAndradet e Anónimo: 23
- **Exu (orixá)** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Exu_\(orix%C3%A1\)?oldid=48992652](https://pt.wikipedia.org/wiki/Exu_(orix%C3%A1)?oldid=48992652) *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, JMGM, Manuel Anastácio, Chico, André Koehne, Agil, OS2Warp, Bpfurtado, Arges, Dantadd, Xandi, LijeBot, Chicocvenancio, Luan, Thijs!bot, Daimore, BOT-Superzencool, Victor Lopes, Luiza Teles, Bisbis, CommonsDelinker, Dieudiabo, Ares RJ, TXiKiBoT, Tumnus, SieBot, Rautopia, Yone Fernandes, Junius, PipepBot, PatiBot, LeoBot, Spn, Arley, Tiago de Jesus Neves, !Silent, Vitor Mazuco, Toluaye, Nevinho, JCarvalhoBot, Leandro-ptwiki, Ruansousasantos, Salebot, Xqbot, Darwinius, Danimachado1973, Alch Bot, HVL, Erico Tachizawa, Viniciusmc, Rodrigolopesbot, Cbbrill, Grlisac, Cusco, Alton, Sudo000, ZShayicko, Mdthe, Sulinia, Alspang63, Assio, Bffip, Jolgob0N, LuizZuhriis, EtCamtraXc e Anónimo: 84
- **Bará no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizlmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Waldir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belandia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinslm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizlmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anónimo: 138
- **Exu de Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Exu_de_umbanda?oldid=49393176 *Contribuidores:* JMGM, Rui Silva, Tintazul, Gdamasceno, Bonás, Bpfurtado, Dantadd, FSogumo, Marcelo Victor, Yanguas, GRS73, Biologo32, Belandia, Ganesh, Bisbis, CommonsDelinker, Femme Fatale, Ares RJ, Gunnex, Flavaz, Junius, Vini 175, Pai Jordao, Kim richard, RafaAzevedo, Rawzinh00, Salebot, Alumnun, Onjacktallcuca, Hyju, Danimachado1973, Light Warrior, Hugodepaula, Aleph Bot, Eurico Pontes Nunes, Tiago de Carvalho Melo da Silva, Exu Guilherme, Espiritaumbanda, Exu Lorde do Cemiterio, Gabriadmeissner, Stuckkey, Plena159, PauloEduardo, Épico, Zoldyick, Hume42, Motivostanley, Prima.philosophia, GuilhermePRSL, DaniMaropi, Ixcactus, Rafapires, FranciscoMG, MadeinChina e Anónimo: 122
- **Ogum** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ogum?oldid=49235262> *Contribuidores:* Romanm, JMGM, PauloColacino, Robson, Scott MacLean, Chico, LeonardoRob0t, Gameiro, NTBot, Glum, Agil, OS2Warp, YurikBot, Gpvos, FlaBot, SallesNeto BR, Leonardo Nascimento, LijeBot, Al Lemos, Luan, OmoTeji, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Escarbot, JSSX, Ródi, Alvarojn, Bisbis, CommonsDelinker, Dzuchero, Der kenner, Tenislands, AlleborgoBot, GOE, LeoBot, Beria, RafaAzevedo, RadiX, Louperibot, Toluaye, Ptbogourou, Emidio Campos, Mppalermo, Salebot, Ramirodekali, ArthurBot, SuperBraulio13, Xqbot, Onjacktallcuca, Darwinius, LucienBOT, Isanoceli, Erico Tachizawa, FMTbot, Aleph Bot, Jimmy.T., Rui Gabriel Correia, Épico, Jbribeiro1, PauloEduardo, Marcus Gêmeos, Zoldyick, Leon saudanha, Aulo BF, Addbot, Rodrigolopesbot, Ixcactus, Vitor, Wikimasterbz, Alessandro Sil e Anónimo: 78
- **Ogum no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizlmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Waldir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belandia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinslm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr

- Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizlmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
- **Ogum na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Ogum_na_Umbanda?oldid=43674549 *Contribuidores:* JMGM, Ogum2003, Junius, Teles, Flávio Delfino dos Santos, Burmeister, Mppalermo, Salebot, Lépton, JotaCartas, Onjacktallcuca, Stegop, Viniciusmc, FMTbot, Érico, Espiritaumbanda e Anônimo: 23
 - **Oyá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oy%C3%A1?oldid=49049436> *Contribuidores:* Romanm, JMGM, PauloColacino, Scott MacLean, Chico, LeonardoRob0t, Nuno Tavares, Glum, Sturm, André Koehne, St411n, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, YurikBot, Arges, Debora Cristine Rocha, LijeBot, GoEThe, Luan, Thijs!bot, GRS73, JSSX, Ródi, Der kenner, Fábio San Juan, TXiKiBoT, WaldirBot, Nunof, SieBot, AlleborgoBot, STBot-ptwiki, Obakekoje, Toluaye, MystBot, Luizdl, Ptbogourou, Salebot, Alumnun, Alch Bot, HVL, FMTbot, Aleph Bot, EmausBot, Dianack, Hume42, Önni, Aulo BF, Legobot, EVinente e Anônimo: 57
 - **Olá no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizlmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Waldir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Artemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbira, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizlmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
 - **Yansan na Umbanda** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ians%C3%A3?oldid=47384026> *Contribuidores:* JMGM, Manuel Anastácio, Waldir, Sturm, Carlos Luis M C da Cruz, BR64, Luan, Yanguas, Daimore, Albmont, Obakekoje, RafaAzevedo, Luiz F. Fritz, Salebot, JotaCartas, Onjacktallcuca, MisterSanderson, Lucas Celso, Varlaam, HVL, Erico Tachizawa, EmausBot, Vinnysantin, Aisteco, EVinente, Addbot, Wikimasterbz, GustavoFerreiradeOliveira777 e Anônimo: 25
 - **Xangô** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xang%C3%B4?oldid=48143149> *Contribuidores:* Romanm, JMGM, PauloColacino, Scott MacLean, Xadai, Paul Beppler-ptwiki, Chico, Lusitana, Indech, RobotQuistnix, Glum, Angrense, St411n, Agil, OS2Warp, Marcoavgdm, Adailton, YurikBot, Tonyjeff, FlaBot, Leonardo Nascimento, Arges, JT, LijeBot, Nerun, Luan, Thijs!bot, Rei-bot, Daimore, Victor Lopes, Luiza Teles, CommonsDelinker, VolkovBot, Zéfiro, R almada, Vini 175, AlleborgoBot, DragonBot, Obakekoje, RadiX, Vitor Mazuco, Toluaye, Lucia Bot, Monivox, Leosls, Mppalermo, Salebot, JotaCartas, Onjacktallcuca, Darwinius, Bbetosc, Demmy, Alch Bot, GabrielBuenoSilva, Erico Tachizawa, Viniciusmc, FMTbot, Aleph Bot, EmausBot, Épico, Aulo BF, Legobot, EVinente, Rodrigolopesbot e Anônimo: 73
 - **Xangô no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizlmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Waldir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Artemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbira, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizlmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
 - **Xangô na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Xang%C3%B4_na_Umbanda?oldid=45877582 *Contribuidores:* JMGM, Yanguas, Biologo32, Jack Bauer00, Mppalermo, Onjacktallcuca, Rjbot, Renato de carvalho ferreira, Jbribeiro1, Stuckkey, Alvoradaking e Anônimo: 14
 - **Oxóssi** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ox%C3%B3ssi?oldid=49194674> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Robson, Scott MacLean, Chico, LeonardoRob0t, Lusitana, RobotQuistnix, Arthuralbano, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Adailton, Leonardo Nascimento, Luís Felipe Braga, Arges, LijeBot, Antonio Prates, He7d3r, Luan, OmoTeji, Yanguas, Thijs!bot, Biologo32, JSSX, Ródi, Daniel Souza, Barão de Itararé, Lucas Blade, LeoBot, Beria, Vitor Mazuco, Ginosbot, Toluaye, Luckas-bot, Luizdl, Mppalermo, Salebot, HVL, Erico Tachizawa, Viniciusmc, Renato de carvalho ferreira, Jbribeiro1, Colaborador Z, WernerBR, Zoldyick, JP de Almeida, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot, Alaketu odé, Roshife, WarmbloodFish, Poeta Português e Anônimo: 70
 - **Odé no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizlmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Waldir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Artemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbira, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Rhoalim, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizlmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
 - **Oxóssi na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxossi_na_Umbanda?oldid=48988116 *Contribuidores:* JMGM, Rei-bot, Beraclito, Eamaral, Vanthorn, Mppalermo, Salebot, Gean, Matheus “LP”, Onjacktallcuca, FMTbot e Anônimo: 21
 - **Osanyin** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Osanyin?oldid=43698754> *Contribuidores:* JMGM, LijeBot, Burmeister, Vitor Mazuco, SpBot, Toluaye, Gean, Onjacktallcuca, Erico Tachizawa, Jbribeiro1, KLBot2, Fabmac, Wagner Santana Junior, Aulo BF e Anônimo: 11
 - **Ossaim no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizlmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Waldir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Artemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot,

Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anónimo: 138

- **Obá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ob%C3%A1?oldid=47524505> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Robson, Scott MacLean, Chico, Bigs, LijeBot, Luabio, Luan, König der Elefanten, Pilha, CommonsDelinker, Gunnex, SieBot, AlleborgoBot, STBot-ptwiki, LeoBot, Obakeloje, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Alumnun, JotaCartas, Darwinius, FMTbot, EmausBot, Reporter, Dianack, Önni, Aulo BF, Legobot e Anónimo: 28
- **Oba no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Wal-dir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anónimo: 138
- **Xapanã** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xapan%C3%A3?oldid=46528348> *Contribuidores:* JMGM, Robson, Chico, NTBot, Rei-bot, Burmeister, Toluaye, Alumnun, Önni, Rodrigolopesbot e Anónimo: 1
- **Obaluaiyê** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Obaluaiy%C3%AA?oldid=49384445> *Contribuidores:* JMGM, Robson, Mschlindwein, Chico, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Gildemax, Arges, LijeBot, Rei-bot, Mhavia, TXiKiBoT, AlleborgoBot, Alexbot, Alex-bot, Toluaye, LaaknorBot, Luizdl, Alumnun, Onjacktallcuca, Erico Tachizawa, Reporter, Önni, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot, Joanasarges e Anónimo: 19
- **Xapanã no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Wal-dir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anónimo: 138
- **Obaluae na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Obaluae_na_Umbanda?oldid=45947637 *Contribuidores:* JMGM, OS2Warp, Salebot, JotaCartas, Onjacktallcuca, HVL, FMTbot, Stuckkey e Anónimo: 16
- **Omolu** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Obaluaiy%C3%AA?oldid=49384445> *Contribuidores:* JMGM, Robson, Mschlindwein, Chico, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Gildemax, Arges, LijeBot, Rei-bot, Mhavia, TXiKiBoT, AlleborgoBot, LeoBot, Alexbot, Toluaye, LaaknorBot, Luizdl, Alumnun, Onjacktallcuca, Erico Tachizawa, Reporter, Önni, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot, Joanasarges e Anónimo: 19
- **Omolu na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Obaluae_na_Umbanda?oldid=45947637 *Contribuidores:* JMGM, OS2Warp, Salebot, JotaCartas, Onjacktallcuca, HVL, FMTbot, Stuckkey e Anónimo: 16
- **Ibeji** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ibeji?oldid=48169425> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Robson, Scott MacLean, Chico, Lusitana, OS2Warp, FlaBot, Arges, LijeBot, Reynaldo, Luan, Marcelo Victor, Yanguas, Rei-bot, GRS73, CommonsDelinker, AlleborgoBot, Toluaye, Salebot, Alch Bot, Erico Tachizawa, JackieBot, TuHan-Bot, André Luis de Moraes, WikitanvirBot, Zoldyick, Legobot, Rodrigolopesbot, Ixocactus, SOPHISM e Anónimo: 18
- **Ibeji no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Wal-dir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anónimo: 138
- **Crianças na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Crian%C3%A7as_na_Umbanda?oldid=43579346 *Contribuidores:* JMGM, OS2Warp, Eduardo Henrique Rivelli Pazos, Bisbis, Albmont, Mateus RM, Junius, Filha de fé, Vitor Mazuco, Onjacktallcuca, HVL, FrancisAkio e Anónimo: 31
- **Oxum** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxum?oldid=47736773> *Contribuidores:* Romanm, JMGM, PauloColacino, Robson, Scott MacLean, Chico, LeonardoRob0t, Nuno Tavares, NTBot, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, YurikBot, Arges, Debora Cristine Rocha, LijeBot, OmoTeji, Thijs!bot, GRS73, Daimore, WaldirBot, VolkovBot, Jorgedoxum, LeoBot, Obakeloje, Rtsantanna, Lucca0306, Vitor Mazuco, Toluaye, ChristianH, Luckas-bot, LaaknorBot, Salebot, Onix Io GoldBlood, JotaCartas, Darwinius, Hyperz-ptwiki, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Rui Gabriel Correia, IsabelRangell, MerllwBot, Rodrigoeslabao, Dianack, Zoldyick, Aisteco, Karllosdeoxum, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot e Anónimo: 49
- **Oxum no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Wal-dir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo,

- Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
- **Oxum na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxum_na_Umbanda?oldid=40430071 *Contribuidores:* JMGM, Maddox, Amanda.villar, Salebot, Onix Io GoldBlood, Onjacktalluca, FMTbot, Zoldyick e Anônimo: 14
 - **Iemanjá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iemanjá?oldid=49512963> *Contribuidores:* EduardoCruz, JMGM, PauloColacino, Ovídio, Mschlindwein, Rui Malheiro, Chico, Jic, NTBot, RobotQuistnix, Rei-artur, João Carvalho, Ramonarruda, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Adailton, Zwobot, Gildemax, Porantim, Luís Felipe Braga, Arges, Dantadd, Jonas Tomazini, Debora Cristine Rocha, LijeBot, Bob7761, LucPereira, Luan, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Belanidia, Renato Farias dos Santos, Ssasantos, Alchimista, Capmo, Artursamenezes, Luiza Teles, CommonsDelinker, Internautales, Ares RJ, SieBot, Francisco Leandro, De Boni 2007, Cdmafra, Mário Henrique, Zdtlrlik, Luan di Nunes e Cleiton, Mmmto, Joao0Paulo, Toluaye, Getúlio Pires Júnior, LaaknorBot, Luiz F. Fritz, Mppalermo, Salebot, Roberto de Lyra, Abelardo Barbosa, Lord Mota, Xqbot, Lucas Celso, Janaina Motta de Oliveira, Alch Bot, Eduardo P, Erico Tachizawa, Viniciusmc, Vinnylol, Dbastro, Aleph Bot, EmausBot, Rui Gabriel Correia, Jbribeiro1, Nelson Teixeira, Stuckkey, Colaborador Z, Rodrigoelsabao, Dianack, Oxe, Hume42, Önni, Aulo BF, Legobot, EVinente, Marcos dias de oliveira, Rodrigolopesbot, Sociocerebral, Thomas Lucas, Papa Christus, Iwindara, Aspargos, LnZ e Anônimo: 96
 - **Iemanjá no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Wal-dir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
 - **Iemanjá na Umbanda** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iemanjá?oldid=47890057> *Contribuidores:* JMGM, Porantim, Fabricioaguirre, CommonsDelinker, Internautales, Vitor Mazuco, Eamaral, Mppalermo, Salebot, Onjacktalluca, Clarice Reis, Defender, Maria da Glória de Jesus, JONAS FERREIRA SILVA e Anônimo: 13
 - **Nanã Buruku** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Nan%C3%A3_Buruku?oldid=49414947 *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, JMGM, PauloColacino, Robson, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Fernando S. Aldado, Bonás, Arges, LijeBot, João Sousa, Rei-bot, GRS73, CommonsDelinker, TXiKiBoT, VolkovBot, Junius, Teles, Zdtlrlik, Amats, Vitor Mazuco, Toluaye, LucasBot, Salebot, Alumnun, JotaCartas, Erico Tachizawa, Defender, Renato de carvalho ferreira, Yagodayel, Önni, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot e Anônimo: 14
 - **Nanã na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Nan%C3%A3_na_Umbanda?oldid=45869108 *Contribuidores:* JMGM, Reynaldo, Eduardo Henrique Rivelli Pazos, Der kenner, Vitor Mazuco, Onjacktalluca, FMTbot e Anônimo: 5
 - **Oxalá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxal%C3%A1?oldid=49119217> *Contribuidores:* Romanm, JMGM, Chico, LeonardoRob0t, Lusitana, RobotQuistnix, Sturm, Agil, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, FlaBot, Arges, LijeBot, FSogumo, Thijs!bot, Rodrigoluis, TXiKiBoT, Kim richard, DragonBot, Lourecoalmada, Vitor Mazuco, Pessoa, Jsobota-ptwiki, Louperibot, Toluaye, Luizdl, Salebot, Ramirodekali, Alumnun, HVL, Erico Tachizawa, Aleph Bot, Rui Gabriel Correia, IsabelRangell, Fayner, Stuckkey, Colaborador Z, PauloEduardo, J. A. S. Ferreira, Lisa116, PauloHenrique, Hume42, FILHOS DE OXALÁ, Önni, Aulo BF, EVinente, Rodrigolopesbot, Gato Preto e Anônimo: 44
 - **Oxalá no Batuque** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_\(religi%C3%A3o\)?oldid=49005150](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque_(religi%C3%A3o)?oldid=49005150) *Contribuidores:* JoaoMiranda, JMGM, Luizmarins, Mschlindwein, Agodo, PedroPVZ, Rui Malheiro, Osias, Crolidge, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Get It, Wal-dir, Giro720, 555, Sadumke, Adailton, Lijealso, JLCA, Gdamasceno, FlaBot, REVISOR, LijeBot, Reynaldo, Romariokrug, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Biologo32, Franciosi, Belanidia, Ingowilges, Alchimista, CommonsDelinker, Stego, Rjclaudio, Junius, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Cesar.leao, Arthemius x, RafaAzevedo, Ybernacci, Vitor Mazuco, Toluaye, Mppalermo, Salebot, Eduardo cezimbra, Alumnun, Vitor12345, Darwinius, Quitonini, Joao4669, Hendrix Silveira, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Dbastro, FMTbot, EmausBot, Eurico Pontes Nunes, Yagodayel, Jbribeiro1, Stuckkey, Luizmarinsllm, MerllwBot, Ademar Brasil, Dianack, Azulzinho, Zoldyick, El Aragonés, Raul Caarvalho, Erick wolff, Önni, Legobot, Caçador de Palavras, Holdfz, Rodrigolopesbot, Zeif Tyrr Sofer, O revolucionário aliado, RodrigoAndradet, Luizmarinsnet, Fernando de Bará Adague, Clovis Alberto Oliveira, Darlan de Ogum e Anônimo: 138
 - **Oxalá na Umbanda** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxal%C3%A1_na_Umbanda?oldid=46895535 *Contribuidores:* JMGM, Ghost-MastoniBot, Amanda.villar, Sdrtirs, Vitor Mazuco, Salebot, Matheus "LP", Onjacktalluca, HVL, FMTbot, Zaffaliano, PauloHenrique
 - **Logunedé** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Loguned%C3%A9?oldid=46540709> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Kether-ptwiki, Adailton, Debora Cristine Rocha, LijeBot, Luan, OmoTeji, Alberto jr, LeoBot, Obakeloje, Salebot, Erico Tachizawa, Gilson31, Jbribeiro1, Plena159, Zoldyick, Rodrigolopesbot, Gamotinho, Lucasfilikili e Anônimo: 13
 - **Ayrá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Air%C3%A1?oldid=47305221> *Contribuidores:* JMGM, Chico, Leslie, SallesNeto BR, LijeBot, CommonsDelinker, Junius, Chronos, Obakeloje, Toluaye, Eamaral, Marciobig, JotaCartas, OnlyJonny, Rjbot, Clarice Reis, HVL, Frpenna, Renato de carvalho Ferreira, Rodrigoan, Bruno Meireles, Musashijapan, Aulo BF, JD Lucas, Marcos dias de oliveira, Letancio e Anônimo: 21
 - **Oxumaré** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxumar%C3%AA?oldid=48374369> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Robson, Paul Beppler-ptwiki, Hagen Kennedy, Chico, Agil, OS2Warp, Campola, Lijealso, YurikBot, Arges, LijeBot, Rei-bot, Alchimista, Luiza Teles, CommonsDelinker, MiguelMadeira, LeoBot, RadiX, Vitor Mazuco, Toluaye, Salebot, Alumnun, Eduardo P, Erico Tachizawa, Jbribeiro1, MerllwBot, Ariel C.M.K., Önni, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot, Papa Christus e Anônimo: 22

- **Yewá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Yew%C3%A1?oldid=49461343> *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, JMGM, PauloColacino, Scott MacLean, Chico, Zwobot, Gdamasceno, Bigs, LijeBot, Chicocvenancio, Oludare, Rei-bot, Biologo32, Victor Lopes, CommonsDelinker, Ares RJ, Sideal, Yone Fernandes, Junius, STBot-ptwiki, Copat, Toluaye, Lucia Bot, Ricardo Ferreira de Oliveira, BenzolBot, HVL, Jbribeiro1, Zoldyick, Legobot e Anónimo: 11
- **Axabó** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axab%C3%B3?oldid=46544481> *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, JMGM, PauloColacino, Chico, LeonardoRob0t, LijeBot, Ródi, CommonsDelinker, Salebot, Alumnum, Önni, Vagno Fernandes e Anónimo: 1
- **Iroko** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Iroko_\(orix%C3%A1\)?oldid=48885526](https://pt.wikipedia.org/wiki/Iroko_(orix%C3%A1)?oldid=48885526) *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, JMGM, PauloColacino, Robson, Scott MacLean, FlaBot, Reynaldo, Luan, Janainarv, Escarbot, CommonsDelinker, Junius, LaaknorBot, Pbtotgourou, Vanthorn, Salebot, Erico Tachizawa, Stuckkey, KLBot2 e Anónimo: 14
- **Egungun** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Egungun?oldid=46528404> *Contribuidores:* Romanm, JMGM, PauloColacino, Scott MacLean, Clara C., Camponez, Rikadus, LijeBot, GoEThe, CommonsDelinker, MiguelMadeira, Gunnex, LeoBot, Obakeloje, ChristianH, Vanthorn, Alumnum, FilRBot, Rjbot, Erico Tachizawa, Alph Bot, EmausBot, Jbribeiro1, Önni, Aulo BF, Legobot, Rodrigolopesbot e Anónimo: 10
- **Iyami-Ajé** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iyami-Aj%C3%A9?oldid=46763280> *Contribuidores:* JMGM, LeonardoRob0t, NTBot, Manuel de Sousa, LijeBot, CommonsDelinker, Junius, Toluaye, ChristianH, Salebot, Alumnum, Jbribeiro1, Önni, Aulo BF e Anónimo: 5
- **Onilé** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Onil%C3%A9?oldid=46528285> *Contribuidores:* JMGM, Chico, NTBot, LeoBot, Toluaye, Alumnum, Önni e Anónimo: 2
- **Ifá** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/If%C3%A1?oldid=49418515> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Manuel Anastácio, Robson, Mschindwein, E2mb0t, LeonardoRob0t, Ligia, Get It, FCPTN, Lijealso, Porantim, FlaBot, Katy de Mattos Frisvold, LijeBot, He7d3r, Thijs'bot, Rei-bot, BOT-Superzerocool, MiguelMadeira, VolkovBot, SieBot, Teles, Zdtlik, Victor Andrade, Joao0Paulo, LeoBot, DragonBot, RafaAzevedo, Toluaye, Lucas-bot, LaaknorBot, Pbtotgourou, Eamaral, Salebot, Xqbot, Onjacktallcuca, Darwinius, BenzolBot, Alch Bot, HVL, Erico Tachizawa, EmausBot, Philosp, Alvaro Azevedo Moura, MerllwBot, Felipe L. Ewald, Zoldyick, Aisteco, Legobot, Awoosure e Anónimo: 26
- **Orunmila** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orunmila?oldid=47829029> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Chico, Leslie, FlaBot, CommonsDelinker, Stego, EuTuga, Andreacouto, Toluaye, Salebot, Alch Bot, EmausBot, ZéroBot, Jbribeiro1, KLBot2, Luizmarins2, Elufowa e Anónimo: 7
- **Oduduwa** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oduduwa?oldid=46928041> *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, JMGM, PauloColacino, Chico, LeonardoRob0t, Lusitana, André Koehne, St411n, ZackTheJack, STBot-ptwiki, LeoBot, Obakeloje, RafaAzevedo, ChristianH, Lucas-bot, Eamaral, Alumnum, Alch Bot, Erico Tachizawa, Alph Bot, J. A. S. Ferreira, Önni, Aulo BF, Legobot, Ixocactus e Anónimo: 4
- **Oranyan** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orani%C3%A3?oldid=47871357> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Manuel Anastácio, LeonardoRob0t, OS2Warp, LijeBot, Alchimista, WaldirBot, Alumnum, Alch Bot, Stegop, Alph Bot, Renato de carvalho ferreira, Önni, Aulo BF, Legobot, Marcos dias de oliveira, Rodrigolopesbot, Ixocactus, Roberto Espinosa Neto e Anónimo: 6
- **Baiani** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Baiani?oldid=42631055> *Contribuidores:* JMGM, Chico, NTBot, Clara C., Rikadus, LijeBot, Luan, CommonsDelinker, LeoBot, Darwinius, Erico Tachizawa, Aulo BF, Rodrigolopesbot e Anónimo: 2
- **Dadá Ajaká** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Dad%C3%A1_Ajak%C3%A1?oldid=48601449 *Contribuidores:* JMGM, Brunoslessa, Nice poa, Yanguas, Alchimista, Brunosi, Junius, Blamed, LeoBot, BOTarate, Vanthorn, FilRBot, Aulo BF, Legobot e Anónimo: 3
- **Olokun** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Olokun?oldid=47293551> *Contribuidores:* JMGM, Juntas, LeonardoRob0t, Lusitana, Robot-Quistmix, St411n, YurikBot, FlaBot, LijeBot, Junius, STBot-ptwiki, Burmeister, Obakeloje, Lucas-bot, Salebot, Alumnum, SassoBot, Alch Bot, Dianack, Önni, Legobot, Rodrigolopesbot, Xinhambane e Anónimo: 6
- **Olossa** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Olossa?oldid=40922395> *Contribuidores:* JMGM, Eduardo Henrique Rivelli Pazos e Anónimo: 1
- **Oxalufan** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxalufan?oldid=46528279> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Scott MacLean, HumbertoDiogenes, Fasouzafeitas, Brunoslessa, LijeBot, Luan, CommonsDelinker, Toluaye, Alumnum, JotaCartas, Darwinius, Rjbot, Önni, Aulo BF, Rodrigolopesbot e Anónimo: 4
- **Oxaguian** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxaguian?oldid=49117544> *Contribuidores:* JMGM, PauloColacino, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, OS2Warp, CibelleCF, LijeBot, Erachi, LeoBot, Ehalter, Maurício I, Toluaye, ChristianH, Salebot, Alumnum, Onjacktallcuca, Ricardo Ferreira de Oliveira, Jbribeiro1, Aulo BF, Marcos dias de oliveira, Rodrigolopesbot, Cabulaser!, Donruann e Anónimo: 20
- **Orixá Okô** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Orix%C3%A1_Ok%C3%B4?oldid=48297165 *Contribuidores:* JMGM, Ovidio, Chico, Dvulture, LijeBot, Albmont, Fillipe Ramos, Junius, Vitor Mazuco, Alch Bot, Jbribeiro1, Aleth Bot e Anónimo: 6

16.2 Imagens

- **Ficheiro:"God_of_Thunder" - NARA - 558881.tif** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/18/%22God_of_Thunder%22_-_NARA_-_558881.tif *Licença:* Public domain *Contribuidores:* U.S. National Archives and Records Administration *Artista srcinal:* Fakeye, Lamidi Olonade
- **Ficheiro:2008_agboro_e_yagba_072.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/2008_agboro_e_yagba_072.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:2008_agboro_e_yagba_120.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/2008_agboro_e_yagba_120.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Abeokuta_and_river_Ogun_19th.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Abeokuta_and_river_Ogun_19th.jpg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* <https://www.flickr.com/photos/nationalarchives/5416871770/in/photostream/> *Artista original:* The National Archives UK
Description: Type of Horses & Natives Yoruba Country.
Description: View from Olumo Rock Abcokula with River Ogun in distance.

This image is part of the Colonial Office photographic collection held at The National Archives, uploaded as part of the Africa Through a Lens project. Feel free to share it within the spirit of the Commons.

- **Ficheiro:Acento_de_Ogna_Orossi.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/27/Acento_de_Ogna_Orossi.JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Acentamentos_de_Oxaguian_e_Oxalufan_Orossi.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Acentamentos_de_Oxaguian_e_Oxalufan_Orossi.JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Acento_de_Ayra_e_Oxalufan.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Acento_de_Ayra_e_Oxalufan.JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Acentos_de_Osossi_e_Ossain.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Acentos_de_Osossi_e_Ossain.JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Acentos_de_Xango_e_Oba.jpg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Acentos_de_Xango_e_Oba.jpg Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Africa_satellite_orthographic.jpg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Africa_satellite_orthographic.jpg Licença: Public domain *Contribuidores:* NASA *Artista sncial:* NASA
- **Ficheiro:Amate-tree-guerrero.jpg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/Amate-tree-guerrero.jpg> Licença: Public domain *Contribuidores:* Transferido de en.wikipedia para o Commons por Jalo utilizando CommonsHelper *Artista sncial:* Not home em Wikipédia em inglês
- **Ficheiro:Ambox_rewrite.svg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Ambox_rewrite.svg Licença: Public domain *Contribuidores:* self-made in Inkscape *Artista sncial:* penubag
- **Ficheiro:Arte_yoruba_nigeria_testa_da_ife_12-15mo_seculo.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9a/Arte_yoruba%2C_nigeria%2C_testa_da_ife%2C_12-15mo_seculo.JPG Licença: CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncial:* sailko
- **Ficheiro:Assentamento_do_Orixa_Nanã.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d7/Assentamento_do_Orixa_Nan%C3%A3%2C.JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Assentamento_do_Orixa_oxumare_Dan_Dangbe_Becem...JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1d/Assentamento_do_Orixa_oxumare%2C_Dan%2C_Dangbe%2C_Becem...JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Assentamento_sagrado_do_Orixa_Ossaim_Agué.JPG** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/65/Assentamento_sagrado_do_Orixa_Ossaim%2C_Agu%C3%A9.JPG Licença: Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncial:* Toluaye
- **Ficheiro:Babalawo_Opele_opon.jpg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Babalawo_Opele_opon.jpg Licença: CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* African Babalawo - by Alex Mazzeto *Artista sncial:* Alex Mazzeto
- **Ficheiro:Batueque1.jpg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/p/2/2e/Batueque1.jpg> Licença: Conteúdo restrito *Contribuidores:* Foto enviada por email em 2004 *Artista sncial:* Jurema Oliveira
- **Ficheiro:Batueque9.jpg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e8/Batueque9.jpg> Licença: CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista sncial:* ?
- **Ficheiro:Brooklyn_Museum_1998.125_Egungun_Dance_Costume.jpg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Brooklyn_Museum_1998.125_Egungun_Dance_Costume.jpg Licença: CC BY 3.0 *Contribuidores:* Online Collection of Brooklyn Museum; Photo: Brooklyn Museum, CUR.1998.125_print_side1_bw.jpg *Artista sncial:* Desconhecido<a>
- **Ficheiro:Brooklyn_Museum_1999.129_Gelede_Body_Mask.jpg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Brooklyn_Museum_1999.129_Gelede_Body_Mask.jpg Licença: CC BY 3.0 *Contribuidores:* Online Collection of Brooklyn Museum; Photo: Brooklyn Museum, 1999.129_transpc001.jpg *Artista sncial:* Desconhecido<a>
- **Ficheiro:Brooklyn_Museum_2011.4.1_Divination_Tapper_Iroke_If.jpg** Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Brooklyn_Museum_2011.4.1_Divination_Tapper_Iroke_If.jpg Licença: CC BY 3.0 *Contribuidores:* Online Collection of Brooklyn Museum; Photo: Brooklyn Museum, L1998.1_transpc004.jpg *Artista sncial:* Desconhecido<a>
- **Ficheiro:Broom-icon.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2c/Broom-icon.svg> Licença: GPL *Contribuidores:* <http://www.kde-look.org/content/show.php?content=29699> *Artista sncial:* eg3po (Tony Tony) SVG version by User:Boovabazooka

- **Ficheiro:**Buzios_antiq_somb_cor.jpg *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Buzios_antiq_somb_cor.jpg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* <http://www.metmuseum.org/explore/oracle/figure13L.html> (28/09/2007) *Artista srcinal:* André Koehne
- **Ficheiro:**CAM00665.jpg *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/CAM00665.jpg> *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Luan di Nunes e Cleiton
- **Ficheiro:**Car_of_history.jpg *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a5/Car_of_history.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_axù.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_ax%C3%B9.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_babá_abaolá.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_bab%C3%A1_abaol%C3%A1.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_bayánni.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_bay%C3%A1nni.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_iyami_oxorongà.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_iyami_oxorong%C3%A0.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_ossaniyn_02.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_ossaniyn_02.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_roko.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/aa/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_roko.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_1968_xango.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d9/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_1968%2C_xango.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_axabò.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_axab%C3%B2.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_ibeji.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_ibeji.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_ifá.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0e/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_if%C3%A1.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_obá.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9a/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_ob%C3%A1.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_oxumare_02.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/86/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_oxumare_02.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_yemanjá_recorte.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/23/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_yemanjá_recorte.JPG *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Recorte a partir da imagem *Carybè_rilievi_degli_orixas_yemanjá.JPG* carregada no Wikimedia Commons. *Artista srcinal:* User:Sailko
- **Ficheiro:**Carybè_rilievi_degli_orixas_yemanjá.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Caryb%C3%A8%2C_rilievi_degli_orixas%2C_yemanjá.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Sailko
- **Ficheiro:**Casa_Branca_178.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Casa_Branca_178.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:**Casa_de_oxumare.jpg *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Casa_de_oxumare.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Casa de Oxumare
- **Ficheiro:**Commons-logo.svg *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Commons-logo.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This version created by Pumbaa, using a proper partial circle and SVG geometry features. (Former versions used to be slightly warped.) *Artista srcinal:* SVG version was created by User:Grunt and cleaned up by 3247, based on the earlier PNG version, created by Reidab
- **Ficheiro:**Dan_dangbe_Oxumare1.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3e/Dan%2C_dangbe%2C_Oxumare1.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye ~Toluaye ([sa href="//commons.wikimedia.org/wiki/User_talk:Toluaye](https://commons.wikimedia.org/wiki/User_talk:Toluaye) title=User talk:Toluaye>talk)03:27, 9 November 2008 (UTC) *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:**Diosa_del_mar.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2e/Diosa_del_mar.JPG *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Carlos Gomez
- **Ficheiro:**Disambig_grey.svg *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig_grey.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Bub's
- **Ficheiro:**Egungun_Society_dancer_Yoruba_-_African_objects_in_the_American_Museum_of_Natural_History_-_DSC06001.JPG *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6f/Egungun_Society_dancer%2C_Yoruba_-_African_objects_in_the_American_Museum_of_Natural_History_-_DSC06001.JPG *Licença:* CC0 *Contribuidores:* Daderot *Artista srcinal:* Daderot
- **Ficheiro:**Elegua2005.jpg *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c0/Elegua2005.jpg> *Licença:* CC BY-SA 2.0 *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?

- **Ficheiro:Escultura_de_Exu_na_Praça_dos_Orixás.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Escultura_de_Exu_na_Praça_dos_Orixás.jpg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Nevinho
- **Ficheiro:Eshu-statue.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1a/Eshu-statue.jpg> *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Transferido de en.wikipedia para o Commons. *Artista srcinal:* Este ficheiro foi inicialmente carregado por Humansdorpie em Wikipédia em inglês. Later versions were uploaded by Rivecoder at en.wikipedia
- **Ficheiro:Estátua_de_Oxum_Ipanema_Porto_Alegre_Brasil.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/30/Est%C3%A1tua_de_Oxum%2C_Ipanema%2C_Porto_Alegre%2C_Brasil.JPG *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Eugenio Hansen, OFS
- **Ficheiro:Exu2.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/27/Exu2.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:Exu_Meia-Noite_do_Cemitério.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7c/Exu_Meia-Noite_do_Cemit%C3%A9rio.JPG *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Junius
- **Ficheiro:Exu_com_Ogo.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Exu_com_Ogo.jpg *Licença:* Public domain
- **Ficheiro:Exu_do_Lodo.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Exu_do_Lodo.JPG *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Junius
- **Ficheiro:Festanana_cuco.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Festanana_cuco.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Cavaleiros de Ogum
- **Ficheiro:Festival_Yemoja_Ibadan.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Festival_Yemoja_Ibadan.jpg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* Orinsalá Brasil foto de divulgação do festival de Yemojá em Ibadan, Oyo, Nigéria *Artista srcinal:* Orinsalá Brasil
- **Ficheiro:Flag_of_Nigeria.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Flag_of_Nigeria.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:Gelede_Mask.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Gelede_Mask.jpg *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Sean Pathasema *Artista srcinal:* Birmingham Museum of Art
- **Ficheiro:IbejiTwins.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/57/IbejiTwins.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Photograph of ibeji twins in my possession *Artista srcinal:* Self, Bruce Cameron [dumarest2]
- **Ficheiro:Ibiri_Objeto_sagrado_do_Orixá_Nanã.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Ibiri_Objeto_sagrado_do_Orix%C3%A1_Nan%C3%A3.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Ibulama.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Ibulama.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista srcinal:* Jurema
- **Ficheiro:Iemanjá.JPG** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/Iemanjá.JPG> *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Franco Bras
- **Ficheiro:Iemanjá_e_Omulu.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/10/Iemanjá_e_Omulu.jpg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Luan di Nunes e Cleiton
- **Ficheiro:Iemanjá_manifestada_na_umbanda.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Iemanjá_manifestada_na_umbanda.jpg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* https://www.flickr.com/photos/132617824@N03/17852900446/in/photolist-tvP3c-shVdws-si6WW6-sXtdpM-sXmwju-tcAMjo-teYt5r-teEz5j-shVbE1-sXk7Ah-sXmtNN-sXk6Qj-sXt9st-AfgNCd-AvFWKQ-Afh1mU-Af_g *Artista srcinal:* Pai Ronaldo de Xangô. Terreiro de Umbanda-Mãe Iemanjá e Boiadeiro Zé do Laço. Imagem em domínio público.
- **Ficheiro:Iemanjá_yemanjá_rainha_do_mar.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Iemanjá%2C_A1_yemanjá%2C_A1_rainha_do_mar.JPG *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Luan di Nunes e Cleiton
- **Ficheiro:Ife_Kings_Head.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b2/Ife_Kings_Head.jpg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* English Wikipedia *Artista srcinal:* User:Ukabia
- **Ficheiro:Igba_Ori_Ioruba_Tradicional_(1).jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b4/Igba_Ori_Ioruba_Tradicional_%281%29.jpg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Luizmarins.10
- **Ficheiro:Igbeji_Orossi_Benin.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Igbeji_Orossi_Benin.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Image_of_Iemanjá_Brazil.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/63/Image_of_Iemanjá%2C_A1%2C_Brazil.jpg *Licença:* CC BY-SA 2.0 *Contribuidores:* <http://www.flickr.com/photos/affotjournalismo/4336557618/in/photostream/> *Artista srcinal:* Andréa Farias
- **Ficheiro:Iroko.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Iroko.jpg> *Licença:* CC BY 2.0 *Contribuidores:* <http://www.flickr.com/photos/erikkrustensen/6006227/> *Artista srcinal:* Erik Krives Kristensen
- **Ficheiro:Jogo_de_Ikin_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/af/Jogo_de_Ikin_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:João_Caveira.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/74/Jo%C3%A3o_Caveira.jpg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Junius
- **Ficheiro:Logun.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/Logun.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista srcinal:* Jurema
- **Ficheiro:Magnifying_glass_01.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying_glass_01.svg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* http://openclipart.org/clipart/people/magnifying_glass_01.svg *Artista srcinal:* AbiClipart
- **Ficheiro:Mami_Wata_poster.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Mami_Wata_poster.png *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?

- **Ficheiro:Masara_de_Guelede_Orossi_Benin.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d/d/Masara_de_Guelede%2C_Orossi%2C_Benin.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Mãe_Stella2.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/20/M%2C3%A3e_Stella2.jpg *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Agência Brasil [1] *Artista sncinal:* Antônio Milena/ABr
- **Ficheiro:Nana_Buruku.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Nana_Buruku.jpg *Licença:* CC BY-SA 2.5 *Contribuidores:* <https://en.wikipedia.org/wiki/Image:Nana.jpg> *Artista sncinal:* Printed by Davi Nascimento
- **Ficheiro:Nigeria_o_benin_yoruba_íemanjà_e_ibeji_xx_sec..JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Nigeria_o_benin%2C_yoruba%2C_íemanjà%2C_ibeji%2C_xx_sec..JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Saiklo
- **Ficheiro:NoFonti.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/NoFonti.svg> *Licença:* CC BY-SA 2.5 *Contribuidores:* Image:Emblem-important.svg *Artista sncinal:* RaminusFalcon
- **Ficheiro:Oba.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Oba%2C.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Obaluaye_no_Opanifé_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e0/Obaluaye_no_Opanifé%2C_A9_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Objeto_de_Orumilá_Ifá_Benin_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/Objeto_de_Orumilá_Ifá%2C_A1_Benin_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Ofereenda_para_Yemanjá.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2f/Ofereenda_para_Yemanjá.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Ofá.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c3/Of%2C_A1.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Biologo32
- **Ficheiro:Ogum.JPG** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Ogum.JPG> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Ogum_Megê.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e7/Ogum_Megê%2C_AA.JPG *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Junius
- **Ficheiro:Ogum_no_ritual_do_sacrificio_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/Ogum_no_ritual_do_sacrificio_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Okô.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a1/Okô.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista sncinal:* Jurema
- **Ficheiro:Olubajê.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Olubajê.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Omolu.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c3/Omolu.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista sncinal:* Jurema
- **Ficheiro:Opelê_Ifa_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3c/Opelê_Ifa_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Opon_Ifa_redondo_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f0/Opon_Ifa_redondo%2C_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Opon_ifa_retangular_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Opon_ifa_retangular%2C_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Orixa_Yemanjá_Orossi.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Orixá_Yemanjá_Orossi.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Ossain2.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0c/Ossain2.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Ferramenta de OsanyinuserJurema Oliveira *Artista sncinal:* Jurema
- **Ficheiro:Ossaniyn.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8b/Ossaniyn.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista sncinal:* Jurema
- **Ficheiro:Oxaguian.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/Oxaguian.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista sncinal:* Jurema
- **Ficheiro:Oxalá.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Oxalá%2C_A1.jpg *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Isha
- **Ficheiro:Oxossi.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/18/Oxossi.jpg> *Licença:* CC BY-SA 2.5 *Contribuidores:* Sculpture by Caribé, in public domain *Artista sncinal:* Caribé
- **Ficheiro:Oxum_candomble2.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/80/Oxum_candomble2.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Jurema Oliveira
- **Ficheiro:Oxum_candomble3.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Oxum_candomble3.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Jurema Oliveira
- **Ficheiro:Oxun.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Oxun.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] photo taken by Jurema Oliveira *Artista sncinal:* Jurema
- **Ficheiro:Oya_Yansân_Oyamensânorun.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Oya_Yansân%2C_A3n_Oyamensânorun.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista sncinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Oya_candomble2.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Oya_candomble2.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista sncinal:* Jurema Oliveira

- **Ficheiro:P_religion_world.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/P_religion_world.svg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:Pentagram_(Levi).jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Pentagram_%28Levi%29.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Levi, Eliphas (1855) *Dogme et Rituel de la Haute Magie.* *Artista srcinal:* Eliphas Levi
- **Ficheiro:Pix.gif** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ed/Pix.gif> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:Portal.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c9/Portal.svg> *Licença:* CC BY 2.5 *Contribuidores:*
 - `<a class="mw-selflink selflink">Portal.svg</a>`*Artista srcinal:* `<a class="mw-selflink selflink">Portal.svg</a>`: Pepetps
- **Ficheiro:Praia_do_Rio_Vermelho_com_ofereandas_para_Iemanja.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/Praia_do_Rio_Vermelho_com_ofereandas_para_Iemanja.jpg *Licença:* CC BY 3.0 br *Contribuidores:* Agência Brasil[1] *Artista original:* Foto:Fabio Rodrigues Pozzebom/ABr
- **Ficheiro:Presente_para_Iemanja_Praia_do_Rio_Vermelho3.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b3/Presente_para_Iemanja_Praia_do_Rio_Vermelho3.jpg *Licença:* CC BY 3.0 br *Contribuidores:* Agência Brasil[1] *Artista srcinal:* Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/ABr
- **Ficheiro:Qualtel_dos_Bombeiros_Salvador..JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5a/Qualtel_dos_Bombeiros_Salvador..JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Question_book.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/97/Question_book.svg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:Religious_symbols.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Religious_symbols.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* uploaded by author ≈ jossi fresco ≈. (Vector conversion of Image:Religious symbols.png.) *Artista srcinal:* Jossifresco, revisions by AnonMoos
- **Ficheiro:Rio_Osun.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Rio_Osun.jpg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Osun-Osogbo Sacred Grove UNESCO *Artista srcinal:* Alex Mazzeto - Jurema Oliveiratalk) 18:13, 16 November 2009 (UTC)
- **Ficheiro:Ritual_para_Ori.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/65/Ritual_para_Ori.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Sacrificio_para_Exu.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f1/Sacrificio_para_Exu.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* foto by user: User:Toluaye *Artista srcinal:* Toluaye
- **Ficheiro:Searchtool.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/Searchtool.svg> *Licença:* LGPL *Contribuidores:* [http://ftp.gnome.org/pub/GNOME/sources/gnome-themes-extras-0.9/gnome-themes-extras-0.9.0.tar.gz](http://ftp.gnome.org/pub/GNOME/sources/gnome-themes-extras/0.9/gnome-themes-extras-0.9.0.tar.gz) *Artista srcinal:* David Vignoni, Ysangkok
- **Ficheiro:T_E_Oxóssi.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ab/T_E_Ox%C3%B3ssi.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Junius
- **Ficheiro:Tata_Caveira.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/Tata_Caveira.JPG *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Junius
- **Ficheiro:Text_document_with_red_question_mark.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Text_document_with_red_question_mark.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Created by bdesham with Inkscape; based upon Text-x-generic.svg from the Tango project. *Artista srcinal:* Benjamin D. Esham bdesham)
- **Ficheiro:The_Childrens_Museum_of_Indianapolis_-_Female_ere_ibeji_twin_figure_pair.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e1/The_Childrens_Museum_of_Indianapolis_-_Female_ere_ibeji_twin_figure_pair.jpg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Wendy Kaveney *Artista srcinal:* Yoruba peoples, Oro/Omu-Aran Districts, Igbomina Province, Nigeria, Africa
- **Ficheiro:Tranca-Ruas.JPG** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Tranca-Ruas.JPG> *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Junius
- **Ficheiro:Trinidad_-_Yamaya_Tempel.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Trinidad_-_Yamaya_Tempel.jpg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* DominiqueMichel
- **Ficheiro:Vallée_de_Viñales-Autel_à_saint_Lazare-Babalú_Ayé.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/20/Vall%C3%A9_de_Vi%C3%B1ales-Autel_%C3%A0_saint_Lazare-Babal%C3%BA_Ay%C3%A9%2C.jpg *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Ji-Elle
- **Ficheiro:VeveLegba.png** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/VeveLegba.png> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:VeveOgoun.png** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/VeveOgoun.png> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?
- **Ficheiro:Welterbe.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Welterbe.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.unesco.de/welterbe.html> *Artista srcinal:* UNESCO; Designer: Michel Olyff
- **Ficheiro:Wiki_letter_w.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Wiki_letter_w.svg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio; Wikimedia Foundation *Artista srcinal:* SVG Jarkko Piironen rights, design and srcin Wikimedia Foundation
- **Ficheiro:Wikitext.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ce/Wikitext.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Anomie
- **Ficheiro:Wiktionary-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Wiktionary-logo.svg> *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* ? *Artista srcinal:* ?

- **Ficheiro:Yemaya-igba.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f7/Yemaya-igba.jpg> *Licença:* CC0 *Contribuidores:* <https://pixabay.com/pt/yemaya-religi%C3%A3o-yoruba-ornamentos-948464/> *Artista srcinal:* <https://pixabay.com/pt/users/Abdecoral-821292/>
- **Ficheiro:Yemoja_Abayomi_Barber.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/Yemoja_Abayomi_Barber.jpg *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* National Gallery of Art, Nigeria *Artista srcinal:* Abayomi Barber
- **Ficheiro:Yemoja_Ibadan.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a1/Yemoja_Ibadan.jpg *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista srcinal:* Luan di Nunes e Cleiton
- **Ficheiro:Yemoja_Nigeria.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/Yemoja_Nigeria.jpg *Licença:* CCBY-SA 4.0 *Contribuidores:* Portal Ifá na Nigéria *Artista srcinal:* Portal Ifá na Nigéria
- **Ficheiro:Yoruba-bronze-head.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1d/Yoruba-bronze-head.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* English Wikipedia *Artista srcinal:* WaynaQhapaq
- **Ficheiro:Yoruba_divination_board.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Yoruba_divination_board.jpg *Licença:* CC BY 2.0 *Contribuidores:* Flickr [1] *Artista srcinal:* Cliff1066

16.3 Licença

- Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0